



HENRIQUE BARCELOS FERREIRA

**PEDAGOGIA DO ESPORTE:
ESTRUTURA PEDAGÓGICA PARA O
PROCESSO DE INICIAÇÃO ESPORTIVA NA
ÓTICA DE ESPECIALISTAS NA TEMÁTICA**

CAMPINAS
2015



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação Física

HENRIQUE BARCELOS FERREIRA

PEDAGOGIA DO ESPORTE:
ESTRUTURA PEDAGÓGICA PARA O
PROCESSO DE INICIAÇÃO ESPORTIVA NA
ÓTICA DE ESPECIALISTAS NA TEMÁTICA

Tese apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutor em Educação Física, na área de Biodinâmica do Movimento e Esporte

Orientador: ROBERTO RODRIGUES PAES

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL
TESE DEFENDIDA PELO ALUNO
HENRIQUE BARCELOS FERRERIA, E ORIENTADA PELO
PROF. DR.: ROBERTO RODRIGUES PAES


Roberto Rodrigues Paes
Orientador

CAMPINAS
2015

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio dos Santos Augusto - CRB 8/4991

F413p Ferreira, Henrique Barcelos, 1978-
Pedagogia do esporte : estrutura pedagógica para o processo de iniciação esportiva na ótica de especialistas na temática / Henrique Barcelos Ferreira. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Esportes - Pedagogia. 2. Iniciação esportiva. 3. Esportes - Estudo e ensino.
I. Paes, Roberto Rodrigues. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Sport pedagogy : pedagogical structure for the sport initiation process in the view of experts in the subject

Palavras-chave em inglês:

Sports - Pedagogy

Sports initiation

Sports - Study and teaching

Área de concentração: Biodinâmica do Movimento e Esporte

Titulação: Doutor em Educação Física

Banca examinadora:

Roberto Rodrigues Paes [Orientador]

Alcides José Scaglia

Wilton Carlos de Santana

Larissa Rafaela Gallati

Renato Francisco Rodrigues Marques

Data de defesa: 27-02-2015

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA



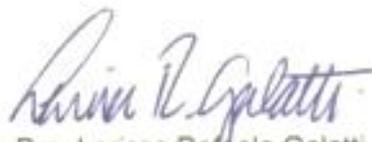
Prof. Dr. Roberto Rodrigues Paes
Orientador



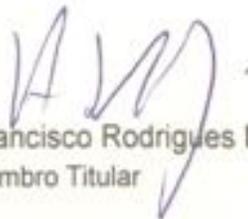
Prof. Dr. Alcides José Scaglia
Membro Titular



Prof. Dr. Wilton Carlos de Santana
Membro Titular



Profa. Dra. Larissa Ratzela Galatti
Membro Titular



Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques
Membro Titular

ABSTRACT

Having as a starting point reflections and propositions delimited by current trends in Sport Pedagogy, this study aimed to describe pedagogical elements enhancers of educational opportunities present in sportive initiation process. The research was based on the articulation between theoretical scope and what think five recognised experts in the defined field of investigation. In the methodology of descriptive research, qualitative, we have conducted a field survey, consisting of a roadmap of seven questions, which allowed collecting and analysing the ideas of leading PHD in the subject in the country. To interpret the data, considering the existent techniques of content analysis, we have used the Categorical. The results enabled the proposition of the “Hexagon of Sports Pedagogy”, pedagogical structure, consists of six elements, that can contribute to the mediation and management of intentional educational sportive processes and in the context of sports initiation for children, can promote the sport to be understood in its plurality, complexity and be treated in a reflexive, ethical, inclusive, plural and transformative perspective.

Keywords: Sport Pedagogy, sports initiation, educational sports

RESUMO

A partir de reflexões e proposições balizadas pelas tendências atuais em Pedagogia do Esporte, este estudo teve como objetivo geral descrever elementos pedagógicos potencializadores das possibilidades educativas presentes no processo de iniciação esportiva. A pesquisa se constituiu da articulação entre escopo teórico e o que pensam 5 especialistas no campo de investigação delimitado. Na metodologia da pesquisa descritiva, de caráter qualitativo, realizamos uma pesquisa de campo, composta por um roteiro de 7 perguntas, que permitiu coletar e analisar as ideias de doutores sobre a temática no país. Para interpretação dos dados, dentre o conjunto de técnicas da análise de conteúdo, utilizamos a categorial. Os resultados obtidos possibilitaram a proposição do “Hexágono da Pedagogia do Esporte”, estrutura pedagógica composta de 6 elementos, que pode contribuir na mediação e gestão de processos educativos esportivos intencionais e, no contexto da iniciação esportiva para crianças, pode favorecer que o esporte seja compreendido em sua pluralidade, complexidade e seja tratado numa perspectiva reflexiva, ética, inclusiva, plural e transformadora.

Palavras-Chaves: Pedagogia do esporte; Iniciação esportiva; Esporte educacional

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	1
INTRODUÇÃO.....	3
CAPÍTULO I.....	13
PEDAGOGIA DO ESPORTE: PREMISSAS, INTENCIONALIDADES e valores.....	13
1.1. Contribuições da pedagogia e da pedagogia do esporte acerca das reflexões sobre premissas e intencionalidades do esporte na infância e na adolescência	14
1.2. Educação e Cultura.....	21
1.3. Premissas, intencionalidades, objetivos e valores balizadores do processo de educação por meio do esporte	26
1.3.1. Premissas	26
1.3.2. Intencionalidade e valores educacionais pretendidos no contexto da iniciação esportiva.....	30
CAPÍTULO II.....	37
PEDAGOGIA DO ESPORTE: PRINCÍPIOS, PROCEDIMENTOS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS.....	37
2.1. Contribuições da pedagogia do esporte acerca de como educar para e pelo esporte numa perspectiva contemporânea de educação	38
2.2. Princípios pedagógicos da iniciação esportiva para crianças e adolescentes	40
2.3. Procedimentos pedagógicos	45
CAPÍTULO III	69
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	69
3.1. Questões metodológicas: considerações iniciais	70
3.2. Sujeitos da pesquisa.....	72
3.3. Instrumentos e procedimentos de análise	74
3.4. Aspectos éticos da pesquisa.....	76
CAPÍTULO IV	77
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	77
4.1. Apresentação e discussão dos resultados.....	78
4.2. Caracterização dos entrevistados.....	78
4.3. Descrição analítica das entrevistas a partir do roteiro de perguntas.....	80
4.4 Análises inferenciais individuais e coletivas	82
4.4.1. Premissas	82
4.4.2. Intencionalidades / objetivos	91
4.4.3. Princípios pedagógicos	103
4.4.4. Procedimentos pedagógicos	115
4.4.5. Estratégias pedagógicas.....	133
5. Tese: hexágono da pedagogia do esporte	138
Considerações finais	145
REFERÊNCIAS.....	150
APÊNDICE I - Instrumento de pesquisa – roteiro das entrevistas.....	158

APÊNDICE II Descrição analítica das entrevistas realizadas com todos os pesquisadores, composta por sete questões realizadas com cinco especialistas na temática.....	159
APÊNDICE III - GRUPOS DE PESQUISA CNPQ - Consulta em 19/09/2014.....	216

Dedico este trabalho a minha família, pelo amor incondicional e por serem a melhor coisa da minha vida; e ao meu orientador e amigo de longa data, pela compreensão, generosidade, serenidade e confiança, no momento em que mais precisei desses elementos

Agradeço:

Aos professores entrevistados, que de forma solidária e muito generosa compartilharam seus saberes permitindo a realização desse estudo;

Aos colegas do Sesc de São Paulo, por possibilitarem a continuação dos meus estudos; em especial, aos colegas e amigos da GEPSE e a tod@s que se sobrecarregaram, em virtude das minhas ausências; Alice, grato pelo respeito aos nossos combinados!

A todos meus ex-alunos, ex-atletas e ex-companheiros de quadra, em especial aqueles que iluminavam as minhas atividades docentes e os que me propiciavam o encantamento da prática; por tudo que compartilharam comigo e por tudo aquilo que me ensinaram;

Aos professores, funcionários e alunos da FEF/UNICAMP, pelos ensinamentos e contribuições transmitidos durante todos esses anos;

Aos amigos do GEPESP, novos e antigos: Hermes, Wilton, Larissa, Miro, Ylane, Laurita, Thiago, Gisele, Riller, Heitor, Mariana, Felipe, Rubens, Antônio e o grande “maestro” Robertão; adoraria aprender, compartilhar e passar mais tempo com vocês;

Aos eternos amigos, que considero como irmãos: Fernanda, Heloísa, Larissa, Débora, Romualdo, Márcio, Miltão, Luizão, Miguelito, Rodrigues, Keli, Grazi, Molinas e Naldonis; Ostra, Leite, Lelão, Bodini, Jorge, Cris e Dix; Caio, Karina, Wal, Bruno, Geisa, Ciça, Martha...

Aos muitos e verdadeiros amigos que tive o prazer de fazer no SESC, e que por serem muitos, optei por não citar nenhum de seus nomes. Sem a compreensão e a amizade de vocês, tudo seria mais difícil;

Aos educadores do Curumim, pela confiança, respeito, trocas e pelos exemplos e ensinamentos sobre o ato de educar com amor;

Aos mestres, de vida e de profissão: Robertão, Cesinha, Rodrigo De Marco, Benedito Saga, Toninho (in memorian);

Aos membros desta banca: Alcides Scaglia, Wilton Carlos de Santana, Renato Francisco Rodrigues Marques, Larissa Rafaela Gallati, por aceitarem o convite, pelas generosas e precisas contribuições que trouxeram ao trabalho.

Aos professores doutores líderes de grupo em Pedagogia do Esporte de todo país, pela atenção e indicação dos nomes.

A toda minha família, em especial meus pais, André e Rosa; meus avós, Alfredo (in memorian), Olinda e Maria (in memorian); meus irmãos (Alfredo Luis e Stela), meu sogro Roberto e minha sogra Antônia; e a minha companheira Carol – pelos exemplos de vida e amor incondicional.

Novamente a Carol, por telefonar, viajar, “aconchanhar”; por ler, reler, rabiscar, sugerir, formatar, alegrar: a tese e meu coração.

Agradeço a Deus, pela vida e por me dar a oportunidade de conviver com todas essas pessoas.

Eu amo muito todos vocês!

Enfim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho e adianto o pedido de desculpas se me esqueci de alguém.

Lista de Ilustrações

FIGURA 1 – Hexágono da Pedagogia do Esporte..... 212

Lista de Tabelas

QUADRO 1 - Elementos norteadores da pesquisa.....	22
QUADRO 2 - Pedagogia do Esporte: tradicional x tendências atuais.....	29
QUADRO 3 – Carta dos Índios das Seis Nações aos governantes da Virgínia.....	34
QUADRO 4 – Educação construída em valores.....	48
QUADRO 5 – Competências do educador e funções do planejamento.....	62
QUADRO 6 – Estratégias de ensino no esporte.....	65
QUADRO 7 – Exemplos de elementos modificáveis do jogo.....	69

APRESENTAÇÃO

As ideias reunidas para elaboração deste projeto perpassam pela vivência de orientando e orientador na tríade ensino, pesquisa e extensão na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas e pelas experiências profissionais de ambos, que compreendem formação de educadores, gestão de programas e projetos esportivos, mediação em aulas de iniciação esportiva com crianças e adolescentes. Tais experiências – em sua maioria tratadas numa perspectiva de atuação profissional referenciada pela pedagogia do esporte – foram vivenciadas em diferentes cenários, dos quais destacamos projetos de extensão universitária, escolas de ensino básico, clubes, empresas privadas, projetos e programas socioeducativos ligados ao terceiro setor.

Consideramos importante esse breve relato, uma vez que o conjunto dessas experiências colaborou, diretamente, para os processos de diagnóstico e de levantamento dos problemas; para as reflexões e as justificativas deste estudo; além do fato de ter nos trazido indícios das possíveis contribuições que a aplicação do que foi investigado e do que apresentaremos poderão impactar no cotidiano das ações educativas de professores e de gestores ligados a processos e programas de iniciação esportiva.

Em 2003, apresentamos no X Congresso de Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, realizado na Universidade do Porto, em Portugal, um relato de experiência a respeito do processo de ensino-vivência e aprendizagem esportiva. Naquela ocasião, chamamos a atenção para a necessidade de uma constante reflexão sobre o processo de iniciação esportiva, fosse ela no ensino formal ou não formal, e caminhamos num entendimento de uma pedagogia do esporte que tratasse desse processo, respeitando e atendendo a necessidades, interesses e características dos praticantes (PAES, 2001); que caminhasse na direção de propostas que contemplassem a articulação do ensino da técnica e da tática, diante de um processo capaz de assegurar que o indivíduo aprenda a tomar decisões e a resolver os diversos e imprevisíveis problemas que ocorrem durante o jogo (GRAÇA, 1995); que compreendesse o fenômeno esportivo como uma manifestação cultural de natureza educativa. Defendíamos que um processo marcado por intervenções pedagógicas poderia contribuir significativamente para o desenvolvimento integral dos indivíduos, melhorar a compreensão do meio em que vivem e auxiliar para uma maior percepção de si mesmos, bem como para o desenvolvimento de valores e princípios de uma sociedade em transformação.

O trabalho já sinalizava também a necessidade de uma nova perspectiva para a pedagogia do esporte, que fosse capaz de investigar e de estudar o ambiente esportivo, tendo como objetivos organizar, planejar, sistematizar, executar e avaliar procedimentos pedagógicos que compreendessem e integrassem tais questões e que respeitassem o ser humano em sua totalidade (FERREIRA; PAES, 2004).

Embora não fosse o objetivo central do trabalho apresentado no congresso do Porto, demarcamos nele, elementos de uma possível estrutura facilitadora para compreensão, reflexão e mediação de uma proposta pedagógica em iniciação esportiva. Diante de vivências e reflexões, tanto profissionais como acadêmicas, as ideias contidas naquela proposta amadureceram, e, em 2009, foram traduzidas e mais bem organizadas na dissertação de mestrado, com foco dado, naquela ocasião, na identificação, na discussão e na investigação da aplicação de um conjunto de Procedimentos Pedagógicos voltados ao processo de ensino-vivência e aprendizagem esportiva, estudo esse que também teve como referencial teórico a pedagogia do esporte. Os indícios de uma estrutura facilitadora, tratada como assunto periférico no Congresso de Ciências do Desporto em 2003, e na dissertação de mestrado em 2009, tornam-se, neste momento, objetivo central de estudo. A ideia passou a ser permanentemente refletida e, conseqüentemente, as ideias de construção de uma estrutura, bem como dos conhecimentos que poderiam compô-la amadureceu.

As ideias iniciais da estrutura pedagógica facilitadora perpassam o saber da experiência vivida em programas de iniciação esportiva, fundamentalmente em universidades públicas e privadas, programas de pós-graduação e instituições educativas com atuação no âmbito não formal. Ao mesmo tempo em que essas ideias foram refletidas individualmente em diferentes cenários, elas também se constituíram de reflexão coletiva proveniente das práticas ocorridas nesses ambientes.

Com essa breve apresentação, pretendemos evidenciar que a busca por organizar e sistematizar conhecimentos relacionados a temática, bem como descrever uma estrutura pedagógica facilitadora de processos educativos esportivos intencionais não partem somente da experiência acadêmica, e sim, da relação dessa com uma experiência profissional atrelada a todas essas questões.

INTRODUÇÃO

O esporte é um dos fenômenos socioculturais de maior visibilidade, popularidade, alcance e de expressão no mundo contemporâneo, e influencia, direta ou indiretamente, a rotina, o comportamento, o bem-estar, a vida de milhares de pessoas que se apropriam dele pelas mais variadas formas e razões.

Por um longo período, ele foi tratado por abordagens reducionistas que o compreendiam apenas na sua forma oficial, elitizada, padronizada, institucionalizada, regrada convencionalmente com o mero propósito de comparar resultados e designar os melhores concorrentes ou de registrar as melhores performances (STIGGER, 2005).

Essas abordagens legitimavam majoritariamente contextos e indivíduos que o praticavam com propósitos de almejar os melhores resultados em competições oficiais conhecidos como “esporte de alto rendimento”.

Entendemos que considerar o esporte somente como um fenômeno ligado ao alto rendimento simboliza ação de reducionismo desse fenômeno. (MARQUES; GUTIERRES; ALMEIDA, 2008).

Contudo, a um passado dedicado preferencialmente a enquadrar e a teorizar o esporte de alto rendimento sucede o presente, de um esporte aberto e complexo, portador de uma enorme oferta de problemas e de possibilidades variadas de reflexão e investigação, o que garante novas perspectivas de crescimento e desenvolvimento (BENTO, 2013).

Para que possamos nos apropriar dessas novas perspectivas precisamos, segundo Bento (2013), aprender a criar um ambiente que realmente acolha a mudança, não a vendo como uma ameaça, mas, sim, conduzindo os problemas como uma oportunidade de desenvolvimento. Para isso, ele afirma que é necessário ajustar-se às alterações ocorridas no contexto esportivo de forma a atender à sua pluralidade, atentando-se a todas as fases da vida e aos diversos locais de práticas esportivas, de maneira que seja possível acompanhar a evolução das necessidades, dos interesses e dos problemas que lhes estão associados.

Nessa perspectiva, o autor interpreta e concebe o fenômeno esportivo como um fenômeno polissêmico e de realidade polifórmica, múltipla, não singular, que se alicerça num entendimento plural “e num conceito representativo, agregador, sintetizador e unificador de dimensões biológicas, físicas, motoras, lúdicas, corporais, técnicas e táticas, culturais, mentais,

espirituais, psicológicas, sociais e afetivas”. (BENTO, 2006, p.3).

Além disso, o esporte deve ser visto como patrimônio cultural da humanidade, de múltiplas possibilidades, e, portanto, por direito, deve ser acessível a todo cidadão e não restrito a uma pequena parcela da população.

De acordo com Paes (2002), é inevitável uma compreensão mais abrangente sobre o esporte e a busca por uma pedagogia que dê conta de lidar com sua pluralidade, respeitando seus diferentes significados e funções.

Nessa perspectiva, Paes, Montagner e Ferreira (2009) chamam a atenção da necessidade de estudos para investigar o esporte em suas distintas e principais manifestações, ou seja, de abordagens que o compreendam nas suas vertentes profissionais, do alto rendimento, na sua forma de agrupamento por representação e identidade, como prática de lazer, como conteúdo da educação física no âmbito escolar, etc.

Ferreira (2009) reforça ainda o posicionamento acerca do olhar mais abrangente do fenômeno esportivo, discutindo-o como um fenômeno dinâmico, universal, fascinante, plural, complexo e que se manifesta de diferentes formas.

A não compreensão de duas de suas principais características: a complexidade e a pluralidade, muitas vezes provocam equívocos no tratamento que o fenômeno esportivo recebe, pois significados próprios, coerentes a certo contexto, coerentes a especificidade de uma de suas possibilidades de manifestação, acabam sendo apropriados, “transferidos” para outros contextos, sem a reflexão e as adequações necessárias.

Dessa forma, significados, valores e, conseqüentemente, princípios e procedimentos pedagógicos, que, muitas vezes, deveriam ser distintos aos diversos contextos esportivos, acabam sendo apropriados igualmente, independentemente do ambiente e de seus personagens, provocando uma série de equívocos pedagógicos, metodológicos e estruturais.

Para ilustrar essa questão destacamos brevemente, de que forma pode-se dar essa equivocada apropriação e transferência de diretrizes balizadoras do processo educativo na prática esportiva.

Uma das formas de manifestação do fenômeno esportivo, já mencionada, é o esporte profissional, um dos fenômenos de entretenimento mais consumidos da história. Segundo Bento, (2013), é, na versão profissional que o esporte atinge a mais alta expressão ética e estética e a maior valia social e cultural. Podemos verificar a sua considerável influência na sociedade,

sobretudo, nas demais formas de manifestação esportiva.

Para ter uma ideia de sua abrangência, lia-se, em matéria publicada no *site* do Jornal “*O Estado de S. Paulo*”, em 07 de agosto de 2012, que o Comitê Olímpico Internacional (COI) avaliara que, aproximadamente, 900 milhões de pessoas no mundo assistiram, pela televisão, à cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Londres, evento realizado no dia 27 de junho de 2012. A mesma matéria dizia ainda, que, segundo afirmações de dirigentes do Comitê, a vitória do corredor jamaicano Usain Bolt, na final dos 100 metros, foi vista por aproximadamente 200 milhões de pessoas.

Estima-se que mais de 3,2 bilhões de pessoas no mundo inteiro assistiram à abertura e ao jogo da abertura da Copa do Mundo de 2014. “As estatísticas, ainda provisórias e não confirmadas, fariam do evento o mais assistido da história” (NETTO, 2014)¹.

Além do valor social e cultural, fortemente marcado pela sua veiculação nos meios de comunicação, o esporte profissional é caracterizado pela prática formalizada das modalidades esportivas nas quais a participação dos indivíduos é reduzida, uma vez que está voltada apenas para atletas habilidosos e minimamente bem sucedidos. Como objetivo tem a busca da vitória, da melhor marca, dos melhores resultados; e tem, como principal valor, a obtenção de lucro e do sucesso. Em sua vertente profissional, o planejamento dos treinamentos são pensados e desenvolvidos de modo que os atletas obtenham a melhor performance nas principais competições esportivas, os jogadores são negociados e representados, quase sempre, por empresários e, as decisões, assim como as ações intencionais, convergem, fundamentalmente, para fins mercadológicos.

Contudo, ao fenômeno esportivo, são atribuídos também outros significados, outros sentidos, que se manifestam, por exemplo, no contexto da iniciação esportiva caracterizada por Paes, Montagner, Ferreira (2009) como os primeiros contatos do indivíduo com a prática esportiva de forma orientada, organizada e sistematizada.

Com a evolução do esporte e diante da ampliação de sua veiculação nos meios de comunicação, cresceu, sobretudo entre as crianças e adolescentes, o interesse pelo esporte. Segundo Cortela (2013), esse crescimento pode ser creditado ao fascínio que o esporte tem exercido na sociedade contemporânea.

¹ Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,copa-do-mundo,abertura-da-copa-do-mundo-bate-recorde-de-audiencia-na-europa,1511405>.

Com isso aumentaram os locais, as agências e as instituições que tornam possível esse acesso. São escolas, clubes, academias, organizações privadas e praças esportivas públicas que, diariamente, possibilitam as primeiras vivências e aprendizagens esportivas. (PAES; MONTAGNER; FERREIRA, 2009).

Quando a rede de agências promotoras é ampliada, o direito ao esporte é garantido a um maior número de pessoas. Esse fato é extremamente positivo, entretanto, nem sempre essa prática recebe um tratamento pedagógico adequado a este propósito, o que pode comprometer suas possibilidades educacionais.

Quando o processo de iniciação esportiva recebe um tratamento pedagógico adequado e coerente com as características e as possibilidades da criança e que respeita suas necessidades, o esporte pode trazer inúmeros benefícios para seus participantes, benefícios das mais diversas ordens que vão além dos aspectos biológicos do corpo, alcançando a totalidade do ser humano ativo e atuante.

No palco desportivo abre-se ao homem a vivência do jogo, da competição, do rendimento, do risco, da configuração, da comunicação e cooperação, da convivialidade, intimidade e sociabilidade. Mais, ele emerge e configura-se como um campo correspondente a uma dimensão absolutamente constitutiva da essência humana: a necessidade fundamental de estar ativo, de agir e de se movimentar livre de exigências e prescrições, implicando a totalidade do homem (intelecto, emoções, sensações e motricidade) de um modo único e insubstituível. Isto é, o domínio cultural desporto é um correlato objetivo para aquela categoria constitutiva da essência humana: a do homem ativo e atuante. É, portanto, parte e oportunidade significativa da consumação humanizante da tarefa de viver, é constituinte da arte da vida (BENTO, 2013, p. 87- 88).

Paes (2002) entende que, em grande medida, a riqueza do esporte está na sua diversidade de significados, ressignificados e de possibilidades de intervenção, e que, dentre muitas funções, ele pode atuar como facilitador na melhoria da qualidade de vida do ser humano, desde que tenhamos explícitos nossos objetivos, uma vez que, por sua abrangência, a ausência de objetivos e de outros componentes pedagógicos “poderá culminar em equívocos, sendo o mais comum deles a cobrança inerente ao esporte profissional, ou seja, a busca por uma performance atlética em práticas esportivas com outros significados” (PAES, 2002, p. 90).

A fim de garantir benefícios e ricas possibilidades de desenvolvimento pessoal aos praticantes iniciantes, o processo que deveria ser diversificado, prazeroso, rico em aprendizagem motora, social, afetiva e cognitiva, corre o risco de tornar-se algo negativo para o

desenvolvimento das crianças e adolescentes inseridos no processo. (PAES et al., 2008).

Atualmente, uma das questões mais relevantes à pedagogia do esporte é justamente evidenciar a pluralidade do fenômeno esportivo, reforçando a estudantes, profissionais e pesquisadores de educação física, que o contexto onde se manifesta a prática esportiva influenciará, de forma significativa, nos princípios, nos procedimentos pedagógicos e metodológicos que balizarão o processo educativo.

Embasado pelas tendências atuais em pedagogia do esporte, Ferreira (2009) levantou na literatura relacionada a essa temática, um conjunto de problemas que tem gerado preocupações e mobilizado estudos científicos a respeito das questões que circundam o campo esportivo, principalmente os ligados à iniciação esportiva, dentre os quais destacou:

- Visão singular e compreensão reduzida em relação à pluralidade, complexidade e possibilidades do esporte.
- Adoção de princípios e procedimentos pedagógicos não coerentes com o contexto da iniciação esportiva.
- Seletividade, exclusão, especialização e evasão esportiva de forma precoce; reduzindo o número de sujeitos partícipes, e limitando uma manifestação que deveria ser marcada pela possibilidade de participação de todos.
- Ausência de planejamento, de objetivos e de avaliação nos processos educativos.
- Restrição e repetição de conteúdos e de estratégias pedagógicas.
- Falta de conhecimentos fundamentais ao trabalho relacionado à iniciação esportiva, e, muitas vezes, a falta de comprometimento dos profissionais com as aulas para crianças.
- Ênfase nos aspectos físicos e técnicos do jogo, em detrimento da compreensão e da aprendizagem de sua lógica tático-técnica.
- Reprodução de modelos de eventos esportivos competitivos, característicos da manifestação do esporte de alto rendimento, do esporte oficial.
- Práticas e processos sem preocupações formativo-educacionais, que, por vezes, desprezam dimensões fundamentais, tais como a afetividade, a sociabilidade, a autonomia e a moralidade.

- Incoerência entre as etapas do processo e a intencionalidade e a ação educativa.
- Distanciamento entre as descobertas, reflexões e avanços científicos e a ação prática dos educadores.

Possivelmente, em resposta aos problemas apresentados, verificamos um crescimento em pesquisas que estudam e investigam o processo de iniciação esportiva, no intuito de melhor compreendê-la como fenômeno cultural de elevado potencial educativo e na intenção de buscar elementos que discutam e qualifiquem esse processo.

Este foi o ponto de partida da presente pesquisa, a intenção mobilizadora do estudo e sua relevância acadêmica e social.

No campo da iniciação esportiva, parece predominar uma prática pedagógica permeada pela restrição e pela repetição de conteúdos; por metodologias de ensino que não respeitam as peculiaridades dos sujeitos participantes e que não condizem com as reais exigências e características da modalidade; pela ausência de planejamentos e de avaliações do processo pedagógico; e por uma série de incoerências entre o que se propõe e o que se oferece, e o como se oferece, e o como se avalia a ação pedagógica.

Apesar de os educadores afirmarem que aspiram colaborar na formação, por exemplo, de indivíduos mais autônomos “que vivam relações mais justas, respeitadas e solidárias, nem sempre conseguem fazer com que as crianças e os jovens pautem suas ações em princípios morais e autorregulem seus comportamentos” (VINHA; TOGNETTA, 2010, p. 526).

Discutir questões pedagógicas do processo de iniciação esportiva, tendo pesquisas em pedagogia do esporte como principal marco teórico, associar esse conhecimento com o que pensam especialistas da área, organizar esses conhecimentos e descrever uma proposta que qualifique e amplie o potencial educativo presente nesse processo é o foco deste estudo.

Esse processo se constituirá a partir da sistematização de estudos anteriores, aliado às experiências dos pesquisadores no campo teórico-prático da pedagogia do esporte. Buscaremos então agregar as ideias de diversos sujeitos, considerados especialistas renomados nessa área, a fim de descrever uma estrutura pedagógica facilitadora que poderá contribuir, de forma efetiva, para que o esporte seja compreendido em sua pluralidade e como um fenômeno sociocultural, de natureza educacional, e para que, como fenômeno sociocultural, ao menos no âmbito da iniciação esportiva para crianças e adolescentes, seja tratado numa perspectiva ética,

reflexiva, inclusiva, plural e transformadora.

Para alcançarmos os objetivos propostos neste estudo, organizamos a tese em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, discutimos conceitos e ideias relevantes para compreensão das tendências atuais em pedagogia do esporte, com foco na promoção de reflexões sobre pressupostos, intencionalidades e objetivos educacionais do esporte na infância e na adolescência.

No segundo capítulo, centramos a discussão em elementos pedagógicos e metodológicos capazes de contribuir para potencializar processos esportivos no âmbito da educação não formal, com ênfase no referencial socioeducativo.

No terceiro, tratamos das questões metodológicas, na qual caracterizamos o tipo da pesquisa, a amostragem, os métodos de coleta e de interpretação dos dados por meio de análise de conteúdo, associado à técnica de análise categorial, a partir dos resultados das entrevistas semiestruturadas.

No quarto e último capítulo, apresentamos os resultados encontrados, bem como a discussão proveniente do diálogo entre o corpo teórico e a pesquisa de campo, o que nos possibilitou indicar elementos para elaboração de uma proposta pedagógica em iniciação esportiva. Importante destacar que a qualidade do resultado da integração entre o escopo teórico do trabalho, as inferências dos resultados obtidos na coleta de dados e a experiência profissional possibilitaram a descrição de uma estrutura pedagógica coerente e consistente para a finalidade proposta.

Pode parecer óbvio, mas para os pesquisadores a pesquisa precisa fazer sentido, e, para fazer sentido aos pesquisadores, precisa fazer sentido social, ou seja, precisa apresentar contribuições para o desenvolvimento do bem individual e coletivo.

Este estudo trata do conhecimento científico relacionado à educação para o estímulo a uma prática esportiva autônoma, segura, prazerosa e transformadora bem como à educação tendo o esporte como facilitador desse processo. A pesquisa abordou inúmeras questões que poderão servir de subsídios para atuação prática de profissionais de educação física, bem como para pesquisas científicas sobre metodologias, funções e valores do esporte na sociedade.

Por ser um estudo voltado à perspectiva de atribuir ao processo de iniciação esportiva um caráter eminentemente educativo, comprometido, logo, em buscar estratégias de

ensino do esporte preocupadas com a relação entre esporte, educação e transformação social, este estudo poderá ainda contribuir para a transformação social.

Quadro 1 – Elementos balizadores da pesquisa

<p style="text-align: center;"><u>ASSUNTO DA PESQUISA</u> ESPORTE E EDUCAÇÃO</p> <hr style="border-top: 1px dashed black;"/> <p style="text-align: center;">Contexto Iniciação esportiva com crianças e adolescentes</p>
<p style="text-align: center;"><u>JUSTIFICATIVA DA PESQUISA</u></p> <p>O desenrolar dos acontecimentos no ambiente esportivo se revestem de desafios e de ricas oportunidades educativas que carecem de opções, decisões e encaminhamentos pedagógicos. A pesquisa possibilitará o acesso a um conjunto organizado de elementos que poderão contribuir nos processos de planejamento, reflexão, avaliação e intervenção de educadores com atuação direta com o público, e dos gestores de programas esportivos, podendo favorecer, inclusive, modificações na cultura de trabalho de organizações esportivas e de instituições que têm o esporte como facilitador no processo de educação de crianças e adolescentes. Há uma carência de estudos nacionais que organizam os conhecimentos produzidos pelas tendências atuais em Pedagogia do Esporte e que apresentam propostas pedagógicas coerentes e aplicáveis no contexto brasileiro, principalmente voltado ao referencial socioeducativo, foco desse estudo.</p>
<p style="text-align: center;"><u>PROBLEMA DE PESQUISA</u></p> <p>Seria possível encontrar no discurso de peritos na temática de Pedagogia do Esporte elementos pedagógicos estruturantes?</p>
<p style="text-align: center;"><u>OBJETIVO GERAL</u></p> <p>Descrever elementos pedagógicos que potencializem as possibilidades educativas, presentes no processo de iniciação esportiva.</p>
<p style="text-align: center;"><u>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</u></p> <p>Discutir processos educativos por meio do esporte; sistematizar produções científicas em iniciação esportiva que estejam em consonância com as tendências atuais em Pedagogia do Esporte; relacionar as ideias de especialistas sobre a temática no País, com o escopo teórico do trabalho.</p>

QUESTÃO DE PESQUISA

Quais são os fundamentos para sustentar uma estrutura pedagógica que facilite o potencial educativo do esporte?

PRESUPOSTOS/HIPÓTESES

A hipótese é a de que o diálogo entre as ideias dos especialistas da área somadas ao referencial teórico podem sinalizar indicativos para construir e/ou organizar um conjunto de conhecimentos pedagógicos e vislumbrar elementos importantes no campo da iniciação esportiva que precisam ser considerados numa proposta pedagógica que vise *contribuir no processo educativo de crianças e adolescentes*.

A TESE

Hexágono da Pedagogia do Esporte – estrutura pedagógica composta de 6 elementos, constituídos de conhecimentos organizados que, quanto mais articulados, mais poderão favorecer que a iniciação esportiva com crianças e adolescentes seja tratada numa perspectiva reflexiva, ética, inclusiva, plural e intencionalmente transformadora.

CAPÍTULO I

PEDAGOGIA DO ESPORTE: PREMISSAS, INTENCIONALIDADES E VALORES

1.1. Contribuições da pedagogia e da pedagogia do esporte acerca das reflexões sobre premissas e intencionalidades do esporte na infância e na adolescência

*O desporto não possui nenhuma virtude mágica.
Ele não é em si mesmo,
nem socializante, nem anti-socializante.
Ele é aquilo que se fizer dele.
A prática do judô, ou do rãguebi pode formar
tanto patifes, como homens perfeitos
preocupados com o Fair-Play.
(Parlebás, 1987).*

Para refletir sobre premissas e intencionalidades, consideramos necessário recuperar, brevemente, a origem do esporte e os diferentes processos de significação por parte dos que o praticam ao longo do tempo.

O esporte moderno surgiu no seio da burguesia industrial, a partir de um processo gradual de repressão e apropriação dos jogos e passatempos da cultura corporal das camadas populares e da ressignificação da sua prática pelas elites inglesas. Ele tinha o objetivo de ocupar o tempo ocioso dos filhos dessas elites, durante sua jornada escolar e com estritas funções pedagógicas. Para cumprir com essas funções, foi estabelecido um conjunto de códigos e valores, tais como busca de recordes, igualdade de oportunidades, regras, rendimento e jogo limpo, considerados apropriados para preparar os jovens para o exercício do controle dos negócios do imperialismo inglês (NEIRA; NUNES, 2006).

Com as conquistas trabalhistas, como a redução da jornada de trabalho e a ampliação do tempo de lazer, segundo os mesmos autores, essas práticas culturais esportivas foram, lentamente, apoderadas pelas camadas populares e, concomitantemente, difundidas em outros países pelos empreendedores capitalistas, filhos da expansão do Império Britânico, o que fez do esporte a expressão hegemônica da cultura corporal ocidental, desde então, em permanente processo de criação de novos sentidos.

Atualmente, o esporte é uma das manifestações sociais que mais tem se destacado na nossa sociedade. Exerce influência em decisões políticas e sociais; promove impactos na economia mundial; é objeto de estudos, de investimento de empresas; é uma opção

profissional; influencia comportamentos, modos de vida. Gera inúmeras expectativas sobre os sujeitos que a ele se dedicam – atletas, treinadores, árbitros, ou espectadores (SANTANA, 2003; DE ROSE, 2013) –, proporcionando oportunidades e transformações àqueles que se apropriam dele como prática de lazer, de representação, de busca pelo bem-estar, convivência, saúde, profissão, entre tantas outras possibilidades.

Como qualquer expressão cultural, socialmente construída, se insere no espaço de tensão entre valores, princípios e hábitos que configuram códigos culturais de uma comunidade humana (GALATTI, DARIDO, PAES, 2010). Para Stigger (2005), em universos culturais particulares, indivíduos e grupos se apossam do esporte de diversas formas, ressignificando-o.

O esporte é plural. Plural nos sujeitos que o praticam, plural nos locais onde ocorre sua manifestação, nas modalidades e contextos que lhe dão forma, sentido e significado (PAES, 2002).

Nessa perspectiva, o esporte deve ser compreendido como fenômeno polissêmico e polifórmico, alicerçado num conceito representativo, agregador, sintetizador e unificador de dimensões biológicas, físicas, lúdicas, técnico-táticas, culturais, espirituais, psicológicas, sociais, afetivas. Consequentemente, o esporte é portador de uma ampla oferta de problemas e de possibilidades variadas de reflexão e de investigação, sem o qual, seja no campo da vivência, seja no campo da ciência, o envolvimento cultural dos seres humanos seria empobrecido (BENTO, 2006, 2013).

Conforme enunciado por Ferreira (2009), podemos investigar o esporte sobre inúmeras perspectivas, tais como históricas, econômicas, fisiológicas, psicológicas, sociológicas, biomecânicas.

Diante da diversidade de possibilidades de expressão e exploração do fenômeno esportivo, faz-se necessário uma que se debruce nos seus aspectos pedagógicos, formativos, ou seja, que se apodere dele como uma prática de elevado potencial educativo, rico em oportunidades de transformações individuais e sociais.

Temos então aí a Pedagogia do Esporte, disciplina das Ciências do Esporte, compreendida “como uma práxis educativa na qual as ações e intervenções intencionais

revestem-se de exigências pedagógicas, assumindo a responsabilidade de resolver a relação entre teoria e prática” (SCAGLIA, 2014, p. 84). É ela que tem a preocupação de investigar as possibilidades intencionais e funcionais e as limitações da educação por meio do jogo e do esporte (FERREIRA, 2009).

A Pedagogia do Esporte tem como objeto de estudo e de intervenção o processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento do esporte, acumulando conhecimento significativo a respeito de organização, sistematização, aplicação e avaliação das práticas esportivas nas suas diversas manifestações e sentidos (SCAGLIA, 2014). É ela a responsável por construir um plano de elaborações conceituais voltadas para reflexões, conhecimentos e prescrições didáticas e metodológicas, referentes à diversidade de práticas esportivas, bem como à discussão do teor moral delas (BENTO, 2006).

Assim, é dedicação da Pedagogia do Esporte estudar e difundir princípios, procedimentos e estratégias para favorecer o processo de ensino, vivência, aprendizagem e maior apropriação do fenômeno esportivo (BROTTO, 2001; FERREIRA, 2009), de forma a qualificar o processo de educação pelo esporte.

Entretanto, devido a diferentes formas de apropriação do conceito da pedagogia do esporte, e suas práticas correlatas, muitas vezes antagônicas entre elas, vêm se discutindo, na literatura, as diferenças entre a tradicional pedagogia do esporte e as atuais tendências em Pedagogia do Esporte.

No Quadro 2 é possível observar certos aspectos que diferenciam ambas: a pedagogia tradicional das atuais tendências em Pedagogia do Esporte.

Quadro 2 – Pedagogia do Esporte: tradicional x tendências atuais

Tradicional	Tendências atuais
Centrada na modalidade	Busca a relação entre indivíduo, modalidade e cenário
Ensino por sequências pedagógicas	Mediação por procedimentos pedagógicos
Ênfase no resultado esportivo	Prioriza desenvolvimento integral do indivíduo
Ensina por meio de exercícios analíticos	Ensina por meio de jogos e situações-problema
Repete movimentos para automação	Explora ações para enriquecer o acervo de soluções
Produz pobre acervo de possibilidades de respostas	Produz rico acervo de possibilidades de respostas (motoras-intelectuais-afetivas-sociais-morais-éticas...)
Foco no referencial técnico-tático	Balizado pelos referenciais tático-técnico, socioeducativo e histórico cultural.
Prioriza os mais habilidosos	Acolhe à todos
Propicia poucas tomadas de decisões	Proporciona muitas tomadas de decisões

Fonte: elaborado pelo autor.

Os elementos que distinguem a tradicional Pedagogia do Esporte e as atuais tendências da Pedagogia do Esporte nos fazem assumir estes, em detrimento daqueles, como os mais apropriados para as discussões que trataremos nesta pesquisa.

Assim, sempre que se fizer referência à Pedagogia do Esporte, é sobre as atuais tendências que estamos falando, isso porque as atuais tendências em Pedagogia do Esporte visam apontar caminhos para uma prática do esporte diferenciada,

edificando uma nova e responsável maneira de tratar pedagogicamente o fenômeno esporte; e é claro, visam sempre à melhoria do jogador no jogo, à melhoria do ambiente esportivo e a melhoria da relação entre todos envolvidos neste processo: a família, os dirigentes, os professores e técnicos, a mídia e, fundamentalmente, os alunos – foco de todo processo. (FERREIRA, 2009, p. 37).

As atuais tendências da Pedagogia do Esporte partem do sujeito da prática esportiva e reconhecem que ela somente existe pelo indivíduo que percebe e representa o esporte como fenômeno sociocultural, “atentando para multiplicidade complexa e potencial das práticas

esportivas enquanto ambiente com múltiplas possibilidades para humanização” (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2013, p. 30).

Alguns pesquisadores da Pedagogia do Esporte têm pensado sobre a relação entre esporte e educação. Dentre eles, Santana (2003) reitera que, ao se ensinar esporte, se pratica educação.

Segundo Garganta (1995) os processos educativos existentes, ao ensinarmos esporte, se devem à riqueza de situações que o esporte propicia ao praticante, na medida em que a sua prática, quando orientada de forma coerente e consistente, facilita o desenvolvimento de competências, dentre as quais são destacadas as cognitivas, as afetivas, as sociais e as tático-técnicas.

Já para Bento (2006), a prática educativa do esporte precisa apresentar sentido verdadeiro para aquele que o pratica e o ensina, e descreve que o esporte pode ser educativo,

quando encerra oportunidades para colocar e enfrentar obstáculos, tarefas e exigências para se experimentar, observando regras e lidando corretamente com os outros; quando fomenta a procura de rendimento na competição e para isso se exercita, treina e reserva um pedaço da vida; quando cada um rende o mais que pode, sem sentir que isso é uma obrigação imposta do exterior; quando cada um não assume mais do que é capaz, mas simultaneamente esgota as suas possibilidades de empenhamento e rendimento. É educativo quando não inspira vaidades vãs, mas funda uma moral do esforço e do suor, quando se afirma como uma verdadeira escola de auto rendimento; quando socializa crianças e jovens num modelo de pensamento e vida, assente no empenhamento e disponibilidade pessoais para a correção e ultrapassagem do erro, quando forja otimismo na dificuldade, satisfação pela vitória pessoal e admiração pela vitória alheia (BENTO, 2006, p. 88-89).

Embalado pelos pensadores que refletiram sobre o assunto, vêm-nos as seguintes perguntas: o esporte realmente educa? Se ele educa, em que condições isso acontece? Será que é apenas nessas condições acima descritas?

Refletindo sobre essas questões, e a partir da concepção de educação que adotamos neste estudo, chegamos ao seguinte posicionamento: se o esporte viabiliza o encontro de pessoas e de saberes; se possibilita a convivência entre diferentes indivíduos, conseqüentemente permite aos seus praticantes o contato com distintas maneiras de ser, estar e

conceber o mundo; se proporciona o contato entre culturas, assim, inevitavelmente propicia o compartilhamento dessa diversidade de saberes; logo, educa. O esporte educa! O esporte sempre educa!

Mas educa para quê? Em qual direção educamos e o que compartilhamos nesses processos?

Talvez esses sejam alguns dos questionamentos mais relevantes para se iniciar a construção de um pensamento que sustentará uma prática pedagógica, seja ela pensada e constituída individual ou coletivamente.

A simples adesão a práticas esportivas não garante aos seus participantes uma experiência positiva. Dependendo da forma como se realiza o processo educativo, atitudes e comportamentos inadequados podem ser fortalecidos, bem como casos negativos de desenvolvimento socioemocional podem emergir (GOLD; CARSON, 2008).

Existem evidências que alguns tipos de participação esportiva promovem níveis prejudiciais de estresse e tensão, preocupação exacerbada na vitória, fraca autoestima, deslealdade, desrespeito para com os adversários (RESENDE, 2013). *Bullying*, trapaças, agressões físicas e verbais, atitudes desrespeitosas e preconceituosas, exclusão social são alguns exemplos de opressões que perpassam o cotidiano de inúmeros projetos e ambientes esportivos.

Não há nenhuma virtude mágica atrelada ao fenômeno esportivo, ele pode contribuir para formar tanto para a humanização², como para a direção oposta: o esporte será aquilo que se fizer dele (PARLEBÁS, 1987). A participação no esporte não é em si mesma positiva ou negativa, pois é a qualidade da experiência vivida que implicará a repercussão que ela provocará em seus praticantes (FERREIRA, 2009).

A afirmação de Parlebás evidencia a importância do papel do profissional de educação física na mediação do processo educativo por meio do esporte e da apropriação do esporte na perspectiva de torná-lo mais socializante (PAES, 2002) e humanizador. Os impactos

² Para Paulo Freire, a humanização é uma vocação ontológica do ser humano. Por sermos seres inconclusos, sempre buscamos “ser mais” tendo em vista alcançar melhores situações de vida para nós e para todas as pessoas. Essa busca está associada à libertação, à superação das injustiças e das opressões. A esperança de um mundo melhor para todas as pessoas e o processo de aprender e ensinar em comunhão (uns com os outros) fazem parte do processo de humanização, de sua ação transformadora (FREIRE, 1987).

da prática esportiva, principalmente aqueles ligados às questões socioeducativas, também são objeto de reflexão da Pedagogia do Esporte.

As tendências atuais em Pedagogia do Esporte buscam compreender o esporte para além de suas máximas populares, como, “o esporte é bom por natureza”, “o esporte afasta das drogas”, “o esporte tira as crianças das ruas”, “vencer no esporte é vencer na vida”. Cabe à Pedagogia do Esporte, em suas mais diversas facetas que perpassam da iniciação esportiva ao treinamento de alto rendimento, até a formação de educadores, gerar conhecimentos que contribuam para a superação de ideias e comportamentos do senso comum (REVERDITO et al., 2013).

Essas máximas populares, embora verdadeiras em alguns contextos, às vezes podem soar equivocadas, dependendo das intenções, dos valores, das posturas e das condutas dos indivíduos envolvidos e inseridos no processo, conforme nos ilustram Lavoura e Machado (2008).

Diante de tais explicações, este capítulo tem como objetivo traçar uma reflexão sobre processos educativos intencionais, constituídos no contexto da iniciação esportiva para crianças e adolescentes. Para isso, discutiremos em quais dimensões a vivência deste fenômeno pode interferir na educação desse público, considerando as mais variadas formas e ambientes onde se manifestam esse processo, e diferentes intencionalidades e objetivos que se pretendem com essa prática.

Com a finalidade de contribuir para a discussão sobre essa temática, valeremos de reflexões e proposições elaboradas pelas tendências atuais em Pedagogia do Esporte, elaborações essas que se fortalecem, permanentemente, pois os estudos em Pedagogia do Esporte buscam, cada vez mais, dialogarem com a prática pedagógica e com outras áreas do conhecimento, principalmente nesta pesquisa, com os conhecimentos construídos nas áreas e nas disciplinas ligadas ao campo da educação, fundamentalmente ao campo da pedagogia, e ao campo das ciências do esporte.

Com o propósito de fortalecer a compreensão das finalidades da pedagogia do esporte que perpassarão este estudo, julgamos necessária uma discussão da concepção de educação e de sua relação com a cultura, adotada neste estudo.

1.2. Educação e Cultura

As questões relacionadas à educação têm sido constantemente objeto de reflexão e das mais diversas considerações, tanto do ponto de vista teórico, como de suas articulações práticas com a vida social. (RODRIGUES, 2001).

De acordo com Sobrinho (2007), a educação é um fenômeno multirreferencial, logo, passível de ser vista por vários e complementares ângulos de análise. Conforme o que se pretende salientar e a posição de onde se olha, a educação pode ser entendida como processo, meio, fim, resultado, entidade ou instituição, formal, não formal ou informal, do ponto de vista individual ou coletivo, como ideal universal ou como realidade histórica e situada, “enfim, tantos são os conceitos e os modos de vê-la que é impossível aplicar-lhe uma definição completa, acabada e que resolva os conflitos técnicos e éticos” (SOBRINHO, 2007, p. 155).

Para esse autor, por se referir ao humano, a educação não pode caber em fórmulas explicativas de nenhuma disciplina que a restrinja a uma e não a outras de suas múltiplas dimensões, uma vez que a cada ângulo de abordagem e a cada explicação realizada, muitas são as possibilidades de novos sentidos.

A razão de promover a reflexão sobre esse complexo conceito, neste estudo, está associada à necessidade de fortalecer a compreensão dos impactos de um processo educativo por meio do esporte e a relação existente entre a real importância de se explicitar as intencionalidades e os princípios pedagógicos, com a adoção de procedimentos e estratégias convergentes às finalidades pretendidas.

A fim de iniciar a discussão sobre o caminho que pretendemos percorrer, apropriar-nos-emos da mesma história utilizada por Brandão (1981), quando, na intenção de defender que ninguém escapa da educação, que não há uma forma única de obtê-la, que a escola não é o único lugar onde ela acontece, que o professor profissional não é seu único praticante e que corremos o risco de fazer o contrário do que pensamos que fazemos, resgatou a história de uma carta escrita por um índio, há muitos anos, nos Estados Unidos, momento em que os estados de Virgínia e Maryland assinaram um tratado de paz com os Índios das Seis Nações. Para contextualizar a carta, Brandão explica que, como as promessas e os símbolos da educação

sempre foram muito adequados a momentos solenes como aquele da assinatura do tratado, logo após a assinatura, os governantes da Virgínia mandaram cartas aos índios para que enviassem alguns de seus jovens às escolas dos brancos. Porém, os chefes responderam agradecendo e recusando. “A carta acabou conhecida porque alguns anos mais tarde Benjamim Franklin adotou o costume de divulgá-la aqui e ali” (BRANDÃO, 1981, p, 8). Eis o trecho que nos interessa: (BRANDÃO, 1981, p, 8).

Quadro 3: Carta dos Índios das Seis Nações aos governantes da Virgínia

“... Nós estamos convencidos, portanto, que os senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo coração. Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas, e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa ideia de educação não é a mesma que a nossa.

... Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas, quando eles voltavam para nós, eles eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportarem o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo e construir uma cabana, e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros.

Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar nossa gratidão oferecemos aos nobres senhores da Virgínia que nos enviem alguns dos seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos, deles, homens”.

A carta referida já indica algumas ideias: o processo educativo não cumpre uma única função, não tem uma missão comum; as intencionalidades das práticas educativas variam de um lugar para o outro, de uma época para outra, de uma tribo para outra; a compreensão do que ela é também varia.

De acordo com Brandão (1981), é o exercício de viver e conviver que educa. Educa-se em todos os lugares e circunstâncias, – a educação é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes, A escola é apenas mais um lugar e um momento, provisório, onde a ação de fazer com que tudo o que pode ser vivido e aprendido da cultura³ seja ensinado com e para a vida.

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras de trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar, às vezes a inculcar – de geração em geração, a necessidade da existência da sua ordem. (BRANDÃO, 1981, p.10-11).

De acordo com Pimenta (2002), a educação compreende o conjunto de processos, modos de agir, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais.

A autora aponta que a educação está ligada a processos de comunicação e interação pelos quais os membros de uma sociedade assimilam saberes, habilidades, técnicas, atitudes e valores existentes no meio culturalmente organizado, o que possibilita a produção de outros saberes, técnicas, valores etc. Para ela é intrínseco ao ato educativo seu caráter de mediação – saberes e modos de ação – o qual favorece a apropriação dos indivíduos na dinâmica

³ Nas palavras de Brandão, tudo o que existe transformado da natureza pelo trabalho do homem e significado pela sua consciência é uma parte de sua cultura: o pote de barro, as palavras da tribo, a tecnologia da agricultura, da caça ou da pesca, o estilo dos gestos do corpo nos atos de amor, o sistema de crenças religiosas, as histórias da história que explica quem aquela gente é e de onde veio as técnicas e situações de transmissão de saber.

sociocultural de seu grupo, isto é, a cultura vai se convertendo em patrimônio do ser humano.

Segundo Freire (1997), não se pode encarar a educação a não ser como um fazer humano, que ocorre no tempo e no espaço, entre os indivíduos, nas suas relações uns com os outros.

A educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, uma forma de intervenção no mundo, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais; que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal; e, por meio da inculcação de tipos de saber, reproduz tipos de sujeitos sociais. (BRANDÃO, 1981; PIMENTA, 2002).

Como prática humana, se, em algum lugar ou tempo, a educação, foi construída de um modo, pode ser, a qualquer momento, reconstruída de outro, diferente, diversa, oposta (BRANDÃO, 1981). Essa ideia nos ajuda a reconhecer que somos seres condicionados pela cultura na qual estamos inseridos, mas não determinados por ela (FREIRE, 1996).

Para Freire (1996), o mundo não é; o mundo está sendo, e, nessa perspectiva, nosso papel no mundo não é o de somente constatar o que ocorre, mas o de quem intervém como sujeito de ocorrências, pois se assume como sujeito da história, que constata fatos mais para propor mudanças do que para se adaptar.

Todos nós, seres humanos, consumimos e produzimos cultura. Todos nós afetamos e somos afetados, direta ou indiretamente pela cultura. Seja vinculado à escola ou a qualquer outra instituição de natureza educacional; seja na forma como nos relacionamos no nosso ambiente de trabalho; seja numa conversa informal com um amigo, parente ou até mesmo com um desconhecido; seja na forma como comemos uma banana; seja na forma como dançamos uma música, todos nós compartilhamos cultura, logo, todos nós temos a capacidade de promover ações educativas, sejam elas intencionais ou não.

Inúmeros são os significados e os sentidos atribuídos ao termo cultura, mas cumpre destacar que estamos nos apropriando do conceito que tem a antropologia como fonte de referência.

De modo concreto, a cultura inclui objetos, instrumentos, técnicas e atividades humanas socializadas e padronizadas de produção de bens, da ordem social, de normas, palavras, ideias, valores, símbolos, preceitos, crenças e sentimentos. [...] ela abrange o universo do mundo criado pelo trabalho do homem sobre o mundo da natureza de que o homem é parte. Aquilo que ele fez sobre o que lhe foi dado. (BRANDÃO, 1985, p.20).

Embora todos nós tenhamos a capacidade de promover ações educativas, há de se ter a compreensão dos fins e dos impactos das nossas ações educativas. Se o esporte educa, como já dissemos anteriormente, cumpre entender para que ele educa. Essa reflexão é pertinente para qualquer ato de compartilhamento de cultura, ou seja, para qualquer ato de trocas de valores, de modos de comportamento, de símbolos, técnicas etc.

A educação é inevitável; sobrevive aos sistemas e, se em um momento ela proporciona a criação da igualdade entre os homens e a pregação da liberdade, em outro pode servir à reprodução da desigualdade e à difusão de ideias que legitimam a opressão. (BRANDÃO, 1981). “A educação que faz e fabrica o nazista, o fundamentalista, [...] cria e recria em outra direção, com outros termos e sentidos, o sujeito solidário, o militante das causas humanas, a pessoa participante e corresponsável tanto pela felicidade dele, quanto pela sua” (BRANDÃO, s/d).

Por corroborarmos as ideias de Brandão é que buscamos questionar o conceito de educação e, assim como fizeram Cavalari, Santana, Carvalho (2006), assumir uma postura crítica diante das concepções usualmente presentes a respeito dos fins da educação, uma vez que, segundo Rodrigues (2001), corremos o risco de um entendimento de que as questões relacionadas à educação estão suficientemente esclarecidas, e nos é óbvio que não estão.

Esse entendimento, além de não contribuir para o avanço do conhecimento, pode gerar uma interpretação de que a investigação sobre o fenômeno educativo pode abster-se de uma reflexão teórica e se concentrar somente no que é prático e objetivo, ou seja, se limitar apenas às questões de natureza pragmática e utilitária (RODRIGUES, 2001; CAVALARI, SANTANA, CARVALHO, 2006). Como essa limitação está presente no cotidiano de projetos esportivos, por isso a necessidade de se fomentar essa discussão.

No campo da prática educativa por meio do esporte, o fato de tratar apenas das questões de natureza pragmática e utilitária amplia a chance de promover com crianças, iniciantes

na prática esportiva, uma ação educativa muitas vezes equivocada, em que predominem valores como a exclusão, o individualismo, a heteronomia, a busca exacerbada por resultados esportivos, a indiferença ao outro, conseqüentemente, pode promover o desgosto pelo esporte, a seleção, a especialização e o abandono precoce, entre outros.

Os conhecimentos advindos das tendências atuais em Pedagogia do Esporte têm contribuído na construção de um novo panorama voltado aos processos de iniciação esportiva. A partir da discussão realizada acerca dos conceitos e concepções de cultura e educação, adotados neste estudo, voltamos nossas reflexões e proposições a fim de explicitar premissas, intencionalidades, objetivos e valores da prática pedagógica em esporte, no contexto da infância e da adolescência.

1.3. Premissas, intencionalidades, objetivos e valores balizadores do processo de educação por meio do esporte

1.3.1. Premissas

Anterior à discussão da intencionalidade e dos princípios pedagógicos, tivemos a preocupação de reunir e organizar algumas ideias que julgamos centrais no campo da Pedagogia do Esporte e que servirão de sustentação às demais.

Não queremos, entretanto, dizer que, sem o entendimento do que estamos denominando de premissas, os campos de investigação e de intervenção prática fiquem comprometidos, contudo, sem dúvida, a apropriação dessas ideias amplia a visão das dimensões e das possibilidades do esporte e fortalecem processos teóricos e práticos da área.

As premissas também carregam – direta ou indiretamente – as concepções que os pesquisadores têm de educação e de esporte. Vale mencionar que tais concepções percorrem todo texto e as análises dos dados da pesquisa.

As premissas, embora tenham relação com a concepção de educação e de esporte adotadas e com a linha escolhida pelos pesquisadores, fortemente influenciada pelo lugar de onde escrevem, servem de base ao raciocínio que será construído e defendido posteriormente.

Elas tratam de informações que servem de base para compreensão dos demais conteúdos, ou seja, referem-se a ideias iniciais de que se parte para formar os demais elementos do estudo.

Dedicamos parte significativa deste capítulo para sinalizarmos nossa primeira premissa: independentemente dos objetivos, do direcionamento e da metodologia, ou até mesmo da consciência dos envolvidos no processo, **o esporte educa! Esporte sempre educa!**

A segunda premissa chama a atenção de que **o esporte é um direito⁴ social**, garantido na Constituição de 1988 a todos os cidadãos brasileiros, portanto não pode estar restrito a uma pequena parcela da população. Assim, “é preciso vê-lo não mais como uma prática exclusiva para atletas e talentos, mas como uma alternativa para todos os cidadãos” (PAES, 2002, p. 89).

A terceira premissa, evidenciada para este estudo, diz respeito à necessidade de compreender o **esporte como patrimônio cultural da humanidade**; como manifestação social, presente em nossa cultura, em todas as fases da vida (MARQUES, 2001; PAES, 2002; TANI et al., 2013; REVERDITO, SCAGLIA E PAES, 2013), e como um fenômeno plural, complexo e de múltiplas possibilidades.

Uma das razões de sua complexidade⁵ está relacionada justamente com a característica de ser um **fenômeno plural**, ou seja, diverso nas suas possibilidades de manifestação e apropriação.

Conforme pontuado, diverso nos personagens que se apropriam dele; diverso nos cenários e contextos onde sua prática é idealizada, organizada, gestada e desenvolvida; diverso nas suas possibilidades de expressão em distintas modalidades; e, conseqüentemente, diverso em sentidos, regras e significados.

A diversidade de sujeitos, contextos, modalidades, cenários, significados tem permitido que um número expressivo de pessoas esteja permanentemente em contato com o esporte, sejam como praticantes, espectadores, ou se apropriando dele como atividade

4 O esporte vem sendo destacado como direito em diversos documentos internacionais, por exemplo, está posto como artigo 1º da Carta Internacional da Educação Física e do Desporto (UNESCO, 1978).

5 É necessário considerar o significativo número de variáveis que compõem um sistema, o que nos leva a contextualizar os fenômenos, integrá-los em um ambiente, e reconhecer que os eventos estão sujeitos à ação de diversos fatores, em múltiplas dimensões, seja do físico, mental, emocional, espiritual ou social (BALBINO, 2005).

profissional. Sua diversidade de possibilidades contribui para torná-lo uma das manifestações culturais universais de maior popularidade e expressão.

Por essas razões, diante de sua pluralidade, **é fundamental compreender o contexto** onde o fenômeno se manifesta e “delimitar o campo de atuação pretendido” (PAES, 2002), e, para isso se tornam necessárias a demarcação e a clareza de quatro pontos: qual o cenário onde se desenvolve a prática; qual a modalidade em questão, sua cultura no contexto local e no contexto social; quem são os personagens dessa prática; e qual o significado predominante.

De acordo com Marques, Gutierrez e Almeida (2008), é pela análise e combinação entre o ambiente da prática, a modalidade esportiva em questão e o sentido que se dá a atividade que se torna possível caracterizar a manifestação e, conseqüentemente, apreender quais valores morais serão priorizados no processo, uma vez que a transmissão dos valores ocorrerá de acordo com o direcionamento dado pelo grupo e esse interfere no processo educativo dos envolvidos. Assim, “é necessário que o sentido adotado para a prática esportiva seja adequado ao ambiente em que ela ocorre, e seus valores transmitidos de forma consciente pelos participantes e promotores da atividade” (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008, p. 55).

Além das variadas formas de se manifestar, pontuamos como outro pressuposto o fato de que independentemente do contexto, do cenário e dos significados atribuídos à prática esportiva, – seja ela organizada e oferecida em ambientes de educação formal e não formal, seja como práticas competitivas oficiais ou como práticas em ambientes de fruição do tempo livre –, **cada indivíduo se apropria do fenômeno esportivo por razões e sentimentos distintos** (STIGGER, 2005).

Segundo Bento (2013), sendo um fenômeno polissêmico e polifórmico, cumpre aprender e compreender a variedade de problemáticas que o esporte direta ou indiretamente tangencia, bem como seu caráter multifuncional, contudo essa tarefa torna-se extremamente complexa na medida em que

a ementa de motivações para a prática desportiva é inesgotável. E isto porque se umas são de ordem objetiva, mensurável e contável, outras são do domínio subjetivo e não vão além da sua natureza de impressões e sensações. Quero crer, em todo o caso, que

ninguém pratica desporto verdadeira e essencialmente pelas razões que consegue afirmar ou pelas causas que ficam bem à vista. A dureza do esforço é suportável por razões que transcendem os pretextos dizíveis e visíveis (BENTO, 2013, p.76).

Conscientes de que o esporte tem um caráter multifuncional; de que as motivações serão individuais, em muitos casos até mesmo imperceptíveis ao próprio praticante; e de que o significado atribuído pelo grupo, ou pelos indivíduos que o compõem, muitas vezes não estará em consonância com os significados atribuídos pelo educador ou pela instituição proponente da prática, faz-se necessário reconhecer e acolher essa diversidade de interesses, de forma a alinhar essas expectativas para uma melhor fluidez e coerência do processo pedagógico. Novamente, a delimitação e a explicitação do contexto exercerá papel central nesse processo. Ratificamos Balbino (2005), quando afirma que os **valores educacionais estão presentes no cenário esportivo, em qualquer de suas manifestações/práticas**. Considerando esse pressuposto, Paes (2002) defende que uma pedagogia não pode estar voltada apenas às questões do jogo propriamente dita. Embora seja fundamental considerá-las, é preciso contemplar também, segundo ele, as questões do aprendizado de valores e modos de comportamento.

De acordo com Machado, Galatti e Paes (2012), para lidar com a complexidade do fenômeno esportivo, a Pedagogia do Esporte deverá se balizar por três referenciais coerentemente entrelaçados: um referencial técnico-tático, voltado à organização e à sistematização pedagógica das modalidades esportivas, objetivando a vivência e prática delas; um referencial socioeducativo, voltado ao trato com valores e modos de comportamento no processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento esportivo; e um referencial histórico-cultural, voltado aos conhecimentos que caracterizam o esporte como um elemento cultural e social, "como a história, regras e suas alterações, jogadores importantes para o cenário nacional, atualidades, entre outros saberes necessários para a compreensão das diferentes modalidades" (MACHADO; GALATTI; PAES 2014).

Por entender que o processo pedagógico parte da compreensão de sua intencionalidade, dedicaremos um tópico para traçar reflexões sobre processos educativos esportivos para crianças e adolescentes, sobretudo uma discussão no que diz respeito a intencionalidade e valores.

1.3.2. Intencionalidade e valores educacionais pretendidos no contexto da iniciação esportiva

A prática pedagógica precisa se comprometer com um universo maior que só aprimorar técnicas. Ela deve ir além, precisa procurar encontrar meios de construir valores a partir de sua ação.

Para Libâneo (2003), o que define um conceito, uma ação, uma prática como sendo “pedagógica” é a direção de sentido, as intenções, o rumo que se dá a eles. É justamente o caráter pedagógico que faz distinguir os processos educativos que se manifestam em situações sociais concretas, uma vez que é a análise pedagógica que explicita a orientação do sentido (direção) da atividade educativa.

O caráter pedagógico da prática educativa se verifica como ação consciente, intencional e planejada no processo de formação humana, através de objetivos e meios estabelecidos por critérios socialmente determinados e que indicam o tipo de homem a formar, para qual sociedade, com que propósitos. (LIBÂNEO, 1994, p. 23).

De acordo com Cavalari, Santana, Carvalho (2006), ao intencionalizar a prática, ao atribuir uma significação conceitual e valorativa para sua ação, o educador o faz a partir de suas determinadas ideologias, crenças, valores, ideias, conhecimentos, saberes, ou seja, a partir de suas concepções, embora isso, às vezes, não lhe seja muito claro. Nem sempre ele percebe a importância da influência de suas ideias, de suas atitudes e de suas intervenções no processo educativo de seus alunos.

O não esclarecimento das concepções e da intencionalidade do processo pedagógico pode levar à conclusão que tanto o conceito de educação quanto os fins da ação educativa são conhecidos e compreendidos pelos envolvidos, quando, em grande parte, não são. (RODRIGUES, 2001; CAVALARI, SANTANA, CARVALHO, 2006).

Com isso, corre-se o risco de achar que o processo educativo está contribuindo na formação de cidadãos conscientes, éticos, autônomos, quando, na verdade, não é isso que

acontece. Está-se formando sujeitos egoístas, individualistas, heterônomos.

Para Brotto (2001), em consonância com as ideias apontadas até o presente momento, dependendo dos princípios, valores, crenças e estruturas que estão por trás, do que ele denomina “minissociedade-jogo” podemos, “tanto aprender a sermos solidários e cuidar da integridade uns dos outros, como, ao contrário, jogando, podemos aprender a nos considerar mais importantes que alguém e a nos importarmos muito pouco com o seu bem-estar” (BROTO, 2001, p.20).

Por essa razão, concordamos com Brandão (1981), Rodrigues (2001), Pimenta (2002), Libâneo (2002) e Cavalari, Santana, Carvalho (2006), quando apontam a necessidade de cada educador ou instituição educativa elucidar os fundamentos da razão educativa, explicitar os valores e princípios, ou seja, tornar claras as intencionalidades e fomentar um processo pedagógico coerente com tais intencionalidades.

De acordo com Gold e Carson (2008), a apropriação das competências do jogo para outras situações de vida do praticante acontecem quando o líder do programa esportivo enfatiza intencionalmente a importância e a possibilidade desse processo de transferência.

Um dos avanços mais significativo das tendências atuais em pedagogia do esporte é o de transcender, e não apenas o de contemplar as mudanças do ensino centrado da técnica para a tática do jogo; do exercício para o jogo; da repetição do gesto para a humanização do gesto. Essa transcendência se dá, justamente, “quando a Pedagogia do Esporte assume a responsabilidade de lidar com a relação entre o ambiente esportivo – os sujeitos que jogam - a modalidade praticada – e a intencionalidade da prática educativa” (FERREIRA, 2009, p. 54). Para isso é necessário coerência entre os elementos que compõem esse conjunto.

A primeira intencionalidade defende que o processo deve garantir o ensino do esporte de forma que o indivíduo possa assistir a ele, praticá-lo e apreciá-lo da melhor forma que lhe for possível; e, fundamentalmente, ensinar a gostar de esporte, contribuindo para formar uma base para que o sujeito pratique bem, onde o foco esteja na manutenção dessas pessoas na prática, até a idade adulta, independentemente de se formarem ou não como atletas.

Faz-se necessário chamar a atenção para essa questão, uma vez que ainda é muito presente a equivocada ideia de encarar o processo de iniciação esportiva apenas como uma

etapa para identificação, seleção e preparação de futuros campeões; como se a iniciação esportiva fosse um ponto de partida de uma única estrada, para um único destino: o esporte de alto rendimento.

Essa é uma visão reducionista e simplista de enxergar a iniciação esportiva e que, muitas vezes propaga, “a falsa crença de que o esporte obedece a um processo linear de desenvolvimento com começo, meio e fim. Ou seja, a priori, uma gênese em que o final da linha é o ideal de atleta pretendido” (SANTANA, 2005, P. 7). Acatamos a colocação do autor, quando aponta que mensagens como essa, tão propagadas ainda hoje, chegam a ser irresponsáveis, pois, explicitam, – ou subliminarmente carregam – a ideia de que há um ponto onde todos deveriam alcançar, e os que não o atingem são incompetentes e fracassados.

São esses posicionamentos que nos levam a indagar:

Quais desdobramentos, quais impactos teriam essas construções na vida de crianças e adolescentes? Podemos motivar nossos alunos com a crença de que as tornaremos campeãs? Isso é legítimo? Quais valores são reforçados a partir dessa perspectiva? Teria relação essa ideia com o significativo número de casos de estresse e de abandono esportivo precoce? Será mesmo esse o papel da iniciação esportiva?

O esporte pode trazer inúmeros benefícios para a vida dos sujeitos que dele se apropria, por qual razão então insistir nessa direção?

[...] defendemos a competição e estudamos sistematicamente estratégias e procedimentos pedagógicos para otimizar e melhorar a inteligência e as múltiplas competências para se jogar... Assistimos e admiramos bons jogos esportivos, por sinal, o espetáculo mais assistido no planeta. Entendemos apenas, como um equívoco brutal, atribuímos ao esporte, apenas um único significado e desejamos desde o processo de iniciação esportiva, um único fim – o de fazermos futuros campeões. O processo de iniciação esportiva não pode ter este como único ou principal fim. Esta não pode ser a finalidade de todo processo, até mesmo porque, apenas uma parcela irrisória de pessoas é que atingirão o profissionalismo. Este pode ser uma de suas consequências, mas nunca sua intencionalidade. Não é justo, não é ético mantermos, como profissionais de educação física (educadores), apenas esta intencionalidade (FERREIRA, 2009, p. 58-59).

Outra intencionalidade está relacionada com a premissa de que há valores educacionais presentes nos diferentes cenários esportivos. Assim, no contexto da iniciação

esportiva com crianças, o esporte, de acordo com o compromisso que defendemos, deve contribuir no processo de desenvolvimento integral dos indivíduos, pois ele transcende o ensino dos elementos do jogo e do esporte.

Trata-se de se preocupar com a condição humana do aluno. As aulas tornam-se espaços de interação social, um ato político. Desse ponto de vista, os educandos, nas interações com o educador e entre si, poderão construir atitudes e valores para sua vida (FREIRE, 2003; SANTANA, 2004; PAES; MONTAGNER; FERREIRA, 2009).

Ao assumir uma concepção de educação que não se restringe ao aprendizado de conteúdos específicos, transmitidos por meio de técnicas e instrumentos do processo pedagógico, Gohn (1994, p. 108) aponta que

a participação dos indivíduos deveria ser feita objetivando o crescimento daquele ser enquanto indivíduo, estimulando o desabrochar de seu potencial humano, de sua individualidade, aspirações e desejos. Ou seja, o amadurecimento de sua personalidade. [Em] nível das ações coletivas, os princípios básicos que deveriam estar presentes são os da tolerância, do respeito à pessoa do outro, da existência de certas regras de civilidade e o uso do método da discussão e da persuasão como forma de estruturar as ações, as reivindicações, as propostas etc. Ou seja, o coletivo deve ser o cenário, o espaço de construção das vontades, através do pluralismo das ideias, de seus confrontos, e da formulação de linhas comuns que possibilitem a canalização das vontades individuais em vontades coletivas.

Podemos continuar trabalhando na defesa de basicamente duas ideias: a primeira, de que o principal papel da educação física e dos processos intencionais de iniciação esportiva é alimentar o esporte de alto rendimento formando atletas campeões, aproveitando determinados momentos para inculcar valores educacionais; ou a segunda, de que podemos encarar os processos intencionais de iniciação esportiva como um precioso momento no cotidiano de milhares de indivíduos, momento esse propício para uma ação eminentemente educativa, voltada ao desenvolvimento integral e harmonioso de crianças e adolescentes, dos quais poucos, em consequência de diversos fatores, poderão se assim desejarem, se tornar atletas profissionais (FERREIRA, 2009).

Essa segunda visão tem ganhado cada vez mais força no campo da Pedagogia do Esporte. Conforme destacam Reverdito, Scaglia e Paes (2013), antes da pretensão de

promover um campeão, deve-se promover o homem em sua infinita potencialidade e complexidade.

Ratificamos a ideia de Bento (1999) de que devemos trabalhar na perspectiva de um processo voltado para “ensinar para o bem” do educando, do educador, da sociedade e do esporte.

Independente do contexto e do cenário onde o esporte se manifeste, em se tratando de iniciação esportiva, para crianças e adolescentes, defendemos sua finalidade como importante facilitador no processo de emancipação e de desenvolvimento integral dos indivíduos.

Além disso, a iniciação esportiva deve priorizar uma educação, que lhes proporcione autonomia para a convivência com a modalidade aprendida, e, para isso, Paes, Montagner, Ferreira (2009) defendem que precisamos oferecer elementos para o educando, futuramente, autogerir sua prática, de forma individual e coletiva, numa perspectiva também de emancipação. O impacto dos aprendizados ligados ao movimento, ligados ao aprendizado das modalidades esportivas, assim como aqueles socioeducativos, não se restringem ao universo esportivo. Esses acompanharão cada indivíduo no seu cotidiano, ao longo de suas vidas.

Um importante objetivo do processo pedagógico se constitui na preocupação constante com a explicitação e construção permanente de valores– a autonomia, o respeito pelo próximo, a ética, a inclusão, a justiça, a dignidade, a criticidade, o empoderamento, o respeito à vida e ao diverso, o pertencimento, a promoção da saúde, a cooperação, a generosidade e a solidariedade. O ambiente esportivo é repleto de possibilidades para a compreensão, a vivência e a construção desses valores.

Desde muito tempo o esporte é considerado um meio válido para adquirir valores como cidadania, perseverança, superação, cooperação, conhecimento dos próprios limites, [autoestima], criatividade, respeito aos demais, tolerância, responsabilidade, controle emocional, autodisciplina, justiça, trabalho em equipe, integridade (BALBINO, 2005, p.62).

Quando são explicitados os valores pretendidos com o processo educativo, possibilita-se um salto qualitativo nas etapas de planejamento, registro e avaliação; favorece-se a construção e consolidação das estratégias metodológicas; fortalece-se o processo de mediação do

ambiente e das relações e contribui-se para a coerência e unicidade do projeto ou programa esportivo.

Para tornar efetivo o processo educativo, é preciso, de acordo com Libâneo (1994), dar-lhe uma orientação sobre as finalidades e meios da sua realização, conforme opções que se façam quanto ao tipo de homem que se deseja formar e ao tipo de sociedade a que se aspira. No contexto das práticas esportivas, essa tarefa, conforme mencionado anteriormente, pertence à Pedagogia do Esporte, como teoria e prática do processo educativo pelo esporte.

Uma vez que o esporte desempenha um papel central na construção e na vivência de valores (BALBINO, 2005, BENTO, 2013), “havendo mesmo quem o situe à frente das instituições família e escola” (BENTO, 2013, p. 125) e influencia na formação e na generalização de estilos de vida, torna-se essencial dedicar esforços para compreender atitudes e valores possíveis de se adquirir no esporte, com profundas ressonâncias na vida dos indivíduos.

Entendemos que esse processo de construção de valores se torna possível – e indiscutível –, no contexto da iniciação esportiva com crianças e adolescentes. Cabe ao educador promover oportunidades para que eles experimentem situações em que os valores almejados sejam vivenciados num ambiente pedagógico propício para a construção e o desenvolvimento de atitudes (SANTANA, 2004; PAES, MONTAGNER, FERREIRA, 2009). Daí nosso esforço em defender uma pedagogia do esporte voltada não somente aos aspectos motores, mas também aos aspectos filosóficos, sociais, psicológicos e cognitivos.

Desse modo, acreditamos que os valores adquiridos na iniciação esportiva, se efetivamente enraizados, serão perseguidos e, constantemente reconstruídos ao longo da vida. O Quadro 4 estabelece uma relação entre os valores desejáveis e as atitudes indesejáveis na perspectiva de elucidar algumas possibilidades de uma educação construída em valores.

Quadro 4 - Educação construída em valores: valores desejáveis e valores indesejáveis

Valores desejáveis	Valores indesejáveis
AUTONOMIA	HETERONOMIA
ÉTICA	OPORTUNISMO (LEVAR VANTAGEM)
INCLUSÃO	EXCLUSÃO
PERTENCIMENTO / EMPODERAMENTO	DEPENDÊNCIA
COOPERAÇÃO / EMPATIA / GENEROSIDADE	INDIVIDUALISMO/EGOÍSMO
RESPEITO À VIDA / PROMOÇÃO DA SAÚDE	DESRESPEITO À VIDA / MAUS HÁBITOS
RESPEITO À DIVERSIDADE	PRECONCEITO

Fonte: elaborado pelo autor.

Como nos lembram Licciardi e Ramos (2012) e com quem concordamos, ensinar valores como a ética, por exemplo, não acontece por meio de verbalismos e lições de moral. É a ação que faz a mediação entre o conhecimento e o meio. Os valores desejáveis só poderão ser construídos se os educandos tiverem a oportunidade de experimentar situações em que a justiça, o respeito, a solidariedade, a cooperação, o diálogo estão presentes (LICCIARDI; RAMOS, 2012). E o educador é o mediador desse processo.

A partir das considerações traçadas nesse capítulo, que indicam a concepção de educação, de cultura e de esporte, adotadas pelos pesquisadores; que sinalizam a linha da pedagogia do esporte assumida; e que perpassa por uma apresentação e defesa da necessidade de explicitar as premissas, intencionalidades e valores pretendidos no contexto da iniciação esportiva, passaremos ao próximo capítulo, ocasião essa na qual a ênfase estará na discussão de como podemos contribuir na efetivação de um processo balizado pelas questões discutidas até esse momento.

CAPÍTULO II

PEDAGOGIA DO ESPORTE: PRINCÍPIOS, PROCEDIMENTOS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS.

2.1. Contribuições da pedagogia do esporte acerca de como educar para e pelo esporte numa perspectiva contemporânea de educação

Todos nós sabemos muito bem qual é o homem que queremos obter. Consequentemente, a dificuldade não está na questão das finalidades, mas na dos meios. Sabe-se o que se deve fazer, mas não se sabe como fazê-lo.

**(Makarenko, 1888 a 1939,
in Poema Pedagógico)**

As ideias apresentadas no primeiro capítulo tiveram como finalidade resgatar e organizar conceitos e pressupostos essenciais para compreensão da Pedagogia do Esporte, tendo como foco suscitar reflexões acerca das intencionalidades educacionais do esporte na infância e na adolescência, a partir de uma perspectiva contemporânea de educação. Para isso foi necessário discutirmos concepções de educação e a sua relação com a cultura.

Assumimos uma posição de que o esporte na vida de crianças e adolescentes deve ter como objetivo central contribuir no processo de educação e de constituição de cidadãos que, no exercício pleno de sua cidadania, podem ou não se tornar atletas (PAES, 2002; FERREIRA, 2009; PAES, MONTAGNER, FERREIRA, 2009).

Neste segundo capítulo, também por meio de revisão bibliográfica, pretendemos traçar reflexões a respeito de elementos pedagógicos que possam contribuir para qualificar e potencializar os processos educativos esportivos intencionais.

As possibilidades de recorte e de colaborações advêm de diferentes áreas do conhecimento e se organizam em distintas disciplinas. Contudo reforçamos que predominam neste estudo as contribuições da área da Pedagogia do Esporte, com destaque nas produções elaboradas por pesquisadores provenientes do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, e ressaltamos que nosso recorte está centrado em explicitar e discutir elementos pedagógicos condizentes com o contexto e com as intencionalidades educativas mencionadas anteriormente.

A organização do escopo teórico em dois momentos se deu por avaliarmos que somente após explicitar o contexto, as intencionalidades e os objetivos é que se torna possível construir, de forma coerente, uma prática pedagógica balizada por princípios, procedimentos e

estratégias pedagógicas claras e condizentes com os fins pretendidos, seja ela pensada e construída por um educador, por um grupo de educadores, e/ou por uma instituição.

No primeiro capítulo, havia duas questões mobilizadoras:

A) Esporte educa?

B) Para que ele educa?

Neste capítulo, a questão mobilizadora é:

Como educar pelo esporte, abordando-o numa perspectiva reflexiva, ética, inclusiva, plural e transformadora?

Conforme visto na epígrafe do capítulo, sabe-se muito bem qual é o homem que queremos formar; a dificuldade não está na finalidade, mas, sim, nos meios.

De acordo com Ramos, Wrege, Vicentin (2012, p. 65-66), inúmeras instituições tem como objetivos explicitados a formação de cidadãos críticos, autônomos, éticos; entretanto, segundo as autoras “é ainda mais corriqueiro que tais objetivos não passem de predisposições bem intencionadas, que ficam apenas escritas em documentos, porque na prática as ações caminham, muitas vezes, no sentido oposto dos próprios ideais” (RAMOS, WREGE, VICENTIN, 2012, p.65 e 66).

Além disso, de acordo com Rodrigues, Darido, Paes (2013), a área da Pedagogia do Esporte tem privilegiado os estudos a partir do referencial técnico-tático, deixando em segundo plano o referencial socioeducativo. Os autores afirmam que, embora existam referências explícitas no que diz respeito à intencionalidade pedagógica e aos conteúdos, há uma carência de estudos e de publicações que indiquem diretrizes e estratégias metodológicas para o desenvolvimento do referencial socioeducativo, bem como uma carência de estudos que tratem dos dois referenciais de forma articulada.

É fundamental investirmos em conhecimentos técnicos que nos permita ensinar e trabalhar o jogo da melhor forma, conhecer suas características, suas exigências, seus fundamentos e sua lógica tática; porém, isso apenas nos permitirá tratarmos do jogo propriamente dito, mas não de todo potencial que temos para transcendermos a partir dele, ou seja, para trabalharmos com as questões ligadas a valores e modos de comportamento, questões ligadas a moral, no caso, a moral autônoma (FERREIRA, 2009, p. 97-98).

Dedicamos esse capítulo à discussão dos meios, apresentando princípios, procedimentos e estratégias pedagógicas pautadas pelas tendências atuais em Pedagogia do Esporte, bem como pelas reflexões acumuladas no campo da Pedagogia. Nosso esforço é contemplar elementos que deem conta de tratar tanto do referencial técnico-tático, como dos referenciais histórico-cultural e socioeducativo, com ênfase nesse último, justamente pela carência mencionada e pela natureza da proposta do estudo.

2.2. Princípios pedagógicos da iniciação esportiva para crianças e adolescentes

Corroboramos a ideia de Bento (2013, p. 135), quando ele descreve que “como nos restantes domínios da vida, o desenvolvimento do desporto não é, nem nunca foi apenas uma questão de quantidade. É essencialmente uma questão de princípios”, essenciais não somente para fomentar a prática, mas para empenhar-se em apropriar-se dela com finalidades e grandezas de qualidade educativa.

Quando se ensina alguma coisa a alguém, quem ensina precisa fazê-lo pautado em princípios balizadores (MONTAGNER, 1999), diretamente relacionados com a intencionalidade do processo pedagógico. Caso contrário, ou seja, se não se levar em conta os princípios, ou se forem pouco claros, difícil será definir os procedimentos pedagógicos e as estratégias e, conseqüentemente, antever como a ação educativa será conduzida. (REVERDITTO et al, 2008; FERREIRA, 2009).

Diferentemente da intencionalidade educativa, que elucida as finalidades, que diz o que se pretende do processo educativo; os princípios pedagógicos dizem respeito às diretrizes balizadoras, aos preceitos, aos alicerces da prática pedagógica que perpassarão todo processo, toda decisão do educador e/ou todo direcionamento da forma de proceder da instituição educativa.

Os princípios serão referências para a seleção de procedimentos e estratégias pedagógicas e metodológicas. Entendemos que devem ser encarados como compromissos pedagógicos dos educadores.

As tendências atuais em Pedagogia do Esporte têm apresentado um conjunto de

princípios fortemente influenciados a partir de novas demandas educacionais e de novas propostas de ação educativa com crianças e adolescentes, em ambientes formais e não formais de educação; sejam eles voltados a programas esportivos, ou a programas educativos que trabalhem, além do esporte, com manifestações culturais de outra natureza.

Embora os princípios sejam selecionados, denominados e organizados de forma diferente por diversos autores (PAES, 2001; 2006; FREIRE, 2003; FREIRE; SCAGLIA, 2003; SANTANA 2004; FERREIRA, GALATTI, PAES, 2005; PAES; BALBINO 2005; PAES, MONTAGNER, FERREIRA, 2009), cada um dos estudos contribui para práticas pedagógicas mais consistentes, reflexivas, coerentes, pois, ao se explicitar os princípios, abre-se o diálogo com os atores envolvidos; possibilitam-se planejamentos mais orientados e qualifica-se a avaliação coletiva do processo pedagógico.

Conforme indicam Paes, Montagner, Ferreira (2009), é papel do pedagogo esportivo não somente explicitar os princípios, mas também avaliar permanentemente, se as atividades propostas e os procedimentos adotados estão cumprindo os objetivos e se há congruência deles com os princípios assumidos no processo.

Uma vez que se tem como intencionalidade contribuir no processo educativo de crianças e adolescentes, tendo o desenvolvimento integral e harmonioso como foco e uma ação educativa pautada por valores como a ética, o respeito mútuo, a inclusão, a criticidade, podemos pensar em explicitar também os princípios pedagógicos condizentes com tais intenções e valores.

Freire (2003) apresenta quatro princípios balizadores do processo de iniciação esportiva com crianças: ensinar esporte a todos; ensinar bem esporte a todos; ensinar mais do que esporte; e ensinar a criança a gostar de esporte. Essa forma de organização didática dos princípios influenciou a prática e o estudo de muitos profissionais do campo da iniciação esportiva.

Na iniciação esportiva, conforme discutido no capítulo anterior, a prática pedagógica não pode atender apenas uma minoria que se destaca por suas competências e habilidades, enquanto exclui a maioria, vista como menos habilidosa e, por essa razão, é privada da rica convivência motora, social e educacional, presentes no ambiente esportivo. Ensinar esporte a todos está sustentado na inclusão como valor.

De acordo com esse posicionamento, Freire (2003) defende que

independentemente do nível de habilidade do aluno, o educador deverá dar-lhe atenção e oportunidades irrestritas para seu desenvolvimento, partindo do pressuposto de que qualquer indivíduo pode aprender esporte, mesmo que para isso sejam necessárias modificações que atendam às necessidades e às características individuais, considerando os domínios: motor, intelectual, social e afetivo.

Ao assumir o compromisso de ensinar esporte a todos, descarta-se a crença de que apenas os melhores, os talentosos, os que nasceram para jogar ou os ditos “normais” reúnem condições para continuar e progredir na prática esportiva (FREIRE, 2003; SANTANA, 2004).

Garantir a oportunidade de participação efetiva para todos os educandos é um importante princípio a ser destacado. Não basta a presença do educando nas atividades propostas, é preciso que ele participe e atue de forma direta e significativa em todos os momentos do processo, nas mais diversas e específicas ações que as propostas apresentadas permitam sua experimentação, seu aprendizado e seu aperfeiçoamento.

Para ensinar bem esporte e a todos, o princípio da acessibilidade torna-se essencial. Acessibilidade não compreendida e restrita apenas aos indivíduos com alguma deficiência. É necessário ter o entendimento da acessibilidade como um princípio em que os desafios e as propostas apresentadas sejam significativas e condizentes com o perfil, características, desejos e possibilidades de todas as crianças, bem como de sua comunidade – se entendermos e avaliarmos que a ação educativa pode contemplá-la.

A segurança dos participantes em todo processo pode ser considerada também como um princípio. Para qualquer ação é necessário avaliar, organizar, propor mecanismos que não coloquem a integridade da criança em risco e pensar também propostas e vivência de situações que ajudem a criança no aprendizado do gerenciamento de riscos (NASSIF; FERREIRA, 2015).

A diversificação é outro princípio que contribuirá para ensinar bem esporte a todos. Diversificar as modalidades que serão vivenciadas; os conteúdos que serão trabalhados; as formas de divisão dos grupos; os posicionamentos técnico-táticos; as metodologias e as estratégias de ensino-vivência e aprendizagem, enfim, ao diversificar, além de possibilitar um aprendizado mais acessível e plural e permitir diferentes formas de convivência e de contato com

as diferenças, evitam-se alguns problemas ainda presentes no contexto da iniciação esportiva, como exemplos a repetição de conteúdos e a especialização esportiva precoce (PAES, 1997, 2001, 2006; FERREIRA, 2009; GALATTI et al, 2013).

A especialização esportiva precoce, caracterizada como a busca por resultados esportivos e pela plenitude atlética em crianças ainda em formação, além de efeito limitado e duvidoso, pode acarretar problemas físicos, psicológicos e morais; reduzir um desenvolvimento que poderia ser plural; comprometer a participação da criança em viver plenamente sua infância, pois pode diminuir sua participação em brincadeiras e jogos do universo infantil, atividades essas essenciais para seu desenvolvimento; comprometer o rendimento escolar devido à grande exigência de acompanhar com êxito a carreira esportiva (PAES, 1992; 2002; KUNZ, 1994; MENEZES, MARQUES, NUNOMURA, 2014).

Esses cuidados são especialmente importantes na iniciação esportiva com crianças, na medida em que pode ser essa uma experiência propulsora do interesse ou, ao contrário, desencadear uma reação negativa, a ponto de afastá-las do ambiente esportivo (GALLATI ET AL, 2013).

Para ensinar a criança a gostar de esporte, e assim, contribuir para que ela conviva com o fenômeno por toda sua vida, entendemos que alguns princípios se tornam essenciais.

O princípio da garantia da participação efetiva mais uma vez se faz presente, pois, uma criança que não está realmente participando das ações do jogo – que não está enfrentando os seus desafios, fazendo escolhas, arriscando, experimentando situações de êxito e de fracasso – dificilmente tomará gosto pelo esporte.

Outro princípio defendido, para ensinar o aluno a gostar de esporte é a importância de se adotar aulas que contenham o máximo possível de ludicidade. O ato de brincar é essencial, principalmente para crianças nos primeiros anos de prática, quando elas ingressam no “esporte formal”, saídas de um contexto permeado de brincadeiras (FREIRE; PAES, 1997). O processo precisa ser alegre, dinâmico, motivante, descontraído e interativo. (PAES, MONTAGNER, FERREIRA, 2009).

Também é questão primordial propiciar atividades e situações-problema

condizentes com as possibilidades e os interesses de cada indivíduo; lançar desafios acessíveis e traçar metas possíveis e coerentes às características dos alunos e ao perfil do grupo, pois se os desafios estiverem muito distantes das reais condições e desejos dos educandos, eles logo perderão o interesse (FERREIRA, 2009).

Esses princípios elucidam uma pedagogia do esporte voltada a uma visão mais humanista, preocupada com quem joga e não somente com o jogo (PAES, 2002), pois mais importante que o jogo são as pessoas que dele se apropriam.

Este conjunto de princípios evidencia também uma importante premissa da iniciação esportiva, por nós defendida: o jogo deve acolher o praticante (PAES, MONTAGNER, FERREIRA, 2009).

A compreensão de que se pode e o compromisso de que se deve ensinar mais do que esporte é uma ideia central da proposta desse estudo – falamos da ideia de educar pelo esporte, ou seja, de educar tendo o esporte como meio, como facilitador desse processo.

Nessa perspectiva é necessário estabelecer relações pessoais de solidariedade, companheirismo, cooperação, empatia, ética, empoderamento e autonomia, para o desenvolvimento de um jogo coletivo e da convivência respeitosa do grupo. O ambiente esportivo está cercado de oportunidades ricas para se estabelecer metáforas com a vida. A partir de situações experienciadas no jogo, conseguimos relacionar e transcender esses valores para situações da vida cotidiana (PAES; MONTAGNER; FERREIRA 2009). De acordo com esses autores, seja como aluno, atleta ou espectadores, faz-se necessário levar os indivíduos a se relacionarem com o fenômeno esportivo de forma permanente, despertando a consciência para uma vida ativa, onde a prática de atividades físicas esteja inserida no cotidiano, ao longo de sua vida.

Por essa razão defendemos a importância de despertar o prazer e o interesse pelo esporte em diversos níveis e preparar os educandos a conviver com o fenômeno esportivo de forma reflexiva e autônoma. Para os autores anteriormente mencionados, essas questões tornam-se possíveis quando levamos em consideração as múltiplas possibilidades do esporte e ajudamos os educandos a compreender seus diferentes significados e suas diferentes manifestações.

Além de princípios, a literatura vem propondo a utilização de um conjunto de

procedimentos que tem como objetivo tratar pedagogicamente a relação entre a modalidade esportiva praticada, os sujeitos que jogam, o ambiente esportivo e a intencionalidade educativa. É a respeito disso que nos debruçaremos no próximo tópico.

2.3. Procedimentos pedagógicos

Ancorados em Paes (2002), reforçamos a importância das propostas em pedagogia do esporte considerarem o referencial socioeducativo, uma vez que sua apropriação contribui para evidenciar e tematizar os significados sociais implícitos às práticas esportivas, permitindo ao educando, dentre inúmeras possibilidades, “reconhecer e repudiar as injustiças, os preconceitos, a violência e, por outro lado, participar das práticas esportivas com atenção para a diversidade cultural, a ética das relações, entre outros valores...” (RODRIGUES, DARIDO, PAES, 2013, p. 336).

Nessa perspectiva, o cenário da iniciação esportiva é repleto de oportunidades de intervenção. Uma atitude preconceituosa durante a aula, por exemplo, pode sensibilizar e promover abertura para discutir o tema “preconceito” e iniciar um diálogo sobre o respeito, sobre as diferenças e sobre a individualidade.

Conforme mencionado no capítulo anterior, é necessário ter a clareza de que a Pedagogia do Esporte vai além da discussão dos métodos de ensino e de treinamento. Ela é muito mais complexa, pois compreende o diálogo com o sistema humano, com os objetivos, princípios, comunicação, conteúdos, sensibilidade e estratégias que compreendem todo contexto onde se desenvolve a prática esportiva (SANTANA, 2003).

Para atender a essa complexidade, Ferreira (2004, 2009) propõe uma Pedagogia do Esporte estruturada em diversos pilares, cujos procedimentos pedagógicos cumprem um papel de destaque. Esse autor define os procedimentos pedagógicos como:

toda ação consciente, intencional, toda intervenção pensada, planejada e organizada previamente pelo professor, para otimizar o processo de ensino-vivência-aprendizagem da prática esportiva e que, concomitantemente, tenha como objetivo à melhoria do ambiente esportivo para propósitos educacionais/formativos (FERREIRA, 2009, p. 74).

Paes, Montagner, Ferreira (2009, p. 12) vão um pouco mais além, acrescentando que os procedimentos pedagógicos “referem-se ao conjunto de ações que visam não só os aspectos do movimento, mas também os aspectos socioeducativos do esporte, ou seja, que potencializam as possibilidades educacionais, contribuindo para a formação integral dos indivíduos”, preparando-os para conviver na sociedade de forma a exercer sua cidadania⁶ (FERREIRA, PAES, GALATTI, 2006).

Assim como fizemos com os princípios, reunimos um conjunto de procedimentos pedagógicos defendidos e discutidos pelas tendências atuais em Pedagogia do Esporte. O exercício de selecionar e reunir procedimentos pedagógicos foi feito por Ferreira (2009), quando investigou a pertinência e a frequência da aplicação deles no contexto da iniciação esportiva com crianças e adolescentes, na modalidade basquetebol, pesquisando também as razões pelos quais eles eram ou não utilizados nas aulas. Valeremo-nos dessa seleção.

Não podemos considerá-los como os únicos ou os mais importantes procedimentos necessários para se ensinar esporte. Pesquisadores com outros princípios, outra intencionalidade, outros propósitos poderiam destacar outros ou os mesmos procedimentos, mas descrevê-los de formas diferentes. Não é correto considerar também, que a não aplicação deles implique uma avaliação depreciativa do processo educativo.

Contudo, conhecê-los, experimentá-los, refletir sobre suas contribuições e investigar os impactos de sua aplicação é um campo fértil da ciência esportiva.

Além disso, os procedimentos pedagógicos selecionados na pesquisa,

por serem mais flexíveis e criteriosos contribuem para que se respeite a individualidade e os interesses do aluno; exigem dos alunos a criação de respostas aos inúmeros e imprevisíveis problemas impostos pelo jogo; contribuem para o desenvolvimento integral e harmonioso de seus praticantes e, concomitantemente a todos esses benefícios; favorecem o desenvolvimento da [autoestima]; privilegiam o convívio social e o

⁶ É preciso ir além do sentido de cidadania identificado com os direitos individuais. O que mais fortemente caracteriza a cidadania é a dimensão ativa e social, que corresponde à afirmação e à ação do sujeito coletivo na construção da sociedade. Dizer que o social prevalece sobre o individual é chamar a atenção para as contradições, os conflitos de interesse, o interjogo ideológico, político, enfim, para as complexas forças que atravessam uma sociedade concreta. Sobrinho (2007, p. 160). O exercício da cidadania pressupõe a liberdade, a autonomia e a responsabilidade, fica evidente que se constitui um dever dos cidadãos participar na organização da vida social. Essa organização deve assegurar a todos o exercício da liberdade e da responsabilidade (RODRIGUES, 2001).

aprendizado de valores morais, tais como o respeito mútuo, a ética, a justiça, a cooperação e a solidariedade” (FERREIRA, 2009, p. 100).

Uma vez definida a intencionalidade educativa do processo pela comunidade educadora, torna-se mais fácil determinar as linhas de ação e explicitar os resultados esperados, conseqüentemente a proposta elaborada pelo grupo será mais qualificada, pois passa a ter mais sentido, mais significado. Nessa direção, fins dialogados e coerentes aos grupos são um dos primeiros passos para uma ação eficaz.

Os procedimentos contribuem nesse processo para oferecer os meios pelos quais os objetivos poderão ser mais bem alcançados. Alguns são tradicionais, padronizados, estudados, validados cientificamente, entretanto há outros espontâneos, que despontam durante o processo e que, muitas vezes, respondem a questões que os procedimentos sinalizados não dariam conta.

Esses procedimentos aqui denominados como “espontâneos” podem advir tanto do educador como do educando. Podem nascer de uma reflexão individual ou coletiva, diante de uma roda de conversa ou da reflexão em virtude de uma situação de conflito. O importante é que sua aplicação possa assegurar as motivações individuais e coletivas, que possa responder as questões apresentadas e estimular a dinâmica interna e externa, a fim de que as forças melhor se integrem e se dirijam para os objetivos do grupo, atreladas, claro, à intencionalidade educativa do processo.

Um primeiro procedimento que destacaremos aponta para a importância de **propiciar aos educandos momentos de reflexão e diálogo**. É essencial garantir momentos para que eles possam refletir e discutir acontecimentos tanto de ordem técnico-tática, como de ordem moral, como posturas agressivas e desrespeitosas entre as crianças, atitudes preconceituosas, uma injustiça presenciada, o não cumprimento de um combinado, um ato de generosidade, uma decisão justa etc.

No processo de construção de valores morais “o diálogo é considerado o elemento central para provocar o conflito cognitivo que conduza o aluno a um estágio moral superior, ou seja, desenvolver-se eticamente” (TARDELI, 2012, P. 126).

Licciardi e Ramos (2012, p. 35) indicam, para o desenvolvimento da autonomia moral, a necessidade de se garantir ambientes nos quais os educandos tenham oportunidade de trabalhar a expressão dos seus sentimentos e a resolução dos conflitos interpessoais por meio do diálogo; para isso, “é preciso oferecer, nas instituições educativas, oportunidades frequentes para a realização de propostas de atividades sistematizadas que trabalhem os procedimentos de educação moral, tais como assembleias, discussão de dilemas, narrativas morais etc.”.

Essa ação favorece a tomada de consciência e espera-se assim, que as situações adversas do ambiente esportivo possam se converter em ricas e significativas experiências, não somente para o jogo, como também para suas vidas.

Santana (2003) defende que esse procedimento deve partir de elementos concretos, ou seja, de situações experienciadas pelo grupo, e chama a atenção para a necessidade de não restringir esses momentos somente para discussão de conflitos, mas também para promover o diálogo sobre atitudes e condutas positivas, como atos de gentileza, solidariedade, justiça e respeito. De acordo com Freire e Scaglia (2003), o conflito, pedagogicamente tratado, conduz o conhecimento de braços e pernas para o plano da reflexão. “Não é possível formar para a generosidade sem que os alunos possam falar entre si, sentar em grupos, discutir diferenças” (TOGNETTA; VINHA, 2010, p. 461). O procedimento fará mais sentido e trará mais benefícios, na medida em que as crianças e os adolescentes sejam os protagonistas do diálogo. É esse protagonismo que possibilitará, de fato, a tomada de consciência e a autonomia para resolução de problemas e os encaminhamentos necessários, bem como inteligência para leitura do jogo e tomada de decisão individual e coletiva.

O fato de serem protagonistas não exclui a participação do educador, entretanto o papel dele é outro, ele será responsável pela mediação da reflexão e do diálogo, suscitando problemas, aguçando a curiosidade, semeando questionamentos, apontando alternativas.

Tais estratégias indicam para uma participação ativa e protagonista da criança nos treinos, pois, o professor atua como um mediador do processo de ensino, vivência e aprendizagem proporcionando momentos para que os praticantes possam interagir entre si, discutir, refletir, experimentar e avaliar todo o contexto da aula, contribuindo para a sua formação plena, pois eles têm a oportunidade de vivenciar as atividades – motor; refletir e discutirem grupo – afetivo-social; e tomar decisões – cognitivo (ANTONELLI

et al, 2012, p. 59).

Os educandos, ao interagirem diante das atitudes e dos conflitos ocasionados no ambiente esportivo estabelecem trocas, e a discussão dessas experiências, auxiliada pelos apontamentos e questionamentos do educador, colabora para que o grupo tome consciência do que faz, conseqüentemente contribuirá para uma futura mudança nas ações, nas atitudes, no jogo e na vida, uma vez que, no plano da consciência, os aprendizados poderão se estender às mais diferentes situações (SANTANA, 2003; FREIRE, SCAGLIA, 2003; FERREIRA, 2009).

A criação de situações que envolvem tomadas de decisão, a construção de soluções em conjunto, o estímulo à iniciativa dos educandos e a corresponsabilidade deles no processo de resolução dos problemas são também questões relacionadas ao processo de participação (CAVALARI, SANTANA, CARVALHO, 2006), princípio pedagógico defendido anteriormente.

Outro procedimento pedagógico selecionado para este estudo defende a necessidade de **planejar o processo de ensino-vivência-aprendizagem**.

De acordo com Libâneo (1994), o planejamento compreende a previsão das atividades que serão construídas em termos de organização e coordenação diante dos objetivos propostos. Ele permite a revisão e a adequação do processo pedagógico e pode ser considerado como um pressuposto para se programar as ações educativas e como um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação.

O planejamento precisa ser objetivo, flexível e coerente. Flexível, pois, embora o processo esteja definido no planejamento, a realidade está em movimento, de forma que o plano está sempre sujeito a alterações (LIBÂNEO, 1994). Coerente, porque o planejamento precisa ser realista, ou seja, deve expressar resultados de aprendizagem e construções realmente possíveis de se atingir no tempo que se dispõe e nas condições em que se dá o processo de ensino-vivência e aprendizagem.

Os educandos estão cercados de questões, desejos, saberes, competências, medos, sonhos, histórias. É preciso reconhecer e acolher suas individualidades.

Nesse contexto, desenvolver estratégias dialógicas para a construção

participativa das ações educativas e valorizar a cultura local são aspectos balizadores do planejamento (NASSIF; FERREIRA, 2014).

Libâneo (1994) defende, ainda, algumas competências do educador que podem qualificar esse procedimento e aponta funções do planejamento no processo pedagógico.

O Quadro 5 reúne uma síntese das competências do educador e das funções do planejamento no contexto da iniciação esportiva.

Quadro 5- Competências do educador e funções do planejamento na iniciação esportiva

COMPETÊNCIAS DO EDUCADOR	FUNÇÕES DO PLANEJAMENTO
Compreensão e conhecimento para relacionar as situações cotidianas do ambiente esportivo com objetivos socioeducativos.	Explicitar princípios, diretrizes, procedimentos e estratégias de trabalho docente que assegurem a articulação entre as tarefas do ambiente esportivo e as exigências do contexto social e do processo de participação democrática e clara, da essência do jogo.
Domínio dos conteúdos ensinados e capacidade de relacioná-los com outros momentos da vida do educando.	Expressar os vínculos entre o posicionamento filosófico, político-pedagógico e as ações efetivas que o educador irá realizar na mediação do processo pedagógico, por meio de objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas do ensino/experimentação.
Capacidade de selecionar, organizar e sistematizar os conteúdos a serem desenvolvidos, ao longo de um período determinado, seja ele mensal, semestral, anual, ou ainda referente a uma unidade de aula.	Assegurar a racionalização, a organização e a coordenação da ação pedagógica, de modo que a previsão das ações docentes possibilite ao educador a realização de um ensino de qualidade e evite a improvisação e a rotina.
Capacidade de diagnosticar as competências de cada educando e do grupo de alunos, além de	Prever objetivos, conteúdos e métodos a partir da consideração das exigências postas pela

<p>identificar as características físicas, sociais, culturais, emocionais e comportamentais de cada educando do grupo.</p>	<p>realidade social, do nível de preparo e das condições socioculturais e individuais dos educandos.</p>
<p>Conhecimento de diversificados métodos de ensino e de procedimentos pedagógicos, para escolhê-los e adequá-los aos conteúdos e às características dos educandos.</p>	<p>Assegurar a unidade e a coerência da ação pedagógica, uma vez que torna possível inter-relacionar, num plano, os elementos que compõem o processo de ensino: os objetivos (para que ensinar), os conteúdos (o que ensinar), os educandos e suas possibilidades (a quem ensinar), os métodos e técnicas (como ensinar) e a avaliação, que está intimamente ligada aos demais.</p>
<p>Atenção e flexibilidade para alterar o planejamento quando necessário, seja para acolher uma demanda individual ou de mais integrantes do grupo.</p>	<p>Atualizar o conteúdo do plano sempre que for revisto, aperfeiçoando-o em relação aos progressos feitos no campo de conhecimentos, adequando-os às condições de aprendizagem dos educandos, aos métodos, técnicas e recursos de ensino que vão sendo incorporados na experiência cotidiana.</p>
<p>Capacidade para construir ferramentas de registro que sejam coerentes com o plano proposto.</p>	<p>Facilitar a preparação das aulas: selecionar o material didático em tempo hábil, saber que tarefas os educadores e educandos devem executar, replanejar o trabalho diante de situações novas que podem aparecer no decorrer das aulas</p>

Fonte: Ferreira (2009)

Outro procedimento pedagógico que tem sido apontado entre muitos

profissionais e pesquisadores alinhados às atuais tendências da iniciação esportiva preconiza a necessidade de **diversificar as estratégias de ensino-vivência e aprendizagem**. É vital propor a prática dos conteúdos pedagógicos em contextos variáveis, solicitando problemas e formas de execução diversificadas, assim como é necessário estimular e propiciar vivências diversas que permitirão aos educandos compreender e experienciar os problemas do jogo, a partir de qualquer uma das posições táticas que venham a vivenciar no jogo, sejam elas ofensivas, defensivas ou de transição.

Paes (1997, 2006, 2008) defende que a aplicação desse procedimento permite uma vivência rica em estímulos e situações-problema variadas, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento de múltiplas competências. A diversificação não só garante uma formação esportiva plural, como evita a especialização esportiva precoce.

Conforme mencionado anteriormente, a especialização precoce, além de efeito limitado e duvidoso é um procedimento insensato, pois pode acarretar uma série de problemas físicos e psicológicos.

A prática da iniciação esportiva não pode se resumir a revelação de atletas e a procedimentos voltados a essa finalidade. A criança precisa ser inserida na cultura do fenômeno esportivo e, graças a um adequado processo de ensino-vivência e aprendizagem, ser levada a conhecer e a desfrutar das diferentes práticas. Esse processo possibilita sua convivência permanente com a prática de esporte, nos mais diferentes papéis e nos múltiplos cenários possíveis (GALATTI, 2010).

Para isso, não basta um bom planejamento das atividades e da ação pedagógica; “é necessário ampliar o currículo proposto na prática esportiva, valorizando a diversificação” (GALATTI et al, 2013, p. 82), fundamentalmente na iniciação, quando o esporte, apresentado à criança, tanto pode despertar o prazer e interesse, quanto saturar o indivíduo e afastá-lo precocemente do universo esportivo. O quadro 6, construído por Galatti et al, (2013), reúne as principais estratégias pedagógicas elaboradas a partir de conceitos de Ferreira, Paes e Galatti (2005), Paes, Montagner e Ferreira (2009), Ferreira e De Rose (2010).

Quadro 6: Estratégias de ensino no esporte

EXERCÍCIOS ANALÍTICOS	Vivência e aperfeiçoamento de um único gesto motor específico, sem preocupação em contextualizá-lo taticamente.
EXERCÍCIOS SINCRONIZADOS	Combinação de dois ou mais fundamentos em um mesmo exercício, sem a oposição direta com adversários.
BRINCADEIRA	Atividades lúdicas comuns na cultura popular infantil inseridas na aula/treino a partir de seu objetivo, podendo ser adaptadas ou criadas para se aproximar da modalidade em questão. Tendem a facilitar a vivência dos fundamentos de forma prazerosa e lúdica, além de possibilitar a relação do fundamento com aspectos da lógica da modalidade.
JOGOS PRÉ-ESPORTIVOS	Jogos que expressam a lógica da modalidade, ou ações motoras presentes nela, com forte componente lúdico.
SITUAÇÕES DE JOGO	Dentro da regra da modalidade a simulação de situações reais, em espaços oficiais ou adaptados. No caso das modalidades coletivas, podem ser de igualdade numérica (1x1, 2x2, 3x3, 4x4) ou de desigualdade numérica (2x1, 3x2, 4x3, 2X3 etc.).
JOGOS REDUZIDOS –	Jogos usados em modalidades de natureza aberta com oposição de adversários, em que o espaço e/ou o número de alunos/jogadores são reduzidos e que mantém, integralmente, as características e a lógica tático-técnica da modalidade, ainda que com materiais adaptados. Pode-se também trabalhar com regras simplificadas e adaptadas, desde que se mantenha a presença de adversários, a finalização e a estrutura tática. Tende a proporcionar ao jogador uma participação mais efetiva no jogo, grande frequência de contatos com o implemento da modalidade e reduzidas chances de atitudes passivas, além de oportunizar melhor leitura do jogo ao reduzir os elementos a serem observados.
JOGO FORMAL	Trata-se do desenvolvimento da modalidade como ela é, pautada por orientações e recortes específicos advindos da intencionalidade do educador/processo.

Fonte: Galatti et al, (2013)

Além da diversificação de estratégias pedagógicas, outro procedimento fortemente defendido pelas tendências atuais em Pedagogia do Esporte aponta para a importância em **priorizar, no processo de ensino-vivência-aprendizagem esportiva, a utilização do jogo e de situações-problema**, principalmente em modalidades esportivas de natureza aberta, ou seja,

em modalidades cujas decisões tático-técnicas não são previsíveis, e, em parte, as execuções estão condicionadas ao momento único e particular do jogo, que ditam o tempo e o espaço das ações dos jogadores.

Um trabalho centrado em tarefas não contextualizadas com a realidade da modalidade “diminui a possibilidade da formação de um jogador inteligente, pois os movimentos estão descontextualizados da prática e não estimulam a tomada de decisão do aluno, uma vez que ele apenas precisa repetir movimentos” (MACHADO et al, 2012, p. 171).

Os jogos representam uma atividade lúdica, no qual o desejo e o interesse dos participantes centram-se na sua própria ação; envolvem a competição e o desafio que mobilizam o jogador a conhecer seus limites e a buscar oportunidade de superá-los, o que amplia a confiança e a coragem para arriscar (GRANDO, 1994).

A possibilidade de competir presente nos jogos, quando tratada de forma adequada, sem valorização exacerbada do resultado, pode promover a alegria e o prazer de uma ação que nunca se repete, pois a incerteza presente no jogo pode atuar como um fator de motivação, despertando cada vez mais o interesse pela prática. (PAES, 2002; PAES, MONTAGNER, FERREIRA, 2009). Estes autores estão convencidos de que, como recurso metodológico, o jogo não só proporcionará aos educandos o gosto pela prática, como também permitirá a apropriação e a vivência tanto dos aspectos físicos, quanto dos aspectos tático-técnicos das modalidades.

Antonelli et al (2012, p. 55) aponta que “o ensino por meio de jogos tende a ser motivante, pois além de ser componente presente na cultura infantil, proporciona ao aluno uma aprendizagem significativa na medida em que ele é o protagonista no cenário da educação”.

Além dos componentes lúdicos e da diversão presente nessa estratégia, os educandos se encontram diante de situações que demandam suas próprias tomadas de decisões, conseqüentemente vivenciam diferentes ações motoras para resolver os problemas que o jogo lhes impõe.

Segundo Licciardi e Ramos (2012, p. 33), para o desenvolvimento da autonomia é necessário incentivar os educandos a realizar por si mesmos tudo aquilo que já são capazes, garantindo a oportunidade “de realizar escolhas, tomar decisões, resolver seus

problemas e expressar-se livremente”. O jogo, por si só, favorece esses elementos. Por meio dele, as crianças podem ainda explorar o mundo e suas possibilidades de maneira espontânea e divertida (CAETANO, 2014).

Tais questões, aliadas com seu caráter de totalidade, compreende, concomitantemente, aspectos morais, sociais, estéticos, emocionais e cognitivos, que lhes permitem o aprofundamento do saber dizer, saber fazer, tomar decisões, correr riscos, antecipar, encontrar razões ou regularidades, enfim possibilitam um aprendizado de forma mais significativa e autônoma, (FREIRE, SCAGLIA, 2003; ANTONELLI et al, 2012) contribuindo para que os jogadores saiam mais inteligentes de corpo inteiro (SANTOS, SCAGLIA, 2007).

Priorizar estratégias que estimulem, no educando, a inteligência da lógica tático-técnica do jogo, em oposição à ênfase apenas na técnica da modalidade, tem sido um dos procedimentos pedagógicos mais defendidos pelas recentes pesquisas sobre metodologias de ensino de esporte, sobretudo aquelas voltadas ao contexto das modalidades coletivas. “Saber executar uma habilidade técnica sem compreender a razão da sua escolha não tem sentido; do mesmo modo, compreender o jogo, mas não ter habilidade para colocar em prática a decisão tomada é insuficiente para ser eficaz” (MESQUITA, 2013, p. 107).

Essa abordagem parte na defesa de que os praticantes, mais do que reproduzir certos gestos esportivos, precisam comportar-se ativamente no jogo, compreender as razões de fazer determinados movimentos, a fim de criar ações táticas individuais e reagir intencionalmente para modificar a evolução de uma situação do jogo, num sentido favorável para si e para sua equipe, uma vez que as técnicas surgem em função das questões táticas do jogo, e essa última é que caracteriza a capacidade do jogador relacionar as alternativas e os planos de ação próprios e do adversário e assim utilizá-los em uma forma adequada para obter êxito (GARGANTA, 1995; GRECO, 1995; GRAÇA, 2002).

Face ao jogo, o problema primeiro é de natureza tática, isto é, o praticante deve saber *o que fazer*, para poder resolver o problema subsequente, o *como fazer*, selecionando e utilizando a resposta motora mais adequada. Tal exige, então, que os praticantes possuam uma adequada capacidade de decisão, que decorre de uma ajustada leitura do jogo, para poderem materializar a ação através de recursos motores específicos, genericamente designados por técnica (GARGANTA, 2002, p.1, grifos do autor).

Nas últimas três décadas, as perspectivas no campo da Pedagogia do Esporte vêm apresentando uma série de estratégias que dão maior relevância aos aspectos cognitivos, à tomada de decisão e à dimensão tática (RAMOS et al, 2006), aspectos estes historicamente negligenciados tanto na pesquisa como no ensino no interior das universidades.

Embora já sejam visíveis os avanços promovidos pelas ciências do esporte no campo da prática pedagógica com crianças, constata-se ainda o uso de metodologias e de estratégias de ensino-vivência e aprendizagem esportiva, marcadas prioritariamente pelo ensino da técnica e, não raro, descontextualizadas da sua lógica tática. Assim, não obstante existam avanços teóricos e práticos, é preciso investir em ações que modifiquem de forma mais contundente essa questão.

Outro procedimento pedagógico investigado no estudo mencionado acima e também muito defendido pelas tendências atuais em Pedagogia do Esporte aponta para a necessidade de **produzir modificações na estrutura do jogo**.

Quando aplicamos modificações e variações nas estruturas de um jogo, por mais simples que sejam, elas irão alterar consideravelmente toda a organização de sua unidade complexa, e, muitas vezes, essa alteração em sua estrutura poderá favorecer uma maior apropriação, envolvimento e aprendizagem do educando, além de assegurar que as intenções e os princípios pedagógicos preconizados pelo educador, em seu plano de trabalho, sejam contemplados no decorrer do processo.

A “desordem” ocasionada pela modificação da estrutura de um jogo, por menor que ela seja, colocará diante do educando novos desafios, o que o levará a buscar, no plano cognitivo-motor, estabelecer uma nova ordem, (REVERDITO; SCAGLIA, 2007), possibilitando assim, novos aprendizados.

No que diz respeito à intenção de contemplar princípios pedagógicos da iniciação esportiva, estamos convencidos de que, ao restringirmos, por exemplo, a possibilidade de uma determinada ação tático-técnica; ao diminuirmos o número de jogadores no jogo; ao acrescentarmos uma bola e o número de alvos, cooperaremos para que princípios como a garantia da participação efetiva, a acessibilidade, a diversificação, a segurança e a motivação do aluno sejam vivenciadas e mais: com possibilidades de fazê-las em concordância com a essência da

modalidade. (FERREIRA E PAES, 2004; FERREIRA, 2009).

Corroboramos com a ideia de Scaglia (2003), quando defende que, para intervir no processo de construção, aprimoramento e modificação de jogos e para potencializar aprendizagens tático-técnicas, bem como as socioeducativas, é fundamental conhecer e compreender a diversidade de possibilidades de apropriação.

O Quadro 7 apresenta algumas possibilidades de modificações na estrutura dos jogos, tais como alterações em suas regras e espaços; variações no número e na atuação de jogadores; modificações das especificações e das quantidades dos materiais e variações no tempo.

Quadro 7- Exemplos de elementos modificáveis do jogo

REGRAS
Alterar os sistemas de pontuação
Restringir ou reforçar a utilização de determinadas ações motoras, de fundamentos ou de determinadas ações táticas
Determinar o número e as formas de contato com os implementos do jogo, tais como a(s) bola(s); discos, fitas, bastão, raquetes,
Eliminar ou acrescentar regras
ESPAÇO
Alterar as dimensões do espaço de jogo, que pode ser definido como um campo pedagógico onde não haja uma preocupação em manter as medidas oficiais (da quadra, campo, tatame, piscina, pista etc.); e sim com as diversas possibilidades de adaptação.
Modificar a altura, a dimensão, a forma, a profundidade, o tamanho ou o número de alvos.
Restringir áreas jogáveis, onde não se pode ter contato, ou de onde não se pode realizar determinados gestos motores
Incorporar e/ou delimitar zonas específicas para determinadas ações tático-técnicas, tais como recepção de bola, cortadas, golpes, cortadas, giros, passagem de implementos, finalizações; assim como alternância das zonas defensivas e ofensivas.
NÚMERO E ATUAÇÃO DE JOGADORES
Aumentar ou reduzir o número de jogadores em uma determinada equipe/atividade.
Determinar, limitar ou ampliar ações que serão permitidas a cada jogador.

Determinar áreas onde cada jogador pode atuar e especificar a função de cada um dentro dessas áreas
ESPECIFICAÇÕES E NÚMERO DE MATERIAIS
Variar as dimensões, as cores, a textura, ou o número de implementos.
Incluir materiais como arcos, cones, cordas, coletes, cadeiras, colchões, bastões, fitas, lenços, bolas variadas, raquetes, protetores, redes, alvos, pesos, implementos de resistência.
Introduzir a utilização de recursos que trabalhem com distintos níveis de envolvimento, por meio, por exemplo, da utilização de imagens, sons, desenhos e histórias.
TEMPO
Limitar o tempo para a realização de determinadas ações.
Trabalhar a relação entre situações específicas de jogo com o tempo do jogo e com o tempo de ações determinadas.
Utilizar mecanismos que determinem o ritmo do jogo.

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Esse conjunto de possíveis adaptações, além de favorecer a participação efetiva de todos os jogadores envolvidos, contribui ainda para tornar o jogo mais divertido, envolvente e dinâmico; possibilita o estímulo e a experimentação de situações específicas do jogo; permite trabalharmos com o grau de previsibilidade e de imprevisibilidade da proposta e pode também interferir na emoção e no envolvimento dos participantes.

Podemos não só promover modificações na estrutura dos jogos utilizados no processo de ensino-vivência-aprendizagem, como promover modificações nas formas de competir.

Nessa perspectiva, **propiciar a participação permanente dos educandos, em atividades competitivas não formais**, constitui-se um procedimento essencial das tendências atuais em Pedagogia do Esporte.

Em oposição à participação em torneios e campeonatos institucionalizados por sistemas de disputas rígidas, criadas e regidas por determinações externas ao grupo de participantes, é crescente a defesa e a promoção, dentre outros, de jogos amistosos de integração, torneios com regras adaptadas e a organização e a participação em festivais esportivos.

Diz-se que a competição esportiva é definida como um aparelho ideológico que preserva os fundamentos da sociedade capitalista; que a competição esportiva desenvolve o individualismo e propõe a eliminação dos mais fracos; que é uma prática elitista. Diz-se que a competição esportiva é responsável pela difusão de valores que se opõem à solidariedade, à cooperação, à amizade. Alguns filósofos anunciam, de forma radical, que no esporte a presença da competição impõe a opressão do rendimento e elimina a alegria do lúdico. Não é o esporte que apresenta e ensina às crianças o sentido de concorrência e da competição, são as crianças que, ao desenvolverem estes sentidos, por volta dos cinco, seis anos, podem encontrar no esporte uma forma regrada, cooperativa e solidária de praticá-lo com altivez e elevado padrão moral. É evidente que, se construídos sobre princípios éticos e morais, as competições esportivas e os desafios constituem alicerces seguros sobre os quais se pode edificar uma pedagogia vocacionada para a formação integral de crianças e adolescentes (GALATTI et al, 2010, p. 49-50).

O problema não está na competição esportiva, mas, sim, geralmente naqueles que a promovem e estabelecem suas finalidades. Quando marcada por eventos que adotam a mesma organização dos realizados para adultos, em que prevalecem modelos de competição eliminatórios e confrontos desequilibrados entre equipes, que não promovem a igualdade de oportunidades para participar, acabam por expor de forma negativa os participantes, reforçando o ideário do ganhar a qualquer custo e condicionando o sucesso apenas à obtenção de bons resultados (PAES, 1997; SCAGLIA; MONTAGNER; SOUZA, 2001; REVERDITO et al, 2008; REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2013).

Tal como acontece no desporto que é feito pelos adultos, o problema não está na competição e sim nos adultos que a organizam, estabelecendo normas e regras que valorizam somente os vencedores. O desporto infantil não deve ser orientado para se fazer campeões, pois este é objetivo das competições para os adultos. Obrigar a criança a ser campeã é a mesma coisa que obrigar a criança a trabalhar numa fábrica e exigir-lhe rendimento. Deve proporcionar torneios e jogos e, com este procedimento, oferecer maiores possibilidades e oportunidades de sucesso (PAES, 1997, p.29).

Já os eventos competitivos não formais possibilitam a flexibilidade em suas regras; permitem que não haja eliminação de nenhuma equipe; favorecem que todos, independentemente do grau de habilidade, joguem um tempo mais generoso que nas competições formais, ou seja, as competições esportivas não formais, “por terem regras livremente concebidas pelos seus organizadores e/ou participantes, se torna mais flexível às adaptações que atendam as

necessidades, interesses e possibilidades daqueles que jogam” (FERREIRA, 2009, p. 92), oportunizando experiências desafiadoras que contribuem para afirmar suas competências e servindo como marco para sua auto avaliação (REVERDITO et al 2008, 2013).

Esses apontamentos não esgotam a necessidade permanente de propormos e refletirmos sobre novos formatos e modelos de competição para crianças e adolescentes.

Indicam, sim, elementos importantes para fomentar organizações e formatos de encontros esportivos mais inclusivos, com igualdade de oportunidades de tempo para competir e de equilíbrio entre os desafiantes, aspectos que garantirão uma participação mais efetiva de todos; com uma forte presença de ludicidade; com um conjunto de regras e dinâmicas condizentes às competências e desejos das crianças envolvidas; e, por fim, com desafios repletos de possibilidades de êxito e sensação de bem estar (FERREIRA, 2009).

Avaliar o processo de ensino-vivência-aprendizagem integra o conjunto de procedimentos pedagógicos defendidos não somente pelas tendências atuais em Pedagogia do Esporte, como pelos mais diversos campos da educação.

Por meio da avaliação é que se verifica a consonância entre os objetivos propostos e os resultados do processo pedagógico. Esse procedimento auxilia as tomadas de decisão do educador e possibilita a readequação permanente do planejamento.

Avaliar é uma atividade intrínseca e indissociável a qualquer tipo de ação que vise provocar mudanças. Por ser reflexão da ação educativa, podemos inferir que a avaliação torna-se a possibilidade de superação da própria ação e que, se permanente, provocará mudanças na ação educativa rumo à efetivação de sua intencionalidade (FERNANDES; BARREIRO, 2003).

A organização dos resultados obtidos pela avaliação podem qualificar o *feedback* dado aos participantes; otimizar as trocas entre todos os integrantes do processo e contribuir para a análise e a autocrítica tanto dos educandos quanto dos educadores e, desta forma, propiciar mudanças efetivas.

Por meio da autocrítica, os envolvidos serão capazes de reconhecer suas fragilidades e de procurar saná-las. Desse modo, de acordo com Rocha (2004), a avaliação deixa de ser um enumerar de erros e acertos sem significado ao educando, para ser um momento de

crescimento pessoal no plano cognitivo-afetivo. Isso se torna mais efetivo na medida em que os educandos são incitados a perceber seus progressos e estimulados a novos desafios.

Em consonância com essa perspectiva, Licciardi e Ramos (2012, p. 30) acrescentam que

as avaliações devem ter como objetivo a tomada de consciência do aluno. Para tanto, não podem ser apenas pontuais, mas, sim, ocorrem ao longo do processo, como possibilidade de retomada dos conceitos, dos procedimentos e das atitudes como objeto de reflexão, tanto do professor como do aluno. O comportamento indisciplinado está diretamente relacionado a uma série de aspectos a ineficiência da prática pedagógica desenvolvida. Assim é necessário um trabalho de incessante indagação, tendo como inspiração o processo de investigação científica, incompatível com um comportamento estático, calado, obediente, ou seja, o trabalho com o conhecimento, pelo contrário, implica a inquietação, o desconcerto. O esforço educacional passa a ser não só a transmissão ou mediação das informações acumuladas naquele campo, mas a (re)invenção do próprio modo de angariá-las.

Os educandos têm necessidade de não só compreender o que se espera deles, como precisam entender as causas pela qual se exige ou se espera certas habilidades e competências, pois somente assim poderão canalizar seus esforços em direção à meta proposta (ROCHA, 2004).

Ainda sob a ótica do autor, se o educando souber reconhecer as suas dificuldades, ele conseguirá buscar razões para entendê-las e, conseqüentemente, terá a oportunidade de procurar a forma de aprendizagem compatível com seu tipo de raciocínio, com seus anseios e com suas necessidades cognitivo-afetivas.

Nassif e Ferreira (2014) chamam a atenção para a importância de se trabalhar com indicadores de avaliação e adotar estratégias permanentes de registro do processo educativo. Destacam eles que esses mecanismos, além de contemplar o olhar e a escuta dos educadores, devem abranger os diversos pontos de vista das crianças e de seus responsáveis.

De acordo com esses posicionamentos, Ferreira (2009) lança alguns questionamentos:

O que avaliar num processo de iniciação esportiva?

O que avaliar com os educandos, estejam eles envolvidos em modalidades coletivas ou individuais?

Qual a relação entre os objetivos e a avaliação de programas de iniciação esportiva?

Ora, basta sabermos o que é necessário que a criança aprenda para conviver com a modalidade nesta fase e analisarmos se os objetivos traçados no planejamento estão sendo alcançados. Pode parecer uma tarefa simples, porém se propomos uma pedagogia que dê conta da melhoria do jogo (aspectos físicos, técnico-tático, sistemas de jogo, entre outros) e também de aspectos morais - valores e modos de comportamento - temos que propor uma avaliação que propicie alcançarmos ambos objetivos, ou seja, a avaliação precisa diagnosticar e apontar caminhos para adequarmos e readequarmos a condução do processo nos aspectos ligados tanto ao referencial técnico-tático como ao referencial [socioeducativo] (FERREIRA, 2009, p 95).

Devido à carência de estudos nessa direção, chamamos a atenção dos pesquisadores em Pedagogia do Esporte para essa problemática e concordamos com Leonardi (2013, p. 105), quando destaca a necessidade de os novos instrumentos de avaliação dialogarem com as tendências atuais em Pedagogia do Esporte, sendo, assim, “construídos sob a perspectiva de possibilitar o desenvolvimento integral do indivíduo, e tendo, como importante recurso pedagógico, a possibilidade de utilização do *feedback* e da auto avaliação como instrumentos norteadores para a prática educativa e avaliativa”.

Outro procedimento delimitado para este estudo aponta vantagens pedagógicas em associar as orientações diretas, discursivas do educador e as demonstrações com a **utilização de recursos audiovisuais**, como vídeos, filmagens, pranchetas, quadros, filmes, equipamentos de som, na intenção de facilitar e enriquecer a mediação e, conseqüentemente, qualificar o processo de ensino-vivência e aprendizagem.

De acordo com Spessato e Valentini (2013), a utilização de fotos destacando aspectos importantes do movimento, bem como a exibição de vídeos de profissionais competentes durante sua prática são estratégias para facilitar a demonstração, conseqüentemente, otimizar o processo de aprendizagem.

A pesquisa de Janelle et al (2003) concluiu que aprendizes de esporte que assistiam a imagens em vídeo de atletas profissionais obtinham uma melhor aprendizagem e um melhor desempenho de suas habilidades. Quando essa ação estava associada a um processo de autoanálise das ações motoras, por meio de vídeo filmagem e combinada a um conjunto de dicas pedagógicas, esses aprendizes apresentavam um número reduzido de erros e uma facilidade

maior para aprender e reter habilidades motoras vivenciadas, em comparação com outros indivíduos que não recebiam dicas pedagógicas e não avaliavam o registro de suas ações.

Além disso, a utilização de recursos audiovisuais pode favorecer que se atinjam diversos objetivos pedagógicos e em diferentes momentos, dentre os quais destacamos: no registro das atividades, jogos e competições; no auxílio da própria avaliação; na sensibilização dos indivíduos para a prática e para reflexões técnico-táticas, bem com na sensibilização para a construção e reflexões de valores e modos de comportamento; no aprofundamento e na melhoria no desenvolvimento do treino cognitivo e, sobretudo, na potencialização ou auxílio no cumprimento dos demais procedimentos.

Machado, Galatti e Paes (2014) sugerem também a construção de um *blog* didático da equipe esportiva, a fim de que técnicos e jogadores interajam em ambiente virtual e possam trocar informações sobre a modalidade.

No que concerne à utilização dos recursos em vista à construção de valores morais, Tardeli (2012), por exemplo, defende atividades educativas com filmes e histórias para promover a reflexão dos educandos sobre posicionamentos éticos.

Para exemplificar de que maneira o procedimento pedagógico em questão pode operar de forma integrada com os demais procedimentos, Ferreira, (2009, p. 97) descreve a seguinte situação:

Ao filmar a participação do grupo em um festival esportivo, o mesmo poderá ser visto por todos os alunos reunidos, a fim de destacar as situações de jogo vivenciadas no decorrer das atividades, as ações técnico-táticas individuais exercidas, bem como valores e comportamentos percebidos no evento. Os diálogos que provavelmente serão estabelecidos neste encontro poderão ser mediados, quando necessário, pelo professor, para promover o debate gerado pelos conflitos. Os vídeos servirão para facilitar o processo de avaliação e conseqüentemente para rediscutir e readequar o planejamento. O vídeo pode servir de auxílio para o professor sinalizar situações presentes nas atividades do festival e que estão presentes nos diversificados jogos e situações-problema vivenciadas no cotidiano das aulas.

O penúltimo procedimento, previamente selecionado para este estudo, sinaliza o quanto é importante **fomentar um ambiente cooperativo e facilitador de relações interpessoais.**

Ramos et al (2012) colocam, para nós, educadores a seguinte provocação: pretendemos contribuir para a formação de pessoas que obedeçam à autoridade, ou desejamos

contribuir na educação de indivíduos que sigam princípios morais?

A maneira pela qual são estabelecidas as relações entre os indivíduos e o ambiente onde elas se estabelecem é central nesse processo.

A convivência em grupo é fundamental para se aprender a viver em sociedade e para se construir valores. “As pessoas não nascem sabendo respeitar a si mesmas e ao próximo; é na caminhada para a formação da autonomia moral⁷ que aprenderão, espera-se, melhores formas de resolução de conflitos” (VIDIGAL;VICENTIN, 2012, p. 82).

Nesse sentido, inúmeros estudos têm ratificado que o desenvolvimento moral está vinculado à qualidade das relações estabelecidas nos ambientes sociais nos quais as crianças interagem (VINHA; TOGNETTA, 2009) e, conforme destacamos no primeiro capítulo, essas relações não ocorrem somente na família, nem tão pouco somente na escola.

Ao relacionarmos-nos uns com os outros, é imprescindível a existência de regras que visam garantir a harmonia do convívio social. Aliás, as regras só existem em função da convivência humana e da necessidade de regulá-la. Contudo, para Piaget, o importante não são as normas em si, mas sim, o porquê as seguimos. Por exemplo, uma pessoa pode não furtar por medo de ser apanhada e outra porque os objetos não lhe pertencem. Ambas não furtaram, mas apesar de ser o mesmo ato, possuíam motivações bastante distintas... Desta forma, o valor moral de uma ação não está na mera obediência às regras determinadas socialmente, mas sim no princípio inerente a cada ação. É comum nas situações em que a criança mente, agride, furta, desrespeita, não compartilha algo ou é mal educada, que o adulto ensine-a a importância de não cometer tais atos. A questão é como o adulto o faz, pois este processo irá interferir nas razões pelas quais as normas serão legitimadas (VINHA;TOGNETTA, 2009, p. 528).

Caetano (2014) defende que é de suma importância garantir o envolvimento das crianças no processo de construção das regras e das normas de convivência do grupo, pois é mais difícil o cumprimento de algo que não se entende o porquê de existir. A neutralidade na educação moral não é possível.

De acordo com Licciardi e Ramos (2012) os valores são compartilhados de muitas maneiras, entre outros: por meio dos conteúdos trabalhados, pela forma como se

⁷ De acordo com Piaget (1932), existem duas tendências morais: a heteronomia moral e a autonomia moral. A primeira refere-se à moral da coação, portanto a pessoa age bem em função de uma regulação externa. A moral da cooperação é a moral do respeito mútuo, pois a pessoa age bem em função de princípios morais que foram internalizados pelo sujeito.

estabelece a relação entre educandos e educadores, pela avaliação, pelas metodologias e procedimentos empregados, pela maneira como são estabelecidos os combinados. Segundo as autoras, ainda que a formação moral não seja objetivo da instituição ou do educador, inevitavelmente, ela perpassará o desenvolvimento dos educandos. Assim como em qualquer grupo de convivência, as relações instituídas no ambiente esportivo, sejam elas cooperativas ou coercivas, fatalmente influenciarão no processo de construção da moralidade infantil (SANTANA, 2003).

Santana (2003) explica que, se o objetivo é contribuir para formação de seres autônomos, os educandos precisam de uma pedagogia voltada para a construção e a manutenção de ambientes cooperativos, onde as trocas entre os envolvidos sejam valorizadas; onde o educador minimize sua autoridade sem deixar de mediar as relações e sem ausentar sua responsabilidade em contribuir para que os educandos tomem consciência de seus atos, dos sentimentos dos outros e contribua para favorecer que todos participem ativamente das discussões e das decisões, a partir de uma visão mais ampliada, mais coletiva.

A manutenção de um ambiente cooperativo se concretiza na medida em que há um predomínio de relações de cooperação, respeito mútuo, solidariedade e companheirismo, no qual, segundo Araújo (1996), os educandos são incitados a se posicionar, a tomar decisões, argumentar, bem como a sair do egocentrismo e a considerar a opinião dos demais colegas. Para esse autor, se a criança conviver num ambiente cooperativo e, portanto, democrático, que incentive trocas sociais por reciprocidade, e se ela tiver oportunidade de participar ativamente dos processos de tomada de decisões, ela tenderá a desenvolver autonomia moral e intelectual e, conseqüentemente, poderá atingir níveis de moralidade mais autônomos.

A constituição de um ambiente cooperativo poderá ainda se desdobrar em processos mais autônomos de leitura do jogo, de reconhecimento das ações e das emoções dos demais envolvidos, favorecendo o desenvolvimento de uma ação mais cooperativa, contribuindo, conseqüentemente, para a melhoria individual e coletiva do jogo. (GRAÇA, 1995).

A partir do momento, que o aluno se encontra num ambiente propício a relações de cooperação, respeito, solidariedade e de companheirismo, a criança passa a compreender as suas dificuldades e a dos próprios companheiros de uma outra forma. Passa então a

agir de forma cooperativa, aos problemas não somente do jogo, mas também as dificuldades dos companheiros, enriquecendo desta forma, todo o processo de ensino-vivência e aprendizagem... Dessa forma, entendemos a necessidade de proporcionar à criança a possibilidade de conviver num ambiente democrático, cooperativo, onde todos esses aspectos de cidadania sejam uma realidade e não apenas teoria (FERREIRA, 2009, p.99).

Por fim, o último procedimento pedagógico que pretendemos abordar, refere-se à necessidade de **promover reflexões e ações que reforcem a corresponsabilidade de todos na educação de crianças e adolescentes, envolvendo toda comunidade educativa em ações que qualifiquem esse processo.**

Na direção de fortalecer vínculos e o sentimento de corresponsabilidade de todos na comunidade educativa, Nassif e Ferreira (2014) apontam a necessidade de construir e manter ações constantes com os familiares/adultos responsáveis e com a comunidade, por meio de encontros temáticos, conversas informais, palestras, debates, vivências, oficinas e atividades entre crianças e seus familiares. Assim, tornar efetiva a participação e o envolvimento da comunidade, é essencial para que ela se sinta acolhida e integrada, de fato, ao processo educativo.

O envolvimento da comunidade educativa significa, de acordo com Dedeschi e Licciardi (2012), que o grupo tem que participar desde a etapa de levantamento das situações-problema, dos objetivos e do plano de ação, até a etapa de avaliação do processo educativo. Embora não se trate de uma tarefa simples, pois nem sempre há uma adesão significativa, esse procedimento, inevitavelmente, trará contribuições relevantes no processo educativo como um todo, conseqüentemente, ampliará e potencializará a missão educativa. Posterior a essa etapa de apresentação e discussão do conjunto de princípios e procedimentos pedagógicos reunidos neste estudo, passaremos para o capítulo de apresentação dos aspectos metodológicos, no qual abordaremos os sujeitos, instrumentos, procedimentos de análise e éticos da pesquisa.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Questões metodológicas: considerações iniciais

No labor científico não se trata propriamente de apreender a realidade objetiva, mas sobretudo de desenvolver conhecimentos, teorias e princípios com os quais construímos ou participamos na edificação de realidades. Com esse labor emprestamos e acrescentamos uma variedade e riqueza de dimensões e significados à realidade. Ou seja, renovando e inovando as nossas perspectivas e teorias, renovamo-nos e participamos na renovação da realidade.

Desporto: discurso e substância, Bento (2013), p. 64).

A especificidade da investigação em Pedagogia do Esporte apresenta, como um de seus princípios, o da liberdade do método, ou seja, as pesquisas realizadas nesse campo de investigação não estão firmadas em metodologias únicas, mas, pelo contrário, as decisões metodológicas são pensadas e constituídas conforme os problemas colocados e o que se quer alcançar com a investigação (MATOS, 2006).

Ao explicitarmos uma intencionalidade no ato de educar para o esporte, deixamos clara nossa posição de que, no contexto da iniciação esportiva para crianças, o esporte deve almejar uma educação que contribua para o desenvolvimento integral dos sujeitos envolvidos no processo. O marco teórico nos permitiu não somente embasar essa discussão, mas também reunir um conjunto de conhecimentos que sinalizaram pontos importantes sobre o “como educar pelo esporte”.

Contudo, diante da questão de pesquisa delimitada no início do estudo, identificamos a necessidade de uma pesquisa de campo que respondesse aos objetivos propostos.

As pesquisas de campo permitem ao pesquisador adquirir mais experiência sobre o problema central (TRIVIÑOS, 1987) e traz elementos que contribuem nas discussões sobre a temática.

Iniciamos então um processo para a escolha dos procedimentos metodológicos, e optamos pela análise de conteúdo.

Nossa escolha se deu, pois esse método possibilita, “de maneira sistemática, coletar dados e organizá-los, tendo como base as experiências dos sujeitos” (BALBINO, 2005). No contexto da pesquisa em pedagogia do esporte, manifestada pela linguagem verbal, esse

método favorece selecionar e inferir os aspectos e os indicadores que interessam para melhor compreender a temática problematizada a ser pesquisada (MONTAGNER, 1999).

Dentre as técnicas da análise de conteúdo, utilizamos a da análise categorial, uma vez que ela “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (BARDIN, 2004, p. 153).

Outras pesquisas, que trataram o fenômeno esportivo numa perspectiva pedagógica, já haviam utilizado ou adequado a análise de conteúdo. Dentre muitos estudos, podemos destacar a sua aplicação nas dissertações de mestrado de Scaglia (1999), Morato (2007), Ferreira (2009) e nas teses de doutoramento de Montagner (1999), Scaglia (2003) e Balbino (2005).

Segundo Bardin (2004 p. 37), este método caracteriza-se por:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

O método de análise de conteúdo segue três etapas básicas, distintas e complementares: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial (TRIVIÑO, 1987).

Na pré-análise, tem-se a organização do material, com a finalidade de determinar quais estratégias serão empregadas para coletar e recolher os dados e como as informações serão compostas para a análise posterior.

Orientada pelos objetivos do estudo e pelos referenciais teóricos organizados, a descrição analítica caracteriza-se, fundamentalmente, pelos estudos aprofundados dos documentos que constituirão as partes essenciais e relevantes da investigação, a partir de procedimentos específicos de descrição do conteúdo coletado.

De acordo com Triviño (1987), na terceira etapa, a fase de interpretação inferencial, as reflexões devem ser elaboradas com o apoio das fases anteriores e dos materiais que construíram as fontes de informação. Nessa etapa, se faz a categorização, que, conforme explicam Caregnato e Mutti (2006), consiste na classificação dos elementos segundo suas semelhanças, com posterior reagrupamento, em função de características comuns.

Para elas, a maioria dos autores refere-se à análise de conteúdo como sendo uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, possibilitando de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social. Para elas, na análise de conteúdo, “o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto que se repetem, inferindo uma expressão que as representem” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 682).

A análise de conteúdo pode ser quantitativa ou qualitativa. Nosso projeto de caráter descritivo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa qualitativa. Ramos et al (2011) explicam que a característica descritiva do método qualitativo de pesquisa é marcada pela captação de informações de forma direta, com ênfase na análise indutiva de dados. Essa escolha se deu, porque esse processo, segundo Lüdke e André (1996), permite tratar o tema de estudo de forma dinâmica e complexa, características essenciais para a construção de inferências e também pela possibilidade, de acordo com Caregnato e Mutti (2006), de considerar a presença de uma dada característica de conteúdo num determinado fragmento da mensagem.

Os sujeitos da pesquisa, os instrumentos e os procedimentos de análise, assim como as questões éticas da pesquisa serão apresentados nos próximos tópicos.

3.2. Sujeitos da pesquisa

Convencidos da necessidade de recorte, bem como da representatividade dos sujeitos participantes da pesquisa, procuramos delimitar uma amostra que pudesse tratar da temática com propriedade e legitimidade.

Inicialmente consideramos que uma amostra representativa e de excelência pudesse ser composta por todos os doutores-líderes dos grupos de pesquisa contidos na base corrente do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cadastrados na linha de pesquisa em Pedagogia do Esporte.

Assim, fizemos o levantamento desses sujeitos, que foram identificados por meio de uma consulta realizada no *site* do conselho, que contemplou todas as instituições cadastradas, em qualquer área do conhecimento, de todos os estados brasileiros e de qualquer

área do grupo.

A consulta, realizada no dia 19 de setembro de 2014, considerou como termo de busca exata, “Pedagogia do Esporte”, tanto no nome do grupo, como no nome da linha de pesquisa, e foram considerados tanto os grupos certificados, como os grupos não atualizados. Nessa busca, foi encontrado um total de 26 grupos (APÊNDICE III), dos quais, a partir de uma investigação da página de todos eles, optamos por escolher 100% dos sujeitos que tivessem ao menos uma publicação que tratasse da temática da iniciação esportiva.

A pesquisa realizada para verificar a produção científica e assim avaliar se os sujeitos se enquadravam nos critérios da pesquisa se deu a partir de uma análise do Currículo Lattes de todos os doutores-coordenadores de grupos ligados à Pedagogia do Esporte, que constaram na busca inicial realizada no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPQ.

Consideramos como publicação científica, para fins dessa seleção, artigos científicos nacionais e internacionais, livros e capítulos de livro publicados.

Concluída a pesquisa, dos 26 grupos cadastrados, chegamos num total de 19 doutores coordenadores de grupo, enquadrados nos critérios previamente estabelecidos.

Entretanto, durante a qualificação, os membros da banca levantaram questionamentos sobre os sujeitos em questão e sugeriram que, ao invés de entrevistarmos os doutores-líderes de grupos em Pedagogia do Esporte identificados pela consulta, que entrevistássemos os cinco sujeitos mais indicados por esse coletivo, ou seja, os cinco sujeitos, reconhecidos por seus pares, como os mais relevantes nessa temática.

Os membros da banca solicitaram ainda a inclusão de mais um critério: que os membros da banca não pudessem compor os sujeitos da pesquisa, uma vez que já tinham forte relação com o estudo e com o referencial adotado.

Passamos então a contatar todos os doutores, coordenadores líderes de grupo, explicando-lhes os objetivos e os procedimentos da pesquisa e fazendo-lhes a seguinte questão:

Considerando sua experiência (relevância) no campo da pedagogia do esporte, exceto você, cite as cinco principais referências acadêmicas nacionais em Pedagogia do Esporte que tratam do processo educativo de iniciação esportiva.

Dessa consulta, composta por 18 doutores⁸, apenas 1 optou por não indicar a relação dos 5 sujeitos.

Foram indicados um total de 33 nomes, sendo que três deles ficaram em primeiro, segundo e terceiro lugar, e outros três empataram em quarto lugar no número de indicações.

Diante desse quadro, decidimos então entrevistar os seis sujeitos mais indicados, no entanto, um deles, que havia empatado em quarto lugar, por razões pessoais, não pode tomar parte da pesquisa.

Assim, participaram da investigação cinco profissionais de Educação Física, todos doutores, com experiência no campo da Pedagogia do Esporte, no contexto da iniciação esportiva para crianças e adolescentes. Os entrevistados evidenciaram algumas características que compreendem: motivação para o estudo, experiência, competência e reputação profissional. Conforme apontam Ramos et al (2011), estes pontos foram adotados em outros estudos dessa natureza.

Os sujeitos investigados, além da disponibilidade e da motivação para participar do estudo e do reconhecimento dos pares (doutores que investigam a temática), apresentavam ainda, entre a prática profissional e acadêmica, uma experiência superior a 20 (vinte) anos, sendo que, para três deles, essa experiência superava 30 (trinta) anos.

3.3. Instrumentos e procedimentos de análise

Como técnica de coleta dos dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com intenção de trazer dados que pudessem contribuir para os objetivos propostos.

O principal objetivo é reunir, em forma de entrevistas semiestruturadas, relatos e histórias que possam representar uma determinada coletividade, e que possam, ainda, a partir do método proposto, transformar as linguagens manifestas pelos entrevistados, deslocados dos conceitos teóricos que envolvem a pesquisa, mas conhecedores de seu ambiente, em linguagem acadêmica e que dialoguem com concordâncias ou

⁸ Na pesquisa realizada na plataforma lattes havia 19 doutores líderes, mas ao entrarmos em contato com todos os grupos recebemos a informação de que um dos doutores havia falecido.

contraposições com as teorias que compõem o escopo teórico deste estudo (BALBINO, 2005, p. 106).

Anterior às questões específicas da pesquisa, os entrevistados foram questionados quanto à identificação pessoal, como nível de formação, tempo e nível de experiência e prática profissional no campo da iniciação esportiva.

A entrevista semiestruturada foi realizada a partir de um roteiro de sete questões abertas (ver roteiro de entrevista no APÊNDICE I), as quais trouxeram informações para serem agrupadas posteriormente em 5 categorias de análise.

Segundo Ghiglione e Matalon (1997) e Ramos et al (2011), nas entrevistas dessa natureza, embora a formulação e a ordem das questões sejam previamente estabelecidas, elas permitem tanto ao investigado fornecer uma resposta tão longa quanto desejar, como ao pesquisador intervir para estimular respostas mais completas e profundas sobre a temática.

O roteiro das entrevistas foi testado em estudo preliminar (piloto) com dois doutores em educação física ligados à temática, e ajustado conjuntamente entre os pesquisadores e os membros da banca, de forma que as informações pudessem ser mais bem agrupadas para favorecer o tratamento dos dados e sua interpretação.

O intuito da pesquisa foi obter um conjunto de respostas que pudesse representar uma determinada coletividade. A técnica da análise categorial favoreceu a organização dos dados coletados, pois, conforme já descrito, ela funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias, segundo reagrupamentos analógicos. Esse procedimento está de acordo com as orientações de Meireles e Cendón (2010), que explicam que, para a utilização do método de análise de conteúdo, é necessária a criação de categorias relacionadas ao objeto de pesquisa, uma vez que as inferências obtidas, a partir das categorias, são as responsáveis pela identificação das questões relevantes contidas no conteúdo das mensagens.

As entrevistas foram audiografadas, e fizemos uma análise descritivo-interpretativa das respostas dos pesquisadores. As análises, categorizadas por cada um dos entrevistados, encontram-se organizadas, juntamente com o perfil de cada um deles.

Para garantir a fidelidade da transcrição, realizamos o procedimento sistemático de audição e a confirmação de pequenos segmentos de texto.

Reunimos então, o conjunto de dados – coletados, organizados, sistematizados e analisados nas entrevistas – e construímos um “diálogo”, uma reflexão dos dados com concordâncias ou contraposições com as teorias que compuseram o escopo teórico deste estudo, ou seja, com um conjunto de conhecimentos que estão em consonância com as tendências atuais em Pedagogia do Esporte.

Tais procedimentos permitem aos pesquisadores observar as respostas, de acordo com cada tópico pesquisado, ou seja, com a questão deflagrada apresentada, a partir da organização em fases descritas por Triviños (1994): a pré-análise, a descrição analítica e a interpretação inferencial. Assim o procedimento metodológico utilizado possibilitou a organização dos dados coletados em categorias de análise delimitadas pelo pesquisador, o que favoreceu serem as inferências construídas de acordo com os fins pretendidos no estudo.

3.4. Aspectos éticos da pesquisa

Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da investigação e receberam o respectivo termo de consentimento (ver TCLE no apêndice IV) para a gravação e a divulgação das informações. O projeto, assim como o TCLE, foram avaliados e aprovados pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e atende as normas de pesquisa envolvendo seres humanos. Número do CAAE: 35761714.3.0000.5404.

CAPÍTULO IV

RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Apresentação e discussão dos resultados

Neste capítulo apresentamos os dados obtidos no período das entrevistas.

No primeiro momento trataremos da caracterização dos sujeitos entrevistados, apresentando informações sobre sua formação acadêmica e profissional, evidenciando sua experiência profissional relacionada ao universo da iniciação esportiva.

No segundo momento elaboramos uma síntese da descrição analítica das entrevistas por ordem do roteiro das questões realizadas.

No terceiro momento apresentamos as inferências individuais seguidas das inferências coletivas organizadas e ordenadas de acordo com as categorias de análise, definidas pelo pesquisador, e emergidas ao longo de todas as etapas do trabalho, a partir das teorias estudadas, da prática pessoal do pesquisador, ganhando ainda mais consistência após as reflexões coletivas e individuais, durante e após as entrevistas, chegando até o término das análises.

Adiantamos que ao longo deste capítulo elaboramos ainda algumas considerações, construídas a partir do diálogo entre os resultados mais relevantes e o referencial teórico adotado.

4.2. Caracterização dos entrevistados

Entrevistado 1

Formação superior em educação física; com doutorado. Possui experiência profissional na área de Educação Física, atuando principalmente com: Educação Física, Educação Física Escolar, Educação, Jogo e Educação Física, Pedagogia Lúdica. Tem experiência em iniciação esportiva, atuando há aproximadamente 42 anos em cenários distintos e com pessoas de idades variadas, com ênfase em crianças e adolescentes. Sua experiência contemplou trabalho com modalidades específicas, assim como projetos com múltiplas modalidades.

Entrevistado 2

Formação superior em Educação Física e Psicologia; com doutorado. Atua principalmente nos seguintes temas: Esporte, Pedagogia, Psicologia, Excelência Esportiva, Formação Esportiva, Jogos Esportivos Coletivos. Possui experiência profissional em iniciação esportiva, com atuação de aproximadamente 10 anos em cenários distintos desta área e com pessoas de várias idades, especialmente com crianças e adolescentes em modalidades específicas, e múltiplas modalidades.

Entrevistado 3

Formação superior em Educação Física; com doutorado, pós-doutoramento e livre docência em Educação Física. Possui experiência profissional em iniciação esportiva, na qual atuou por aproximadamente 8 anos em cenários distintos, fundamentalmente com crianças e adolescentes. Trabalhou com Educação Física Escolar e iniciação e treinamento esportivo.

Entrevistado 4

Formação superior em Educação Física; com doutorado, livre docência e Pós-doutorado. Tem experiência na área de Educação Física. Sua experiência profissional em iniciação esportiva foi de aproximadamente 10 anos em cenários distintos e com pessoas de idades variadas, com ênfase em crianças e adolescentes. Sua experiência contemplou trabalho com modalidades específicas, assim como atuou em projetos que trabalhavam com múltiplas modalidades.

Entrevistado 5

Formação Superior em Educação Física; com doutorado e Pós doutorado. Sua experiência profissional em iniciação esportiva é de aproximadamente 42 anos em cenários distintos, principalmente em clubes, escolas e na universidade. Trabalhou com pessoas de idades variadas, modalidades variadas, com ênfase em crianças e adolescentes. Indiretamente continua trabalhando com orientação de projetos de estudantes atuantes com iniciação esportiva e desenvolveu recentemente trabalhos em programas esportivos federais.

4.3. Descrição analítica das entrevistas a partir do roteiro de perguntas

Na descrição analítica seguimos destacando em todas as respostas dos entrevistados, cinco elementos pré-organizados por nós e definidos consistentemente ao longo das entrevistas, no decorrer das reflexões.

Elaboramos um roteiro de entrevista com sete questões (ver apêndice I) que trataram da relação entre esporte e educação na experiência acadêmica e profissional dos entrevistados; suscitavam uma discussão sobre as possíveis contribuições e finalidades do esporte no contexto da iniciação esportiva para crianças e adolescentes, e na forma de alcançá-las por meio de procedimentos e de estratégias pedagógicas. Ainda tratou dos elementos importantes para uma estrutura pedagógica orientadora direcionada ao professor/treinador sustentadora da prática de iniciação esportiva. Além desses temas, houve uma preocupação em garantir espaço para que os entrevistados pudessem explicar livremente sobre a temática.

Para cada questão realizada aos entrevistados, destacamos os trechos das falas, que melhor traduzissem os seguintes elementos:

Premissas – **Intencionalidade/Objetivos** – **Princípios** – **Procedimentos** – **Estratégias**

Esse procedimento metodológico, de destacar as falas dos entrevistados com as cores correspondentes mencionadas acima, seguiu ao longo de todas as questões, com todos os cinco entrevistados sem exceção (ver apêndice II).

Nos destaques realizados correspondentes às “premissas” utilizamos a cor azul claro. Grifamos com a cor verde as falas que mencionavam sobre a “intencionalidade e objetivos de ensino e aprendizagem”. Nas expressões que se referiam a “procedimentos pedagógicos” utilizamos a cor violeta para o destaque. Nos trechos que abordavam as “estratégias pedagógicas” destacamos com a cor cinza.

Os trechos das falas dos entrevistados, destacados por nós, que havia relações com os elementos mencionados acima foram fundamentais para a consolidação de uma estrutura pedagógica que ancorasse elementos pedagógicos que potencializassem as possibilidades educativas no processo de iniciação esportiva.

Embora houvesse uma pré-organização da estrutura, com alguns elementos possíveis e já considerados relevantes antes das entrevistas, é fundamental mencionar, que durante elas tivemos contato com diferentes posicionamentos e opiniões sobre a temática, que nos levaram não só a modificar a nomenclatura e concepção de alguns elementos, como também nos levou a novas reflexões e análises que culminaram no acréscimo de mais um elemento: **“o contexto”**. Elemento este que vai compor a estrutura pretendida (aprofundada no final deste capítulo).

Apesar de recortarmos trechos de falas de profissionais com diferentes opiniões, às vezes antagônicas, sistematizamos as informações e reflexões das pessoas pesquisadas, utilizando os elementos pedagógicos sinalizados. Essa organização se concretizou independentemente de suas concepções pessoais sobre os assuntos tratados, tais como: concepção de esporte e de educação, finalidades da iniciação esportiva, avaliação da prática pedagógica, princípios e procedimentos pedagógicos, entre outros. Nosso objetivo foi de organizar as falas dos entrevistados utilizando essa estrutura, e não de analisar individualmente, ou subjetivamente suas concepções, embora tenhamos nos posicionado sobre esses e outros aspectos, a partir da nossa escolha por um referencial teórico específico, apresentado inicialmente em nosso trabalho.

4.4 Análises inferenciais individuais e coletivas

4.4.1. Premissas

Análise inferencial individual

Entrevistado 1

A premissa de que **o esporte educa** aparece já no início da entrevista do sujeito 1, quando ele fala sobre o conceito de educação e explica sua concepção, dizendo que os indivíduos, em contato com outras pessoas, com qualquer meio de comunicação, quer seja a fala de um professor, quer seja a transmissão de um jogo de futebol pela televisão, está passando por processos educativos. Se esse indivíduo se defronta com elementos que ele conhece, ele fortalece o que já sabe, e, se ele se defronta com elementos novos, aprende o que não sabe, e, ao aprender o que não sabe, pode tanto aprender na direção de eticamente construir coisas boas, como de produzir coisas ruins.

Consequentemente podemos observar a consonância das ideias do entrevistado com o referencial teórico do estudo, de que **o esporte é um fenômeno plural, complexo e de múltiplas possibilidades. O esporte será aquilo que se fizer dele**. Essa última ideia se torna evidente em diversos momentos da entrevista e, como exemplo, resgatamos a ideia de quando ele fala que o esporte, por si só, não é bom, nem ruim, e sim, que ele é objeto de disputa entre grupos de interesses diversos; e quando defende que a educação pode potencializar vícios ou virtudes, isso dependerá do pedagogo.

A fim de exemplificar sua posição pessoal de como o fenômeno esportivo pode ser apropriado de forma indevida, o entrevistado diz que uma pessoa pode aprender em um jogo de futebol a se juntar em grupos para agredir e até matar uma pessoa indefesa, como fazem, por exemplo, torcedores de futebol nas arquibancadas e nos confrontos de rua. Menciona também, indignado, que a televisão difunde lutas com regras que permitem ao lutador golpear o adversário até sangrar e, em alguns casos, até matar. Também com indignação, cita programa de televisão

que promove debate para reforçar esse tipo de atitude.

Por outro lado, para ele o esporte é fantástico quando está nas mãos de um bom professor, portanto é preciso valorizar esse bom professor. Diz ainda não conhecer ferramenta pedagógica mais poderosa do que o esporte, nada que mobilize, com mais poder, a população do mundo. Nessa perspectiva afirma que o **esporte é muito cativante e produz mobilização emocional fantástica**.

Por ser muito **apaixonante, por mobilizar facilmente**, o esporte pode incentivar a adesão das pessoas para aprender, contudo, é necessário um cuidado com esse potencial, pois tanto a televisão como as grandes empresas e marcas envolvidas com esporte, como pedagogos são intermediários desse processo. Logo, para ele, do mesmo modo que o professor de educação física, consciente, responsável, bem formado é educador, o locutor que transmite o jogo de futebol, e todos os meios de comunicação existente também o são, podendo explorar a paixão das pessoas pelo esporte. A maneira de orientar e mediar o processo educativo é que irá definir se a pessoa vai adquirir ferramentas que contribuam para desempenhar a cidadania ou não.

Podemos ainda inferir que, para o entrevistado 1, **valores educacionais estão presentes no cenário esportivo e eles podem ser transferidos para a vida do indivíduo praticante**. Essa premissa fica evidente quando o entrevistado menciona que no esporte há coragem, mas também covardia; há confiança, mas também a falta dela; há lealdade, mas também traição; há iniciativa, mas também indecisão; promove saúde, mas também doença, ou seja, para ele no esporte há valores que classificamos como virtudes; mas também os vícios, portanto, quem o pratica está se educando, ou para potencializar predominantemente o primeiro ou o último.

A ideia de **pluralidade, de delimitação do campo de atuação e da necessidade de compreender o contexto** também perpassa o discurso do entrevistado 1. Ele comenta que o esporte é composto de diversos elementos, e por ser praticado por pessoas integra coragem e covardia, assim cumpre conhecer o modo e o local como é praticado, pois “o esporte tem de tudo”, **tem diferentes significados e é apropriado de formas distintas**. Em suas considerações menciona que o esporte pode ser praticado, além da escola, em ONGs, em cursos de extensão universitária, em centros desportivos das prefeituras, em campos de treinamentos de esporte de rendimento, o que reflete a questão dos diferentes **cenários** possíveis para a prática

esportiva. Sobre **quem são os personagens/sujeitos** envolvidos o professor defende que, ao educar, é preciso conhecer a história de vida de seu aluno, as suas limitações, o contexto em que ele está inserido. Fala ainda sobre as **modalidades** esportivas distintas, mas sem uma reflexão específica sobre a relação delas com os personagens envolvidos.

Entrevistado 2

Segundo o entrevistado 2, o esporte é um facilitador para promover a educação e o ato de jogar favorece a compreensão dos indivíduos sobre o jogo da vida.

De acordo com o entrevistado, o esporte atrai muitas pessoas, pois grande parte de seus praticantes, por meio da mediação dos educadores, conseguem estabelecer a ponte do que ele chama de “metáfora da vida”, ou seja, a prática esportiva, em qualquer nível, em qualquer aspecto, seja de participação, do lazer, do esporte profissional, da formação esportiva para a competição, entre outros, **encanta as pessoas pelo seu potencial educativo**. Segundo o entrevistado, isso se dá porque, com esse potencial educativo, as pessoas conseguem se posicionar de forma mais adequada em outros ambientes da vida cotidiana, como na família e na escola.

Podemos inferir que, para o entrevistado, o **esporte é um fenômeno plural, de elevado potencial educativo e de mobilização, e que valores construídos e fortalecidos pelo indivíduo no ambiente esportivo são transferidos para outros contextos da vida cotidiana**. Essa premissa pode ser explicitada na seguinte fala: “*então, dentro desse microssistema social que é o esporte, transfere-se os elementos que são aprendidos ali para a vida em sociedade*”.

Ao falar sobre valores/virtudes que podem ser construídos por meio do esporte, o entrevistado comenta que esse processo de aprendizagem pode acontecer com os indivíduos participantes desde que ele seja bem conduzido, e isso se dará em qualquer nível de sua expressão, o que evidencia o potencial educativo do esporte em qualquer de suas manifestações, o que, de forma implícita, ao longo do seu discurso, permite-nos reconhecer a ideia de **multiplicidade de possibilidades** do esporte.

Ao se posicionar dizendo que muitas pessoas interpretam de uma forma inadequada o esporte, como existindo somente para aqueles que são muito bons, implicitamente

podemos inferir outras duas premissas: novamente a de que **o esporte é um fenômeno plural**, com personagens e significados diversos; e a segunda, de que **o esporte é um direito de todo cidadão**.

Segundo o entrevistado, é necessário que o professor use da sua percepção para entender seu grupo, o momento de cada participante e perceber, qual o desafio será mais adequado para cada um deles, uma vez que, em consonância com a premissa indicada no primeiro capítulo, **cada pessoa é única e se apropria do fenômeno esportivo de forma particular**. Essa premissa fica ainda mais evidente quando ele comenta que dentro do jogo existem muitas expressões e modelos de mundo diferentes, o que ele chama de “intersubjetividade”, *“então as pessoas podem aprender coisas diferentes, diante da mesma experiência de uma coletividade, ou seja, nós temos vários modelos de mundo lendo aquilo lá”*.

Entrevistada 3

A entrevistada 3 comenta sobre outros tipos de incentivos e desdobramentos ocasionados pelo esporte. Relatando sobre sua história de vida afirma que, quando treinava, precisava realizar periodicamente exames médicos e isso a incentivou a ter mais cuidados com a sua saúde. Sendo assim, o meio esportivo foi importante para que ela fosse incentivada a realizar outras ações para além do esporte: *“eu acho que é um ambiente bastante inspirador vamos dizer assim”*.

Neste sentido, a entrevistada levou como seu objetivo de vida a oportunidade de estudar fora do Brasil e foi para o Japão assim que teve oportunidade. Ela revela o quanto o esporte a inspira e comenta que ao longo de sua vida encontrou figuras com posturas positivas e negativas, como por exemplo os *“colegas que só se preocupavam com a bolsa e que não quiseram mais estudar”*.

O parágrafo anterior nos permite inferir que, na visão da entrevistada, **valores construídos no ambiente esportivo são transferidos para outros contextos da vida cotidiana**. Além disso, é possível refletir também sobre a ideia de que os indivíduos se apropriam das experiências de formas diferentes, até mesmo porque outras experiências, que não só as esportivas, compõem e interferem na vida dos sujeitos. **O esporte é um fenômeno que contribui**

com o processo educativo das pessoas, mas não é, necessariamente, determinante.

A entrevistada relata que, desde a época universitária e depois no começo de sua carreira como professora, algumas coisas relacionadas a falta de iniciativa tanto dos estudantes como de professores sempre a incomodaram. Isso está relacionado ao que ela chama de uma certa passividade das pessoas e questiona-se: “*será que se eles [estudantes ou professores] tivessem se envolvido com o esporte, ainda que por um período da vida, seriam diferentes?*”. A partir desse questionamento ela suspeita que quem pratica esporte, além de ter mais inspiração e iniciativa, é mais feliz, está mais de bem com a vida. Tais ideias acima apresentadas poderiam ser consideradas como premissas, entretanto, de acordo com o referencial teórico utilizado, consideramos que o esporte será aquilo que se fizer dele. Desta forma, pode até ser que praticantes de esporte se tornem pessoas mais felizes e proativas, mas isso não é uma premissa, e sim, a consequência de um processo, que, por um conjunto de fatores, possibilitou resultados nessa direção.

Alguns elementos, apresentados pela entrevistada, nos permitem inferir que diante da **pluralidade de manifestações e de possibilidades atribuídas ao fenômeno**, é fundamental a **delimitação do campo de atuação e a necessidade de compreender o contexto**.

Essa compreensão do contexto passa pelo reconhecimento dos quatro pontos elencados por Paes (2002): cenário, modalidade, sujeitos, significado. Podemos observar a presença de todos eles no discurso da entrevistada, quando, por exemplo, comentou que, na escola, o perfil de público e os objetivos eram bem diferentes dos do clube (cenário); quando defende que temos que deixar claro para os educandos o conceito de esporte e suas distintas manifestações e dizer que, dependendo da finalidade, ele segue por momentos e caminhos diferentes (significados distintos).

A entrevistada afirma que a “*ginástica é uma construção, um tijolo por dia, então isso também ajuda, ter essa paciência*” e fala que para o educador “*tem que estar muito claro assim, eu vou trabalhar com a equipe categoria pré-infantil, então para mim tem que estar muito claro o que é isso, o que é essa iniciação esportiva, onde eu quero chegar, qual é o tempo que eu tenho de trabalho com essas crianças*” Nestes trechos identificamos a delimitação de objetivos, o cenário presente, os sujeitos envolvidos e a modalidade a ser trabalhada.

A ideia do **potencial de transformação do esporte** também percorre o discurso da entrevistada. Num determinado momento, ela menciona que suas experiências,

peçoais e profissionais possibilitaram observar mudanças nas crianças com quem trabalhou, assim como percebeu mudanças ocorridas com ela mesma. *“Lógico que não é 100% perfeito, eu fiquei muito tempo lá e vi crianças chegando e saindo, mas eu percebo também que aquilo foi essencial para mudar o rumo da vida delas”*.

Entrevistado 4

Segundo o entrevistado 4, o **esporte é o patrimônio cultural da humanidade, do qual as pessoas têm direito a ter acesso** e a sociedade, para disseminar esse patrimônio, lança mão de várias instituições, sendo a escola uma delas. Defende que é necessário ter uma concepção clara de esporte *“basquetebol é basquetebol, seja no alto rendimento ou no esporte de participação”*, mas aplicado em alguns aspectos pode transformar o basquetebol em alto rendimento, na iniciação, no lazer. Na visão do entrevistado, quando se trabalha com o alto rendimento, busca-se o maior desempenho possível, mas o basquetebol é o mesmo em todas as categorias, o que muda é o peso que se coloca nas regras, pois, segundo ele, no esporte como educação não se visa ao desempenho, e sim, ao ensino, portanto, o peso das regras muda.

O entrevistado exemplifica tal afirmação comentando que, atualmente, nos jogos abertos do estado de São Paulo, se o atleta não saltar dois metros e trinta, não pode competir, essa é a lógica do esporte do alto rendimento. Para o entrevistado isso não está errado, o que está errado, no ponto de vista dele, é colocar no esporte praticado em outras circunstâncias esse mesmo significado, pois não importa se o indivíduo está saltando apenas 1m e 20 de distância, *“o que importa é que a pessoa está buscando saltar 1m e 21”*.

Nestes dois destaques anteriores, além das premissas explícitas de que o esporte é um patrimônio cultural e um direito de todo cidadão, podemos inferir que **os significados do esporte variam de acordo com o contexto**. Isso fica claro quando o entrevistado defende que os significados atribuídos ao esporte, quando se trabalha uma modalidade no contexto do alto rendimento, diferem muito dos significados da mesma modalidade quando trabalhada com crianças inseridas no processo de iniciação esportiva ou no contexto do esporte como prática de lazer.

Questionado sobre qual o papel do esporte na educação de crianças e

adolescentes, o entrevistado respondeu que, para ele, é claro que **o esporte tem valores intrínsecos, valores culturais**, e que constantemente as pessoas querem transformá-lo como meio para alguma coisa: *“hoje mesmo o mundo inteiro é em função do aumento da obesidade, do sedentarismo, das doenças crônicas degenerativas, [...] as pessoas querem que as crianças comecem a praticar esporte desde cedo justamente para evitar isso e [para a] melhoria da qualidade de vida”*. Entretanto, para o entrevistado, **o fato de o esporte ser um patrimônio cultural da humanidade, atribui a ele um valor em si mesmo**. Assim, o entrevistado entende que a importância do ato de praticar o esporte se dá pelo fato do indivíduo ter acesso a um patrimônio cultural da humanidade e, como consequência disso, evita também outros problemas de saúde, como a obesidade, por exemplo.

Segundo ele, para desenvolver o esporte nessa perspectiva é necessário ter uma concepção adequada dele – para isso não precisa cair naqueles jargões de que esporte é saúde, educação, de que esporte é um meio de livrar as pessoas das drogas. Ele não é favorável a esses estereótipos, pois para o esporte ter todo o peso a ele atribuído, dependerá da forma como ele é praticado, e, no ponto de vista dele, para o esporte ser praticado da forma correta, há de se ter uma concepção correta sobre ele. Novamente estão presentes as ideias de que **o esporte é um fenômeno plural** e de que **será aquilo que se fizer dele**.

Para o entrevistado, quando se tem um processo de aculturação esportiva em andamento, isso permite trabalhar com valores, com habilidades, possibilidades, então, o envolvimento da criança com esses valores fará com que ela melhore, se desenvolva, amplie seus conhecimentos, conseqüentemente favorecerá a permanência na prática e possibilitará que ela incorpore esses elementos como algo a ser desenvolvido ao longo de sua vida inteira.

Novamente podemos notar a defesa das ideias de que **valores educacionais estão presentes no meio esportivo** e que **podem ser transferidos para a vida dos indivíduos** participantes.

A última premissa fortemente defendida pelo entrevistado 4 é a da necessidade do educador **compreender o contexto no qual o fenômeno se manifesta e delimitar o campo de atuação**, dizendo que se deve levar em consideração três elementos principais: o conhecimento do sujeito, destacando o organismo da criança; as especificidades da modalidade e as particularidades do ambiente. Para ele, não adianta considerá-los separadamente, pois da interação entre esses três elementos é que surge a melhor forma de trabalhar com o esporte. Pede

que se faça o exercício de supor que sejam mal trabalhadas as questões do organismo e das modalidades, nesse caso é possível que se acabe causando a especialização precoce – na sua opinião, o maior problema da iniciação esportiva.

Entrevistado 5

Segundo o entrevistado 5, o **esporte em si é um meio de promoção de valores educativos**, sendo um canal que propicia a educação, ou seja, o esporte é um meio pedagógico por excelência, e aponta que isso não é ele quem fala, pois existe muita literatura a respeito dessa ideia. Sinaliza que o esporte é uma forma de trabalhar, promover, desenvolver situações de educação.

Fica evidente seu posicionamento a respeito das premissas de que **o esporte educa**, de que **valores educacionais estão presentes e de que estes podem ser transferidos para a vida dos sujeitos**.

Em relação à defesa da importância de se **conhecer o contexto da prática**, embora de forma implícita, outros elementos tenham aparecido no discurso do entrevistado, o destaque fica para a delimitação da modalidade, elemento pouco discutido pelos outros entrevistados. Um exemplo dessa questão pode ser observado quando ele aponta que, a respeito do desenvolvimento das capacidades táticas, os esportes de raquete são diferentes das modalidades esportivas coletivas, e que, mesmo nestas você tem as de invasão e as que são com rede. Ele explica que essa variabilidade de modalidades segue lógicas relativamente diferentes. Nesse mesmo ponto, ele comenta que, uma vez que se tem o contexto do que será desenvolvido e as capacidades trabalhadas, o problema seria o modelo a ser realizado, ou seja, destaca as questões ligadas às **especificidades da modalidade**.

Análise inferencial coletiva

Embora não houvesse nenhuma questão diretamente voltada a extrair premissas, podemos observar que algumas ideias centrais perpassaram o discurso dos sujeitos da pesquisa.

Reforçamos que entendemos as premissas como um conjunto de saberes e ideias já apresentadas pelas tendências atuais em Pedagogia do Esporte, tidas como conhecimentos antecedentes necessários a uma melhor apropriação dos demais elementos pedagógicos e que a apropriação deles favorece uma mediação mais qualificada do processo educativo esportivo intencional.

O primeiro conjunto de ideias comuns, presente nas análises individuais é a de que o esporte é uma manifestação sociocultural, de elevado potencial de transformação, uma vez que valores educacionais/virtudes estão presentes no cenário esportivo e que, em alguma direção, ele educa. O esporte educa!

Associado a esse conjunto de premissas foi possível inferir a ideia de transferência das habilidades e dos valores construídos no esporte para a vida dos indivíduos praticantes. De acordo com o apontamento de um dos entrevistados, o esporte tem valores intrínsecos e, por ser um patrimônio cultural da humanidade, tem valor em si mesmo.

Outras duas ideias presentes nas inferências individuais é a de que o esporte será aquilo que se fizer dele e que qualquer valor vivenciado pela criança no ambiente esportivo poderá se manifestar em diferentes esferas de sua vida social, sejam valores tidos como positivos (virtudes), sejam aqueles tidos como negativos (vícios).

Nessa perspectiva, ainda que exista uma distância significativa entre o discurso e a prática, entre o que se pretende e o que se atinge, há ainda uma incoerência entre o que se pretende em relação aos meios usados para se ter êxito. Por isso, defendemos a necessidade de explicitar as intencionalidades do processo educativo e conseqüentemente, delimitar seus valores, princípios e procedimentos.

O ato de explicitar os elementos possibilita a avaliação crítica do processo e permite que os atores envolvidos no ato educativo tenham parâmetros para buscar caminhos coerentes e interligados aos fins pretendidos.

Outro ponto fortemente levantado pelos entrevistados foi o de que os significados do esporte variam de acordo com o contexto, portanto é fundamental considerá-lo, delimitando, para isso: a modalidade, o cenário e os sujeitos da prática. Corroboramos da ideia dos entrevistados, quando defendem que os elementos precisam ser considerados de forma integrada para favorecer um modo mais apropriado de tratar o fenômeno esportivo.

As ideias do parágrafo anterior estão ancoradas na premissa de que o esporte é um fenômeno plural, de múltiplas possibilidades, portanto complexo. Essa premissa permeia o discurso dos sujeitos e permite a inferência, também abordada pelos entrevistados, de que a

apropriação da experiência é particular e somada a essa ideia acrescentamos que: ela é também invisível e, em certa medida, imensurável.

De forma isolada, outras características são trazidas pelos entrevistados, e, por ratificarmos sua relevância, consideramos oportuno evidenciá-las.

A primeira é a de que o esporte é cativante e tem um elevado potencial de mobilização; e a segunda, a de que o ambiente esportivo é inspirador, característica essa que, possibilitou ao próprio entrevistado, buscar experiências significativas para a vida.

4.4.2. Intencionalidades / objetivos

Análise inferencial individual

Entrevistado 1

Conforme o entrevistado 1, muitos são os objetivos possíveis de uma prática esportiva e esses variam de acordo com quem está por trás da organização do processo educativo intencional.

Duas intencionalidades antagônicas estão fortemente marcadas no seu discurso e ele coloca essa diferença como disputa, confronto ou conflito de interesses.

O conflito mais forte que ele vê refere-se ao que ele chama de “confronto entre **o esporte da ganância**”, **o esporte do capital internacional, que quer transformar as pessoas apenas em fontes de lucro; e o esporte que quer que as pessoas sejam protagonistas, como praticantes ou como plateia**, que não se deixam apenas ser peças de produção de lucro para algum capital financeiro.

Para ele, de um lado da disputa está o capital financeiro internacional; e do outro, muitas vezes, com vários intermediários, as pessoas interessadas em fazer com que o esporte não seja ferramenta de lucro desenfreado, mas, sim, um **facilitador de educação para a cidadania**.

Explica que, na perspectiva de uma educação para cidadania, o esporte pode incentivar a adesão das pessoas para aprender aquilo que considera a **educação do bem, a**

educação ética, a educação que resultará num jovem e num adulto responsável pela sua vida e também pela vida das outras pessoas, voltadas para a felicidade, que possibilite que ele tenha essa vida melhor; voltada para um mundo melhor, e não necessariamente para um mundo maior, não um mundo de consumo supérfluo desenfreado.

Foi possível inferir alguns objetivos pedagógicos advindos da análise de conteúdo, dentre os quais destacamos a aprendizagem de virtudes, e o que ele denomina bons comportamentos sociais; a incorporação de gosto pela prática esportiva; a construção da autonomia moral, o desenvolvimento de melhores condições de saúde e de autoestima elevada; e a aprendizagem da modalidade.

A **aprendizagem da modalidade** – seus conteúdos técnicos e táticos – é um objetivo fundamental do processo da iniciação esportiva. Ele aparece de forma evidente nas respostas do entrevistado, quando defende que a transformação, **principalmente se tratando de crianças e adolescentes, tem que se dar na prática da modalidade em si.** *“O conteúdo. Se eu trabalho com crianças e adolescentes, e estou ensinando futebol, o meu conteúdo é o futebol, ou seja, a ferramenta de educação mais poderosa, no caso, é o futebol. Se eu falhar, ao ensinar futebol, não vou educar coisa nenhuma”.*

Embora a aprendizagem da modalidade seja defendida como objetivo fundamental do processo pedagógico, de acordo com o entrevistado, reduzir o potencial educativo do esporte somente a esse aspecto dos conteúdos é para o professor uma má formação. Segundo ele, o bom professor ensinará mais que esporte. *“o objetivo do Alcides é que essa criança aprenda futebol jogando futebol, ou melhor, brincando de futebol, e, em brincando de futebol, ela fortaleça suas ferramentas para ter uma vida mais saudável, uma vida mais democrática, uma vida mais ética, e ele sabe como chegar a isso”.*

Podemos inferir que, na perspectiva do entrevistado, a educação em valores é algo que se faz presente no processo, e **potencializar as virtudes é objetivo central.**

O esporte é composto de diversos elementos. O esporte é praticado por pessoas e essas pessoas integram vários elementos [...] e por causa das pessoas que o praticam, e do modo como é praticado, ele tem de tudo. Por exemplo, ele tem **coragem**, mas também tem covardia; ele tem **confiança**, mas também tem insegurança, ele tem **lealdade**, mas também tem traição; ele tem **iniciativa**, mas também tem indecisão; o esporte tem **saúde**, mas também tem doença. [...] se a gente observar o campo esportivo, ele tem coisas que classificamos como virtudes, e coisas que

nós classificamos como vícios, portanto, quem o pratica está se educando, ou para potencializar predominantemente os vícios, ou para potencializar predominantemente as virtudes. O bom professor é aquele indivíduo que domina o trato pedagógico, a ponto de saber, conscientemente, como potencializar, pelo menos predominantemente, as virtudes do esporte, de forma que a coragem supere o medo, a covardia; de forma que a saúde supere a doença; de forma que a lealdade supere a traição, e assim por diante, ou seja, tudo dependerá do pedagogo. (grifos nossos)

A ideia da educação em valores perpassa o discurso do sujeito ao longo da entrevista e, a partir de uma análise das respostas, é possível apontar ainda outras virtudes.

A solidariedade, o convívio e o respeito às diferenças aparecem quando o entrevistado menciona que é muito educacional fomentar que os alunos convivam com outros que necessitem mais do que eles. Nos seus exemplos e explicações, o entrevistado deixa evidente outros valores como a integração, a cooperação e a coragem.

O entrevistado destaca que educar as pessoas para uma vida ética, cidadã, não exclui o esporte na sua vertente do alto rendimento, porque, segundo ele, também no alto rendimento, as pessoas, os atletas precisam ser educados eticamente e para fazer leituras de mundo em sua complexidade, entendendo que há sempre aquele que precisa mais do que nós, e por isso e de nossa obrigação servir, mesmo sem cobrar por isso. Nesse parágrafo, além de inferirmos a ideia de educação permanente e de que as virtudes podem ser construídas, temos de forma clara a presença da **ética**; e de forma implícita, os valores da **solidariedade e da criticidade**.

O valor da criticidade aparece em outros momentos do discurso, por exemplo, quando ele comenta sobre o perfil do bom cidadão, sendo aquele que, quando ouve uma notícia na televisão, não engole simplesmente aquela informação; *“ouvindo uma notícia [...]antes de simplesmente engoli-la ele a critica para si mesmo, ou seja, ele reflete sobre ela e conclui se é aceitável, então ele aceita; ou ele reflete sobre ela e tem dúvida; ou ele reflete sobre ela e a rejeita, como alguma coisa manipulada, como alguma coisa absurda”*.

Segundo o entrevistado, o salto de uma prática que estimula a reflexão e a tomada de decisão é bem diferente de uma prática tradicional, porque eles não aprenderam somente o esporte, eles aprenderam a pensar melhor. Nessa direção, acrescenta que se eles nunca mais praticassem esporte, eles até poderiam não aproveitar tanto esse conhecimento técnico da

prática esportiva, mas o pensamento fortalecido seria aproveitado em outras situações.

Esse valor tem relação com outro objetivo apontado pelo entrevistado: o **da construção da autonomia moral**. Na visão dele, mesmo que o aluno nunca mais pratique esporte, o conhecimento de uma moral autônoma produzirá relações democráticas, e para ele é esse tipo de moral que tem que prevalecer numa sociedade.

Ele explica que a moral autônoma é uma moral de liberdade, uma moral que as pessoas vão sofrer um pouco para construí-la, porque elas terão que reelaborar as suas próprias atitudes, imprimir mais responsabilidade ao seu modo de vida, enfim, se responsabilizar por aquilo que fazem. *“Porque para eles, que foram educados por uma moral heterônoma, a liberdade custa, a liberdade pesa, a liberdade é difícil. Eles querem alguém que mande neles, alguém que pense por eles, alguém que decida por eles. E isso é gravíssimo”*.

A incorporação do gosto pelo esporte, a fim de que o indivíduo possa praticá-lo por toda a vida e o desenvolvimento da autoestima também aparecem como objetivo do processo, contudo ele é pouco discutido, em comparação ao objetivo anterior.

Entrevistado 2

Duas foram as questões colocadas pelo entrevistado 2 que suscitaram reflexões acerca das intencionalidades do processo educativo, são elas: *essas crianças vieram para servir alguém? Para servir a sociedade, ou eu estou aqui para servi-las mediante o seu desejo de jogar? Ou seja, essas pessoas servem a alguém o, eu (educador), estou servindo à elas?*

Esses questionamentos nos motivam a evidenciar a questão central dessa categoria, que busca trazer elementos para a reflexão sobre o “para que estamos educando?”, Quais as finalidades almejadas na nossa prática pedagógica? Categoria na qual, além das intencionalidades, incorporam-se também os objetivos centrais.

Inicialmente o entrevistado mencionou que sempre associou a ideia do esporte ao **aprendizado para a vida**. Nessa direção ele comenta que tem preocupação e discute sobre a importância de se **potencializar virtudes** como: convívio com outros colegas, solidariedade, trabalho em equipe, liderança, cooperação, respeito, disciplina, justiça, amizade, prazer, apontados por ele no decorrer da entrevista.

Pensar no **desenvolvimento integral do educando** dentro da esfera esportiva e buscar a sua evolução aparecem como algumas de suas intencionalidades. Para isso, ele se apoia na proposta de Gallahue, que traz a questão do desempenho humano focado nos aspectos: físico, emocional, social, mental e espiritual.

Explica que, no aspecto físico, o esporte com certeza contribui para as pessoas desenvolverem suas **capacidades físicas** (força, resistência, velocidade, coordenação, flexibilidade); suas **habilidades técnicas** relacionadas a uma modalidade; e suas **habilidades gerais** de salto, de corrida, de lançamento, ou seja, contribui com o movimento humano em si, de forma integrada às outras dimensões.

No campo das emoções, explica que o esporte pode ajudar a **dar significado às emoções pertencentes ao universo do esporte**, como o saber expressar-se mediante as emoções (alegria, raiva, tristeza); e o **saber lidar com esses sentimentos**, que segundo ele, uma vez vivenciados no jogo, possibilitarão que o indivíduo esteja mais bem preparado para lidar com eles nas demais situações da vida. Podemos inferir também, como objetivo, a **preparação emocional para lidar com os desafios da vida**.

Na dimensão do que Gallahue chamou de mental, o entrevistado pontua que o jogo, ou o esporte, traz a dimensão da resolução de problemas, ou seja, o **aspecto cognitivo, a inteligência, o saber relacionado à resolução de problemas e à produção de coisas novas** mediante um contexto que é natural do esporte, que é o contexto desafiador. E, a partir disso, ele considera que o professor possibilita que o indivíduo trabalhe com as dimensões de uma teoria que ele apoia na sua ação educativa, que é a teoria das inteligências múltiplas.

Ao se referir ao desenvolvimento na dimensão social, o entrevistado disse que no jogo temos o reconhecimento de que, no contexto esportivo, existe uma hierarquia do professor, do técnico que estão na gestão das ações, a quem se deve respeito, como se deve respeitar também a própria regra em si, os adversários, os gestores das regras do jogo. Nessa dimensão explica que estão presentes as questões de **compreensão e respeito às regras de convivência, respeito ao educador e as regras do jogo, o sentimento de pertencimento, a inclusão e integração própria e do outro**.

Assim como defendido pelo entrevistado 1, ele entende que a potência educativa do esporte está exatamente em saber dar e atribuir significados à experiência do jogo, além do que é tarefa do jogar – o que é o óbvio do jogo – trabalhar as capacidades físicas, as

habilidades técnicas e **as situações táticas**. Então entendo que o jogo contém diferentes situações que nos ajudam a aprender, dentro de um sistema maior, o nosso convívio em sociedade. Embora **a incorporação do gosto pelo esporte** – a fim de que o indivíduo possa praticá-lo por toda a vida – também esteja presente na lista de objetivos, ela é pouco discutida pelo entrevistado.

Entrevistada 3

Um dos primeiros pontos levantados pela entrevistada 3 é a importância da formação, não só esportiva, mas, do que ela denomina, de “**formação do ser humano**”. Defende que o esporte promove mudança na vida das pessoas e destaca as mudanças vividas por ela, no sentido do **desenvolvimento do compromisso, da responsabilidade, da preocupação com o corpo, saúde, da criticidade, além de possibilitar interações pessoais importantes**.

Além desses, outros valores aparecem no conjunto de **virtudes que podem ser potencializados** no transcorrer do processo educativo, dentre os quais sinaliza o respeito, a paciência e a comunicação (virtudes que ela classifica no grupo chamado de “interações/relacionamentos”).

Esse último aspecto é destacado em outros trechos da entrevista, por exemplo, quando menciona momentos em competições nos quais ela teve a oportunidade de interagir com pessoas de diferentes níveis sociais, econômicos, culturais e o quanto isso foi rico para ela ao conhecer mais da cultura brasileira. Inferimos a questão da **convivência com as diferenças** e o objetivo de **ampliação do repertório sociocultural** como expressões importantes do seu discurso.

Associada à convivência, observamos a virtude de **respeitar as diferenças**, quando ela cita um torneio do qual ela participava e que reunia as pessoas dos clubes da elite de São Paulo e dos centros esportivos da periferia, experiência na qual houve uma interação entre as crianças de diferentes classes sociais de forma bastante respeitosa.

Ela também aponta sua experiência para abordar a relação entre a prática esportiva e a educação formal, dizendo que havia uma cobrança para que os participantes estivessem não só matriculado na escola, mas também efetivamente estudando, ou seja, indica uma possibilidade do esporte **favorecer o processo de aprendizagem escolar**.

A entrevistada considera bastante importante **conhecer o corpo**, suas respostas , pois isso trará benefícios para o cotidiano dos educandos. Aponta ainda a **aprendizagem do esporte, da modalidade** desejada pelo educando como objetivo do processo.

Outro ponto levantado é o **fortalecimento das questões emocionais** do indivíduo por meio do esporte, que também ajuda emocionalmente a enfrentar situações na vida, como a questão do medo, o enfrentamento de desafios e a questão da perda. A entrevistada diz que, embora alguns atletas tenham dificuldade em valorizar pequenas coisas, pequenas conquistas, situações que precisam ser aprendidas, valorizadas e celebradas, há aqueles que conseguem **valorizar e celebrar pequenas conquistas diárias**, e isso, conseqüentemente, **fortalece o enfrentamento de novos desafios**. Pontua ainda o **aprendizado para lidar com cobranças pessoais**.

Entrevistado 4

Segundo o entrevistado 4, em razão da significativa visibilidade que o alto rendimento tem na sociedade, a expectativa que se coloca na criança que começa a se dedicar ao esporte é muito grande, e isso pode atrapalhar o desenvolvimento da criança e também o trabalho do professor.

Nessa direção, o entrevistado coloca dois pontos. Primeiro que o esporte não tem se disseminado como deveria na sociedade; e o segundo ponto é que, quando se pensa na adesão à prática esportiva, tendo como pano de fundo o alto rendimento, *“a criança acha que vai para uma escola de natação e depois de seis meses já vai ser o Cielo da vida e o pior é que os pais têm essa expectativa também, e claro que, o que é esperado e o que é realmente feito tem uma distância enorme, e normalmente há uma grande desistência”*.

É possível constatar a percepção do entrevistado quanto ao impacto que a visibilidade do esporte profissional exerce na direção de reforçar o processo de iniciação esportiva apenas como uma etapa para se atingir o esporte de alto rendimento, reduzindo, dessa forma, as funções e os significados do fenômeno esportivo.

Aponta que atribuir a mesma intencionalidade do esporte profissional a outras esferas do fenômeno esportivo traz complicações no processo, sobretudo em relação aos

objetivos pedagógicos na iniciação, o que é, segundo ele, uma das principais razões da evasão precoce. Isso nos permite inferir que, para o entrevistado, um importante aprendizado é justamente **ampliar a visão dos educandos e de seus responsáveis sobre a pluralidade do fenômeno esportivo (pluralidade de formas, sentidos e significados)**.

Outro ponto levantado pelo entrevistado, e que está em consonância com o referencial teórico adotado no estudo, refere-se à defesa de que, na iniciação esportiva, a prática pedagógica não pode se restringir a uma minoria que se destaca em decorrência de habilidades e competências apresentadas na infância, pois isso exclui a maioria, tida como menos habilidosa. De acordo com o entrevistado, **não tem sentido promover uma participação elitista desde o começo**, isso seria tentar dar o tiro sem acertar o alvo.

Na perspectiva de **defender o acesso e permanência a todos na infância**, o entrevistado explica que se o número de praticantes for maior, conseqüentemente teremos uma sociedade esportivamente mais ativa e que, a partir daí, haverá mais facilidade em encontrar pessoas com mais aptidão. Indica então que a sociedade deve encaminhar essas pessoas para as instituições apropriadas e esclarece que, no Brasil, esse processo se dá nos clubes, enquanto nos Estados Unidos da América é basicamente nas universidades. Contudo, **faz questão de reforçar seu ponto de vista, que está em consonância com o que defendemos no marco teórico, de que o alto rendimento pode ser uma das conseqüências de um processo de iniciação esportiva exitoso, e não uma intencionalidade**.

Por fim, o entrevistado aponta que **o esporte permite incorporar valores que fazem com que a vida dos praticantes possa ser melhor** e, apesar não aprofundá-lo, defende a sensibilização das pessoas durante a iniciação, para as coisas que podem ser adquiridas com a prática esportiva.

Entrevistado 5

Como nas inferências individuais anteriores, demos preferência por abordar inicialmente as informações relativas às intencionalidades.

Sobre esse tema, o entrevistado 5 comenta que os pais geralmente têm um conceito de iniciação esportiva apoiado na própria experiência ou na sua forma de ver o mundo,

nessa direção, a maioria acredita e cria uma expectativa de que o filho dele será um campeão.

Para o entrevistado, o processo de iniciação deve trabalhar na **formação de pessoas**, e não simplesmente na ideia da formação de um craque, ou da descoberta de um talento. Assim como o entrevistado anterior faz questão de colocar: **até pode emergir um craque, mas não é o objetivo do processo.**

Para ele, o esporte é um meio pedagógico por excelência, promotor de valores, cujos objetivos seriam, basicamente, promover o que o entrevistado 1 chamou de “**virtudes**” e **promover o desenvolvimento da personalidade, capacidades e potencialidades.**

Explica que, quando ele fala em desenvolvimento de capacidades, “entram todas”: **capacidades motoras, cognitivas, sociais, psicológicas, de interação, de jogar**, “*há um leque de capacidades a desenvolver*”.

Faz também uma relação da utilização do jogo com a **capacidade de pensar, de perceber, de responder às situações de jogo** e aponta que o contato com boas experiências favorece o desenvolvimento de processos cognitivos, sua **capacidade de tomada de decisão e sua habilidade para o raciocínio tático**, objetivos esses destacados ao longo da entrevista. Aponta ainda como possibilidades de desenvolvimento, da **capacidade de autoaprendizagem, da superação e o aprendizado da elaboração de estratégias que convergem para um determinado objetivo.**

O entrevistado cita a **aprendizagem motora**, e defende que é fundamental desenvolver a **coordenação**, pois ela é a base da realização de qualquer tipo de movimento e explica que não há como realizar uma técnica sem uma boa coordenação. Comenta sobre a importância de desenvolver habilidades de como organizar os ângulos, controlar forças, observar os deslocamentos, antecipar posições, antecipar o voo de uma bola, elementos estes que, posteriormente, permitirão, por exemplo, antecipar um passe.

Dentre os valores que podem ser potencializados pelo processo, destaca a socialização, a integração com outros colegas, a superação e o respeito.

Análise inferencial coletiva

Além das reflexões construídas a cerca das intencionalidades educativas, foi possível extrair um conjunto de aspectos relacionados aos objetivos que os entrevistados

consideram relevantes em um processo de iniciação esportiva. Assim como fizemos nas inferências individuais dessa categoria, buscamos preferencialmente tratar as informações relacionadas às intencionalidades, para posteriormente pontuar os objetivos.

Conforme Libâneo (19994, 2003), o que define uma ação como pedagógica é o sentido, os rumos que se dão às práticas educativas. O caráter pedagógico da prática educativa se constata como ação consciente, intencional, planejada no processo educativo, por meio de objetivos e meios estabelecidos por critérios que indicam o tipo de ser humano a formar, para qual sociedade e com quais propósitos.

Muitas são as intencionalidades e os objetivos indicados pelos entrevistados. Alguns deles aparecem de forma implícita no discurso, outros de maneira explícita.

De forma geral, foi possível perceber que há uma consonância entre as intencionalidades apresentadas pelos entrevistados e as discutidas no referencial teórico. Já em relação aos objetivos, é importante pontuar que estes não foram tratados nos capítulos anteriores, uma vez que seu levantamento estava inicialmente mais atrelado à necessidade de suscitar elementos para as questões relacionadas ao como educar na perspectiva sinalizada.

Uma primeira intencionalidade fortemente defendida é a de fazer com que o esporte não seja usado como ferramenta de lucro desenfreado, mas, sim, como um facilitador de educação para a cidadania, de educação para a vida, de formação do ser humano, favorecendo um aprendizado para aquilo que se considera *“a educação do bem, a educação ética, a educação que resultará num jovem e num adulto responsável pela sua vida e também pela vida das outras pessoas, voltadas para a felicidade, que possibilite que ele tenha essa vida melhor; voltada para um mundo melhor, e não necessariamente para um mundo maior, não um mundo de consumo supérfluo desenfreado”*.

A educação para a vida tem uma forte relação com outra intencionalidade também presente nas entrevistas, a de contribuir com o desenvolvimento integral dos educandos, considerando os aspectos: físico, emocional, social, mental e espiritual, ou seja, aqueles voltados ao fortalecimento das capacidades motoras, psicológicas, sociais, cognitivas e espirituais.

Defender o acesso e a permanência de todas as crianças e adolescentes no processo de iniciação é outra intencionalidade presente e ela favorecerá para que tenhamos uma sociedade esportivamente mais ativa; *“não tem sentido promover uma participação elitista desde o começo e isto é tentar dar o tiro sem acertar o alvo”*. O alto rendimento pode ser uma

das consequências de um processo de iniciação esportiva exitoso, mas não sua intencionalidade.

De forma geral, os objetivos que perpassaram o discurso dos sujeitos da entrevista foram:

- Favorecer a aprendizagem da modalidade – de seus conteúdos (físicos, técnicos e táticos), sistemas de jogo, regras, história, códigos e todos outros elementos que compõem sua cultura.

- Afirmar o processo de construção e contribuir para a potencialização das virtudes (valores desejáveis), tais como: coragem, confiança, lealdade, solidariedade, respeito às diferenças, integração, cooperação, convivência, criticidade, ética, comprometimento, responsabilidade.

- Incorporar o gosto, o prazer pelo esporte.

- Dar significado às emoções que envolvem o universo do esporte e preparar as pessoas emocionalmente para lidar com os desafios do jogo e da vida, compreendendo que, uma vez que esses sentimentos humanos sejam vivenciados no jogo, possibilitarão que o indivíduo esteja mais bem preparado para lidar com eles nas demais situações vivenciadas.

- Desenvolver o aspecto cognitivo, a inteligência, o saber relacionado à resolução de problemas e à produção de coisas novas.

- Compreender as regras de convivência, respeitar o educador e as regras do jogo.

- Construir e fortalecer o sentimento de pertencimento, a partir de um ambiente propício para que os educandos possam se inserir socialmente, fazer amigos e conviver.

- Promover saúde e o conhecimento do corpo.

- Ampliar o repertório sociocultural.

- Fortalecer o processo de aprendizagem escolar.

- Fortalecer a resiliência para enfrentamento de novos desafios.

- Favorecer a aprendizagem da ação de celebrar pequenas conquistas diárias e do ato de lidar com cobranças pessoais.

- Ampliar a visão dos educandos e de seus responsáveis sobre a pluralidade do fenômeno esportivo (pluralidade de formas, sentidos e significados).

- Aumentar a capacidade de pensar, de perceber, de responder as situações de jogo e de raciocínio tático-técnico.

- Desenvolver a capacidade de autoaprendizagem, superação e o aprendizado da elaboração de estratégias que conjugam para um determinado objetivo.

- Construir e fortalecer a autonomia moral e esportiva.

Para os entrevistados, é evidente que o esporte pode e deve educar, fundamentalmente, para a formação humana, para a formação cidadã, para a vida.

A partir da premissa da transferência dos aprendizados construídos no esporte, para a vida do indivíduo praticante, podemos inferir que parte importante do processo educativo está relacionada à constituição de um ambiente voltado para a construção de valores desejáveis, das virtudes. Serão os princípios e os procedimentos adotados pelos educadores que facilitarão essas construções.

No entanto, reforçamos que isso só se torna possível, após a explicitação dos valores e de uma clareza na intencionalidade.

As duas próximas categorias tratarão justamente desse aspecto, ou seja, a partir de um conjunto de intencionalidades – permeada por valores – como educar para os fins pretendidos.

4.4.3. Princípios pedagógicos

Análise inferencial individual

Entrevistado 1

São muitos os princípios apontados pelos entrevistados, principalmente pelo entrevistado 1.

A fim de facilitar a visualização deles, bem como a sua posterior apresentação, reunimos as temáticas relacionadas aos princípios de acordo com uma expressão que os representem (conforme indica a técnica de análise por categorias e conforme fizemos nas categorias anteriores).

O entrevistado 1 comenta que o professor aceitável, é aquele que, ao ensinar esporte educacional, ensina bem a todos (tecnicamente); e ensina mais do que o esporte a todos. O esporte não é só para ensinar o gesto esportivo, ele tem que ser integral e ensinar coisas para a vida.

Durante sua fala, comenta princípios que explicitam alicerces de uma prática pedagógica da qual acredita e defende.

Para ele, o esporte, no contexto da iniciação para crianças, tem que ser **construído coletivamente** e **os educandos precisam ser protagonistas da ação**. Dentre inúmeras razões que perpassam seu discurso, considera que o protagonismo tem uma relação direta com a possibilidade de ter um posicionamento crítico ao uso que se faz do esporte, ou seja, a intencionalidade adotada.

Defende também que o esporte tem que ser **inclusivo** e que é preciso deixar claro para o grupo que todos podem participar de tudo. Comenta que, se o educador ensinar futebol para um grupo de crianças e não excluir ninguém, ele torna sua prática muito educacional. Nessa direção, **a acessibilidade** se torna um princípio fundamental, lembrando que a acessibilidade está sendo adotada como princípio voltado não apenas à inclusão de pessoas com deficiência, mas

como um compromisso de **garantir a participação efetiva de todos os participantes** e de possibilitar que **cada educando aprenda de acordo com a sua história de vida, com o que lhe é mais acessível e com aquilo que lhe faz sentido**, por exemplo, colocar as crianças que começam a aprender natação para bater pernas na borda da piscina, essa estratégia, segundo o entrevistado não tem sentido algum para elas.

Outro aspecto levantado pelo entrevistado é de que o processo precisa **oferecer espaço para a autonomia dos educandos**, a fim de que possam tomar decisões e se responsabilizarem por suas decisões e atitudes.

O **respeito aos limites do educando** e a **valorização de suas potencialidades** são apontados pelo entrevistado como importantes princípios, atrelados, por exemplo, com a intencionalidade de buscar a evolução permanente do educando.

A **competência pedagógica** aparece como outro importante princípio. Para o entrevistado, se o educador ensinar bem o gesto esportivo ele estará, como professor, dando uma demonstração de fidelidade ao esporte e de respeito pelo seu aluno. Logo não se pode ensinar de qualquer jeito, é preciso ensinar bem.

A **atenção**, a **sensibilidade**, e o **respeito às individualidades do educando** aparecem no discurso do entrevistado. Inferimos esses princípios, quando ele comenta sobre estar atento as dificuldades do aluno, e percebendo-as, ele o ajuda, seja retardando a corda, seja a acelerando para que o aluno não erre, para que saia dali sabendo de que ele é capaz de fazer a atividade, e isso elevará sua autoestima. O professor não deve buscar o erro do aluno, e sim, o acerto. *“Eu não o ensino a errar, eu o ensino a acertar. Eu não sou contra o meu aluno, eu sou a favor do meu aluno”*.

A **conduta do educador** também perpassa o seu discurso em outros momentos da entrevista. Para ele a conduta precisa ser extremamente **rigorosa** para que a aula de fato aconteça; muito **amorosa**, para que o professor sempre queira fazer bem a sua aula; e **democrática**, que **respeite** o modo de ser de cada pessoa. *“Eu tava batendo corda, aí eu fiz o seguinte, eu pedi para uma outra pessoa bater corda, fui lá, dei um sorriso para ela [menina com dificuldades]e ofereci a mão para ela. Ela segurou na minha mão, assim, com a maior alegria do mundo, e aí eu fui com ela para o desafio da corda, passar lá 30 ou 40 vezes, e quando chegava nossa vez, eu ia com tudo! Eu e ela. E ela passava! Ela passava e ria assim um monte”*. O entrevistado chega a mencionar a **compaixão, a bondade e o amor** como sentimentos pouco

mencionado, mas que, no fim, resolvem, com uma boa dose de técnica pedagógica, muitas das questões do processo de mediação esportiva.

Outro princípio trazido pelo entrevistado, não discutido pelo referencial teórico e polêmico no campo da educação, é o da **livre adesão, ou livre participação** do educando. Comenta que é muito comum observar nas escolas convencionais, que as crianças não têm opções de escolha, são forçadas a participar das aulas de matemática, geografia, português, história, física, química. Por conta disso, esses “condenados silenciosos”, ou assumem uma postura acomodada e passiva ou se rebelam, gerando as tão faladas indisciplinas escolares. Já nas aulas de educação física, os alunos podem se sentir mais à vontade e muitas vezes se voluntariam para participar mais ativamente, isso porque elas podem acontecer em um espaço aberto, com brinquedos como bolas, bastões, arcos, cordas. No caso das crianças, há ali momentos para fazer muitas brincadeiras; no caso de adolescentes, há muito esporte, enfim, segundo ele, a aula de educação física ainda é o espaço onde se pode encontrar aquele aluno voluntário. Embora concordemos que as aulas de educação física favoreçam a participação dos alunos, em detrimento de outras disciplinas, há um número considerável de crianças que também não gostam das aulas de educação física e que passam durante todo período escolar se esquivando das práticas. Defendemos que esse fato está atrelado, em sua maioria, a processos equivocados de mediação do processo educativo, amparados em metodologias e intencionalidades que não correspondiam ao contexto e às possibilidades dos participantes e que, historicamente estavam voltados a uma aula elaborada tendo como referência os mais habilidosos.

O entrevistado defende a ideia de que o aluno que adere à aula pode ser educado com maior facilidade, pois ele está onde quer estar. *“O aluno vem à aula de esporte, ele quer fazer a aula, vai praticar o esporte que quer fazer, que é querido por ele, que é divertido, que é alegre”*. A educação não formal, embora favoreça, não garante, por si só, a livre adesão do educando. O educando pode participar de determinado projeto por razões como interesse dos responsáveis, indicação de outros profissionais, comodidade no cotidiano, enfim, são muitas razões. Mas há também casos nos quais o educando tem o interesse no projeto, contudo não em algumas ações particulares que o compõem. De acordo com o entrevistado, assumir a livre adesão como princípio favorecerá o processo de educação dos participantes, pois estes estarão receptivos às oportunidades de compartilhamento de saberes e experimentações.

A presença de elementos lúdicos, dos desafios prazerosos e da brincadeira

também perpassam toda a entrevista, evidenciando seu posicionamento em relação à defesa da **ludicidade** no processo pedagógico.

Entrevistado 2

Para o entrevistado 2, ensinar mais do que esporte também é um compromisso que todo educador deveria assumir.

O entrevistado menciona que alguns técnicos/educadores exigem demais das pessoas que estão jogando, desconsiderando avanço dos conceitos primordiais sobre fadiga, cansaço e estresse no contexto das práticas esportivas para quem está se iniciando. A primeira coisa é saber como a pessoa está respondendo aos estímulos que está recebendo, ou seja, perceber se ela está reagindo de forma positiva ao processo, se ela está desejando permanecer na prática. Ele entende que para isso, os educadores devem **respeitar as características, as expectativas e as possibilidades de cada criança e de cada adolescente**, assim, defende a necessidade do educador estar **atento e ser sensível** às respostas do educando e conhecer mais sobre o universo deles, a fim de lhes oferecer a vivência mais adequada na esfera esportiva.

Para o entrevistado 2, conhecer a anatomia do corpo, fisiologia, biologia do movimento; os princípios do treinamento desportivo, sejam eles aplicados em qualquer faixa de idade; as respostas à adaptação, mediante qualquer esforço, ou qualquer tipo de experiência; isso tudo é muito importante, pois traz para o educador uma possibilidade de olhar ampla e aprofundadamente para qualquer experiência dentro do esporte, desde a iniciação esportiva, até o esporte de alto nível.

Conhecer mais sobre o universo biopsicossocial do educando compreende o princípio da **competência/conhecimento das questões científicas, técnicas e didático-pedagógicas**. *“Então muitas vezes o pessoal quer colocar para iniciação e formação, um volume de mar no copo da criança e do adolescente. Entendo eu que deve se adequar e entender o que o copo e a jarra suportam, que não é o que o mar deseja que se suporte”*.

É a partir do conhecimento sobre o universo do educando, sobre como ele pode responder às exigências, que será possível adequar e dimensionar a prática. Nessa perspectiva, um objetivo primordial é favorecer o prazer de jogar, um prazer que seja possível aos praticantes

no momento presente, e não o adiantamento dos estímulos ou de situações que de tão complexas impeçam, na verdade, a vivência desse prazer vivificante do jogar. Para isso, a **ludicidade** se faz fundamental e, além da ludicidade, **a participação efetiva da criança no jogo, no processo, nas competições**.

Em relação a uma competição, segundo o entrevistado, a criança pode querer simplesmente a alegria do jogo, a participação e ter a sua presença reconhecida. Talvez até possa ser importante a vitória, *“mas que ela ganhe jogando e não que ela ganhe assistindo do banco, os seus companheiros fazendo pontos, enquanto ela simplesmente veste a camisa e receba, talvez, um prêmio no final”*.

Para o entrevistado, se não existe o prazer do jogo, o prazer da adequação para o indivíduo poder se apropriar efetivamente do jogo, ele crê que a prática da iniciação esportiva estará sendo perversa. Indica que um princípio importante é **fazer com que a criança e o jovem possam se apropriar da experiência esportiva de forma vivificante e não frustrante, e pontua que** esta última forma pode levar a evasão precoce.

Contrapondo a especialização esportiva precoce, o entrevistado defende o princípio da **diversificação** de estímulos, desafios e estratégias pedagógicas.

O entrevistado destaca o princípio da **acessibilidade** em suas respostas. Explica que é essencial saber qual tipo de desafio o educador irá oferecer: se será um desafio mais físico, mais mental, mais social, ou mais emocional. Além disso, comenta que será preciso dimensionar o desafio, entender que ele pode ser pautado por vários fatores, tais como pela fisiologia, pela percepção do esforço, pelo quanto inteligente o educando pode ser diante do desafio. De acordo com ele, alguns terão mais facilidade de resolver os desafios usando suas habilidades motoras, ou específicas, no entanto outros tentarão resolvê-los mais cognitivamente. Assim, compreender qual o desafio é suficientemente bom, qual desafio realmente fará com que as pessoas ultrapassem, superem o estado anterior, é relevante para uma melhor mediação do processo, no sentido de propiciar um desafio condizente para cada educando.

Muitas vezes os educadores projetam um desempenho que talvez não seja o desejo da criança, isso retrata que o sonho do educador não está alinhado com o sonho da criança. Nessa perspectiva, o entrevistado defende que a aproximação desses dois projetos imaginados também é muito significativa, pois, se o sonho do educador e da criança estiverem muito distantes, é obvio que o processo causará frustração nos envolvidos. Assim, saber o que a criança

deseja, respeitar esse desejo e buscar um **alinhamento dos sonhos e projetos de educador e educandos é fundamental.**

Para alinhar esses sonhos e expectativas, ele acredita no diálogo. O professor precisa abrir espaço para a criança ou o jovem poder expressar como ele entende a situação-problema que está acontecendo na prática. Desse modo, o professor conseguirá conhecer a experiência que o educando está vivendo e de que forma ele está fazendo a leitura dessa situação. Inferimos que a **dialogicidade e o respeito ao saber e ao momento** pelo qual passa o educando são dois outros importantes princípios. Dialogicidade não somente com cada um dos educandos, mas dialogicidade com a diferença de todos.

Para o entrevistado 2, as ações muitas vezes são inadequadas porque o educador coloca somente o modelo dele para funcionar, e não respeita o modelo de quem está praticando o esporte. O professor precisa do retorno do aluno e se questionar: *“o que que nós temos aqui? Por que nós estamos passando por esse momento? Qual é o desafio que nós temos? O que que não está funcionando?”* O entrevistado defende que é muito importante **acessar o modelo de entendimento de quem joga**, para saber qual é a experiência da pessoa em torno da situação apresentada e **valorizar as experiências pessoais anteriores**, no sentido de recrutar e **potencializar os saberes já existentes** que levem a uma solução possível para aquele momento

Se o educador ficar constantemente colocando somente as suas impressões e as suas experiências internas, pode ser que o educando mediante aquela tarefa, aquele exercício ou aquele procedimento pedagógico, não entenda a proposta do educador, logo os propósitos de ambos se distanciarão. Isso pode fazer com que as relações de respeito sejam enfraquecidas, *“Vem novamente o respeito ao modelo de mundo do outro que não significa, necessariamente, a minha maneira de ver o que está acontecendo, mas se o outro vê aquilo daquela maneira, eu posso respeitá-lo, desde que ele também me respeite, e nós podemos assim conviver”*.

Outro aspecto levantado pelo entrevistado é a necessidade de ajudar o educando a compreender que ele ainda está se desenvolvendo, ainda pode aprender a jogar melhor. Pontua que para isso existe o treino, existe a prática, e que é por ela que é possível **estimular o educando a ter um desempenho melhor.**

Respeitar a vontade da criança de jogar o que ela escolheu também se manifestou na fala do entrevistado. *“Quando a gente estava oferecendo outra modalidade, a gente estava colocando a modalidade que nós escolhemos para ela. É aquela discrepância que*

eu falo do sonho do pedagogo e do sonho da criança. São sonhos diferentes”. A partir desse exemplo, o entrevistado evidencia a necessidade de **respeitar o desejo dela em jogar o que ela quer jogar** e adequar quanto mais conseguirmos, todas essas possibilidades pedagógicas que enxergamos no jogo.

Ele defende então que não podemos tirar esse prazer das crianças; precisamos deixar que sejam livres, que estejam presentes na sua totalidade na ação, deixá-las saber que aquela esfera que elas criaram para o jogo pertencem muito a elas, pois às vezes, quando o educador faz uma intervenção, que coloca uma regra nova, ele pode não atender a possibilidade das crianças se divertirem mais, comprometendo a ludicidade. Então para o entrevistado é muito importante essa **acessibilidade de aproximar constantemente as estratégias pedagógicas que o adulto conhece, desse prazer que a criança busca no jogar o jogo que ela escolheu**.

Entrevistada 3

A **diversificação** é o primeiro princípio mencionado pela entrevistada. Ao falar sobre as aulas de ginástica, diz que, geralmente, a modalidade é vista de forma não coletiva, pois geralmente o que se vê na tevê é uma apresentação individual. Ela relata que gosta de quebrar essa visão, fazendo com que boa parte da aula, além de exercícios realizados individualmente, tenham tarefas em duplas, trios, pequenos grupos e grandes grupos, do grande para os pequenos grupos. Segundo ela, essa interação ocasionada pela diversidade de propostas é muito importante no esporte, para o aprendizado das questões de colaboração, do respeito, pois os educandos aprendem com a dificuldade do outro. Sinaliza que é inevitável o momento de trabalho individual, mas que, no início do processo de formação esportiva, não vê muito essa necessidade, reforça então o **trabalho em grupos**, pois acredita que além dos aspectos já mencionados, reforça-se até a própria identidade do grupo, o ato de conhecer o outro, além de ser mais divertido, prazeroso, pois eles riem o tempo todo.

Além da diversificação, sinalizada de forma direta pela entrevistada, outros dois princípios estão presentes nesse momento. O do **estímulo à convivência** e o da **ludicidade**.

Sobre o prazer nas aulas, comenta que a criança não precisa ficar ali repetindo o mesmo abdominal 50 vezes e que aquela ação pode ser trabalhada em outro contexto, e cita como

exemplo a brincadeira, estratégia que considera bastante importante.

Um aspecto que a entrevistada percebe que está mudando muito, em relação às gerações anteriores, é a ideia da comunicação e da interação que, segundo ela, *“não é mais aquela ideia do ensino unidirecional, eu falo você faz. Então eu acho que isso está mudando muito, eu vejo os atletas, hoje eles se expressam mais, conversam. Alguns técnicos principalmente os das novas gerações, têm criado uma outra forma de relacionamento e isso eu acho que muda muito sim, principalmente em um esporte como o nosso que você trabalha com crianças. Cada um sabe o seu lugar, mas isso não quer dizer que você não possa ter comunicação”*.

Ela relata que, no começo, o Brasil fazia muitos cursos com essa visão centralizada na figura do treinador, e que **hoje há uma maior preocupação com o sportista, com suas emoções, com seu bem estar**. Reforça que essa é uma mudança importante no ambiente da ginástica. Os princípios da horizontalidade nas relações e do respeito mútuo marcam a fala da entrevistada sobre comunicação e sobre relações, especialmente quando ela retoma que antigamente as punições físicas estavam presentes no contexto do esporte para crianças, mas que hoje, o diálogo, as recompensas e as motivação são importantes formas de se trabalhar.

Outra mudança que ela percebe e acredita são as **decisões mais compartilhadas**, porque, para ela, hoje a criança, o jovem não aceita mais somente imposições, tudo pronto, eles também querem participar das decisões. O princípio da **participação efetiva no processo e do educador como mediador** é reforçado ao longo da entrevista.

Ensinar mais que esporte aparece também no discurso da entrevistada 3, mas é pouco discutido por ela.

O princípio da **competência pedagógica**, principalmente do conhecimento sobre a modalidade é evidenciado pela entrevistada. Ela considera importante que o educador tenha domínio do esporte com o qual ele trabalha, conheça a modalidade e reforça a diversão, a comunicação e a necessidade de agregar conhecimentos como pontos importantes no ato pedagógico.

A **sensibilidade e a adequação ao contexto** e ao educando são importantes também para ela.

A questão **ética**, considerada por nós como princípio, também embute muitas responsabilidades, valores e é, segundo a entrevistada, um desafio permanente dos educadores.

Por fim a entrevistada sinaliza em seu discurso que **a não obrigatoriedade favoreceria a participação.**

Entrevistado 4

Em relação ao processo de iniciação esportiva, o entrevistado comenta que a criança está fazendo algo cultural, e ela tem que sentir prazer no que está fazendo. Comenta que para ele **o principal motivo que leva a permanência da criança no esporte é o sentimento de realização e defende que o esporte é** uma atividade privilegiada para promover essa sensação. Para ele, isso não está relacionado com ganhar ou perder, ou com o seu nível de habilidade, **o que determina a sensação de realização está na diferença entre o que ele quis fazer e o que ele conseguiu fazer**, e é essa realização que o mantém motivado. Além disso, afirma que o esporte possibilita a “enturmação”.

O entrevistado traça uma relação entre a permanência da criança no processo com a sensação de prazer, o sentimento de realização e a convivência que o esporte propicia. Isso nos permite inferir que, para o entrevistado, é importante, no processo de iniciação voltado à crianças, os princípios da ludicidade, do estímulo a convivência agradável e da acessibilidade, com destaque a propiciação de momentos de sucesso adequando os desafios às possibilidades do educando.

Ao perguntar sobre o que pode ser feito para tornar a prática mais prazerosa na iniciação esportiva, o entrevistado coloca que o primeiro ponto é respeitar o processo de crescimento e o desenvolvimento da criança, possibilitando com que ela faça aquilo que está adequado a sua idade. O entrevistado explica que a preocupação do educador não deve estar voltada ao resultado, e sim, ao **respeito, aos limites do educando.**

A **diversificação** também está presente na fala do entrevistado. Ele defende que, já na iniciação, a criança deve ter acesso a várias modalidades para poder escolher uma para praticar e há de se preocupar com a prática e não com o treinamento, ou seja, a própria pessoa tem que se envolver com o problema, tem que **participar efetivamente do processo**, e não repetir várias vezes o que o técnico passou. Acrescenta que, quando o educador dá essa possibilidade para o aluno, ele não pode ficar cobrando precisão de movimento, pois é preciso

que se **respeite o próprio processo de aprendizagem**.

Conhecer a criança em seus diferentes aspectos, ou seja, aspectos: físico, motor, emocionais, sociais, morais contribuirá nesse processo, e ele defende que para fazer esse tipo de análise e uma melhor mediação é preciso ter um conjunto de conhecimentos, dentre os quais ele menciona o conhecimento sobre bioquímica, fisiologia, capacidade motora, social, antropológica, psicológica, história da modalidade. Fica evidente a defesa do princípio da competência técnico-pedagógica para uma melhor mediação do processo educativo.

Entrevistado 5

Três importantes princípios perpassam o discurso do entrevistado 5. O primeiro deles é a **acessibilidade**. O entrevistado indica a importância de se respeitar e adequar os objetivos e as propostas ao contexto da prática e ao perfil dos educandos.

O segundo está relacionado à defesa do **educador como mediador**, indicando que ele é o responsável por trazer e possibilitar a experimentação dos elementos positivos do esporte.

O terceiro princípio é o da **diversificação**, tanto de jogos como de formas de se trabalhar as vivências com o grupo.

Análise inferencial coletiva

Os princípios pedagógicos são as diretrizes orientadoras da ação educativa, são as condutas, os compromissos que o educador/instituição educativa assumem em relação à forma como realizar a mediação educativa.

Ao explicitá-los, abre-se o diálogo com os atores envolvidos, favorecendo planejamentos, práticas e avaliações mais reflexivas, consistentes, coerentes, portanto, mais qualificadas.

A relação entre os objetivos do processo e os princípios pedagógicos foi identificada ao longo das respostas.

As ideias de ensinar esporte a todos; ensinar bem esporte a todos; ensinar mais do que esporte; e ensinar a criança a gostar de esporte apareceram de forma direta ou indireta no

discurso dos sujeitos.

A análise dos dados contidos nas inferências individuais indicam tendências de princípios, dentre os quais se destacaram: a ludicidade, a acessibilidade, a competência pedagógica, o respeito e a adequação aos limites individuais, a diversificação e a participação efetiva no processo.

A ludicidade tem uma relação com a necessidade intrínseca da criança pela brincadeira, pelo jogo, pelo desafio. Tê-la como princípio é garantir o direito da criança ao ato de brincar e favorecer a concretização de objetivos que surgiram do discurso dos entrevistados, tais como: incorporar o gosto, o prazer pelo esporte e ampliar o repertório sociocultural (uma vez que as crianças produzem e compartilham cultura ao brincar).

A importância da acessibilidade perpassou a fala de todos entrevistados e é corroborada pelo referencial teórico. Sua principal relevância é que ela chama a atenção dos educadores para a necessidade de se garantir a inclusão de todos os envolvidos. Para sua concretização, se faz necessária a promoção de desafios e de propostas significativas e condizentes com o perfil, características individuais, potencialidades, análise do contexto e compreensão dos desejos dos educandos, sendo necessário para isso considerar elementos objetivos e subjetivos, dentre os quais foram destacados os fatores fisiológicos, psicológicos e sociais.

De acordo com um dos entrevistados, não se pode ensinar de qualquer jeito, é preciso ensinar bem. Nessa direção o princípio da competência pedagógica é essencial. A partir das inferências individuais, esse princípio pode ser compreendido como o conjunto de saberes e de competências necessárias para uma mediação mais qualificada do processo educativo, saberes esses que foram indicados pelos entrevistados nos campos do conhecimento sobre o universo biopsicossocial do educando, do conhecimento sobre a modalidade esportiva, do conhecimento dos elementos que integram o desenvolvimento integral do indivíduo, do conhecimento sobre os aspectos pedagógicos e metodológicos e da competência para se relacionar e realizar uma comunicação eficaz com os educandos.

O respeito e a adequação aos limites individuais, assim como a valorização das potencialidades são defendidos como princípios fundamentais para propiciar o prazer pela prática, a evolução permanente e a integridade física e psicológica do educando.

Esse último aspecto nos convida a pensar em outro princípio indicado nas

entrevistas: a segurança. Esse princípio está atrelado nas respostas ao objetivo de promoção da saúde, presente também quando se operam procedimentos em que acidentes são evitados, quando há uma adequada modulação dos esforços, quando se melhora a condição física dos participantes, quando se respeita os momentos de descanso e quando favorece o aprendizado sobre gestão de riscos.

Pudemos inferir a diversificação como princípio presente no discurso de todos os sujeitos da pesquisa. Ela aparece na defesa em oferecer várias modalidades aos educandos; em trabalhar, no processo pedagógico, os conteúdos; nas formas de composição e divisão dos grupos; e nas metodologias e estratégias de ensino-vivência e aprendizagem utilizadas. A justificativa para adotar esse princípio também dialoga com o escopo teórico que sinaliza que, além de propiciar um aprendizado mais acessível e plural, proporciona distintas oportunidades de convivência, portanto de contato com as diferenças, e dificulta a manifestação de problemas ainda comuns no contexto do esporte para crianças: a repetição de conteúdos, a repetição de estratégias, e a especialização esportiva precoce. Esse último é apontado por um dos entrevistados como o maior problema da iniciação esportiva.

A participação efetiva também está presente no conjunto de princípios defendidos por todos os entrevistados. Conforme discutido no escopo teórico, a presença do educando nas atividades não é suficiente. É preciso que ele atue de forma efetiva e significativa em todos os momentos do processo. Uma criança dificilmente tomará gosto pelo esporte se ela não estiver participando realmente das escolhas, das decisões e dos desafios do jogo, e a formação de pessoas mais inteligentes ficará comprometida se esse princípio não se fizer presente. Podemos ainda inferir a relação desse princípio com outros pontos sinalizados pelos entrevistados, tais como o fortalecimento da autonomia, o exercício da escuta e os princípios da livre adesão nas atividades, a horizontalidade nas relações e a dialogicidade.

A postura/conduta do professor também esteve presente no discurso dos entrevistados. Emergiram apontamentos em direção da defesa de uma conduta: atenciosa, comprometida, democrática, cuidadosa, amorosa, acolhedora e sensível.

Dois princípios são mencionados de forma mais pontual, entretanto, por corroborarmos a sua relevância no processo pedagógico, optamos por mencioná-los nas inferências coletivas. Foram eles: a ética e o alinhamento dos sonhos e as expectativas entre educadores e educandos.

4.4.4. Procedimentos pedagógicos

Análise inferencial individual

Entrevistado 1

“Daí o educador falou: ‘Olha, vou dar um tempo para vocês acharem um jeito de brincar melhor e pegarem os fugitivos’. Aí eles se reuniram lá num canto, começaram a conversar, conversar, conversar... demoraram... aí traçaram no chão os riscos...”

O procedimento pedagógico de **propiciar aos educandos momentos de reflexão e diálogo** foi o que mais apareceu na entrevista do sujeito 1. Ele faz uma relação da aplicação do procedimento com inúmeros objetivos e princípios pedagógicos.

Quando o entrevistado menciona que teria como proposta dar um tempo para os alunos conversarem e traçarem um plano, para acharem um jeito de jogar melhor, não seguindo o jeito do educador, e sim o deles, é possível inferir a relação do procedimento com o objetivo de desenvolver a autonomia esportiva, a criatividade, o trabalho em grupo, a cooperação, a expressão das individualidades, o exercício da negociação, da argumentação, da escuta, a convivência em grupo.

Como estratégia relacionada ao procedimento, o entrevistado mencionou as rodas de conversa no início e no fim de cada aula ou treino, em qualquer lugar, em qualquer momento de ensino de educação desportiva. Para ele, antes de começar uma aula, todos os educadores podem sentar em roda e conversar com os educandos sobre o que irá acontecer no dia, com isso, em graus dos mais diversos, eles conhecerão e poderão refletir as práticas propostas. Na roda final, pode-se refletir, rapidamente, sobre o que aconteceu, *“são tomadas de consciência”*. O entrevistado comenta que esse é um procedimento de colocação de dois momentos em que se propicia a produção de consciência e explica que a consciência é o melhor veículo de extensão de um conhecimento específico para um conhecimento geral; conhecimento de uma situação localizada para uma situação generalizada de vida. Segundo ele, é uma consciência que permite repercutir coisas ocultas no momento da prática, para outras situações de

vida, por exemplo, a cooperação, o respeito, etc.

Fica evidente a relação do procedimento com a construção da autonomia moral do educando e com a premissa de que valores construídos e fortalecidos no esporte podem ser transferidos para a vida dos indivíduos.

Atrelado a esse procedimento, o entrevistado sinaliza a necessidade da mediação do educador, a necessidade de ele **problematizar**, a necessidade de ele **fazer as perguntas certas** a fim de fomentar e potencializar os momentos de reflexão e diálogo.

Como exemplo, o entrevistado faz o relato de algumas situações reais de aula:

ele (professor X) tá dando lá uma aula de basquetebol e um aluno tem uma dúvida sobre uma regra. Ao invés de dizer assim: “não tem que ser assim e acabou” ele diz: “mas por que você acha que tem que ser diferente?”.

Na visão do entrevistado, mesmo que o aluno nunca mais jogue basquetebol, esse conhecimento de uma moral autônoma produzirá relações democráticas, e é esse tipo de moral que tem que prevalecer numa democracia. Para ele, esse é outro exemplo do que significa ensinar mais do que o esporte, e afirma que não é tão difícil fazê-lo. Trata-se de uma questão de estudar, de uma questão de mudar a perspectiva da formação: de uma formação automática (mecânica), para uma formação produtora de consciência.

Os **jogos e as situações-problema** são fortemente defendidos pelo entrevistado como facilitadores no processo de ensino-vivência e aprendizagem esportiva. Novamente o procedimento está associado aos objetivos e aos princípios pedagógicos. Nessa perspectiva explica, por exemplo, que se o educador quer trabalhar a cooperação, ele pode criar situações-problema em que os educandos precisem cooperar para jogar melhor.

Destacamos nesse momento uma ideia defendida no marco teórico, que é a ideia da integração entre os procedimentos. No caso acima, por exemplo, além de criar as situações-problema, o educador pode, no decorrer ou no fim do jogo, problematizar a situação de forma intencional e propor um momento de reflexão ao grupo para que eles discutam os problemas e as soluções conjuntamente.

A prioridade para jogos que mantenham a estrutura tática da modalidade também aparece no discurso do entrevistado. Esse procedimento pode ser observado quando, por exemplo, ele comenta que o processo de apropriação de jogos para o ensino dos gestos técnicos

pode se dar em diferentes modalidades, de forma que os educandos possam aprender a jogar a partir da construção de pequenos jogos semelhantes ao jogo formal. Defende que esses jogos permitem que os educandos exercitem de uma maneira fantástica, os fundamentos necessários para a prática da modalidade desejada.

Para o entrevistado, a ideia de aprender a jogar jogando, de forma contextualizada, dá sentido e não transgredir a inteligência do educando, enquanto que, para ele, as propostas advindas da pedagogia tradicional são transgressoras de inteligência.

Tem um momento da entrevista em que o entrevistado comenta sobre um **jogo, cujo desafio** consiste em passar por baixo de uma corda que está sendo batida. Ele fala que não impõe um padrão de gesto, ele não diz a maneira pela qual o educando precisa vencer aquele desafio, ele apenas sugere que, quando cada um se sentir à vontade, se sentir bem, achar que é hora certa, que eles passem. Relata, então, que os alunos ficam por ali, e que, de repente, um toma coragem e vai (passa pela corda), logo depois outro toma coragem e vai. Explana que se ele percebe que alguém está muito temeroso, muito indeciso, **ele pede para alguém que já passa bem pelo desafio acompanhar o amigo mais inseguro, ou ele mesmo acompanha o aluno** Quando até os mais indecisos já conseguiram passar do jeito deles, ele **modifica o desafio**, propondo que os alunos consigam, por exemplo, passar 30, ou 40 vezes, sem errar, sendo que cada vez que alguém errar, a contagem do grupo volta no zero. Algumas vezes, ele retarda ou acelera a corda para que os educandos não errem.

As ideias e os exemplos anteriormente expostos nos permitem inferir não um, mas três procedimentos pedagógicos. O primeiro deles, o mais evidente: utilizar jogos e situações-problema no processo de iniciação esportiva. O segundo, **fomentar um ambiente cooperativo, acolhedor, facilitador de relações interpessoais**. O terceiro, **produzir modificações na estrutura do jogo**, a fim de garantir o interesse e a participação efetiva de todas as crianças e asseverar que os desafios estejam condizentes com o perfil, com o interesse dos educandos e, em consonância, com os objetivos pedagógicos.

O estímulo à participação dos educandos na discussão e a construção das regras também perpassam a fala do entrevistado. Ele defende que as regras não podem ser impostas, e sim propostas, discutidas e, em seguida, praticadas depois de acordos. Esse procedimento fará com que os educandos entendam o princípio que há por trás das regras e favorecerá a autonomia moral, diferentemente de um processo em que as regras são impostas e que contribuem para uma

moral heterônoma, uma moral que dependerá sempre de um governante. O entrevistado defende que o educador deve estimular a responsabilidade do educando e explica que autonomia é responsabilidade, e que responsabilidade é liberdade. *“E liberdade é coisa difícil... a liberdade custa, a liberdade pesa, a liberdade é difícil”*. Ele comenta que as pessoas querem alguém que mande nelas, alguém que pense por elas, alguém que decida por elas e diz que isso é gravíssimo. Para o entrevistado, a moral autônoma pode ser ensinada quando se joga, mas diz que não é assim que fomos formados e conclui falando que os professores preferem ir direto ao assunto, impondo as regras.

A **educação pelo exemplo** é trazida pelo entrevistado em mais de um momento de suas considerações. Esse procedimento fica evidente, por exemplo, quando ele menciona que, ao ensinar bem esporte, o educador estará dando uma demonstração de fidelidade ao esporte e uma demonstração de respeito pelo seu aluno. Essa atitude reflete de modo positivo no educando, pois, ao sentir o respeito do professor pela docência e por ele próprio, ele tenderá a ter mais consideração pelo seu mestre. Ou seja, o professor deve ser o **exemplo**, o espelho no qual seu aluno se mirará, desse modo o educador estará contribuindo no processo de construção de valores como comprometimento, fidelidade e respeito mútuo.

Outra ideia que passa pelo discurso do entrevistado é a possibilidade que a **utilização da tecnologia tem de incrementar o processo educativo e outros procedimentos**. Cita o registro em vídeo das atividades como estratégia utilizada por ele.

Embora entenda que imprevistos sempre podem surgir no decorrer do processo, o entrevistado defende o **planejamento e a avaliação** como importantes procedimentos pedagógicos.

Para o entrevistado é evidente a relação da avaliação com o planejamento, com a intencionalidade e com os objetivos do processo educativo.

Ele afirma que, embora as pessoas talvez não tenham se dado conta, as próprias rodas de conversa, no início e fim das aulas, são momentos de avaliação. De acordo com ele, a avaliação não é apenas atribuição de nota, mas, sim, apreciação das ações para que as pessoas possam ressignificá-las e fazê-las melhor. Destaca que sua filosofia não é a da meritocracia, logo, não pontua alunos para classificá-los como melhores ou piores, ele propõe uma avaliação que aprecie as condutas de melhor qualidade. Complementa que a avaliação, vista por esse ângulo, configura-se como um dos elementos que deve ser utilizado pelos professores para construção de

uma vida mais cidadã.

Entrevistado 2

“Como se a gente imaginasse um avião, que segue para um ponto desejado, e tem lá os seus desafios durante a rota. Essa rota precisa ser predeterminada, no entanto constantemente ajustada, e ela vai ajustada, mediante essas perspectivas, da constante superação e desenvolvimento de quem está jogando e da constante readequação do técnico, professor, do treinador, para o que está contemplando o desejo de quem está aprendendo a jogar, nessa perspectiva do que os dois desejam atingir”.

Há uma consonância da fala do entrevistado com o referencial teórico do estudo de que o planejamento abrange a previsão das atividades que serão construídas, permite a revisão dos objetivos e tem uma forte relação com o processo avaliativo das ações educativas. Ciente de que, no processo de educação, são necessárias adequações constantes, o entrevistado 2 defende como procedimento um **planejamento flexível** que dialogue com os desejos e as possibilidades do educando.

Um dos elementos que deve estar presente no planejamento é a previsão da participação dos educandos em competições esportivas, embora ele pontue que há de se analisar algumas circunstâncias em que elas ocorrem.

Para o entrevistado 1, dentro da esfera das competições esportivas, muitas vezes a maneira como o evento acontece é muito inadequada. Comenta que é comum identificar calendários esportivos com excesso de jogos e de cobrança por resultados, que promovem um estresse negativo e podem comprometer o desempenho escolar. Identifica também crianças e adolescentes jogando já como adultos, copiando as formas dos adultos, ou seja, tentando, de certa forma, copiar os modelos e os objetivos de uma prática esportiva de pessoas com maturidade desenvolvida, antecipando e pulando etapas. Segundo ele, isso se dá principalmente quando o esporte está atrelado às federações, às ligas regionais, às ligas de clubes. Ele então deixa claro que é contra a reprodução de modelos competitivos de adultos. Nessa direção, **propiciar a participação dos educandos em atividades competitivas não formais** favoreceria a vivência

desse elemento importante no universo do esporte – a competição esportiva – mas de uma maneira que traga mais contribuições do que prejuízos na formação dos envolvidos.

Investir em situações-problema e propiciar momentos de reflexão e diálogo são dois procedimentos fortemente discutidos pelo entrevistado. Essas ideias perpassam o seu discurso a todo instante, como, por exemplo, quando reforça a proposição de **elementos desafiadores que estimulem a inteligência, ousadia, criatividade, participação e o envolvimento do educando no jogo.**

A fim de incrementar essas ações, ele propõe a problematização e defende a necessidade de o educador fazer as “perguntas certas”. Esclarece que considera fundamental perguntar e deixar vir à tona o modelo de entendimento da criança ou de quem está jogando. Para isso esclarece que é necessário que haja um processo de comunicação bem estabelecido, em que o professor deixa emergir a experiência externa verbalizada pela criança, e não imponha as suas respostas diante da percepção dela. Para o entrevistado, se não possibilitarmos o protagonismo do educando, nunca vamos obter uma experiência criativa, conseqüentemente, faremos com que ele copie, imite e reaja de acordo com aquilo que o professor impôs. O entrevistado afirma que essa é uma condução altamente diretiva que, simplesmente, fala para a criança ou para o jovem “jogue como eu sei o jogo” e não “jogue como você sabe jogar”.

Para ele, quando as pessoas jogam de acordo com o modelo do educador, elas estão respondendo ao jogo que o professor ou técnico deseja, mas que elas não sabem jogar, então, é provável que os professores reclamem muito, fiquem nervosos, sempre achando que os educandos não são inteligentes, mas, na verdade, os educadores é que não estão acessando a experiência de resolução de problema dos seus alunos. O entrevistado reforça então sua crença de que fazer boas perguntas, saber perguntar, **atuar com essa dimensão da situação-problema** é fundamental, deixando que a experiência do praticante se manifeste, e não colocando diante da percepção de quem joga as suas próprias experiências. *“A estratégia é saber fazer as perguntas poderosas, que vão trazer à tona a experiência interna do sujeito que está jogando”.*

Se o educador acreditar, por exemplo, na imprevisibilidade e na aleatoriedade do jogo, cada situação é única, é singular, então é preciso permitir que as pessoas leiam o que está acontecendo. É preciso que o educador ofereça oportunidades para que as soluções brotem do próprio grupo de trabalho, e não que o professor imponha resoluções já aplicadas por outros. O atleta inteligente, o jogador inteligente, a pessoa inteligente se forma, segundo ele, à medida que

a experiência de inteligência é oferecida a elas. Percebemos uma forte relação desses procedimentos com o objetivo de formar não só alunos inteligentes, mas com autonomia esportiva.

“Então creio que um norteador significativo dentro desses processos seja oferecer a experiência da inteligência, através da criação da situação-problema, que se encaixa na experiência possível naquele momento, que se norteia para o que é possível aprender naquele momento, diante das experiências que já foram vividas, construídas”.

Ele sintetiza a ideia dizendo acreditar que é muito importante identificar onde está o ponto do desafio; valorizá-lo e fazer as perguntas adequadas.

Ele comenta que para superar um desafio, não é preciso dar um passo gigantesco, mas, sim, aos poucos ir transpondo os obstáculos que se fazem presentes, por exemplo, permitindo ao educando conhecer alguém diferente, fazendo uma coisa que ele não fazia anteriormente, realizando mais vezes alguma coisa que ele já tinha feito bem. O desafio carece ser proporcional às possibilidades do educando.

A partir das situações desejadas e indesejadas vividas no jogo, é possível dialogar para colocar quais valores, quais intenções positivas permearam aquela atitude. O educador pode intervir nesse momento. As intervenções, em momentos especiais, são chamadas pelo entrevistado de “pipocas pedagógicas”, as quais ajudam no processo de ensino/aprendizagem. Num determinado instante, o professor pode interceder durante um jogo que ainda está acontecendo, noutro pode abrir uma conversa no final de uma aula ou de um trabalho a fim de refletir com os alunos as experiências vivenciadas. Para o entrevistado, a possibilidade de diálogo ajuda a minimizar pontos de tensão, pois, por meio da conversa, é possível compreender as diferentes leituras feitas pelos protagonistas, internos ou externos, das situações. Inferimos que o entrevistado está em consonância com o procedimento de propiciar momentos de reflexão e diálogo sempre que se fizer necessário. É importante que o educador crie oportunidade para que esses momentos aconteçam, estimule uma conversa franca para fomentar situações que envolvam as tomadas de decisão, a construção de soluções em conjunto, enfim, o protagonismo dos educandos no processo de resolução dos problemas.

A defesa de um **ambiente cooperativo** em detrimento do coercitivo também

está presente nas respostas do entrevistado. Ele se posiciona de forma negativa ao educador que manda, pune e que ameaça constantemente, fazendo com que os educandos executem as propostas não por prazer ou por fazer sentido, mas para não sofrer ameaças, punição.

Esclarece que os processos que envolvem ameaças, medo, vergonha, ou as perspectivas de punição, eles até acontecem, no entanto não respeitam as pessoas na sua integridade, e, segundo ele, têm vida curta. Ele aposta em ambientes em que o educando se sinta acolhido e se entenda criativamente e pertencente ao grupo.

A defesa do **jogo como importante facilitador** no processo de ensino-vivência e aprendizagem esportiva, bem como a **prioridade por jogos simplificados, mas que contemplem os elementos tático-técnicos da modalidade** também aparecem em sua entrevista.

Ele explica que, muitas vezes, o jogo formal por sua complexidade, por seu conjunto de regras, já, de certa forma, sedimentadas, não atende ao desejo de quem quer se iniciar, pois é difícil de jogá-lo. Assim, as **modificações na sua estrutura inicial** favorecem, justamente, que a complexidade dos desafios seja adequada ao contexto do educando e do grupo.

Embora defenda o jogo como importante facilitador do processo de aprendizagem esportiva, argumenta também que o educador pode ensinar por meio de outras estratégias pedagógicas. Comenta sobre diferentes formas de jogos e sinaliza momentos em que os exercícios analíticos são relevantes no processo; o que deixa claro sua defesa em **diversificar estratégias de ensino-vivência e aprendizagem**.

Estimular e facilitar o acesso para que os educandos possam **assistir aos jogos formais dos atletas que são profissionais** aparece como outra ação defendida pelo entrevistado. Segundo ele, esse procedimento favorecerá o entendimento de outros aspectos constitutivos do jogo e a observação de outras experiências interessantes que o jogo contém, *“que não seja somente o placar, se foi certo o chute ao gol, o arremesso à cesta, a batida, o ataque, o ponto com a bola no chão lá no voleibol”*. Ampliará também a visão em relação ao que aquelas pessoas que estão praticando o jogo formal expressam quando estão jogando, a entrega delas ao jogo, a percepção da sensação de que elas estão naquele momento no único lugar do mundo em que elas desejariam estar. Para ele, essa é uma experiência única e construída sempre de forma diferente.

Entender como o jogo se dá diferentemente a cada vez em que é jogado pode trazer uma ideia muito importante: a de que no jogo e na vida nada está predeterminado, tudo sempre é construído. Acrescenta que realizar uma mediação pedagógica em torno disso faz uma

diferença significativa, ou seja, não é simplesmente assistir ao jogo, como se fosse uma diversão em família, mas oferecer uma leitura diferenciada daquilo que está acontecendo. Segundo o entrevistado, o ato de entrar em contato com os atletas profissionais ajuda a desmistificar aquelas pessoas como “*seres que estão além da perspectiva humana*” e permite a reflexão de que o jogo pertence a todas as pessoas, e não somente a pessoas especiais, ou seja, quem está aprendendo a jogar não precisa ser tão espetacular quanto aquele modelo já formado, mas entender que aquela pessoa também erra e que errou muito quando começou a jogar. Essas questões poderão ajudar muito os educandos a enxergar o jogo não só na dimensão da espetacularidade, mas numa dimensão de humanidade, ou seja, para perceber que essas pessoas são também seres humanos. Na sua visão, “isso diminuiria a distância de quem se sente pequeno porque começa, em relação a quem já é muito grande porque já joga”.

Por fim acrescenta que o ídolo tem uma missão muito importante que é a transmissão dos valores dentro do esporte e essa aproximação pode favorecer esse processo.

Em relação ao envolvimento e aos impactos dos demais atores que compõem a **comunidade educativa** no processo, o entrevistado comenta que, geralmente, quem está jogando responde ao desejo da família e que os pais, muitas vezes, distorcem o processo de iniciação esportiva dos filhos. Eles querem ver o campeão, não gostam de vê-lo perder. Ao agir assim, os pais aumentam a frustração das crianças, quando elas não conseguem uma vitória. Embora haja os que procuram confortar as crianças, quando elas não obtêm o resultado que desejam, há aqueles que cobram quando elas não estão adequadamente se entregando à prática esportiva, “*ai já cá dentro daquilo que a gente falou, a respeito da prática que vira ameaçadora, então a criança vai para a prática para não sofrer, para não ser punida com as tarefas*”.

Nessa direção, o entrevistado defende a necessidade de os pais/responsáveis se integrarem no processo e respeitarem o que está acontecendo com os filhos, até para poderem ressignificar algumas experiências pelas quais as crianças não querem passar, tais como: a exclusão do grupo, a sensação de que não está sendo olhada com carinho que ela esperava pelo educador.

Além dos pais/responsáveis, o entrevistado entende que são significativos, nesse processo, os professores, os técnicos e os treinadores, pois, dentro de uma esfera de transmissão do conhecimento, segundo ele, se eles se empenharem em oferecer elementos que permitam que as práticas sejam realmente adequadas, poderosas, com muito conteúdo,

conhecimento e com várias possibilidades de intervenção, o processo resultará em excelentes respostas.

Cita também os gestores do esporte, que estão para além dos técnicos, do treinador, do professor, que pode ser o diretor da escola, o diretor do clube, um dirigente de federação, **muitas vezes responsáveis pela organização dos campeonatos, competições, eventos e, dentro dessa esfera de organização, muitas vezes a forma como o evento acontece pode gerar impactos significativos.** Menciona que há diretores de escola que não veem, no esporte, uma dimensão educacional, querendo apenas resultados, privilegiando os bons em detrimento dos demais, gerando, pois, a privação do direito do esporte a todos.

Entrevistado 3

Em relação à participação dos pais/responsáveis no processo educativos das crianças, a entrevistada 3 fala que, no passado, o educador não tinha muita preocupação em se aproximar dos pais e, hoje, ela percebe alunos de graduação que estudam sobre a participação dos pais no processo, assim como a nova geração de técnicos levando esse aspecto em consideração. Comenta que alguns educadores ainda não sabem como colocar isso em prática, mas muitos têm reconhecido a importância dos pais no esporte. Para ela, criar essa abertura, – sem deixar de estabelecer limites –, é um grande passo na efetivação de todo o processo.

Divide também sua percepção de que a participação de uma família que tem mais estrutura pode contribuir nos processos educativos esportivos e escolares e fortalecer as interações necessárias para essa finalidade.

Ela também considera relevante investir em **situações-problema e em momentos de reflexão e diálogo.** Fala sobre a questão de lançar desafios aos educandos na direção de provocá-los a trazer mais elementos para suas aulas. Relata situações em que as crianças discutem, e ela aproveita aquela discussão para fomentar o diálogo e a reflexão entre elas.

Ao contar sobre uma de suas experiências de trabalhar com programa de ginástica para crianças, menciona o procedimento adotado de estimular a construção de jogos e de trabalhar com os educandos de formas variadas: trabalho individual, em duplas, trios,

pequenos e grandes grupos.

Esse relato reforça nossa defesa de que, mesmo em modalidades individuais, de natureza fechada, o jogo se apresenta como importante estratégia pedagógica no processo educativo esportivo. Essa ideia, conforme discutido no referencial teórico, se deve a inúmeras questões, das quais destacamos: favorece o prazer pela atividade, pelo seu aspecto lúdico; proporciona uma aprendizagem significativa na medida em que o educando tem mais liberdade de expressão; é protagonista na criação das tomadas de decisão; e contribui para que os alunos saiam, conforme apontam Santos; Scaglia (2007) mais inteligentes de corpo inteiro.

Embora pouco discutido, **o planejamento** também perpassa o conjunto de procedimentos *sinalizados pela entrevistada e a flexibilidade necessária na forma de se apropriar dele.*

Entrevistado 4

O entrevistado 4 relata experiências exitosas no que se refere ao **envolvimento da comunidade educativa em ações que qualifiquem o processo educativo esportivo intencional**. Faz menção à criação de turmas de pais, o que propiciou que eles conhecessem melhor a proposta pedagógica e, houvesse momentos de confraternização realizados entre pais e filhos durante o processo. Ele defende a importância de trabalhar com a família, uma vez que ela influencia muito a vida da criança para o esporte. *“Por exemplo, a educação física hoje. Precisamos esperar uma nova geração para que as coisas mudem, pois só quando as crianças de hoje crescerem e se tornarem pais poderão influenciar seus filhos a pensarem de forma diferente sobre a educação física, e aí o ambiente vai ser mais apropriado.*

Avaliar o processo de ensino-vivência e aprendizagem foi o procedimento mais presente no discurso do entrevistado. Ele comenta sobre suas experiências de já, no passado, realizar regularmente avaliações físicas e motoras das crianças, algo que na época era totalmente inovador. Comenta sobre o uso de prontuários, fichas individualizadas, avaliações periódicas. Relata sua experiência dizendo que o educador pode fazer uma avaliação de entrada, para saber como a criança está no início do processo e depois, outras durante o processo, para avaliar a evolução da criança. Sinaliza que o educador pode fazer uma avaliação física, uma avaliação da

própria atividade, justificando que *“é porque ela é um instrumento de aperfeiçoamento, a avaliação serve como um instrumento de diagnóstico, o importante que nós fazíamos é mostrar para os pais a evolução dos filhos através do tempo, por meio justamente das avaliações”*.

O entrevistado considera que o básico é o educador saber fazer uma análise diagnóstica das capacidades da criança e da modalidade, ou seja, o professor precisa fazer um diagnóstico das duas coisas: do educando e do que está para ensinar.

Para ele, essa análise vai ser ajudada se o educador tiver conhecimento do processo de desenvolvimento motor, físico, afetivo, emocional do educando, bem como os elementos que compõem a modalidade. Há uma forte relação desse procedimento com a necessidade de delimitação do contexto, defendida pelos autores utilizados no escopo teórico do estudo.

Entrevistado 5

A defesa da aprendizagem a partir do jogo perpassa toda a entrevista do sujeito 5.

O jogo, para ele, é um dos procedimentos mais interessantes, porque é nele que as pessoas revelam sua personalidade, permitindo, assim, a observação do educador e sua intervenção pedagógica em situações privilegiadas (situações essas que o entrevistado 2 chamou de “pipocas pedagógicas”).

Ele defende uma proposta metodológica em que é necessário primeiro o processo de aprendizagem incidental, quando o educando vai jogar, ter experiências diferentes, de formas de jogo diferentes, aproveitando deles seus elementos táticos de forma que se possam transferir esses elementos para situações de modalidades esportivas.

Ele aponta que se deve priorizar o jogar, e, por meio do jogo, descobrir formas de obter benefícios para aquilo que é sua atividade, sem que o educando esteja, necessariamente, consciente desse processo.

Explica que a sua proposta está balizada em três pilares: o da aprendizagem tática, o da aprendizagem motora, e o que faz a relação da aprendizagem tática e a aprendizagem motora, que são os jogos de inteligência e criatividade.

O entrevistado também preconiza a necessidade de **produzir modificações na estrutura do jogo** e, com isso, favorecer o desenvolvimento de aspectos de percepção, de tomada de decisão, de inteligência, de cognição, processos esses que segundo ele serão necessários posteriormente nas situações de esporte. *“Por exemplo, o rouba bandeira, mais fácil fazer o rouba bandeira com bola, cada um com uma bola, fazer o rouba bandeira duplas, passando a bola, enfim, ir agregando elementos a estes jogos que façam com que se resgate a ideia original do jogo”*.

Em relação as alterações na estrutura de um jogo reduzido, ou de situações de jogo em igualdade numérica (em jogos coletivos de invasão), o entrevistado explica que, quando se faz um jogo em igualdade numérica, ele fica muito preso à capacidade individual, tanto na tomada de decisão, quanto na capacidade motora dos participantes. Acrescenta que os jogos em igualdade numérica dificultam a obtenção de bons resultados, principalmente na iniciação esportiva, em que há grande dificuldade de domínio dos elementos do jogo. Nesse contexto, o entrevistado propõe o uso dos coringas.

A proposta dos coringas é *“a de um jogador que te apoia, é um jogador que vai te ajudar a tomar decisões, é um jogador que vai te facilitar a operacionalização das suas decisões, por isso que a ideia que nós temos do coringa é a de um jogador de apoio”*. O entrevistado faz questão de deixar claro que, embora seja um jogador de apoio, o coringa não participa das finalizações de forma a não descaracterizar a situação da marcação individual. Um dos elementos importantes dos jogos esportivos de invasão é começar a trabalhar, metodologicamente, situações tanto de ataque, contra marcação individual, quanto de defesa marcação individual quadra toda. Assim, durante o processo de aprendizagem esportiva, a primeira forma que teria para superar a defesa de marcação individual seria o uso do coringa, que, segundo o entrevistado, é completamente diferente de se trabalhar com situações de ataque em superioridade numérica, porque na situação de superioridade numérica os dois podem finalizar, o que inviabilizaria fazer a marcação individual.

O procedimento de propiciar modificações na estrutura do jogo também aparece no discurso do sujeito 5, atrelado ao princípio da diversificação. Nessa perspectiva, defende que o educador deve variar a mesma atividade seis vezes, pois a mesma atividade tem que passar por seis momentos de pressão, de forma tal que todos os elementos coordenativos necessários a realização de ação estejam presentes nela. O entrevistado acrescenta que, além de variar seis

vezes o exercício, deve-se alterar a forma de recepção da informação, por exemplo, colocando uma pressão no equilíbrio, ou colocando uma diferença no campo visual que faça com que o jogador não consiga ver a bola toda.

O entrevistado diz que o educador pode **utilizar outros meios auxiliares, por exemplo, trabalhar com introdução de vídeos, fazer análises de vídeos**, fazer pesquisas na internet. Explica que a forma de se apropriar desse procedimento irá depender muito da idade dos educandos, do material disponível, dos objetivos da instituição, ou seja, são muitas variáveis que o educador poderia vir a utilizar, mas que elas dependerão muito da situação, do contexto, fundamentalmente do acesso aos recursos *“Amanhã mesmo você está dando aula numa escola do interior de um estado, onde a escola não tem internet, ou está numa escola que tem acesso a internet, ao google, veja, é bem diferente a situação”*.

A respeito do **planejamento e da avaliação no processo de ensino-vivência e aprendizagem**, o entrevistado diz que não tem como o educador fazer nenhuma planificação sem avaliação, ou seja, para ele a avaliação precede o planejamento.

De acordo com ele, a avaliação é uma medida pedagógica extremamente importante que ajudará o educador a determinar objetivos e, uma vez determinados os objetivos (a partir da avaliação), o educador pode começar a determinar meios e processos de desenvolvimento, pois uma coisa está diretamente ligada à outra. Para ele, a avaliação é um dos elementos constitutivos do processo de ensino/aprendizagem que permite ajustar o processo pedagógico.

O entrevistado comenta que, atualmente, existe uma série de comprovações empíricas, que nos mostram que o método de iniciação esportiva a partir da aprendizagem tática tem dado melhor resultado do ponto de vista motivacional e da compreensão da lógica do jogo, do que em comparação com os processos analíticos.

Promover ações e reflexões que reforcem a corresponsabilidade de todos na educação de crianças e adolescentes, envolvendo toda comunidade educativa em ações que qualifiquem esse processo também aparece no conjunto de ideias defendidas pelo entrevistado e que estão em consonância com o referencial teórico discutido nos capítulos iniciais.

De acordo com ele, quando se inicia o processo, é importante convidar os pais, mostrar a planificação, a forma como serão traçados e atingidos os objetivos. É importante esclarecer os pais que o processo tem fundamentação pedagógica, científica e social relevantes,

com intuito de fazê-los perceber que se está trabalhando a formação de pessoas, e não, de um craque, ou procurando descobrir um talento. **É o exercício de envolvimento dos adultos responsáveis e de aproximação com o processo que favorecerá o alinhamento de objetivos e expectativas.**

Segundo o entrevistado, em relação aos outros atores, que não os pais, o caminho é o mesmo, ou seja, com a direção da escola é a mesma coisa, com o dono da escolinha é a mesma coisa. O educador tem que mostrar conhecimento, tem que mostrar a importância de materiais adequados, explicar o que isso representa na aula e o quanto esses elementos influenciam na qualidade e no desenvolvimento do trabalho, conseqüentemente, essas ações refletirão na qualidade do serviço oferecido. É essencial conscientizar e envolver toda comunidade educativa no processo.

Análise inferencial coletiva

A clareza das intencionalidades do processo educativo e o compartilhamento de objetivos pelos atores envolvidos na ação pedagógica são passos importantes para uma ação eficaz.

Os procedimentos pedagógicos também contribuem nesse processo, pois oferecem os meios pelos quais os objetivos poderão ser melhor alcançados. Pensá-los de forma integrada aos princípios também se faz necessário, uma vez que a coerência dessa integração favorecerá uma prática mais consistente.

Os procedimentos são muitos e podem ser aprendidos, criados, transformados e compartilhados a todo o momento. Temos feito o exercício de traduzi-los em expressões que representem uma coletividade, a fim de que se tornem mais claros, compreendidos e aplicáveis em diferentes contextos.

A análise dos dados contidos nas inferências individuais indicam tendências de procedimentos, dentre os quais se destacaram:

- a importância de propiciar momentos de reflexão e diálogo;
- a diversificação das estratégias pedagógicas;
- a prioridade na utilização dos jogos e situações-problema;

- a preferência por jogos que contemplem a estrutura tático-técnica;
- a conveniência em proporcionar modificação na estrutura dos jogos; o planejamento;
- a avaliação e;
- o investimento em ações que fortaleçam e envolvam toda comunidade educativa no processo pedagógico.

Outros procedimentos relevantes foram inferidos do discurso dos sujeitos, como:

- a participação em atividades competitivas não formais;
- a realização de análise diagnóstica dos sujeitos e da modalidade;
- o uso da tecnologia;
- a educação pelo exemplo;
- o fomento ao ambiente cooperativo e facilitador de relações interpessoais e;
- o contato dos educandos com jogos e atletas profissionais.

Os entrevistados apontam os momentos de reflexão e o diálogo como processos significativos para que se atinjam os objetivos de desenvolver e contribuir para:

- a autonomia esportiva;
- a criatividade;
- o trabalho em grupo;
- a cooperação;
- a expressão das individualidades;
- o exercício da negociação, da argumentação, da escuta;
- a convivência em grupo e;
- a construção da autonomia moral.

Conforme defendido no escopo teórico, para fomentar o protagonismo das crianças e dos adolescentes, o educador não será aquele que dará as respostas prontas, mas sim, aquele que investirá na problematização das situações vividas e na formulação, do que dois entrevistados chamaram de “fazer as perguntas certas”, assim ele favorecerá a reflexão e conhecerá o quanto o educando apreendeu do que lhe foi ensinado.

Embora o coletivo não tenha verbalizado de forma direta a importância da

diversificação das estratégias pedagógicas, pela análise da variedade de exemplos práticos levantados por cada um deles, podemos deduzir que a aplicação do procedimento perpassa suas práticas pedagógicas. Tal fato permitirá uma vivência rica em estímulos e situações-problema, o que pode potencializar o desenvolvimento de múltiplas competências, a formação esportiva plural evitando assim a especialização esportiva precoce, apontada por um dos entrevistados como o maior problema da iniciação esportiva.

A prioridade pela utilização dos jogos e de situações problema fica evidente nas entrevistas. Podemos subentender pela análise dos discursos, que a defesa por esse procedimento não está relacionada apenas ao seu uso em processos de iniciação de modalidades de natureza aberta. Outras justificativas são levantadas para sua aplicação em qualquer contexto. Os entrevistados apontam que, como é no jogo que as pessoas revelam sua personalidade, o educador pode conhecer melhor seus alunos e intervir de forma mais assertiva quando necessário, todas as vezes que isso se fizer necessário, pois ele goza de uma situação privilegiada. Essa prática também estimula a criação de respostas individuais e coletivas favorece o aspecto lúdico e um aprendizado mais rico e diversificado. As crianças, para jogarem e enfrentarem as situações-problema, precisam se envolver nos desafios apresentados pelo jogo, o que concede uma participação mais efetiva e estimula uma relação mais cooperativa e responsável com os demais participantes.

A prioridade em jogos que contemplem a estrutura tático-técnica também foi destacada pelos sujeitos da pesquisa, no sentido de possibilitar ao educando, a partir de jogos simplificados, um aprendizado contextualizado com o seu desejo de aprender e de dotar um aprendizado mais rico do ponto de vista de elementos que compõem a modalidade desejada.

A modificação na estrutura dos jogos emerge no discurso dos entrevistados como procedimento que favorecerá a participação efetiva de todas as crianças e assegurará que os desafios estejam condizentes com o perfil, com o interesse dos educandos e, em consonância com os objetivos pedagógicos, uma vez que possibilita a adequação da complexidade dos desafios ao contexto do indivíduo e do grupo.

O planejamento aparece associado aos objetivos e à avaliação. A flexibilidade em sua aplicação é destacada por três dos cinco entrevistados, uma vez que se tem como princípio a participação dos educandos e de toda a comunidade educativa. Além disso, são apontados o diálogo entre os objetivos do educador e os desejos e possibilidades do educando, e

a previsão da participação dos educandos em competições esportivas. Para um dos entrevistados não há como fazer nenhuma planificação sem avaliação, ou seja, para ele a avaliação precede o planejamento.

Neste sentido, a avaliação, além de facilitar ajustes no processo pedagógico, pois viabiliza uma apreciação das ações para que as pessoas possam ressignificá-las e fazê-las melhor, é uma medida pedagógica extremamente importante que ajudará o educador a determinar os objetivos e, posteriormente, os meios de atingi-los. Além disso, para nós a avaliação também é um retorno importante para o educando ter clareza sobre o que ainda não foi aprendido ou desenvolvido, podendo assim dedicar-se mais nos aspectos que precisam ser melhorados.

Outra questão importante, defendida pelos entrevistados, foi a necessidade de investimentos em ações que fortaleçam e qualifiquem a relação da comunidade educativa com o processo pedagógico. Sobre essa questão, diferentes justificativas foram apresentadas em defesa de sua aplicação, tais como: alinhar as expectativas dos familiares/adultos responsáveis, gestores e educadores com a proposta pedagógica, influenciar na permanência da criança na prática; tornar mais evidente e aproximar a relação entre os objetivos e as expectativas, enfim, o envolvimento de todos os atores é extremamente profícua na efetivação do processo.

A participação em competições esportivas também foi abordada nas entrevistas. Como as competições formais costumam ser inadequadas por conta de calendários estressantes e formatos que não condizem com a realidade das crianças e adolescentes, o melhor caminho são as competições não formais. Nelas é possível ter uma vivência do ato de competir, de maneira que o processo ofereça contribuições importantes na formação dos envolvidos, reduzindo os prejuízos. Isso é possível porque suas regras são concebidas pelos participantes, atendendo às necessidades, aos interesses e às possibilidades daqueles que jogam.

Realizar análise diagnóstica dos sujeitos participantes e da modalidade esportiva praticada foi apontado como procedimento importante para qualificar o processo pedagógico, pois permite processos de planejamento, sistematização dos conteúdos e construção de indicadores mais consistentes e coerentes.

O uso da tecnologia é sugerido como procedimento capaz de incrementar o processo educativo. Essa inferência está de acordo com o referencial teórico que destacou sua contribuição nos processos de avaliação; no registro das atividades e competições; na leitura de

jogo; na sensibilização para a construção e fortalecimento de valores; no aprofundamento do desenvolvimento do treino cognitivo; e na possibilidade de potencializar ou auxiliar no cumprimento dos demais procedimentos.

Conforme sinalizado por um dos entrevistados, a forma de se apropriar do procedimento dependerá de diferentes elementos, dos quais cumpre destacar o contexto, a possibilidade de acesso aos recursos e o perfil do público.

A educação pelo exemplo é sinalizada como procedimento, uma vez que o educador pode ser espelho no qual a criança pode se inspirar para construir e fortalecer valores, dentre os quais foram mencionados o comprometimento, a fidelidade e o respeito mútuo.

A forma como são estabelecidas as relações entre os sujeitos e o ambiente onde elas ocorrem são determinantes para a construção de indivíduos autônomos, que seguem princípios morais. O fomento ao ambiente cooperativo e facilitador de relações interpessoais perpassa as falas dos entrevistados em muitos momentos. Eles apostam em ambientes em que o educando se sinta acolhido e se entenda criativo, pertencente ao grupo. Vale retomar que a manutenção de um ambiente cooperativo se dá, na medida em que há um predomínio de relações de cooperação, respeito mútuo, solidariedade e companheirismo.

Por fim, o último procedimento apontado foi o de colocar os educandos em contato com jogos e atletas profissionais, isso porque, nesse encontro, os alunos poderão entender melhor os aspectos constitutivos do jogo; enxergar experiências interessantes que advém dos jogos; ampliar seu conhecimento a respeito da vida dos atletas profissionais, suas vitórias e derrotas, seus sucessos e fracassos, enfim, refletir que tanto no jogo como na vida nada está predeterminado, tudo sempre é construído.

4.4.5. Estratégias pedagógicas

Análise inferencial individual

Entrevistado 1

O entrevistado 1 faz menção às brincadeiras, dizendo que elas produzem um número muito maior de repetições de gestos motores do que as estratégias advindas da pedagogia

tradicional e defende que, por meio delas, inúmeros objetivos pedagógicos podem ser alcançados.

Cita a possibilidade de trabalhar com famílias de jogos, tais como: a família de jogos com os pés, a família de jogos com as mãos.

Fala sobre a possibilidade de construir pequenos jogos semelhantes ao jogo formal (jogos reduzidos), pois, desse modo, os educandos podem exercitar, de uma maneira fantástica, os fundamentos que os educadores queriam que eles aprendessem para jogar bem.

Podemos deduzir que ele é favorável à diversificação das estratégias, entretanto somente aquelas inseridas no contexto dos jogos e brincadeiras, e não das estratégias advindas do princípio analítico-sintético.

Defende fortemente as rodas de conversa no início e no fim das aulas, como estratégia para manter uma relação direta com alguns princípios e procedimentos sinalizados anteriormente, como por exemplo, a importância de propiciar momentos de reflexão e diálogo e a necessidade de garantir a participação efetiva dos educandos em todo processo.

Entrevistado 2

O entrevistado 2 relata uma experiência vivida por ele com competições internas, enfatizando os ganhos das atividades competitivas não formais. Seu relato reforça nossa defesa de que o problema não está na competição esportiva, e sim no valor que se atribui tanto a vitória como a derrota e a forma como é feita a mediação do processo competitivo. Uma mediação adequada no decorrer da participação nas competições poderá contribuir de forma bastante positiva na formação do indivíduo.

O entrevistado defende fortemente o exercício de construção de tarefas desafiadoras, sejam elas de natureza previsíveis, sejam elas imprevisíveis.

Sugere aulas expositivas para trabalhar os conteúdos do processo educativo.

Fala sobre o jogo coletivo no final da aula, ou o “joguinho no final”, apontando o quanto ele é importante para as crianças. Destaca e identifica o jogo pré-desportivo como uma das principais estratégias para construir a ideia da iniciação e da formação esportiva, justificando que essa estratégia, em seus elos menos complexos, pode oferecer um aprofundamento de algumas experiências de jogo.

Defende o treino da técnica por meio dos exercícios analíticos, construídos para a melhoria do gesto, da performance, justificando sua aplicação a partir da ideia de que, se os educandos conseguem executar melhor alguns fundamentos, algumas técnicas, eles conseguem jogar melhor. Comenta que essa experimentação pode ser muito prazerosa e reconfortante, porque as crianças e os adolescentes não se sentem bem quando erram, e quando, por conta deles, o sistema não funciona bem.

Para o entrevistado, se o educando aprender bem algo que, de certa forma foi reduzido para facilitar a sua compreensão, o educador pode fazer com que esse algo se amplie, vibre de uma forma diferente, expresse-se amplamente dentro de um elemento maior e mais complexo, que é o jogo. O entrevistado reforça que, além do jogo pré-desportivo, desenhado para a pessoa sentir prazer ao jogar, os exercícios analíticos podem também ser incrementados como estratégia para o treinamento da técnica.

Entrevistada 3

A entrevistada 3 cita a brincadeira como estratégia bastante importante no processo de ensino-vivência e aprendizagem, e faz menção aos jogos em pequenos e grandes grupos. Fala sobre atividades que podem ser realizadas individualmente, em duplas ou trios. Comenta que podem ser tanto analíticas, de natureza fechada; como abertas, em forma de jogos.

Tendo em vista sua larga experiência com uma modalidade individual, destacamos que entrevistada faz questão de defender que não é por se tratar de uma modalidade individual que o processo de ensino-vivência e aprendizagem não possa se valer de jogos e brincadeiras, bem como ao trabalho em grupo.

Entrevistado 4

O entrevistado cita o envolvimento dos familiares como estratégia muito positiva no processo pedagógico. As confraternizações entre pais e filhos, as turmas formadas por eles para praticar alguma atividade são experiências extremamente enriquecedoras para reforçar o

vínculo familiar e da família com o projeto esportivo.

Como ferramentas de diagnóstico, registro e avaliação, menciona o exercício de fazer prontuário dos educandos, ficha individual e avaliações periódicas.

Entrevistado 5

O entrevistado 5 defende os jogos que se joga na rua, transferindo seus elementos táticos para situações de esportes.

Advoga também em favor dos jogos de inteligência e de criatividade, para os quais resgata elementos dos jogos da cultura popular, transferindo-o para situações de jogo que, de alguma forma modifica sua estrutura, mas mantém a ideia original do jogo.

Menciona a aplicação de pequenos jogos (os jogos reduzidos, jogos diminuídos).

Aponta também as situações de jogo em igualdade numérica, tais como 2x2, 3x3 e jogos em desigualdade numérica, tais como 3x2, 5x4.

Defende e explica o uso dos coringas como estratégia que favorece o processo de ensino-vivência e a aprendizagem esportiva (em modalidades coletivas).

Faz menção às rodas de conversa como estratégia vinculada ao procedimento de fomentar momentos de reflexão e diálogo.

Análise inferencial coletiva

Conforme sinalizado no referencial teórico e confirmado pelos sujeitos da pesquisa, é importante propor a prática dos conteúdos pedagógicos em contextos variáveis, solicitar problemas e ofertar formas de execução diversificadas.

Há uma pluralidade de nomenclaturas que buscam traduzir as características das mais diversas formas de propostas e tarefas que permitem a experimentação, o aprendizado e o aperfeiçoamento das práticas esportivas.

No escopo teórico, assumimos uma dessas tantas possibilidades de

nomenclaturas, cientes de que elas não representam a totalidade de propostas, mas abarcam um leque significativo de possibilidades.

Assim como nas categorias anteriores, a análise dos dados das entrevistas indicam tendências de estratégias e é possível inferir que o jogo é o recurso mais defendido no processo de iniciação esportiva para crianças e adolescentes.

Foram citados os jogos pré-desportivos, os jogos reduzidos, os jogos no fim das aulas/jogo formal, a família de jogos com os pés, a família de jogos com as mãos, os jogos em pequenos e grandes grupos, os jogos de rua, e os jogos de inteligência e de criatividade.

Além das diversas possibilidades de jogos, foram citadas as brincadeiras, a construção de jogos, os exercícios analíticos, as situações de jogo (em igualdade e desigualdade numérica) e as situações de jogo com uso dos coringas.

Outras estratégias foram mencionadas, mas que não estão diretamente ligadas à vivência da modalidade, tais como as rodas de conversa no início e fim das aulas, e as rodas de conversa durante o processo, muito usadas, por exemplo, como estratégia para mediação de conflitos e para o exercício de busca de consensos.

As aulas expositivas foram também indicadas. Elas podem ocorrer por inúmeras razões, seja para fortalecer algum conteúdo ou valor, seja para ampliar, por exemplo, a compreensão de algum aspecto do jogo ou da vida.

Tanto as confraternizações entre pais e filhos, como a abertura de turmas de esporte para os familiares apareceram como estratégias importantes para aproximar os familiares e fortalecer os vínculos com a comunidade educativa.

Prontuários e fichas individuais apareceram como possibilidades de qualificar os processos de mediação, planejamento, registros e avaliações do processo educativo.

5. Tese: hexágono da pedagogia do esporte

Do resultado da investigação complexa e aprofundada sobre o tema, constituídos com base na soma entre os argumentos congruentes apresentados no escopo teórico, a experiência prática e a análise dos dados obtidos na pesquisa de campo, chegamos a uma estrutura pedagógica que denominamos de **HEXÁGONO DA PEDAGOGIA DO ESPORTE**.

Figura 1 – Hexágono da Pedagogia do Esporte



O hexágono da pedagogia do esporte é uma estrutura pedagógica que pode contribuir na mediação e gestão de processos educativos esportivos intencionais. No contexto da iniciação esportiva para crianças, sua aplicação pode favorecer que o esporte seja compreendido

em sua pluralidade, complexidade e seja tratado numa perspectiva reflexiva, ética, inclusiva, plural e transformadora.

Ele é constituído de 6 elementos que, devido sua integralidade, pode contribuir, de forma significativa, para os fins apresentados e defendidos ao longo do estudo. Os elementos da estrutura são:

- 1- premissas,
- 2- compreensão do contexto,
- 3- intencionalidades/objetivos de ensino/aprendizagem,
- 4 - princípios pedagógicos,
- 5- procedimentos pedagógicos e,
- 6 - estratégias pedagógicas.

A seguir, apresentamos cada elemento que compõe a estrutura do Hexágono da Pedagogia do Esporte, para iniciação esportiva, a fim de explicitar a nossa compreensão de cada um dos conceitos trazidos por eles.

PREMISSAS

As premissas referem-se ao conjunto de conhecimentos que servirão de base para sustentar as ideias dos demais elementos da estrutura. Elas tem relação com o marco teórico adotado e carregam a concepção de educação e de esporte dos sujeitos envolvidos no estudo.

- Esporte é um patrimônio sociocultural plural, de múltiplas possibilidades e complexo
 - de elevado potencial de mobilização e de transformação
 - valores educacionais/virtudes estão presentes no cenário esportivo
 - o esporte educa
 - transferência das habilidades e dos valores construídos no esporte para a vida
 - o esporte tem valor em si mesmo
 - o esporte será aquilo que se fizer dele
 - os significados do esporte variam de acordo com o contexto
- a apropriação da experiência esportiva é particular e, em certa medida, imensurável

COMPREENSÃO DO CONTEXTO

A compreensão do contexto refere-se ao importante exercício de delimitação do campo de atuação, que permitirá a explicitação dos significados da prática e definição dos conteúdos que deverão perpassar o processo. Esse exercício de contextualização compreende a delimitação de 4 pontos.

- a modalidade
- os sujeitos
- o cenário
- os significados

INTENCIONALIDADES PEDAGÓGICAS

As intencionalidades são responsáveis por dar a direção da prática pedagógica, por evidenciar a finalidade primordial do processo educativo e por provocar a delimitação dos objetivos de ensino e aprendizagem.

- esporte como facilitador de educação para a cidadania, de educação para a vida
 - contribuir com o desenvolvimento integral dos educandos
- acesso e a permanência a todas as crianças e adolescentes envolvidos no processo

OBJETIVOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Os objetivos de ensino e aprendizagem descrevem os resultados pretendidos do processo educativo e servem de base para seleção de princípios, procedimentos e estratégias pedagógicas.

- favorecer a aprendizagem da modalidade
- afirmar o processo de construção e contribuir para a potencialização das virtudes
 - incorporar o gosto, o prazer pelo esporte
 - dar significado às emoções que envolvem o universo do esporte
- preparar emocionalmente para lidar com os desafios do jogo e da vida
 - desenvolver a inteligência e a criatividade
- compreender as regras de convivência, e respeitar o educador e as regras do jogo
 - construir e fortalecer o sentimento de pertencimento
 - inserir socialmente, fazer amigos e conviver.
 - promover saúde e o conhecimento do corpo.
 - ampliar o repertório sociocultural.
 - fortalecer o processo de aprendizagem escolar.
- fortalecer a resiliência para enfrentamento de novos desafios.
- favorecer a aprendizagem da ação de celebrar pequenas conquistas diárias
 - ampliar a visão sobre a pluralidade do fenômeno esportivo
- aumentar a capacidade de pensar, de perceber, de responder as situações de jogo
 - desenvolver a capacidade de autoaprendizagem e superação
 - construir e fortalecer a autonomia moral e esportiva.

PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS

Os princípios pedagógicos dizem respeito às diretrizes balizadoras, aos preceitos, aos alicerces da prática pedagógica que perpassarão todo processo, toda decisão do educador e/ou todo direcionamento da forma de proceder da instituição educativa. Os princípios, assim como os objetivos, são referências para a seleção de procedimentos e estratégias pedagógicas e metodológicas.

- ensinar esporte bem
- ensinar esporte a todos
- ensinar mais do que esporte
- ensinar a gostar de esporte
 - ludicidade
 - acessibilidade
- competência pedagógica
- respeito e a adequação aos limites individuais
 - diversificação
- participação efetiva no processo
 - segurança
 - livre adesão
- horizontalidade nas relações
 - dialogicidade
 - ética
- alinhamento de sonhos e expectativas

PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS

Os procedimentos pedagógicos referem-se a toda ação consciente, intencional e planejada pelo professor, a fim de otimizar o processo de ensino-vivência e aprendizagem esportiva e que, concomitantemente, almeje à melhoria do ambiente esportivo voltado a uma educação para vida. Eles são os meios pelos quais os objetivos poderão ser mais bem alcançados. Pensá-los de forma integrada aos princípios também se faz necessário, uma vez que a coerência dessa integração favorecerá uma prática mais consistente.

- propiciar momentos de reflexão e diálogo
 - diversificar estratégias pedagógicas
 - priorizar os jogos e situações-problema
- dar preferência por jogos que contemplem a estrutura tático-técnica da modalidade
 - proporcionar modificação na estrutura dos jogos
 - planejar o processo
 - avaliar o processo
- investir em ações que fortaleçam e envolvam toda comunidade educativa
 - propiciar a participação em atividades competitivas não formais
 - realizar análise diagnóstica dos sujeitos e da modalidade
 - usar a tecnologia disponível
 - educar pelo exemplo
 - fomentar ambiente cooperativo e facilitador de relações interpessoais
 - colocar os educandos em contato com jogos e atletas profissionais

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

As estratégias são tarefas práticas que traduzem os procedimentos e as atividades que permitem a experimentação, o aprendizado e o aperfeiçoamento das ações esportivas

- aulas expositivas
- rodas de conversa
- confraternização entre educandos e comunidade educativa
- turmas de esporte para familiares e adultos responsáveis
- prontuários e fichas individualizadas
-
- exercícios analíticos
- exercícios sincronizados
- brincadeiras
- situações de jogo (em igualdade e desigualdade numérica)
- situações de jogo com uso dos coringas
- construção de jogos
- jogos diversos (jogos pré-desportivos, jogos reduzidos, jogos no fim das aulas/jogo formal, família de jogos com os pés, família de jogos com as mãos, jogos em pequenos e grandes grupos, jogos que se joga na rua, jogos de inteligência e de criatividade).

Por fim, consideramos importante reforçar, nesse momento, três pontos: o primeiro é de que a estrutura tem como recorte incorporar componentes fundamentalmente pedagógicos. O segundo, de que é o tratamento articulado e coerente entre os elementos que possibilita a ampliação do potencial educativo presente no processo de iniciação esportiva. O terceiro é a capacidade de transponibilidade oferecida por essa estrutura, que permite que ela seja utilizada, com devidos ajustes, em diferentes manifestações esportivas e em distintas realidades educativas.

Considerações finais

Esse estudo nasceu do desejo de contribuir no processo de educação de crianças e adolescentes e da convicção de que isso é possível fazer por meio do esporte.

Presumimos que esse seja o desejo de inúmeros educadores, mas o desejo hegemônico ainda nos parece ser o da busca desenfreada por identificar e selecionar crianças com potencial para o esporte de alto rendimento e prepará-las para essa finalidade, reduzindo, dessa maneira, as possibilidades educativas da prática esportiva orientada.

Como a ideia hegemônica é a de encarar o processo de iniciação esportiva somente como uma etapa para o esporte de alto rendimento, as chances de se reproduzir os princípios e os procedimentos dessa lógica nas demais intencionalidades, ainda que sejam contrárias a primeira, é bastante elevada, ou seja, os educadores, ao não saberem como proceder de forma coerente com a sua intencionalidade, acessam suas experiências esportivas anteriores, ou até mesmos as atuais (convencionais) geralmente pautadas em pressupostos hegemônicos, criando um descompasso entre o que se almeja e o que se faz de fato.

Discutimos no estudo que o ato de não fazer o exercício de delimitar o contexto e de não tornar explícita as finalidades da ação educativa são algumas das razões que agravam essa questão. Além desses pontos, mesmo profissionais sensíveis a uma formação para a cidadania, muitas vezes desconhecem elementos que possam ajudá-los nessa opção, fazendo com que sua mediação não seja condizente com seus objetivos.

Assim, o educador pode, por exemplo, achar que suas intervenções favorecem a formação para autonomia, para o respeito mútuo, para a formação de jogadores inteligentes; quando, na verdade, sua mediação caminha na direção da heteronomia, do respeito unilateral e da formação de jogadores limitados do ponto de vista da inteligência para resolução dos desafios do jogo.

Como vimos, a Pedagogia do Esporte vem se destacando como disciplina das Ciências do Esporte justamente por trazer contribuições preciosas ao tratamento dado ao fenômeno esportivo.

Temos um conjunto de publicações que nos permite ampliar a visão acerca da pluralidade de manifestações e significados do esporte; estudos que discutem a relação entre esporte e educação; autores que defendem princípios de uma prática que se pretende formadora

de cidadãos; pesquisas que apontam intervenções pedagógicas mais adequadas para crianças iniciantes no esporte; e muitos ensaios que abordam questões metodológicas para ensinar os conteúdos do esporte.

Entretanto, no campo da iniciação esportiva, há uma carência de estudos nacionais que articulem e organizem os conhecimentos produzidos pelas tendências atuais em Pedagogia do Esporte numa perspectiva de apresentar propostas pedagógicas coerentes e aplicáveis no contexto brasileiro, que considerem todos esses aspectos.

Embora existam referências interessantes no que diz respeito às finalidades pedagógica e aos conteúdos de ensino, são também escassos os estudos e pesquisas que indiquem diretrizes e estratégias metodológicas para o desenvolvimento do referencial socioeducativo.

Nosso esforço, para a elaboração deste trabalho, foi de contemplar elementos que dessem conta de tratar tanto do referencial técnico-tático, como dos referenciais histórico-cultural e socioeducativo, com ênfase neste último, justamente pela carência mencionada e pela natureza da proposta do estudo.

Todas essas questões foram importantes para delimitarmos e para alcançarmos nossos objetivos: 1) Reunimos o conteúdo de produções científicas em iniciação esportiva que estavam em consonância com as tendências atuais em Pedagogia do Esporte e posteriormente as relacionamos com as ideias das principais referências sobre a temática no País. 2) Descrevemos elementos pedagógicos potencializadores das oportunidades educativas presentes no processo de iniciação esportiva.

Avaliamos que o simples fato de tomar conhecimento dos elementos já possibilita reflexões potencialmente transformadoras da prática pedagógica.

Respondemos ao questionamento central suscitado no início deste trabalho, a saber: quais elementos pedagógicos estruturantes podem contribuir para a coerência de processos educativos intencionais da iniciação esportiva pautados na perspectiva reflexiva, ética, inclusiva, plural e transformadora?

Para cumprir esses objetivos e construir a tese, quatro componentes foram essenciais.

O primeiro foi a experiência prática de mais de quinze anos de atuação como professor de esporte para crianças, gestor de programas socioeducativos, docente universitário e

pesquisador, sempre nessa perspectiva do esporte como facilitador do processo educativo. Essas vivências suscitaram uma série de questionamentos, ideias, produções e compartilhamentos de experiências com colegas de profissão. Esses ingredientes possibilitaram tratar à temática e às etapas de construção da tese com segurança e conhecimento do objeto.

O segundo componente foi a elaboração de um marco teórico consistente, alinhado com as tendências atuais em Pedagogia do Esporte e com os objetivos do estudo. O marco teórico trouxe contribuições importantes, por exemplo, a reflexão sobre a prática educativa por meio do esporte, discutindo direções, sentidos e caminhos para uma formação cidadã e integral.

O terceiro componente foi a metodologia adotada – a análise de conteúdo – composta de entrevistas, que não somente permitiram reunir e analisar as ideias de cinco das principais autoridades nacionais no assunto, como favoreceu a articulação desse terceiro componente com os outros dois anteriores.

E o quarto componente, a generosidade acadêmica – dos membros da banca e do orientador – disponíveis a refletir junto sobre o tema, a trazer considerações importantes de recorte de trabalho, a ajudar na delimitação dos sujeitos da pesquisa, a dar segurança de que havia uma equipe cooperando nos encaminhamentos necessários para finalização de um processo, a partir de questionamentos assertivos e de orientações precisas e objetivas.

Da articulação, reflexão e, fundamentalmente, da organização dos conteúdos que compõem cada um dos elementos da estrutura, conteúdos esses que emergiram da articulação entre os quatro componentes, propomos o Hexágono da Pedagogia do Esporte, estrutura pedagógica que pode contribuir na mediação e gestão de processos educativos esportivos intencionais. No contexto da iniciação esportiva para crianças (foco do estudo), sua aplicação pode favorecer que o esporte seja compreendido em sua pluralidade, complexidade e seja tratado numa perspectiva reflexiva, ética, inclusiva, plural e transformadora.

O método da análise de conteúdo foi fundamental para efetivação desse processo. A opção pela técnica categorial de análise favoreceu a organização dos conteúdos em categorias relacionadas ao objeto de pesquisa, que por sua vez permitiu inferências responsáveis pela identificação das questões relevantes contidas no conteúdo das mensagens das entrevistas e contribuiu para que as interpretações espelhassem resultados legitimados pelo método.

Consideramos que não existem receitas infalíveis, métodos perfeitos, pois a

realidade é dinâmica, tudo pode se tornar obsoleto. O Hexágono da Pedagogia do Esporte não se pretende uma estrutura, ou um modelo único, acabado, insubstituível. Nossa expectativa, inclusive, é de que a investigação de sua aplicação propicie críticas, aprimoramentos e a proposição de novas estruturas.

Contudo, seu caráter de interlocução com outras teorias e de transponibilidade para outros contextos e realidades distintas, lhe confere um dinamismo e adaptabilidade temporal.

Ele poderá servir como importante referência, por exemplo, para profissionais iniciantes, que não tiveram conteúdos dessa natureza em seus cursos de formação acadêmica; ou poderá servir de instrumento provocador de reflexões da prática profissional de professores já experientes, que de forma ativa e criativa poderão aprimorar e construir formas próprias de organização dos seus saberes.

O Hexágono da Pedagogia do Esporte permitirá desde confrontar a equivocada visão singular de que o esporte é um fenômeno voltado somente a indivíduos potencialmente capacitados para o alto rendimento, até a superar questões de como se apropriar, de forma exitosa, da pluralidade de possibilidades do fenômeno esportivo.

As proposições construídas poderão contribuir para a composição de novos programas esportivos, bem como para a elaboração de planejamentos mais consistentes e para criação de procedimentos metodológicos e pedagógicos que estejam em consonância com as tendências atuais em Pedagogia do Esporte e com o contexto de atuação de cada organização esportiva, favorecendo, inclusive, modificações na cultura de trabalho dessas instituições.

O Hexágono da Pedagogia do Esporte integra um conjunto de premissas que ampliam a visão sobre o fenômeno esportivo; provoca uma reflexão sobre as intencionalidades do processo educativo e sobre os objetivos de ensino e aprendizagem; apresenta e discute um conjunto de princípios e procedimentos pedagógicos defendidos pelas tendências atuais em Pedagogia do Esporte; e aponta estratégias para a prática pedagógica.

Como consequência da articulação entre todos esses elementos, ele cumpre com nosso desejo inicial de contribuir com o processo de educação de crianças e adolescentes e afirma a nossa convicção de que é possível fazer isso por meio da prática esportiva.

Direções futuras de pesquisa

As propostas pedagógicas balizadas pelo Hexágono da Pedagogia do Esporte, não foram testadas, portanto, pesquisas futuras serão necessárias para criar indicadores de avaliação de sua aplicação e para verificar seus impactos, testando assim, a sua eficácia.

Defendemos a necessidade de ampliar as possibilidades de investigação sobre sua estrutura. Destacamos a seguir, direções para pesquisas futuras:

- (a) realização de projetos experimentais;
- (b) pesquisas quantitativas e qualitativas relacionadas a sua eficácia em diferentes aspectos isolados ou articulados;
- (c) análise mais detalhada dos elementos que compõe a estrutura;
- (d) elaboração de indicadores de avaliação;
- (e) pesquisa de avaliação da sua aplicabilidade em diferentes contextos;
- (f) estudos longitudinais e;
- (g) verificação de transferência de competências para a vida.

O esporte é aquilo que se fizer dele.

Para finalizar este estudo, recuperamos um trecho apresentado por um dos entrevistados que faz menção à defesa do esporte como facilitador de uma prática transformadora, voltado:

“a educação do bem, a educação ética, a educação que resultará num jovem e num adulto responsável pela sua vida e também pela vida das outras pessoas, voltadas para a felicidade, que possibilite que ele tenha essa vida melhor; voltada para um mundo melhor, e não necessariamente para um mundo maior, não um mundo de consumo supérfluo desenfreado”.

Essa ideia nos sensibiliza e traduz nossas motivações. É isso que faremos dele!

REFERÊNCIAS

ANTONELLI, M. et al. **Pedagogia do esporte e basquetebol:** considerações para a elaboração de programa esportivo a partir do clube divino salvador, Jundiaí – SP. *Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas*, v. 10, n. 2, p. 49-65, maio/ago, 2012.

ARAÚJO, U. F. O ambiente escolar e o desenvolvimento do juízo moral infantil. In: MACEDO, L. (Org.). **Cinco estudos de educação moral.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 105-136.

BALBINO, H. F. **Pedagogia do treinamento:** método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos. 2005. 262f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2004.

BENTO, J. O. **Contextos da pedagogia do desporto:** perspectivas e problemáticas. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

_____. Da pedagogia do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do Desporto.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 26-40, 2006.

_____. **Desporto: discurso e substância.** Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física / UNICAMP – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEAv Esporte, 2013.

BRANDÃO, C. R. **O Que é Educação.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

_____. **A educação como cultura.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos:** o jogo e o esporte como um exercício de convivência. 1999. 197f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____. **Os Jogos Cooperativos:** o jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos: Projeto Cooperação, 2001.

BROWNE, T. B. J. et al. A comparison of rugby seasons presented in traditional and sport education formats. **European Physical Education Review**, v.10, n. 2, p. 199-214, 2002.

CAETANO, A. **O jogo nas aulas de educação física e suas implicações no desenvolvimento moral.** *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 783-799, jul./set. 2014.

CAREGNATO, R. C. A; MUTTI, R. **Pesquisa qualitativa:** análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 2006, Out-Dez; 15(4): 679-684.

CAVALARI, R. M. F.; SANTANA, L. C.; CARVALHO, L. M. **Concepções de educação e educação ambiental nos trabalhos do IEPEA.** *Pesquisa em Educação Ambiental*, vol. 1, n.1 –

pp. 141-173, 2006.

CORTELA, C. C. et al. **Iniciação esportiva ao tênis de campo:** um retrato do programa *play and stay* à luz da pedagogia do esporte. *Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas*, v. 10, n. 2, p. 214-234, maio/ago. 2012.

COSTA, L. C. A.; NASCIMENTO, J. V. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Rev. Educação Física/UEM**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 49-56, 2004.

DAOLIO, J. **Jogos esportivos coletivos:** dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v.10, n. 4, p. 99-104, 2002.

DARSIE, M. M. P. Avaliação e aprendizagem. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 99, p. 46-59, nov. 1996.

DEDESCHI, S. C. C.; LICCIARDI, L. M. S. **De quem é a tarefa de educar moralmente?** A comunidade educativa na gerência da violência na escola. In: TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. (orgs). *É possível superar a violência na escola?: construindo caminhos pela formação moral*. São Paulo: Editora do Brasil: Faculdade de Educação, Unicamp, 2012. – (Coleção Práxis educação).

DE ROSE JR., D. **A formação do profissional especializado em esporte:** o que se espera de um treinador de categoria de base? In: NASCIMENTO, Juarez Vieira; RAMOS, Valdomiro; TAVARES, Fernando (ORGS). *Jogos Desportivos: formação e investigação*. Florianópolis, UDESC, 2013. (Coleção temas em movimento; 4). P. 345-358.

FERNANDES, L. A.; BARREIRO, A. C. M. Avaliação da aprendizagem em física. In: FELTRAN, R. C. S.; BARREIRO, A. C. M.; BARREIRO, J. C. (Org.). **Experiências em avaliação na universidade**. Taubaté: Cabral, 2003.

FERREIRA, A.; DE ROSE JUNIOR, D. **Basquetebol** técnicas e táticas – uma abordagem didático-pedagógica. 3. Ed. São Paulo: EPU, 2010.

FERREIRA, H. B. **Pedagogia do esporte:** identificação, discussão e aplicação de procedimentos pedagógicos no processo de ensino-vivência e aprendizagem da modalidade basquetebol. 2009. 259f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

_____. PAES, R. R. O ensino das tarefas desportivas: Relato de experiência do programa de iniciação esportiva do SESC/Campinas. **Rev. Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 4, n. 2, 2004, p. 365-366.

_____. PAES, R. R.; GALATTI, L. R. Pedagogia do Esporte: sequências pedagógicas X procedimentos pedagógicos. **Rev. Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 20, n. 5, p. 437, 2006.

_____. GALATTI, L. R.; PAES, R. R. **Pedagogia do Esporte: Considerações pedagógicas e metodológicas no processo de ensino-aprendizagem do basquetebol.** In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 123 – 136.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000a.

_____.; **Papel da educação na humanização.** Revista da Faculdade de Educação do estado da Bahia, ano 6 número 7, jan- jun, 1997.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física.** São Paulo: Scipione, 1997.

_____. **Pedagogia do futebol.** Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

_____.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal.** São Paulo: Scipione, 2003.

GALATTI, L.; R. **Esporte e clube sócio-esportivo: percurso, contextos e perspectivas a partir de estudo de caso em clube esportivo espanhol.** 2010. 305f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010).

_____.; PAES, R. R.; DARIDO, S. C. **Pedagogia do Esporte: livro didático aplicado aos Jogos Esportivos Coletivos.** Motriz, Ri o Claro, v.16, n.3, p.751-761, jul./set. 2010.

_____.; ET AL, **Pedagogia do esporte: a diversificação na iniciação em basquetebol.** In: RAMOS, ET AL (orgs.). **Jogos desportivos coletivos: investigação e prática pedagógica** Florianópolis: UDESC, 2013 – (Coleção temas em movimento 3). P. 81-103.

GARGANTA, J. **Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos.** In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Ed.). **O ensino dos jogos desportivos coletivos.** Lisboa: Universidade do Porto, 1995. p. 11-25.

_____. **Competências no ensino e treino de jovens futebolistas.** **Revista Digital,** Buenos Aires, ano 8, n. 45, feb. 2002. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 21/10/2008.

GHIGLIONE, R.; MATALON B. **O inquérito: teoria e prática.** Oeiras, Celta Editora, 1997.

GOULD, D. CARSON, S. **Life skills development through sport: current status and future directions.** *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 1:1, 58-78, DOI: 10.1080/17509840701834573, feb, 2008.

GOHN, M. G. **Movimentos sociais e educação.** São Paulo, Cortez, 2ª Ed, 1994. – (Coleção Questões da Nossa Época; v. 5).

GRAÇA, A. **Os comos e os quando no ensino dos jogos.** In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Ed.). **O ensino dos jogos desportivos coletivos.** Lisboa: Universidade do Porto, 1995, p. 27-34.

GRANDO, R. C. **O jogo e a matemática no contexto da sala de aula**. São Paulo: Paulus, 1994.

GRECO, P. J. **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

JANELLE, C. M. et al. Mechanisms of attentional cueing during observational learning to facilitate motor skill acquisition. **Journal of Sports Sciences**, v. 21, p. 825-838, 2003.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí: Ed. da Unijuí, 1994.

LAVOURA, T. N.; MACHADO, A. A. Especialização precoce: a importância do lúdico na iniciação esportiva. In: MACHADO, A. A. **Especialização esportiva precoce: perspectivas atuais da Psicologia do Esporte**. Jundiaí: Fontoura, p. 149-164, 2008.

LEONARDI, T. J. **Pedagogia do Esporte: pressupostos para uma teoria da avaliação da aprendizagem**. 2013. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

_____. et al. **Pedagogia do esporte: indicativos para o desenvolvimento integral do indivíduo**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 41-58, ago. 2014.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Pedagogia e pedagogos: para quê?** São Paulo: Cortez, 2002.

LICCIARDI, L. M. S.; RAMOS, A. M. **Por onde começar a superação da violência na escola?** A implantação de um ambiente cooperativo e o trabalho com a construção do conhecimento. In: TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. (orgs). **É possível superar a violência na escola?: construindo caminhos pela formação moral**. São Paulo: Editora do Brasil: Faculdade de Educação, Unicamp, 2012. – (Coleção Práxis educação).

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1996.

MACHADO, G. V; GALATTI, L. R; PAES, R. R. **Seleção de conteúdos e procedimentos pedagógicos para o ensino do esporte em projetos sociais: reflexões a partir dos jogos esportivos coletivos**. Motrivivência, n. 39, p. 164-176, dez. 2012.

_____. **Pedagogia do esporte e o referencial histórico-cultural: interlocução entre teoria e prática**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 414-430, jan./mar. 2014.

MARQUES, A. O treino dos jovens desportistas. Atualizações de alguns temas que fazem a agenda do debate sobre a preparação dos mais jovens. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 1, n. 1, p. 130-137, jan. 2001.

MARQUES R. F. R; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. **O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte**. CONEXÕES, Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, n. 2, p. 42-61, 2008 – ISSN 1983

– 9030.

MATOS, Z. Contributos para a compreensão da pedagogia do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Ed.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 154-184.

MEIRELES, M. R. G.; CENDÓN, B. V. Aplicação prática dos processos de análise de conteúdo e de análise de citações em artigos relacionados às Redes Neurais Artificiais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, 2010.

MENEZES, R. P.; MARQUES, R. F. R.; NUNOMURA, M. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 20, n. 01, p. 351-373, jan/mar, 2014.

MESQUITA, I.; GRAÇA, A. Modelo de ensino dos jogos desportivos. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Ed.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 269-283.

_____. Perspectiva construtivista da aprendizagem no ensino do jogo. In: NASCIMENTO, Juarez Vieira; RAMOS, Valdomiro; TAVARES, Fernando (ORGS). **Jogos Desportivos: formação e investigação**. Florianópolis, UDESC, 2013. (Coleção temas em movimento; 4). P. 103-131.

MONTAGNER, P. C. **A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva**. 1999. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MORATO, M. P. **Futebol para cegos (Futebol de cinco) no Brasil: leitura de jogo e estratégias tático-técnicas**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

NASSIF, M. A. O.; FERREIRA, H. B. Curumim: reflexões coletivas sobre um mesmo programa. In: PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. **Programa Curumim: memórias, cotidiano e representações**. São Paulo. Edições Sesc. 2015, no prelo.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. São Paulo, Phorte Editora, 2006.

NETTO, A. **Abertura da copa do mundo bate recorde de audiência na Europa**. Site: <http://www.estadao.com.br/> - <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,copa-do-mundo,abertura-da-copa-do-mundo-bate-recorde-de-audiencia-na-europa,1511405>, acesso em 18 agosto, 2014.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

_____. **O esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. 1996. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de

Campinas, Campinas, 1996.

_____. **O esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental.** Canoas: Ulbra, 2001.

_____. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JUNIOR, D. **Esporte e atividade física na infância e adolescência.** São Paulo: Artmed, 2002. p. 89-98.

_____. Pedagogia do esporte: especialização esportiva precoce. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R.D.S. (Ed.). **Pedagogia do desporto.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 219-226.

_____.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte:** contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2005.

_____.; et al. Pedagogia do esporte e iniciação esportiva infantil: as inter-relações entre dirigente, família e técnico. In: MACHADO, A. A. **Especialização esportiva precoce:** perspectivas atuais da psicologia do esporte. Jundiaí: Fontoura, 2008. p. 49-66.

_____.; MONTAGNER, P. C.; FERREIRA, H. B. **Pedagogia do esporte:** iniciação e treinamento em basquetebol. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

PARLEBAS, P. **Perspectivas para una educación física moderna.** Espanha: Cadernos Técnicos nº 1 – Unisport, Andalucia, 1987.

PIMENTA, S. G. (Coord.). **Pedagogia:** ciência da educação? São Paulo: Cortez, 2001.

_____. (Org.). **Pedagogia e pedagogos:** caminhos e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2002.

RAMOS, A. M.; WREGÉ, M. G.; VICENTIN, V. F. **A organização das regras e assembleias em sala de aula:** Obedecer à autoridade ou aos princípios? In: TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. (orgs). **É possível superar a violência na escola?:** construindo caminhos pela formação moral. São Paulo: Editora do Brasil: Faculdade de Educação, Unicamp, 2012. – (Coleção Práxis educação).

RAMOS, V.; GRAÇA, A. B. S.; NASCIMENTO, J. V. A representação do ensino do basquetebol em contexto escolar: estudos de casos na formação inicial em Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte,** São Paulo, v.20, n.1, jan./mar. 2006, p.37-49.

_____. et al. **A aprendizagem profissional - As representações de treinadores desportivos de jovens:** quatro estudos de caso. **Motriz,** Rio Claro, v.17, n.2, p.280-291, abr./jun. 2011.

RESENDE, R. Desafios na formação de treinadores jovens. In: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F. (ORGS). **Jogos Desportivos:** formação e investigação. Florianópolis, UDESC, 2013. (Coleção temas em movimento; 4). P. 359-383

REVERDITO, R. S., SCAGLIA, A. J. A gestão do processo organizacional do jogo: uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos. **Motriz,** Rio Claro, v.13 n.1, jan./mar. 2007, p.51-63.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. **Pedagogia do Esporte: Conceito e cenário contemporâneo**. In: REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. (ORG.) **Pedagogia do Esporte: Aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013 (Coleção educação física e esportes).

_____. et al. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 37-45, 2008.

ROCHA, M. Avaliação: ação, interação e inter-ação. In: FELTRAN, R. C. S.; BARREIRO, A. C. M.; BARREIRO, J. C. (Org.). **Experiências em avaliação na universidade**. Taubaté: Cabral, 2003, p. 15-34.

RODRIGUES, J. A. A capacidade de decisão tática e o conhecimento do jogo em jogadores juniores de basquetebol. In: TAVARES, F. et al. **Tendências atuais da investigação em basquetebol**. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física: Universidade do Porto, 2001. p. 227-234.

RODRIGUES, H. A.; DARIDO, S. C.; PAES, R. R. **O esporte coletivo no contexto dos projetos esportivos de inclusão social: contribuições a partir do referencial técnico-tático e sócio-educativo**. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 320-618, abr./jun. 2013

SANTANA, W. C. **A pedagogia do esporte e a moralidade infantil**. 2003. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____. **Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização**. Campinas, Autores Associados, 2004.

_____. Pedagogia do Esporte na Infância e Complexidade. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p. 1-22.

SANTOS, E. R.; SCAGLIA, A. J. Como se ensina e como se aprende o futebol através de uma prática interacionista. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 7, n. 10, p. 162-178, jan./jun. 2007.

SCAGLIA, A. J. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. 1999. 242f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____. **O futebol e o jogo/brincadeira de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes**. 2003. 164f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

_____.; MONTAGNER, P. C.; SOUZA, A. J. Pedagogia da competição em esportes: da teoria à busca de uma proposta prática escolar. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 20-30,

2001.

SCAGLIA, A. J. A Pedagogia do esporte e as novas tendências metodológicas. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/pedagogia-esporte-novas-tendencias-metodologicas-798394.shtml>. Acesso em 20/11/2014.

SOBRINHO, J. D. Formação, educação e conhecimento. In: PEREIRA, E. M. (Org.). **Universidade e educação em geral: para além da especialização**. Alínea Editora. Campinas/SP, 2007, p. 155-170.

SOUZA, E. R. et al. **Projeto de educação pelo esporte: estudo de caso sobre a contribuição do brinca mané na formação discente**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 1-12, jan./abr. 2011.

SPESSATO, B. C; VALENTINI, N. C. **Estratégias de ensino nas aulas de dança: demonstração, dicas verbais e imagem mental**. Rev. Educ. Fis/UEM, v. 24, n. 3, p. 475-487, 3. trim. 2013.

STIGGER, M. P. **Educação Física esporte e diversidade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

TANI, G; et al. **O ensino de habilidades motoras esportivas na escola e o esporte de alto rendimento: discurso, realidade e possibilidades**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (Impresso). v. 27, p. 507-518, 2013

TARDELI, D. D. **Outros procedimentos para educar moralmente: Como as histórias infantis e a discussão de filmes podem ajudar na formação moral de nossos alunos**. In: TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. (orgs). **É possível superar a violência na escola?: construindo caminhos pela formação moral**. São Paulo: Editora do Brasil: Faculdade de Educação, Unicamp, 2012. – (Coleção Práxis educação).

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. **Até quando? Bullying na escola que prega a inclusão social**. Educação, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 449-464, set./dez. 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo : Atlas, 1994.

UNESCO. **Carta Internacional de Educação Física e do Esporte**. Paris: o autor. 1978.

VIDIGAL, S. M. P.; VICENTIN, V. F. **O processo de resolução de conflitos entre crianças e adolescentes**. In: TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. (orgs). **É possível superar a violência na escola?: construindo caminhos pela formação moral**. São Paulo: Editora do Brasil: Faculdade de Educação, Unicamp, 2012. – (Coleção Práxis educação).

VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. R. P. **Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525-540, set./dez. 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE I - Instrumento de pesquisa – roteiro das entrevistas

A) DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

- a) Nome
- b) Idade
- c) Formação (ensino superior e pós-graduação)
- d) Experiência profissional com educação física
- e) Caso tenha trabalhado com iniciação esportiva com crianças, relate brevemente essa experiência

B) QUESTÕES DA PESQUISA

- 1- Considerando sua experiência acadêmica e profissional, fale sobre a relação entre esporte e educação.
- 2- Fale sobre possíveis contribuições do esporte no processo de educação de crianças e adolescentes.
- 3- Você poderia enumerar possíveis finalidades/objetivos do esporte no contexto de iniciação esportiva para crianças e adolescentes?
- 4- Considerando essas finalidades/objetivos, como, na prática, em aulas e treinos, alcançá-las?
- 5- Quais procedimentos precisam ser empregados? Quais estratégias precisam ser empregadas?
- 6- Quais elementos você considera importante em uma estrutura teórica orientadora do professor/treinador de esporte que sustente a prática na iniciação esportiva?
- 7- Há alguma questão que não tenha sido feita e que você julga importante, ou seja, tem algum ponto importante sobre a iniciação esportiva que você gostaria de falar além dos perguntados?

APÊNDICE II Descrição analítica das entrevistas realizadas com todos os pesquisadores, composta por sete questões realizadas com cinco especialistas na temática.

Elementos considerados e destacados nas falas dos entrevistados. Para cada elemento identificado, foi utilizada a cor correspondente:

Premissas – **Intencionalidade/Objetivos** – **Princípios** – **Procedimentos** -- **Estratégias**

Questão 1) Considerando sua experiência acadêmica e profissional, fale sobre a relação entre esporte e educação.

<p>Entrevistado 1</p>	<p>O entrevistado inicia a resposta da primeira questão dizendo que as pessoas costumam considerar a educação como algo necessariamente ético. Ético, conforme mencionou, no sentido de fazer e ter atitudes que sejam boas para a preservação do ser humano, da natureza, para a produção de uma vida feliz, para a construção de relações em que as pessoas aprendam a cuidar de si mesmas e dos outros, assim como da sociedade em que ela vive. Entretanto, o entrevistado afirma que a educação não é isso. Segundo ele, a educação é qualquer transformação que uma pessoa sofre, quando em contato com as coisas que ela aprende, considerando que o indivíduo só aprende aquilo que ele ainda não sabe. Ainda sobre o conceito de educação, ele defende a ideia de que, em contato com outras pessoas, com qualquer meio de comunicação, quer seja a fala de um professor, quer seja a transmissão de um jogo de futebol pela televisão, se a pessoa se defronta com elementos que ela conhece, ela fortalece o que já sabe, e, se ela se defronta com elementos novos, ela aprende o que não sabe, e, ao aprender o que não sabe, ela pode aprender para eticamente construir coisas boas, ou para produzir coisas ruins. O ESPORTE É AQUILO QUE SE FIZER DELE. Como exemplo, o entrevistado diz que uma pessoa pode aprender num jogo de futebol a se juntar em grupos, arrebentar e até matar uma pessoa indefesa, como se faz, por exemplo, torcedores de futebol nas arquibancadas, nos confrontos de rua. Menciona também, indignado, que a televisão difunde lutas com regras que permitem ao lutador bater no outro até sangrar e, em alguns casos, até matar. Também com indignação, cita programa de televisão que promove debate para reforçar esse tipo de atitude, exibido na rede globo, as 11h da manhã.</p> <p>Para citar outro exemplo de educação, relata a reportagem que leu no jornal sobre queixas do Papa Francisco por ser chamado de comunista, só porque ele procura ter atitudes que mostrem que ele está do lado dos mais pobres, dos mais necessitados. Para o entrevistado</p>
---	--

há uma educação pelos meios de comunicação, talvez pelas escolas, pelas universidades, que querem convencer as pessoas de que qualquer um que defenda o mais fraco, o mais oprimido, ou que se envolva em movimentos populares, ou que defenda os direitos humanos, seja um comunista. De acordo com o entrevistado é como se o comunismo estivesse ganhando uma nova versão, um novo conceito. “Comunista é aquele indivíduo que está ao lado dos mais necessitados, portanto ele estará contra a propriedade, estará contra a riqueza”. Ele finaliza seus apontamentos sobre educação dizendo que a educação é tudo isso.

Após traçar suas considerações iniciais sobre educação, o entrevistado inicia um processo de falar sobre o esporte relacionado a ideia defendida anteriormente. **Defende que o esporte, por si só, não é bom, nem mau; ele hoje é objeto de um confronto, de uma disputa entre grupos do capital financeiro internacional.** Relata que o esporte representa mais ou menos 3% da economia do mundo; que somente o futebol representa perto de 1% da economia mundial. Para ele, diante desse “filão”, grandes grupos financeiros internacionais, com todas as maiores empresas do mundo envolvidas, procuram aumentar seus rendimentos, e para isso **vão explorar a paixão das pessoas pelo esporte, sendo que esses grupos todos estão empenhados em educar as populações para se envolverem no esporte, de uma maneira não protagonista, ou seja, de uma maneira passiva, de uma maneira consumidora, de uma maneira que fará com que esse lucro aumente cada vez mais.**

Nessa perspectiva, segundo o entrevistado, **de um lado da disputa está esse capital financeiro internacional que tem todo interesse em, por exemplo, em convencer as pessoas de que alguém que fale como o papa seja tachado de comunista; do outro lado da disputa, com vários intermediários, mas no outro ponto extremo da disputa, estão pessoas, como por exemplo, a Ana Moser, com as ações do Instituto Esporte Educação, interessada em fazer com que o esporte não seja veículo, ferramenta de lucro desenfreado, mas seja ferramenta de educação para a cidadania, entendendo que o esporte, por ser muito apaixonante, por mobilizar tão facilmente as paixões, cativa as pessoas com facilidade e pode incentivar a adesão das pessoas para aprender aquilo que se considera a educação do bem, a educação ética, a educação que fará, resultará num jovem e num adulto responsável pela sua vida, voltada para felicidade, e responsável pela vida das outras pessoas também, voltadas para a felicidade, para um mundo melhor, e não necessariamente para um mundo maior, não um mundo de consumo supérfluo desenfreado.**

O entrevistado reforça a necessidade de se distinguir que **no esporte, as relações educacionais serão motivos de disputa para esses diferentes interesses.** Menciona que sua história de vida, com mais de 4 décadas ligadas ao esporte educacional, **são para educar**

	<p>as pessoas para uma vida ética e destaca que isso não exclui o alto rendimento, porque, segundo ele, também no alto rendimento, as pessoas, os atletas precisam ser educados eticamente e precisam ser educados para fazer leituras de mundo em sua complexidade entendendo que há sempre aquele que precisa mais do que nós e de que é obrigação nossa servir, mesmo sem cobrar salário. (SOLIDARIEDADE).</p>
<p>Entrevistado 2</p>	<p>O entrevistado 2 inicia sua resposta mencionando que dentro da sua experiência profissional, não poderia deixar de retomar e olhar para sua experiência pessoal, tendo em vista que ele vivenciou enquanto educando um processo esportivo educacional, em Piracicaba, numa obra social dos padres do Salesianos Dom Bosco, coordenado por um homem chamado Antônio Domingo Sávio. Recordou que eles chamavam as crianças do entorno, do bairro, para participarem de atividades esportivas e, a partir disso, eles estabeleciam um processo educacional que tinha para a instituição uma faceta de educação religiosa e de princípios para a vida. Nessa dimensão havia a preocupação e a discussão sobre o convívio com outros colegas, sobre solidariedade, sobre a importância do trabalho em equipe, liderança, cooperação, e muitas dessas coisas. O entrevistado, ao olhar hoje para sua infância e juventude, comenta que levou isso como experiência e que sempre associou a ideia do esporte a esse aprendizado para a vida, mesmo no alto nível. Disse que nessa experiência vivida também existia competições internas, pautadas na dimensão do respeito, na dimensão do “se eu perco hoje eu posso ganhar amanhã”, na dimensão do “eu preciso me preparar melhor para isso”. EVOLUÇÃO DO EDUCANDO. Ele entende que no contexto da vivência de sua experiência pessoal, proporcionado por pessoas que trabalhavam com educação, o esporte era uma ferramenta para promover a educação. Para ele essa é uma experiência, uma marca que sempre o acompanha, mesmo no esporte de alto nível de exigência, ele disse que sempre enxergou o esporte dentro dessa direção, do esporte educacional, do educar para a vida.</p> <p>Relata que em sua experiência no esporte profissional, da ciência aplicada, uma preocupação que a equipe tinha com as pessoas do ambiente competitivo, era “O que essas pessoas, depois que param de jogar profissionalmente, vão fazer da vida?”. Havia a preocupação de que essas pessoas precisavam de uma orientação também para atitudes de vida, ENSINAR MAIS DO QUE ESPORTE pois muitas delas se inseriam no esporte competitivo já muito cedo, e saíam de casa, não tinham o apoio do pai e da mãe diariamente, não tinham o apoio em casa. “Quem ia transmitir os valores pessoais para que essas pessoas pudessem atingir as expectativas, não só da sociedade, mas também delas, como das pessoas da família, no aspecto desenvolvimento pessoal?” Ele responde esse questionamento dizendo que a equipe de trabalho não só se preocupava com essas questões como trabalhavam com o objetivo de realizar ações nessa direção.</p> <p>Menciona que trabalhou com diversificadas modalidades, com destaque para basquete,</p>

vôlei, futsal e tênis de mesa e que sempre trabalhou com educadores, além de técnicos, logo, para ele, essa relação entre esporte e educação era muito forte, muito significativa. Quando foi fazer mestrado e doutorado, comenta que houve uma sintonia muito grande de propósitos com seu orientador, pois o mesmo também tinha uma significativa trajetória esportiva, sendo atleta, depois técnico de alto nível de exigência e também tinha a faceta de como olhar para o esporte numa dimensão educacional. O entrevistado explica que tem uma ponte entre duas vivências pessoais que se juntaram para uma experiência acadêmica, da qual surgiram produções como livros, capítulos de livro, workshops realizados e produzidos nessa dimensão.

Reforça então que a ligação do esporte com a educação para ele é muito viva e significativa, que não consegue enxergar o esporte de outra maneira, mesmo quando o objetivo é a manutenção dos títulos de campeão, mesmo dentro dos resultados atingidos no basquete feminino, como finalista olímpico, campeão mundial, para ele, mesmo nesse contexto há uma visão para a educação.

O entrevistado justifica que como essas pessoas estão neste contexto, elas começam a ser uma referência, logo passam a ter uma missão muito importante de incentivar aos outros que também apreciam a modalidade, que as contemplam e admiram estabelecendo assim um vínculo entre fã e seu ídolo. Para o entrevistado **todas essas relações e referências são instrumentos da educação, porque as pessoas tendem a imitar os seus ídolos**. O entrevistado afirma que **o ídolo tem uma missão muito importante que é a transmissão dos valores dentro do esporte**. Para ele isto é muito claro, é uma visão muito concreta e deve ser norteada, **a partir das trocas das experiências entre as pessoas que estão nesse contexto, na medida em que elas produzem as ações que estão sendo, de uma certa forma, assistidas pela plateia, pelos fãs, pela mídia.**

Concluí então, que tudo isso, desde que sendo bem produzido o processo, passa a valorizar a faceta educacional do esporte, em qualquer nível de sua expressão (O ESPORTE É AQUILO QUE SE FIZER DELE).

Após solicitação do pesquisador para que falasse um pouco mais sobre o potencial do esporte em educar crianças e adolescentes e sobre os valores mencionados anteriormente, o entrevistado 2 disse que, na sua compreensão, o que mantém um jovem inserido na prática esportiva, além **da dimensão do prazer pelo jogo, do prazer da competição LUDICIDADE**, ou a facilitação do ambiente que leva o jovem a estar no lugar do esporte, é a possibilidade de uma projeção de futuro profissional, ou seja, a possibilidade de permanecer na esfera esportiva não só como atleta. Ele relata então experiências de pessoas que se encantam pelo esporte, são praticantes do esporte competitivo, mas que não querem ser só mais os atletas jogadores, sentem que talvez, dentro do seu nível e adequação de suas habilidades, não tenham tanta competência para isso, então eles já se

	<p>lançam, muitas vezes, para participar de um ambiente profissional esportivo, em outras possibilidades profissionais de apoio que envolvem o esporte (dentro da medicina esportiva, da fisioterapia, do treinamento esportivo). Menciona que o esporte, além de oferecer a prática, o ambiente para competição, hoje ele também agrega, nesse volume de repertório de atividades possíveis, outras profissões dentro do esporte. Afirma que o mercado esportivo é muito amplo e menciona outros dois exemplos, o jornalismo e as práticas de mídia.</p> <p>O entrevistado defende que no contexto da formação esportiva do adolescente, numa perspectiva educacional, o esporte consegue atrair muitas pessoas, pois muitos dos seus praticantes, com a facilitação dos treinadores, técnicos e professores, conseguem estabelecer a ponte do que ele chama de metáfora da vida, ou seja, a prática esportiva, em qualquer nível, em qualquer aspecto, seja de participação, do lazer, do esporte profissional, da formação esportiva para a competição, entre outros, encanta as pessoas pelo seu potencial educativo. Segundo o entrevistado isso se dá por que com esse potencial educativo as pessoas também conseguem se posicionar de forma mais adequada em outros ambientes da vida cotidiana, como na família, na própria escola; a respeito dos valores que são tratados no esporte, como o respeito, como a disciplina, a justiça, a formação dentro da perspectiva de funcionar mediante regras. Como exemplo, ele diz que no esporte existem as regras do jogo, o regulamento do campeonato, e explica que isso nada mais é do que uma ponte para a vida do cidadão, que tem as normas e as leis que regulam a vida em sociedade, “então, dentro desse microsistema social que é o esporte, transfere-se os elementos que são aprendidos ali para a vida em sociedade”.</p> <p>Por fim, o entrevistado 2 defende a necessidade dos pedagogos esportivos (técnicos, professores, treinadores) entrarem em contato com os conhecimentos da Pedagogia do Esporte.</p>
<p>Entrevistado 3</p>	<p>Inicialmente, a entrevistada 3 faz um relato de sua experiência profissional dizendo que começou trabalhar com esporte no seu segundo ano universitário e que na época era possível atuar profissionalmente, mesmo que não tivesse o diploma. <i>“Você sabe que eu não sou da época dessa obrigatoriedade?”</i>. Comenta que recebeu um convite para trabalhar em uma escola e depois também em um clube, para trabalhar com iniciação em ginástica artística. Concluiu o curso de licenciatura e depois foi para uma escola, trabalhar com educação física escolar. Comentou que na escola o perfil de público e de objetivo era bem diferente. Após trabalhar na escola resolveu retomar os estudos, foi então fazer mestrado no exterior e quando retornou ao Brasil foi trabalhar no campo da saúde, ou seja, ficou afastada do esporte, mas depois foi para um novo clube, até que ficou dividida entre trabalhar com esporte ou com a questão da promoção da saúde. Depois resolveu fazer doutorado, mencionou que estrategicamente era melhor ficar no campo da promoção da</p>

saúde e então acabou abandonando temporariamente o esporte para se dedicar ao doutorado. Relatou que ao ingressar na universidade realmente mudou tudo, passou a atuar somente na área acadêmica, porque o tipo de contrato não permitia que atuasse profissionalmente em outro local. A entrevistada disse que como começou muito cedo como praticante de esporte, não teve essa experiência de ver o esporte como educação. Comenta que **olhando toda a sua experiência ela não via essa relação, mesmo quando começou a atuar disse que também não tinha essa experiência, essa vivência e que não tinha essa perspectiva do esporte, pois para ela era apenas o rendimento.** Comentou então que a experiência sempre é importante, independente se é positiva ou negativa, ela te trás, te agrega o conhecimento, contudo, relatou que não tinha essa perspectiva. “Olhando pra trás, eu só consegui fazer essa relação atuando academicamente”. Ela considera que essa relação entre a educação e o esporte estava ali embutida nas ações, mas conscientemente ela não atuava muito profissionalmente no campo da educação. Comentou que hoje oferece consultoria para o Comitê Olímpico Brasileiro e diz perceber que eles também tentam com o esporte de altíssimo rendimento trazer um pouco mais **a importância da formação, não só esportiva, mas de ser humano.** A entrevistada disse que isso não é tão fácil, pois as visões do esporte dos participantes dos cursos do COB divergem bastante. Relata que as vezes ela pensa, *“bom, mas eu também não fui uma treinadora com essa visão, eu vejo que toda essa trajetória acadêmica me fez mudar”*. Menciona discussões com os professores do seu instituto, e que fala pra eles: “muito difícil eu me despir do esporte competitivo”, mas ela diz que está tentando se inserir mais nessa ação educativa, formal, formativa do esporte, pois gosta muito. *“O objeto em si do esporte somos nós, os profissionais, da forma como nos apropriamos e conduzimos essa prática”*. Defende que temos que **deixar claro para os educandos o conceito de esporte e suas distintas manifestações e dizer que dependendo da finalidade ele segue por momentos e caminhos diferentes.** Nesse caminho que a entrevistada diz tentar academicamente trabalhar com os seus alunos, porque percebe das experiências que os educandos vão trazendo que eles também têm na cabeça o tipo de esporte que eles trabalham, no caso da ginástica artística, por exemplo, parece que eles possuem uma visão muito olímpica, competitiva, assim, *eles têm essa dificuldade de pensar como essa ginástica artística competitiva pode ser trabalhada na escola. “Você que trabalha no SESC, tem um propósito diferente, da aula pra comunidade. Então eu vejo essa dificuldade porque é um desafio para nós que trabalhamos academicamente, tentar mudar esse olhar sobre o esporte”*. Perguntamos se o esporte tem o potencial de educar crianças e adolescentes, e ela respondeu que considera que sim, e que não fecha só pra criança e adolescente, pois ela considera que o adulto também pode mudar. Fala então sobre seus alunos do curso de extensão e sobre as mudanças que percebe neles. Não se refere somente à mudança física, motora, mas diz que

	<p>percebe uma mudança na forma como eles enxergam o esporte, e vê mudanças em suas atitudes. Nessa direção, entende que se esse processo começar na infância, ele permitirá mudanças bastante significativas. A entrevistada conta sua experiência, de uma educação rígida, relata que morou com seus avós, tanto por parte de pai, quanto por parte de mãe e entende que carrega muito disso, e entende que ainda que seus familiares ou técnicos não tivessem essa visão, ou esse objetivo de educar, ela percebe que o esporte promoveu mudanças em sua vida. Acredita que essa mudança acontece em todo mundo e, em particular, percebe as mudanças que o esporte promoveu em sua vida no sentido do compromisso, da responsabilidade, da preocupação com o corpo, saúde. Menciona que isso foi se construindo ao longo da sua vida atrelada ao esporte. Comenta que não sabe como seria sua vida sem o esporte. Encerra a resposta dizendo que percebe que o esporte pode sim trazer muitas mudanças tanto positivas, quanto negativas. O ESPORTE É AQUILO QUE SE FIZER DELE.</p>
<p>Entrevistado 4</p>	<p>Para o entrevistado 4, a concepção de esporte na sociedade continua sendo um grande problema, em razão da visibilidade que o alto rendimento tem e isto tem implicações não só na hora da criança aderir a prática esportiva, mas também para o professor, na expectativa que a sociedade tem quando a criança começa a desenvolver uma iniciação. INFLUÊNCIA DA MÍDIA NO REFORÇO A UMA INTENCIONALIDADE VOLTADA AO ESPORTE PROFISSIONAL – VISÃO REDUCIONISTA – O entrevistado coloca dois pontos. Primeiro que o esporte não tem se disseminado como deveria na sociedade e o segundo ponto é que quando se pensa na adesão a prática esportiva, tendo como pano de fundo o alto rendimento, “a criança acha que vai para uma escola de natação e depois de seis meses já vai ser o Cielo da vida e o pior é que os pais tem essa expectativa também, é claro que, o que é esperado e o que é realmente feito tem uma distância enorme, e normalmente há uma grande desistência”</p> <p>O entrevistado aponta outro aspecto que considera negativo, relacionado a esse ponto, que é o fato da criança ter uma certa dificuldade de realizar determinado movimento, daí muda-se totalmente as regras, mas mantém o nome das modalidades esportivas. Ele considera que muitas vezes é preciso fazer isso, mas manter o nome da modalidade confunde um pouco, pois a descaracteriza. Para o entrevistado isso faz o universo do esporte ter uma dificuldade enorme em ter uma concepção melhor elaborada, e isso tem reflexo no desenvolvimento da criança, na expectativa dos pais, na cobrança.</p> <p>Para o entrevistado, o esporte é o patrimônio cultural da sociedade mundial e a sociedade, para disseminar esse patrimônio, lança mão de várias instituições, sendo a escola uma delas. Defende que é necessário ter uma concepção clara de esporte “basquetebol é basquetebol, seja no alto rendimento ou no esporte de participação”, mas o peso que você aplica em alguns aspectos pode transformar o basquetebol em alto</p>

	<p>rendimento, na iniciação, no lazer, e destaca a necessidade de manter as mesmas regras. Para ele é claro que quando se trabalha com o alto rendimento busca-se o maior desempenho possível, mas o basquetebol é o mesmo em todas as categorias, o que muda é o peso que se coloca nas regras, pois no esporte como educação não se visa o desempenho e sim o ensino, portanto o peso das regras muda.</p> <p>Comenta que hoje, por exemplo, nos jogos abertos do estado de São Paulo, se o atleta não saltar dois metros e trinta, por exemplo, ele nem vai para a competição, isso é a lógica do esporte do alto rendimento, e para o entrevistado não está errado, o que está errado, no ponto de vista dele, é no esporte como educação física ou de participação ter o mesmo tipo de pensamento, porque no esporte de participação não importa se o indivíduo está saltando 1m e 20cm de distância, “o que importa é que a pessoa está buscando saltar 1m e 21 cm, é claro que não por ser esporte de educação e participação que você tem que nivelar tudo por baixo, não estou preocupado com o resultado, mas sim com a pessoa ir de acordo com suas limitações, o conceito importante aí é a aprendizagem e do outro lado do esporte é a aprendizagem, repetição de movimento, no fundo, no esporte de alto rendimento é a pessoa que se adapta ao esporte e do outro lado não, o esporte é que é adaptado as características das pessoas, não mudando as regras, mas sim no modo que o peso é colocado” Nessa perspectiva, de acordo com o entrevistado, o esporte de alto rendimento gera exclusão e no de participação gera a inclusão, mesmo porque é um patrimônio cultural e as pessoas tem direito a ter acesso. O grande problema para o entrevistado está na construção, que está difícil de desenvolver, ou seja, ver o esporte desenvolvido.</p>
<p>Entrevistado 5</p>	<p>De acordo com o entrevistado 5, o esporte em si é um meio de promoção de valores educativos, o esporte em si tem todos os elementos para utilizá-lo como um meio de educação, ou como meio pedagógico para a promoção de situação de desenvolvimento das capacidades cognitivas, capacidades sociais, de interação, enfim, o esporte é um meio pedagógico por excelência, e aponta que isso não é ele quem fala, explicando que já tem muita literatura à respeito, conclui então que o esporte é uma forma de se trabalhar, promover, desenvolver situações de educação.</p> <p>Quando questionado e convidado a comentar se o esporte tem o potencial de educar crianças e adolescentes, o entrevistado responde que é lógico que sim, pois como já havia comentado o esporte é um fator pedagógico por excelência, é um promotor de valores, de desenvolvimento de capacidades, de socialização, integração, contudo coloca que tudo isso vai depender da pessoa que encara o projeto, dos objetivos que ela tenha e de que sejam adequados ao processo de iniciação, à faixa etária. O responsável pelo processo é</p>

quem poderá trazer os elementos positivos que o esporte tem.

Questão 2) Fale sobre possíveis contribuições do esporte no processo de educação de crianças e adolescentes

<p>Entrevistado 1</p>	<p>O entrevistado 1 começa essa resposta dizendo que crianças em escolas convencionais, em sua maioria, não são voluntárias nas aulas de matemática, de geografia, de português, história, física, de química, e sim alunos forçados, como uma espécie de condenados à trabalhos forçados e que isso é muito fácil de entender visitando as escolas. Para ele, embora sejam condenados silenciosos, as vezes tranquilos, são forçados. Em alguns casos, embora forçados, são também rebeldes. Tal rebeldia se torna possível, para ele, uma vez que a escola não pode mais recorrer aos castigos físicos.</p> <p>Em relação as aulas de educação física, comenta que quando os professores de educação física são, pelo menos razoáveis, é comum que encontremos alunos voluntários. Ele atribui essa participação voluntária ao fato das aulas acontecerem em um espaço aberto, ao fato de encontrarem nas aulas brinquedos como bolas, bastões, como arcos, como cordas; no caso das crianças porque vão fazer muitas brincadeiras, no caso de adolescentes porque vão encontrar muito esporte, ou seja, a aula de educação física ainda é aquele espaço onde se pode encontrar aquele aluno voluntário. O entrevistado comenta que quando o professor não é muito bom, ele acaba apenas fazendo um jogo inconsequente, sem nenhuma orientação dirigida para uma formação educacional responsável com a vida adulta, cidadã, mas quando o professor é realmente bem formado, daí a aula é maravilhosa. Para ele, quando o professor de educação física é bem formado, treinado e experiente, é possível que se tenha a melhor aula em escola do sistema educacional brasileiro. Sendo assim, segundo ele, não importa se esse bom professor recorre ao que chamamos de esporte, ou se ele recorre ao que chamamos de brincadeiras, pois a diferença entre um e outro é apenas uma questão de regras, de compreensão moral. Acrescenta ainda que quando nós temos um professor assim, essa brincadeira, esse esporte produz uma mobilização emocional fantástica. Nessa perspectiva afirma que esporte é muito cativante! Para exemplificar faz um relato de uma de sua experiências profissionais, as oficina do jogo realizadas em escolas tanto de Santa Catarina, como do Paraná, e comenta que em 6 anos de trabalho com as oficinas, nunca foi registrado – <i>foram milhares de crianças – “nós nunca registramos um caso sequer, relevante, um registro relevante de criança que não queria fazer a aula.</i> Ou seja, ela é muito atraente, muito cativante, muito encantador. E é isso que a gente precisa para ter o aluno, para ter a adesão do aluno”. O entrevistado defende a ideia de que esse aluno que adere a aula pode ser educado com maior facilidade, (LIVRE ADESÃO) pois ele está onde ele quer estar. “O</p>
---------------------------	---

aluno vem à aula de esporte, ele quer fazer a aula, ele vai praticar o esporte que ele quer fazer, que é querido por ele, que é divertido, que é alegre. E, praticando esse esporte dessa maneira, ele pode receber os conhecimentos que esse bom professor quer que ele adquira **para ter ferramentas mais adequadas para uma vida cidadã?**

Ao iniciar uma abordagem sobre uso de ferramentas adequadas o entrevistado indica que considera bobagem a ideia de que todos tenham que aprender igualmente matemática, português, geografia, história e **defende que cada aluno deva aprender de acordo com a história de vida dele, mais acessível a ele, mais adequado com a história de vida dele SUJEITOS, que possibilite que ele tenha essa vida melhor.**

Comenta que para ele, o bom cidadão é aquele que, por exemplo, houve uma notícia na televisão, e ele não simplesmente engole aquela informação; *“ouvindo uma notícia, e ele concorda com a notícia, mas antes de simplesmente engoli-la ele à critica para si mesmo, ou seja, ele reflete sobre ela e conclui é aceitável, então ele aceita; ou ele reflete sobre ela e tem dúvida sobre ela; ou ele reflete sobre ela e a rejeita, como alguma coisa manipulada, como alguma coisa absurda”*. Nos seus exemplos e explicações, o entrevistado deixa evidente a criticidade como importante valor no processo educacional.

Para ele o esporte é fantástico quando está nas mãos de um bom professor, e é preciso valorizar esse bom professor. Diz ainda não conhecer ferramenta pedagógica mais poderosa do que isso, porque também diz não conhecer, atualmente, nada que mobilize com mais poder a população do mundo do que o esporte. Para exemplificar essa afirmação, defende a ideia de que durante a copa do mundo, se tivesse eleições presidenciais, ninguém daria a menor bola para as eleições e que todos candidatos tentariam manipular o futebol a seu favor, pois se assim não o fizessem, não venceriam as eleições, justamente porque a coisa mais mobilizadora do período seria, sem dúvida alguma, o futebol.

Ao ser questionado pelo pesquisador sobre quais outros valores, além dos sinalizados, ele entende que poderiam contribuir com a formação das crianças e adolescentes participantes em ambientes formais e não formais de ensino de esporte, o entrevistado mencionou que **o esporte pode ser praticado, além da escola, em ONGs como a que ele trabalha; em cursos de extensão universitária; em centros desportivos das prefeituras; em campos de treinamentos de esporte de rendimento** CENÁRIOS. Comenta que o esporte é composto de diversos elementos, que ele é praticado por pessoas e essas pessoas que o praticam integram vários elementos, nessa perspectiva, aponta que como o esporte é feito por pessoas, o esporte integra coragem e covardia; assim, por causa das pessoas que o praticam, e do modo como é praticado, sinaliza que o esporte tem tudo.

Para exemplificar, o entrevistado menciona que **o esporte tem coragem, mas também tem covardia; ele tem confiança, mas ele também tem falta de confiança, ele tem**

	<p>lealdade, mas também tem traição; ele tem iniciativa, mas também tem indecisão; o esporte tem saúde, mas ele também tem doença, ou seja, o esporte ele tem coisas que classificamos como virtudes, e coisas que nós classificamos como vícios, portanto, quem o pratica está se educando, ou para potencializar predominantemente os vícios, ou para potencializar predominantemente as virtudes.</p> <p>A partir dessa ideia, aponta que o bom professor é aquele indivíduo que domina o trato pedagógico, a ponto de saber, conscientemente, como potencializar, pelo menos predominantemente, as virtudes do esporte, de forma que a coragem supere o medo, a covardia; de forma que a saúde supere a doença; de forma que a lealdade supere a traição, e assim por diante, ou seja, para ele tudo dependerá do pedagogo. Nessa direção, destaca a questão de que considera à televisão como um pedagogo, considera também as grandes empresas e as grandes marcas envolvidas com esporte (Coca Cola, Heineken, etc.) como pedagogos. “Eles todos são nossos professores, tanto é o nosso professor o da educação física, consciente, responsável, bem formado, como é nosso professor o locutor que transmite o jogo de futebol”. Defende a ideia então, de que tudo dependerá do envolvimento da pessoa com a pedagogia do esporte, pois, às vezes, a Pedagogia do Esporte estará chamando a pessoa para produzir lucros para o capital financeiro internacional, ou estará chamando para produzir cidadania. “Não existe por si só, algo que seja produzido pelo esporte sem esse envolvimento ideológico”.</p>
<p>Entrevistado 2</p>	<p>O entrevistado 2 inicia sua resposta dizendo que irá se reportar a uma referência que ele tem já há algum tempo, que é a do Gallahue, conhecido estudioso do desenvolvimento humano, que, para ele, embora numa perspectiva mais determinista, traz contribuições muito interessantes quando fala no desempenho total, desenvolvimento esse focado nos aspectos: físico, emocional, social, mental e espiritual. Nessa perspectiva, para ele, o esporte com certeza contribui muito para as pessoas desenvolverem suas capacidades físicas (força, resistência, velocidade, coordenação, flexibilidade); suas habilidades técnicas relacionadas a uma modalidade; e suas habilidades gerais de salto, de corrida, de lançamento, ou seja, contribui com o movimento humano em si, de forma integrada as outras dimensões.</p> <p>No campo das emoções, as pessoas, quando jogam, entram em contato com muitas situações de perder e ganhar, situações que às vezes são mediadas por uma expectativa grande de realização, e, de repente, elas tem aquela expectativa frustrada, ou seja, alguns sentimentos, algumas emoções vem à tona, como a tristeza na derrota, a raiva por um desafio que não foi cumprido, ou mesmo a alegria na vitória, ou seja, dar significado a essas emoções pertence ao universo do esporte, principalmente porque, conforme se lida com esse contato, com o saber expressar-se mediante as emoções, alegria, raiva, ou a</p>

tristeza, saber lidar com esses sentimentos também pertence a esfera da condição humana. “Se eu estou com raiva eu amplio isso tudo e saio com raiva do mundo, ou se ela vindo, mas ela sendo identificada e significada de uma forma positiva, ela pode me trazer também um movimento interno para agir novamente, ou até me controlar e não ofender pessoas quando estou sentindo a raiva”. Mesmo o resultado esportivo, quando ele não é o que se deseja, se ele traz, por exemplo, a tristeza, trata-se somente de um jogo, e ao passar por outros momentos na vida em que tenha o mesmo sentimento, o indivíduo estará melhor preparado para as situações da vida, inclusive nas quais ele possa ser o vencedor, nas quais ele possa ser a pessoa que vence o desafio. (PREPARAÇÃO EMOCIONAL PARA LIDAR COM OS DESAFIOS DA VIDA – TRANSFERÊNCIA DO APRENDIZADO ESPORTIVO PARA A VIDA).

Na dimensão do que Gallahue chamou de mental, o entrevistado pontua que o jogo, ou o esporte traz a dimensão da situação problema, na perspectiva de resolver situações em que aparentemente não há ainda uma saída, “e agora, ou que eu faço?” ou seja, para ele, o indivíduo está desenvolvendo, nesse instante, o aspecto cognitivo, a inteligência, o saber relacionado a resolução de problemas e a produção de coisas novas mediante um contexto que é natural do esporte, que é o contexto desafiador, e, a partir disso, segundo o entrevistado, possibilita que o indivíduo trabalhe com as dimensões de uma teoria que ele confia e aplica, até como um norteador de vida, que é a teoria das inteligências múltiplas, (aprender a resolver problemas com o corpo, com a dimensão espacial, com as palavras, com o raciocínio lógico, com as relações pessoais, no contato com as minhas emoções e meus sentimento, a dimensão que diz respeito a minha existência, que diz respeito a minha posição dentro de um sistema de funcionamento), ou seja, a dimensão mental também pode ser desenvolvida dentro dessa esfera esportiva.

Ao se referir ao desenvolvimento na dimensão social, o entrevistado disse que no jogo nós também temos uma dimensão hierárquica sobre as pessoas que estão mediando o jogo, que estão liderando um evento, ou seja, um reconhecimento de que dentro daquele contexto existe uma hierarquia do professor, do técnico, que estão comandando as ações, a quem se deve respeito, como se deve respeitar também a própria regra em si, o árbitro do jogo, o adversário, as pessoas que chegam a subir dentro de uma equipe esportiva. Para exemplificar essas ideia ele levanta os seguintes questionamentos: “Será que chegando depois eu já tenho todos os direitos daqueles que já estão lá? Será que me sentir excluído é bom para mim? Como posso operar com outras pessoas para que eu consiga me incluir no grupo? Ou, será que uma atitude minha pode excluir uma pessoa do jogo, ou mesmo do grupo de trabalho? Como que eu posso me orientar com o tratamento pedagógico de um professor, um técnico para que eu sinta meu direito de pertencer ao grupo quando eu estou dentro dele, e do quanto eu devo respeitar aqueles que já estão no grupo. Quanto devo

	<p>integrar os que estão vindo? Quanto eu posso melhorar a convivência com essas pessoas equilibrando as trocas de atitudes, de condutas que existem dentro dessa esfera do jogar?” (ele chama isso de “equilíbrio de troca”), ou seja, segundo e entrevistado 2, o jogar nos ajuda em muito entender sobre o jogo cotidiano, sobre o jogo da vida, fazendo essa ponte, essa metáfora. Ele entende que a potência do esporte com a educação está exatamente em saber dar e atribuir significados à experiência do jogo, além do que é a tarefa do jogar, além do que é o óbvio do jogo, que são as capacidades físicas, as habilidades técnicas e as situações táticas, então entendo que o próprio jogo contém diversas e muitas situações que nos ajudam a aprender o nosso convívio em sociedade, dentro de um sistema maior.</p>
<p>Entrevistado 3</p>	<p>A entrevistada inicia sua resposta dizendo que trabalhou pouco tempo em uma escola e que a experiência em clube, mais duradoura, possibilitou observar mais mudanças nas crianças, assim como percebeu as mudanças ocorridas com ela mesma. Em relação ao processo educativo, comenta sobre uma família que tem mais estrutura, e como elas ajudam as crianças na escolha da comida, nesse processo educativo de escola e tem essa interação mais forte. Entretanto, muitas crianças não têm essa oportunidade e o esporte, esse meio social, é que acaba fazendo todo esse papel de contribuir no processo educativo</p> <p>Ela relata que começou a treinar em centro esportivo de uma classe social mais simples e, a partir dessa experiência, houve uma oportunidade da federação paulista, empresa e a prefeitura. Comenta então que não sabe como seria a sua vida sem o esporte e que as oportunidades foram muito importantes para ela, e para muitas outras crianças, pois percebe que muitas delas poderiam estar na margem da sociedade, se não fosse o esporte.</p> <p>Relata ainda que havia uma cobrança para que as crianças não estivessem só matriculadas em uma escola, mas também efetivamente estudando, e considera que tudo isso foi um ambiente bastante propício. “Lógico que não é 100% perfeito, eu fiquei muito tempo lá e vi crianças chegando e saindo, mas eu percebo também que aquilo foi essencial para mudar o rumo da vida delas”. POTENCIAL DE TRANSFORMAÇÃO DO ESPORTE</p> <p>Quando questionada sobre quais aspectos considerados para que o esporte seja propício e quais aspectos de mudanças positivas ela vê que o esporte pode contribuir, a entrevistada responde que essa questão também é social, e, como exemplo cita um torneio do qual participava, e que reunia as pessoas dos clubes da elite de São Paulo, como os clubes Pinheiros, Paulistano, com os centros esportivos da periferia, e destaca a questão das crianças se respeitando. Destaca também momentos de competições nos quais tinha essa oportunidade de interagir com pessoas de diferentes níveis sociais, econômicos,</p>

culturais. “Então, o que eu quero dizer assim na ocasião é que talvez eu não tivesse essa visão, mas hoje olhando essas oportunidades, então isso também foi bastante rico, **conhecer a cultura brasileira,** você viajar pra Minas, pro Rio, pra Porto Alegre, pra Brasília, pro Nordeste, então assim, você conhecer o que eu acredito que na época eu não teria essa oportunidade, intercâmbios internacionais também, então, na ocasião assim eu não saí do país, mas nós recebemos muitos atletas de fora também, da Argentina, do Chile, da Alemanha, havia uma riqueza aí, **interações pessoais importantes.**

Comenta que, como ingressou em uma universidade pública e tinha bolsa de estudos, optou por estudar inglês para se comunicar, pois na época que treinava tinha um treinador americano que vinha muito para o Brasil e ela queria entender o que esse treinador falava. Menciona o que chama de **outros incentivos, relatando que quando treinava tinha periodicamente exames médicos, e isso a incentivou ter esse cuidado com a saúde. O meio foi importante para incentivar outras ações.** Relata que levou como objetivo de vida essa oportunidade de estudar fora e que no momento possível foi para o Japão. **“Então eu acho que é um ambiente bastante inspirador vamos dizer assim”.** Diz também **que não houve só figuras positivas, mas as negativas,** como colegas que só se preocupavam com a bolsa e que não quiseram mais estudar.

Relata que desde a época como universitária e depois no começo da carreira, algumas coisas a incomodaram, e esse incômodo está relacionado ao que ela chama de uma certa passividade e divide seu pensamento: “será que se ele tivesse se envolvido com o esporte, ainda que por um período da vida, será que eles seriam diferentes?”. Essa passividade ainda a incomoda na Universidade. Ela compara sua época de estudante, com os dias atuais e **considera que os jovens têm baixa iniciativa e sua impressão é de que cada vez mais as pessoas que ingressam no curso de educação física tem menos contato com o universo esportivo.**

Comenta que quem faz, quem pratica esporte é mais feliz, está mais de bem com a vida, embora, para ela, às vezes, seja difícil falar isso de ginástica artística, porque é um esporte pesado, a criança começa desde cedo.

Ela considera o esporte como um excelente inspirador e relata que quando praticava ginástica, **sua primeira técnica era muito rígida, aplicava constantemente até castigo físico,** mesmo assim ia para as aulas com muito prazer, **“não era de me expressar, mas aquilo não me afetava”.** Relata que a técnica era muito brava, rígida e, embora praticasse punição física, isso nunca lhe tirou a vontade de continuar a prática. **“Lógico que eu tenho meu lado bastante preguiçoso, mas eu vejo que isso foi uma lição para mim. Ginasta tem que fazer perfeito, então isso também é um entrave depois no seu dia-a-dia, mas pelo menos aquela ideia de, bom, você tem um objetivo, então vamos tentar atingir! Isso também foi**

	<p>um aprendizado bastante importante. <i>Ginástica é uma construção, um tijolo por dia, então isso também ajuda, ter essa paciência vamos dizer”.</i></p>
<p>Entrevistado 4</p>	<p>Questionado sobre qual papel do esporte na educação de crianças e adolescentes, o entrevistado respondeu que para ele é claro que <i>o esporte tem valores intrínsecos, valores culturais, e que constantemente as pessoas querem transformá-lo como meio para alguma coisa</i> “<i>hoje mesmo o mundo inteiro é em função do aumento da obesidade, do sedentarismo , das doenças crônicas degenerativas, e hoje em dia as pessoas querem que as crianças comecem a praticar esporte desde cedo justamente para evitar isso e melhoria da qualidade de vida</i>”, mas o entrevistado acredita que não <i>pelo esporte ser um patrimônio cultural da humanidade, ele tem valor em si mesmo, assim entende a importância do ato de praticar o esporte pelo fato do indivíduo ter acesso a um patrimônio cultural da humanidade, e como consequência disso evitar os outros problemas de saúde, como a obesidade.</i> Ele vê o esporte nessa perspectiva, e, segundo ele, para desenvolver o esporte é preciso ter uma concepção adequada – para isso não precisa cair naqueles jargões de que esporte é saúde , educação, de que esporte é um meio de livrar de ir para as drogas – ele não é favorável a isso, pois <i>para o esporte ser tudo isso depende da forma como ele é praticado, e para ele ser praticado da forma correta defende que é necessário ter uma concepção correta.</i> O ESPORTE É AQUILO QUE SE FIZER DELE.</p>
<p>Entrevistado 5</p>	<p>O entrevistado responde que <i>quando ele fala em desenvolvimento de capacidades entram todas: capacidades motoras, cognitivas, sociais, psicológicas, “há um leque de capacidades a desenvolver”.</i> Como exemplo, quando fala em desenvolver a capacidade cognitiva compreende à percepção, atenção, desenvolver forma de tomada de decisão. Para ele o esporte trabalha esses pontos. “<i>Seja num jogo, seja através de um exercício, você tem essa possibilidade de desenvolvimento, desenvolver capacidades significa desenvolver personalidade”.</i></p>

Questão 3) Você poderia enumerar possíveis finalidades/objetivos do esporte no contexto de iniciação esportiva para crianças e adolescentes?

<p>Entrevistado 1</p>	<p>O entrevistado diz que poderia enumerar os objetivos que ele traça, os objetivos que o Robertão traça, os objetivos que o Instituto Esporte Educação traça, os objetivos que o futebol de rua traça. Para ele tem de tudo. <i>SÃO MUITOS OS OBJETIVOS E VARIAM DE QUEM ESTÁ POR TRÁS DA ORGANIZAÇÃO DO PROCESSO EDUCATIVO</i></p>
---	--

	<p>INTENCIONAL. Comenta que assistiu várias vezes, professores de escolinha de futebol, colocar 8, 10 cones e fazerem as crianças correrem contornando cones para depois chutar uma bola. Segundo ele, isso não tem o menor sentido, nem para o futebol, nem para a educação dessas crianças.</p> <p>Comenta também que já viu professores de iniciação à natação, que obriga as crianças ficarem batendo perna na beira da piscina, sem sentido nenhum para aquela criança. Ele coloca então o questionamento: qual é o objetivo de um professor que coloca uma criança na borda da piscina e a obriga a ficar batendo pernas minutos a fio? E responde: “O objetivo dele é desenvolver o gesto adequado, de batida de pernas, para nadar, por exemplo, o crawl.</p> <p>O entrevistado aponta que isso é um objetivo educacional, mas para um professor que é mal formado. REDUZ O POTENCIAL EDUCATIVO AO APRENDIZADO DA QUESTÃO TÉCNICA.</p> <p>Coloca então um segundo questionamento: “Agora, o que é um objetivo educacional para um professor como o Alcides Scaglia? E responde: olha a diferença, ele coloca uma criança para jogar futebol, e o objetivo do Alcides é que essa criança aprenda futebol jogando futebol, ou melhor, brincando de futebol, e, em brincando de futebol, ela fortaleça suas ferramentas para ter uma vida mais saudável, uma vida mais democrática, uma vida mais ética, e ele sabe como chegar a isso”.</p> <p>Menciona então que, sem dúvida, os objetivos educacionais que ele acredita, o professor que ele quer, que ele aceita, é aquele que ao ensinar esporte educacional, ensina a todos; ensina bem esse esporte a todos (tecnicamente) e ensina mais do que o esporte a todos, de forma que esse esporte repercuta eticamente, em uma vida democrática; e ensina essa pessoa a gostar de esporte para que ela possa praticá-lo por toda a vida.</p>
<p>Entrevistado 2</p>	<p>Inicialmente, o entrevistado 2 entende que as finalidades e objetivos devem contemplar o que crianças e adolescentes podem responder dentro dessa esfera. Para ele existem processos muito equivocados, que, muitas vezes, tentam transferir o mundo do adulto para crianças e adolescentes, não só em relação aos aspectos que são físicos, as exigências próprias do jogo, da tática, da inteligência do jogo, mas os aspectos dos valores humanos, dos comportamentos, das condutas. O entrevistado entende que uma leitura inadequada em relação ao que a criança ou o adolescente são capazes de abarcar durante o processo, até pelo desconhecimento do que é expressar-se com uma criança e com um adolescente pode, de uma certa forma, perverter o processo de iniciação e formação esportiva com esse público. A partir dessa ideia, o entrevistado 2 entende a necessidade de se conhecer mais sobre criança e adolescente, a fim de oferecer a eles, o que nesse tempo de vida será mais adequado vivenciar dentro de uma esfera esportiva.</p>

Segundo ele é comum, principalmente quando o esporte está atrelado as federações, as ligas regionais, as ligas de clubes, identificar crianças e adolescentes jogando já como adultos, copiando formas de jogar dos adultos, ou seja, tentando, de uma certa forma, transferir aquilo que se é, de projetar para muitos anos depois, já para essa fase, antecipando e pulando etapas. O entrevistado relaciona esse fato à desistência e ao precoce abandono da prática esportiva. *“Então eu entendo que um copo dentro do seu tamanho, ele pode abarcar o volume que o copo contém, se a gente quer colocar um mar dentro de um copo, o copo não vai suportar o volume de água que o mar contém. Então muitas vezes o pessoal quer colocar para iniciação e formação, um volume de mar no copo da criança e do adolescente (adolescência) aí é uma jarra já um pouco maior. Ele considera que deve se adequar e entender o que o copo e a jarra suportam, que não é o que o mar deseja que se suporte”.*

A respeito das habilidades específicas, habilidades básicas, ou capacidades físicas, o entrevistado defende que seria fundamental orientar as pessoas que comandam as atividades esportivas para essas faixas etárias, de que, embora a criança queira experienciar movimentos, ela pode não estar preocupada com a vitória através de uma estratégia tática avançada, ela pode querer simplesmente a alegria do jogo, a participação e ter a sua presença reconhecida. O entrevistado defende que talvez até possa ser importante a vitória, mas que a criança ganhe jogando e não que ela ganhe assistindo do banco, os seus companheiros fazendo pontos enquanto ela simplesmente veste a camisa e receba, talvez, um prêmio no final. (GARANTIR A PARTICIPAÇÃO EFETIVA).

A fim de reforçar a importância dessa ideia, o entrevistado menciona autores que defendem essa perspectiva, como o Gallahue, com desenvolvimento humano; o João Freire, com seu suporte Piagetiano; o Alcides Scaglia e o Roberto Paes, com a ideia da diversificação, ou mesmo a orientação para o evitar da especialização precoce.

Para o entrevistado, um norteador muito importante é **fazer com que a criança e o jovem possam se apropriar da experiência esportiva de forma vivificante e não de forma frustrante.** Para isso, ele defende que não é o momento da iniciação ou mesmo da formação esportiva ensinar como ganhar jogos segundo os adultos vencem.

Ele relata que o avanço no suporte tecnológico, de mídia, da televisão, possibilita que muitas pessoas assistam os jogos profissionais, num volume muito maior de disponibilidade do que era há 15, ou 20 anos atrás e isso faz com que, muitas vezes, os próprios jovens e as crianças queiram jogar como adultos, entretanto é provável que seja mais importante para elas, **adequar e dimensionar a prática segundo o que elas podem oferecer a si mesmas jogando,** então, para ele, **um objetivo primordial é o prazer de jogar, um prazer que seja possível aos praticantes no momento presente, e não o adiantamento dos estímulos ou de situações que de tão complexas impeçam, na**

	<p>verdade, a vivência desse prazer vivificante do jogar. LUDICIDADE</p> <p>Para o entrevistado 2, se não existe esse prazer do jogo, esse prazer da adequação para o ser, para a pessoa poder se apropriar do jogo, ele crê que a prática da iniciação esportiva estará sendo perversa.</p>
<p>Entrevistada 3</p>	<p>Considera bastante importante conhecer o corpo, não somente o potencial do movimento, mas também as respostas do corpo, porque, para ela, isso tem uma relação forte com o dia-a-dia, então, por exemplo, a forma como subir uma escada, carregar um peso. Comenta que seus alunos chegam na faculdade, adultos, e pela primeira vez vão ficar suspensos, saltar, utilizar as mãos pra suportar o peso do corpo. Para ela esses movimentos são naturais e conhecer o corpo trará benefícios para o cotidiano dos educandos.</p> <p>Um segundo objetivo apontado pela entrevistada está relacionado a experiência do que se denomina nas interações ou nos relacionamentos com os outros, independentemente de ser esporte coletivo ou individual. No grupo de estudantes, ela destaca os aprendizados de colaboração, respeito, paciência, comunicação.</p> <p>Outro ponto levantado é o objetivo de fortalecer as questões emocionais do indivíduo. Nessa direção, o entrevistado comenta que os atletas mais perdem do que ganham. <i>“Já chorei depois de uma competição porque erreí, as vezes você erra uma coisa tão óbvia, mas acho que isso também ajuda emocionalmente a enfrentar situações na vida, ajuda na questão do medo, do desafio, da questão da perda.”</i> A entrevistada diz que o atleta nunca está satisfeito e que ela, pelo menos, tem dificuldade de valorizar pequenas coisas, pequenas conquistas, entretanto, pontua que esses elementos precisam ser aprendidos, valorizados e celebrados. Coloca que há pessoas que tem um aprendizado positivo dessa questão, que celebra cada dia suas conquistas, e, com isso, consequentemente fortalece os dias seguintes.</p> <p>O aprendizado de aprender a lidar com cobranças pessoais também é apontado pela entrevistada como objetivo importante. Para explicar esse objetivo, ela começa dizendo que <i>“a USP cobra 24 horas por dia de você, nunca tá bom, mas acho que o que eu aprendi do esporte foi então, eu não me abalo tanto com essas cobranças, não que eu não me empenhe para atender, mas eu até gosto da pressão”.</i></p> <p>Outro objetivo é chamado pela entrevistada de “bloco ciência emocional, psicológica.” Para ela o esporte na infância tem um potencial para ensinar e fortalecer muito emocionalmente e psicologicamente a criança e, parte disso foi atribuído ao fato do ambiente esportivo ser muitas vezes “pesado”.</p> <p>Questionada se havia outro elemento, a entrevistada comentou sobre a questão do corpo, das relações, da parte emocional e psicológica e acrescentou que em sua visão o esporte é um campo que pode se relacionar muito com o conhecimento formal de sala de aula, que poderia agregar muito nessa direção, se houvesse mais tempo, incentivo ou até boa vontade dos professores de fazer essa integração, ela acredita que o processo</p>

	<p>seria também mais prazeroso. FAVORECER O APRENDIZADO DE CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FORMAL</p>
<p>Entrevistado 4</p>	<p>Perguntado sobre finalidades do esporte no contexto da iniciação esportiva, o entrevistado reforça que o mais importante é dar acesso ao esporte tendo o objetivo em si mesmo, e as outras coisas sendo consequências, <i>“o mais importante é você introduzir a criança nesse meio porque é algo que o ser humano aperfeiçoou e foi passando de geração em geração, e a criança pode usufruir disso e até transformá-lo, e no fundo isso faz parte das pessoas”</i>.</p> <p>Para o entrevistado, se você tem um processo de aculturação esportiva em andamento isso permite trabalhar com valores, com habilidades, possibilidades, então o próprio envolvimento da criança vai fazer com que, pelo fato de experimentar esses valores, a pessoa poderá melhorar em termo de qualidade, desenvolvimento, habilidade, conhecimento, e isso faz com que a criança permaneça nessa atividade e incorpore esses elementos como algo a ser desenvolvido a vida inteira <i>“e pergunto eu o que na nossa vida não é assim?”</i> Defende então a ideia de que o acesso que os indivíduos tem na cultura é a mesma coisa, permite incorporar valores que fazem com que sua vida seja melhor.</p> <p>Ao ser solicitado para exemplificar alguns desses valores ele responde que não tem sentido promover uma participação elitista desde o começo, para ele isto é tentar dar o tiro sem acertar o alvo, por isso acredita que no fundo o começo está na educação física escolar, pois se a educação física funcionar, bem, será transmitido para as crianças os valores. Será sensibilizar as pessoas para as coisas que podem ser adquiridas com a pratica esportiva.</p> <p>Nessa direção, para ele, o resto é consequência, pois as pessoas, a partir daí irão praticar porque gostam, terão uma atividade mais intensa, <i>“eu por exemplo gosto de praticar esporte, na minha idade as pessoas devem estar pensando que eu pratico esporte para não engordar”</i>. Defende que nessa perspectiva do acesso a todos na infância, que o número de praticantes será maior, consequentemente teremos uma sociedade mais ativa esportivamente falando, a partir daí é claro que haverá mais facilidade de encontrar pessoas com mais aptidão, mais talentos e aponta que a sociedade deve abrir caminho para essas pessoas serem encaminhadas para as instituições apropriada. Menciona que no Brasil esse processo se dá nos clubes, nos EUA é basicamente nas universidades. Nessa linha, para ele não dá para fazer com que a sociedade incorpore os valores do esporte e comece a participar disso e você canalizar esses valores para o alto rendimento. O alto rendimento é consequência, não intencionalidade.</p> <p>Ao ser questionado se a forma como o professor se comporta na mediação do processo pode colaborar para a autonomia da criança, o entrevistado responde que é fundamental e</p>

	<p>diz que é justamente por isso que ele fala sobre a educação física escolar como chave para tudo isso, pois toda criança passa por ela, e permanece por 12 anos, e, de acordo com ele é tempo suficiente pra criança saber que isso é importante. Afirma que quem vai liderar esse papel é o professor, mas para isso ele tem que ser bem formado, e questiona: “<i>será que as escolas de educação física estão promovendo professores capazes de ensinar essa educação física na escola? A qualidade de hoje é altamente duvidosa. E por que não estão se formando excelentes profissionais?</i>” Para ele são vários fatores, como os interesses comerciais e financeiros de várias espécies e acrescenta que se refletirmos por que a escola de educação física está sendo incapaz de formar professores com uma concepção clara de esporte e sua relação com a educação física escolar. Ao ter essa formação irá perceber que a própria educação física tem dificuldade de dizer o que ela é em termos de conhecimento. Diz então que não é possível fechar tudo e querer mudar tudo de uma vez, tem que mudar as coisas com o processo em andamento. Acredita que o professor universitário no Brasil tem um papel importante nesse processo, principalmente o professor universitário que faz pesquisa, que propõe novas abordagens, novas formas, novos conceitos, novas maneiras de ver o esporte, novas perspectivas, “um professor universitário que faz uma análise da conjuntura socioeconômico, e política do País, na qual tudo está envolvido, inclusive o esporte. FORMAÇÃO PROFISSIONAL. Para ele o professor universitário tem um papel muito importante na formação de um futuro profissional na educação física, pois ele terá contato com vários alunos e vai passar uma visão. “No caso aqui do esporte é essa visão que leva as metodologias, as avaliações e é o contato, o contato é fundamental”.</p>
<p>Entrevistado 5</p>	<p>O entrevistado responde que o primeiro objetivo é o desenvolvimento da personalidade e que o segundo objetivo é desenvolver um modelo no qual a criança “<i>possa aprender a partir do jogo, esse jogar para aprender, e esse jogar para aprender se transformar em um aprender jogando, na medida em que ele vai desenvolvendo suas potencialidades</i>” DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE, POTENCIALIDADES E DA CAPACIDADE DE JOGAR.</p> <p>Reforça então que os objetivos seriam o desenvolvimento da personalidade, e para ele, nesse contexto entra o desenvolvimento das capacidades, e, uma vez que se tem o contexto do que será desenvolvido, de quais capacidades serão trabalhadas, o problema seria o modelo para fazer isso. Defende que o modelo seria do incidental para o intencional, “<i>esse objetivo importante do processo de ensino é desenvolver a capacidade de tomada de decisão, a capacidade de autoaprendizagem, a capacidade de se superar de forma constante</i>”</p>

Questão 4) Considerando essas finalidades/objetivos que você mencionou, como, na

prática, em aulas e treinos, alcança-las?

<p>Entrevistado 1</p>	<p>Segundo o entrevistado, é justamente aí que entram algumas confusões, pois as pessoas acham que resolvem o problema pedagógico na teoria, falando, mas, segundo ele, a transformação, principalmente se tratando de crianças e adolescentes, tem que se dar na prática da modalidade em si.</p> <p>Em relação ao conteúdo, se o professor está ensinando futebol, afirma que o seu conteúdo é o futebol, ou seja, a ferramenta de educação mais poderosa, no caso, é o futebol. Defende que se ele falhar, ao ensinar futebol, ele falhará na sua ação de educar. Exemplifica essa ideia dizendo que se ele for ensinar futebol para um grupo de crianças e ele não excluir ninguém, isso é muito educacional. É muito educacional acostumar os alunos a conviverem com outros que necessitem mais do que eles, por exemplo, um garoto que é paraplégico, um garoto que tem síndrome de down, ou uma criança que não tem experiência nenhuma com esporte e mostra enorme dificuldade em coordenar os movimentos, seja para chutar, para passar uma bola. Segundo ele, incluir essa pessoa pode, num dado momento, ser desagradável para os mais habilidosos, mas será educacional, pois isso repercutirá na vida dos alunos. “Essa pessoa saberá, quando tiver consciência suficiente para isso, de que o futebol que ela praticou não mandou para fora aqueles que tinham mais dificuldade”.</p> <p>Comenta que se ele ensinar bem o gesto desportivo ele estará, como professor, dando uma demonstração de fidelidade ao esporte e uma demonstração de respeito pelo seu aluno. Nessa perspectiva defende que seus alunos aprenderão respeito, porque eles saberão que ele teve consideração por eles. PELO PRINCÍPIO DE ENSINAR BEM, A PARTIR DO PROCEDIMENTO DO EXEMPLO ELE ESTARÁ CONTRIBUINDO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE VALORES COMO COMPROMETIMENTO, FIDELIDADE E RESPEITO MÚTUO.</p> <p>Defende também que os alunos têm o direito de aprender bem o esporte, logo não se pode ensinar de qualquer jeito. Acrescenta também que se pretende ensinar mais do que o esporte, o professor precisa ter conhecimento metodológico suficiente para, em ensinando a todos e ensinando bem, ensinar os alunos, por exemplo, a pensarem melhor, porque esse esporte suscitará problemas a serem resolvidos; precisa ainda ensinar aos alunos, bons comportamentos sociais; se trabalhar com esporte cooperativo, criando problemas em que eles precisam cooperar para jogarem melhor. O entrevistado aponta ainda nessa direção, a necessidade de produzir nos seus alunos um desenvolvimento moral bom, no sentido de autonomia, não impondo todas as regras, mas estimulando a discussão e construção de regras; estimularia ainda a condição de uma melhor saúde, evitando os acidentes, modulando adequadamente os esforços, melhorando a condição física deles, respeitando</p>
---------------------------	---

	<p>os momentos de descanso, e assim por diante.</p> <p>Finaliza sua resposta afirmando que a prática depende de um conhecimento pedagógico e metodológico que os professores precisam ter, seja aprendendo nas faculdades, ou aprendendo com os mais experientes, seja fazendo outros cursos, mas reforça a necessidade de se ter esse domínio da pedagogia e da metodologia, aspectos esses que ele considera extremamente falhos na formação universitária, pois não vê que esse conhecimento seja bem desenvolvido nas faculdades de educação física”.</p>
<p>Entrevistado 2</p>	<p>Para o entrevistado 2 o educador, deve, antes de tudo, desenvolver o algo a mais, ou seja, além dos conhecimentos teóricos, fundamentados nos livros, é preciso ampliar ao entendimento do que está se passando no instante. Comenta, por exemplo, situações em que alguns técnicos exigem demais das pessoas que estão jogando, desconsiderando avanço dos conceitos primordiais sobre fadiga, cansaço, stress, dentro das práticas esportivas para quem está se iniciando, se formando esportivamente, a primeira coisa é saber como a pessoa está se cansando dentro daquilo que está acontecendo, ou seja, ela não está desejando mais estar lá</p> <p>SENSIBILIDADE E RESPEITO AOS DESEJOS DO EDUCANDO, então, para ele quando o educando permanece no processo muito mais por respeito e por medo da pessoa que está dirigindo, do que pelo seu prazer e a sua experiência pessoal de estar contemplando o que está acontecendo, ele considera esse um sinal muito importante.</p> <p>CRIAR AMBIENTE ACOLHEDOR. Acrescenta que a criança, muitas vezes, quando cansa do jogo, até pelo desafio não ser tão interessante, ou mesmo pela atividade que se mostra muito desgastante, ela para de jogar, ela se desinteressa e corre o risco de não voltar mais numa seção seguinte de práticas esportivas.</p> <p>PRAZER PELO JOGO – EVASÃO PRECOCE.</p> <p>Para ele essa leitura é fundamental, saber qual tipo de desafio nós devemos oferecer. Se é um desafio que ele é mais físico, se ele é mais mental, se ele é mais social, se ele é mais emocional – ACESSIBILIDADE – DESAFIO CONDIZENTE. Qual que é a dimensão, tamanho desse desafio? O entrevistado reforça que a linha do tamanho desse desafio é muito tênue, ela é pautada pela fisiologia, pela percepção do esforço, mas também pautada pelo tamanho do quanto inteligente o educando pode ser diante do desafio, e talvez muitos tenham facilidade constantemente, com suas habilidades motoras, ou específicas, consigam resolver desafios, no entanto, outros vão tentar resolver seus desafios cognitivamente, ou seja, esse parâmetro do quanto o desafio do educador é suficiente para quem está praticando o jogo é fundamental e precisa estar pautado pelo conhecimento, pelos fundamentos da pedagogia do esporte, mas é necessário que o professor use da sua percepção para entender aquele grupo, aquele instante e perceber, diante daquelas pessoas</p> <p>CADA PESSOA É ÚNICA E SE APROPRIA DE FORMA PARTICULAR, qual é o</p>

desafio suficientemente bom, qual desafio ele realmente vai fazer com que as pessoas ultrapassem, superem o estado anterior **DESAFIO CONDIZENTE**, e que esta superação, talvez, não precise ser de um passo gigantesco, mas de um pequeno nível de superação, como permitir ao educando conhecer alguém diferente, fazer uma coisa que ele não fez anteriormente, realizar mais vezes alguma coisa que ele tenha feito bem... “tudo isso significa superação” **SISTEMATIZAÇÃO. DO MAIS SIMPLES PARA O MAIS COMPLEXO.**

Outro ponto levantado para o entrevistado é o de não perder de vista também que muitas vezes os educadores projetam um desempenho que talvez não seja o desejo da criança. **RESPEITO AOS DESEJOS DA CRIANÇA.** Comenta então, que muitas vezes o sonho do educador não está alinhado com o sonho da criança.

Nessa perspectiva defende que a aproximação desses dois projetos imaginados, de modelar um desempenho, também é muito significativo, pois, se o sonho do educador e da criança estiverem muito distantes, é obvio que ela vai ficar lá, frustrando o professor e a si mesma, porque ela não consegue acertar o ponto desejado pelo seu pedagogo esportivo. **A APROXIMAÇÃO DOS SONHOS E PROJETOS DE EDUCADOR E EDUCANDOS É FUNDAMENTAL, SABER O QUE OS DOIS DESEJAM DENTRO DA PRÁTICA.**

Aponta também a **necessidade da adequação constante**, “*como se a gente imaginasse um avião, que segue para um ponto desejado, e tem lá os seus desafios durante a rota. Essa rota precisa ser predeterminada, no entanto constantemente ajustada, e ela vai ajustada, mediante essas perspectivas, da constante superação e desenvolvimento de quem está jogando e da constante readequação do técnico, professor, do treinador, para o que está contemplando o desejo de quem está aprendendo a jogar, nessa perspectiva do que os dois desejam atingir*” **NECESSIDADE DE PLANEJAMENTO FLEXIVEL E QUE DIALÓGUE COM OS DESEJOS DO EDUCANDO.**

Para alinhar esses sonhos e expectativas ele considera fundamental **estabelecer um diálogo onde exista um respeito à experiência da criança, do jovem que pratica o esporte, ou seja, para o educando identificar uma situação problema que está acontecendo dentro de uma prática, ele precisa saber por qual experiência o educando está passando.** **DIALOGICIDADE E RESPEITO AO SABER E AO MOMENTO DO EDUCANDO.**

Para o entrevistado 2, os momentos muitas vezes são inadequados porque **o educador coloca somente o modelo dele para funcionar, e não respeita o modelo de quem está praticando o esporte**, para que ele possa ter aquilo como referência, ou seja, quando ele pergunta: “o que nós temos aqui? O que nós estamos passando por esse momento? Qual é o desafio que nós temos? O que não está funcionando?” “*É muito importante, **acessar o modelo de entendimento de quem joga, para saber qual que é a experiência da pessoa em torno daquilo lá***”. Se o educador ficar constantemente colocando somente as suas

impressões e as suas experiências internas, pode ser que o jovem, que a criança que está aprendendo, mediante aquela tarefa, aquele exercício, aquele procedimento pedagógico, não esteja entendendo nada de acordo com o que representa o movimento do educador, logo esses dois modelos estarão sendo constantemente distanciados.

Como procedimento considera fundamental perguntar e deixar vir a tona o modelo de entendimento da criança ou de quem está jogando, para isso é necessário **processo de comunicação bem estabelecido**, ou seja, é preciso deixar vir a tona essa experiência externa verbalizada pela criança, e não ficar colocando as nossas respostas à frente da percepção dela. Para o entrevistado, se não fizermos isso, nunca vamos solicitar essa experiência da pessoa ao jogar, e, constantemente faremos com que ela copie, imita, responda as coisas que merecem ser, do ponto de vista do educador, memorizadas por quem está jogando. PROPICIAR MOMENTOS DE REFLEXÃO E DIÁLOGO. O entrevistado afirma que essa é uma condução altamente diretiva que simplesmente fala para a criança ou para o jovem “jogue como eu sei o jogo” e não “jogue como você sabe jogar”. Para ele, quando as pessoas jogam de acordo com o modelo do técnico, do professor, elas estão respondendo ao jogo que o professor deseja, mas que elas não sabem jogar, então, é provável que os professores reclamem muito, fiquem nervosos, sempre achando que o educando não é inteligente, mas porque eles não estão acessando a experiência de resolução de problema dos educandos. O entrevistado reforça então sua crença de que fazer boas perguntas, saber perguntar, atuar com essa dimensão da situação problema seja fundamental. Deixar que a experiência do praticante venha à tona, e não colocar à frente da percepção de quem joga as suas próprias experiências. “A estratégia é saber fazer as perguntas poderosas, que vão trazer a tona, a experiência interna do sujeito que está jogando”. INVESTIR EM SITUAÇÕES PROBLEMA E PROPICIAR MOMENTOS DE REFLEXÃO.

Perguntado sobre a relação desse elemento com o planejamento do processo pedagógico, o entrevistado responde que a dimensão de perguntar deve estar alinhada às informações que o educador vai trazer, ou seja, se ele traz informações sobre a tática, informações sobre a técnica, ele precisa, primeiro, dar nome as coisas, fazer com que esses nomes sejam de consenso das pessoas que estão jogando. Nomear adequadamente seria uma parte do processo, a segunda é lidar com uma percepção em que as pessoas estão entendendo em uma mesma sintonia os nomes e conceitos utilizados, tanto na técnica, como na tática, a ideia de sentimentos, ou seja, conversar sobre isso com todos para que se possa **dialogar com a diferença de todos**. Em outro momento **trazer a possibilidade de oferecer soluções que saiam do próprio grupo de trabalho, e não de soluções prontas que já foram praticados por outros**. Se o educador acreditar, por exemplo, na imprevisibilidade e na aleatoriedade do jogo, cada situação é única, é singular, então é preciso permitir que

as pessoa também leiam o que está acontecendo. Ele comentou que muitas vezes encontra técnicos e treinadores falando sobre dificuldades que os atletas tem em ler o jogo, ler uma situação. Simplesmente eles têm dificuldade porque não passam por tal experiência, eles tem que ficar memorizando o que um outro técnico, uma outra pessoa viu e percebeu, e tentar encaixar essa leitura dentro de um contexto totalmente novo. Para ele isso é uma discrepância de grande dificuldade para todos, não apenas para crianças que estão aprendendo. O atleta inteligente, o jogador inteligente, a pessoa inteligente se forma, segundo o entrevistado, na medida em que a experiência de inteligência é oferecida à elas. *“Então creio que um norteador significativo dentro desses processos seja oferecer a experiência da inteligência, através da criação da situação problema, que se encaixa na experiência possível naquele momento, que se norteia para o que é possível aprender naquele momento, diante das experiências que já foram vividas, construídas, mediante essas ideias de habilidades básicas, capacidades físicas, habilidades específicas, e também de exploração das situações problemas, em virtude, em referencia as coisas que já foram construídas até aquele momento”*.

Questionado sobre como na prática permitir que a criança se depare com a situação problema na perspectiva mencionada, o entrevistado 2 responde que um tipo de procedimento, de estratégia pode estar voltada para a própria construção de uma tarefa que seja desafiadora. Para ele, a própria tarefa, pela sua composição, por exemplo, um desafio que seja físico, que seja sobre saltar determinada distância, ou determinada altura, ou executar tantas vezes um fundamento de uma maneira correta, tudo isso pode tornar-se uma situação problema, desde que haja essa atribuição de significado. Numa atividade repetitiva, cíclica, de imitação, muitos limites são impostos às pessoas que a estão realizando. Podem ser limites intrapessoais, por exemplo, muitas vezes o medo, a timidez, a falta de um posicionamento pessoal em uma tarefa pode impedir que uma pessoa possa superar determinado desafio. Nessa direção ele comenta que pode perguntar à ela: o que está se passando aí? Como é que você pode operar para resolver isso? Você tem alguma outra experiência de sucesso em que já passou por isso e que tenha sido semelhante a isso? Em síntese ele acredita que seja muito importante identificar onde está o ponto do desafio; fazer as perguntas adequadas, valorizar o desafio, e não tomar o desafio como elemento impeditivo; e valorizar as experiências pessoais anteriores, aquilo que levem a uma solução possível para aquele momento, assim como a disposição para a pessoa tomar aquela experiência como desafiadora, e não como uma experiência que seja um problema que a intimide, que faz com que ela se sinta uma derrotada, pelo contrário, uma experiência que pode ser intensamente desafiadora, que aparentemente é um problema, mas que pode ser uma experiência profunda, uma experiência muito interessante, intensa para que quem estiver vivenciando-a, recrute recursos internos para poder ultrapassá-la.

<p>Entrevistado 3</p>	<p>Para a entrevistado, embora os alunos de graduação saibam, na teoria, trabalhar valores como respeito, liderança, comunicação, na prática eles não vão conseguir trabalhá-los nos primeiros anos de atuação. Ela comenta que lança desafios na direção de provocá-los a trazerem mais elementos para suas aulas, a fim de que não fiquem limitados às questões físicas, motoras. Disse inclusive que conversa muito com seus alunos, diz a eles que essa possibilidade depende de nós (educadores) e por isso gosta de conversar com eles nesse sentido.</p> <p>Ainda sobre os alunos no início da prática profissional, falou que não adianta colocar no papel uma aula maravilhosa, que vai trabalhar esses elementos culturais, psicológicos, pois acredita que isso não consegue traduzir na prática todos esses elementos. Ela acredita que a cada dia vai conseguindo introduzir um elemento novo. Por exemplo, “aproveitar o momento, duas crianças tem uma discussão lá e aí consegue aproveitar aquele momento, sem sair da aula, então ela fala pra eles: isso é uma prática que você vai se envolver”.</p> <p>PIPOCAS PEDAGÓGICAS</p> <p>Comenta que já quase no final da carreira profissional com crianças, quando trabalhou no clube Paineiras e teve a oportunidade de fazer um programa para crianças de educação motora e um programa de ginástica com a ideia de construção de jogos, de jogo, gostou muito e ficou com muita pena de sair, pois tinha muita autonomia para construir e trabalhar da forma como ela quisesse. Relata que esse foi um momento de muito aprendizado, prazeroso e com o qual percebeu um crescimento profissional. Como estava no doutorado e sabia do seu interesse em atuar no ensino superior, acabou abandonando.</p>
<p>Entrevistado 4</p>	<p>O entrevistado responde essa questão dizendo que deve-se levar em consideração 3 elementos principais:</p> <p>1- o organismo da criança 2-as modalidades esportivas 3-o ambiente</p> <p>Para ele não adianta considerá-los separadamente, pois da interação entre esses 3 elementos é que surge a melhor forma de trabalhar com o esporte. Pede que se faça o exercício de supor que seja mal trabalhada as questões do organismo e das modalidades, é possível que acabe causando a especialização precoce ou a subestimulação, que na opinião do entrevistado é o maior problema atualmente, pois nessa idade a criança não está pronta ainda, e complementa dizendo que por outro lado não adianta tudo ser trabalhado direito, mas o ambiente estar ruim, “um exemplo é notar os pais quando vão as competições dos filhos”. Por fim, comenta que a junção dos 3 elementos implica do profissional ter o conhecimento sobre esses elementos, não só para a permanência da criança na pratica</p>

	<p>esportiva. A NÃO CONSIDERAÇÃO DO CONTEXTO PODE LEVAR A ESPECIALIZAÇÃO ESPORTIVA PRECOCE E A SUBESTIMULAÇÃO</p> <p>Questionado sobre o que fazer para que a criança permaneça na aula, o entrevistado comenta que a criança está fazendo algo cultural para ela, e a criança tem que sentir prazer no que está fazendo. Comenta que pode perceber que o principal motivo que leva a permanência da criança é o sentimento de realização, e que o esporte é uma atividade privilegiada para promover essa sensação. Para ele isso não está relacionado com ganhar ou perder, ou com o seu nível de habilidade, “o que determina a sensação de realização está na diferença entre o que eu fiz e o que eu quis fazer, e é essa realização que me mantém motivado, e o esporte possibilita a inturmação”. PROPICIAR MOMENTOS DE SUCESSO ADEQUANDO OS DESAFIOS AS POSSIBILIDADES</p> <p>Foi perguntado ao entrevistado sobre o que pode ser feito para tornar a prática mais prazerosa na iniciação esportiva, ele responde que o primeiro ponto é respeitar o processo de crescimento e desenvolvimento da criança, fazendo com que ela faça aquilo que está adequado a sua idade, como exemplo, diz que quando a criança pula por cima da poça de água ela não está treinando o salto em distância, mas está fazendo os mesmos movimentos, e graças a isso a pessoa tem um repertório, e que quando chega no atletismo consegue escolher as melhores combinações. Outro exemplo usado pelo entrevistado é: <i>“se chegar em uma escola e perguntar a um grupo de meninos o que eles querem treinar, a maioria vai dizer futsal e tem muita gente querendo trabalhar com futsal aos 7 e 8 anos de idade, mas aí eu lhe pergunto aquilo é futsal? Não, aquilo é um monte de crianças correndo atrás da bola, em uma quadra, porque o futsal tem um monte de regras e a criança não quer saber das regras, ela não quer saber se o pivô tem que ficar de costas para o adversário, pois a criança não tem uma capacidade cognitiva de entender funções, por exemplo, a criança nessa idade vai jogar futebol que é um esporte coletivo e vai ser fominha e daí o professor vai ficar irritado, mas o professor é quem está errado, pois nessa idade a criança tem que ser fominha mesmo, isso faz parte do processo de aprendizagem dela”.</i></p>
<p>Entrevistado 5</p>	<p>Segundo o entrevistado isso será possível a partir do processo metodológico. Ele explica que é o modelo que vai priorizar inicialmente o corpo de aprendizagem incidental para poder aprender de forma intencional, direcionada a um objetivo, para que a pessoa tenha o interesse de aprender um determinado conteúdo, numa determinada situação, num determinado contexto. <i>“Quero aprender a jogar handebol como ponteiro, quero aprender a jogar handebol como ponta”.</i> Segundo o entrevistado, para aprender dessa forma é necessário primeiro o processo de aprendizagem incidental, onde o educando vai jogar, vai ter experiências diferentes, de formas de jogo. Para ele essas vivências irão desenvolver os processos cognitivos, sua capacidade de tomada de decisão e sua habilidade para o</p>

Questão 5) Quais procedimentos precisam ser empregados? Quais estratégias precisam ser empregadas?

<p>Entrevistado</p> <p>1</p>	<p>O entrevistado inicia a resposta dizendo que mesmo pessoas formadas em boas universidades, com bons professores, saem dos cursos somente com a teoria sobre as questões pedagógicas metodológicas. Comenta que o pesquisador (eu), por exemplo, foi trabalhar e complementar esse conhecimento na prática. Menciona que como não existe uma residência na educação física é necessário trabalhar 1 ou 2 anos, até consolidar esse conhecimento, para então se tornar um bom professor, pois isso não é uma coisa que acontece assim automaticamente. Sinaliza também a ideia de que em muitas faculdades essa questão metodológica é um mistério e uma coisa absurda, pois as pessoas não tocam na questão metodológica. Aponta ainda que metodologia, nas faculdades, é uma questão mais burocrática do que científica e filosófica. Para ele, metodologia é, antes de tudo, ciência e filosofia e não burocracia. Nessa perspectiva, entende que o aluno é capaz de armar um plano de aula porque decorou os procedimentos burocráticos e tem a sua frente um plano de aula, mas não é capaz de compreender conceito de método, ele não é capaz de compreender a maneira que, em dando uma aula, com uma bola, ele pode contribuir na transformação de uma criança num futuro cidadão. Para o entrevistado, a maneira de orientar as aulas que vai definir se a pessoa vai aprender ferramentas para a cidadania ou não. Defende, entretanto, que isso não é ensinado nas universidades, porque é até duvidoso se os professores das universidades, de modo geral, dominam esses conceitos, do ponto de vista filosófico, científico, de método, e não de procedimentos burocráticos que compõem um conjunto burocrático, chamado metodologia.</p> <p>Afirma que a diferença é muito grande e menciona que ele mesmo como pesquisador teve na Unicamp, professores que dominavam isso, e professores que não dominavam esse conhecimento. Pede então que imaginemos como se constitui essa questão nas outras 600, ou 700 faculdades de educação física espalhadas pelo Brasil.</p> <p>Perguntado sobre quais outros procedimentos são fundamentais para contribuir nesse processo, o entrevistado mencionou as rodas de conversa no início e no fim de cada aula ou treino, em qualquer lugar, em qualquer momento de ensino de educação desportiva. Comenta que esse procedimento foi escrito por ele em 1989 e comenta que foram 25 anos para consolidar uma questão de método que julga ser fundamental. Em seguida propõe a suposição de que se ele não conseguisse nenhum outro efeito com os seus trabalhos, (reforça que foram 25 anos para quebrar uma tradição de uma educação física anterior à dele e demais professores, que estabelecia outros procedimentos que eles não julgavam</p>
--	---

adequado) eles conseguiram convencer as pessoas de que, antes de começar uma aula, todos os professores podem sentar em roda e conversar com os alunos sobre a aula que vai acontecer, com isso, em graus dos mais diversos, se envolvendo com uma certa consciência sobre as práticas que vão ser realizadas, pois não são práticas ainda, são reflexões sobre a prática futura; e uma roda final, onde se reflete, rapidamente, sobre o que aconteceu. “São tomadas de consciência”. O entrevistado explica que esse é um procedimento de colocação de dois momentos em que se propicia a produção de consciência e a consciência é o melhor veículo de extensão de um conhecimento específico para um conhecimento geral; conhecimento de uma situação localizada para uma situação generalizada de vida. Segundo ele é uma consciência que permite repercutir coisas ocultas no momento da prática, para outras situações de vida, por exemplo a cooperação, o respeito, etc..

Posteriormente menciona que dará outro exemplo que dois outros professores faziam muito e cita um exemplo de uma observação que fez de uma aula/treino de um deles, para alunos infante-juvenis, de basquetebol. O objetivo do professor era ensinar marcação por zona no basquetebol. Segundo o entrevistado, isto podia ser ensinado numa escola, mas no caso ele estava ensinando na Unicamp, num treino de basquetebol e comenta que parece mais fácil seguir o procedimento tradicional. *(Se assim fosse o Cesinha diria: “cada um vai marcar 2”, né? “vai se colocar aqui, vai se colocar ali, vai se colocar aqui” e repetiria aquilo exaustivamente, mas ele não fez assim. Ele disse para os meninos: “nós vamos marcar pressão por zona”. “Como que a gente vai fazer? Bom, vamos para prática”... Fazia lá alguns minutos de prática, parava, sentava com os meninos e dizia assim: “Funcionou? Como é que a gente deve fazer?” Daí os meninos diziam assim: “o professor, tá sempre sobrando um deles, a gente não está conseguindo acompanhar todos”. Cesinha: “Mas não tem um outro jeito de fazer isso melhor?” Aí os meninos diziam assim: “é, mas cada um de nós marca um, se aquele que está com a bola passar por um de nós, ele tá livre para cesta” Cesinha: “bom, mas vocês têm que achar uma solução”. Eles voltavam para a prática, voltavam para a roda, até que alguém falou assim: “vamos fazer o seguinte, eu posso marcar o meu, e eu posso me distanciar um pouco dele, não ficar tão junto, que aí eu posso marcar também, mesmo que um pouco mais a distância, o outro, próximo de mim”. Pronto, resolveram o problema, cada um passou a marcar 2. Então, eles construíram a marcação sobre pressão).* PROBLEMATIZAR, FAZER AS PERGUNTAS CERTAS, PROPICIAR MOMENTOS DE REFLEXÃO E DIÁLOGO.

Para o entrevistado, o salto de uma prática dessa é bem diferente de uma prática tradicional, porque eles não aprenderam só basquetebol, eles aprenderam a pensar melhor. Nessa direção, acrescenta que se eles nunca mais jogassem basquetebol, eles até poderiam

não aproveitar tanto esse conhecimento técnico do basquetebol, mas o pensamento fortalecido eles aproveitariam em outras situações. Para ele é isso o que significa ensinar mais do que o esporte.

O entrevistado dá então outro exemplo, de uma situação possível de uma aula do Robertão: *ele tá dando lá uma aula de basquetebol e um aluno tem uma dúvida sobre uma regra. Invés de dizer assim: “não tem que ser assim e acabou” ele diz: “senta, é, mas porque você acha que tem que ser diferente?”*. Na visão do entrevistado, mesmo que o aluno nunca mais jogue basquetebol, esse conhecimento de uma moral autônoma produzirá relações democráticas, e para ele é esse tipo de moral que tem que prevalecer numa democracia. Para ele esse é outro exemplo do que significa ensinar mais do que o esporte, e afirma que não é tão difícil fazê-lo. Segundo ele trata-se de uma questão de estudar, de uma questão de mudar a perspectiva da formação: de uma formação automática (mecânica), para uma formação de produzir consciência.

Nessa perspectiva, ao ser questionado sobre o como ensinar esporte a todos, o entrevistado opta novamente por iniciar com um exemplo, e resgata um problema de quando trabalhava no projeto de iniciação em futebol, na extensão universitária da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Segundo ele, o problema era trabalhar com muita gente ao mesmo tempo, pois chegavam a ter numa aula, aproximadamente 210 alunos. Fala que os professores do projeto eram ele, Alcides e Maguilinha, e que não era muito fácil de fazer, pois além de ser um grupo muito grande era bastante heterogêneo. Relata que “chegava de tudo ali” e que um dia chegou um menino acompanhado dos pais, que eram professores da Unicamp. Comenta que esse menino tinha uns 8 anos de idade, era muito magro e alto, estava vestido com uma camisa social, tinha um óculos fundo de garrafa e vestia uma sandália de coró com meias. Relata que quando foi questionado pelos pais sobre o que tinham que fazer, ele disse que era só deixar o menino ali e buscar na hora do final da aula. O entrevistado mencionou que deu essa resposta **porque ele não queria pais ali rodeando a aula**. Após descrever o aluno, ele disse que a roupa do menino não era o mais grave, e que o mais grave é que toda bola que vinha em direção da criança, quando ela via a bola correndo na direção dela, ela sempre saía correndo da bola. O entrevistado comentou que considera um crime a criança ser criada desse jeito. Posteriormente lançou o questionamento: “*O que a gente faz com uma criança assim?*” e respondeu: “*A gente não faz nada; a gente não faz nada contra ela; quando você não sabe fazer nada a favor, pelo menos não faça nada contra*”. Então ele disse que falou para os professores: “*deixe ela aí, bota ela no jogo, nem se preocupe em ensinar nada por enquanto*”. Relatou então, que lá pela 3ª, 4ª aula, quando a bola veio em direção dela, ela chutou a bola, chutou de qualquer jeito, e que todos professores comemoram. Afirmou em seguida, que **se a criança nunca mais fizesse nada, isso seria uma grande vitória, pois essa criança havia perdido o**

medo da bola. O entrevistado perguntou se poderia imaginar o significado simbólico dessa bola para a criança, que metia medo nela? **“Já imaginou esse significado simbólico de superar esse medo? Isso é educação!”**

Outro relato feito pelo entrevistado refere-se a outro menino do mesmo projeto que não conseguia jogar direito porque estava pouco obeso. **Ele então questiona como integrar uma criança obesa? Você sabe que as crianças praticam bullying de forma cruel?** Comentou que o apelido da criança obesa era “bainha” e disse que “o coitado” tinha que escutar isso o tempo todo. O entrevistado relata que um dia ele falou para essa criança ir para o gol e “daí a gente encheu ele de bola. Arrebentou de chutar bola em cima dele”. Comenta então que **esse garoto virou um excelente goleiro e que ficou completamente integrado.**

INTEGRAÇÃO E AUTOESTIMA

A partir desses dois exemplos, o entrevistado diz que não tem uma receita e que ele trabalha com a seguinte lógica: **“se você não tem nada para fazer num primeiro momento, não faça nada contra e você vai descobrindo a maneira de integrar. O referencial teórico no caso aí é a compaixão, é a bondade, é o amor; porque são sentimentos pouco falados, mas que no fim é o que resolve com uma boa dose de técnica pedagógica”**

Questionado sobre quais procedimentos os professores podem ter nas suas aulas que traduziriam esse ensinar bem, o entrevistado respondeu que nesse aspecto existem elementos técnicos, como por exemplo, relata que **descobriram que a metodologia tradicional da educação física, a que trabalha com sequências pedagógicas, atribuía para cada praticante um determinado número de repetições. Descobriram também que brincando, uma brincadeira, por exemplo, de passe, essas brincadeiras produzem um número muito maior de repetições, do que a pedagogia tradicional, e repetições motivadas e objetivadas, e contextualizadas, não é o passar por passar pelo comando de um professor, é o passar com o objetivo de realizar o jogo.** Menciona que muitas dessas brincadeiras foram criadas e estudadas pelo prof. Alcides Scaglia, e chamadas de **famílias de jogos com os pés.** Disse que **esse processo de jogos para ensino dos gestos técnicos é assim também no basquete, é assim também no voleibol, e que foram então desenvolvendo técnicas de ensinar bem o gesto técnico, jogando, de forma que os alunos pudessem aprender a jogar futebol jogando futebol, mas construindo, criando pequenos jogos semelhantes ao jogo de futebol, com os quais os alunos exercitassem, de uma maneira fantástica, os fundamentos que eles queriam que os alunos aprendessem para jogar bem futebol.** **JOGOS REDUZIDOS**

Defende então a ideia de aprender a jogar jogando, de forma contextualizada. Essa forma, para ele, dá sentido, não transgride a inteligência do aluno, enquanto que a pedagogia tradicional é uma transgressora de inteligência.

Quando questionado sobre o comentário que havia feito sobre **como potencializar as**

virtudes do esporte, o entrevistado 1 traz um exemplo de uma brincadeira de corda, denominada de zerinho, **para o ensino do drible ou da condução de bola, seja no handebol, no futebol ou no basquete**. Explica a brincadeira dizendo que nela o objetivo é passar por debaixo da corda, sem bater nela, e depois tem o desafio do grupo passar tantas vezes, sem batida vazia e sem tropeçar na corda. Depois que os alunos conseguem fazer isso, o professor pode pedir que eles passem por debaixo da corda quicando a bola, como no basquetebol. Comenta que o objetivo do professor, nessa hora, é que o aluno aprenda conduzir bem a bola no jogo de basquetebol ou para o jogo de handebol. Explica que essa tarefa propicia medo no aluno, porque ele olha, ele tem aquele desafio, a corda tem um certo ritmo e ele tem que se ajustar ao ritmo da corda e ainda passar controlando uma bola. Comenta que embora pareça uma façanha terrível, para o basquete ou para o futebol, **ele não impõe um padrão de gesto, ele não diz a maneira pela qual o aluno precisa vencer aquele desafio, ele apenas diz que quando cada um se sentir à vontade, se sentirem bem, acharem que é hora certa, que eles passem**.

JOGOS E SITUAÇÕES PROBLEMA, AMBIENTE ACOLHEDOR Relata, então, que os alunos ficam por ali, e que, de repente, um toma coragem e vai, logo depois outro toma coragem e vai. **Comenta que se ele percebe que alguém está muito instável, muito indeciso, ele pede para alguém que já passa bem pelo desafio acompanhar o aluno mais inseguro, ou que ele mesmo acompanha o aluno**

ACOLHIMENTO E AMBIENTE ACOLHEDOR Quando até os mais indecisos já conseguiram passar do jeito deles, ele **modifica o desafio**, propondo que os alunos consigam passar 30, ou 40 vezes, sem errar, sendo que cada vez que alguém errar, a contagem do grupo volta no zero.

PRODUZIR MODIFICAÇÕES NA ESTRUTURA DO JOGO. O entrevistado explica que **esse procedimento faz com que os mais indecisos entrem no ritmo do grupo**, pois aquilo que às vezes o tornava indeciso sozinho, porque ele tinha um tempo todo necessário para decidir, nesse caso, como é a vez dele, se ele não passar todo o grupo volta no zero, e **esse novo desafio o estimula a passar**

BUSCAR A EVOLUÇÃO DO ALUNO RESPEITANDO SEUS LIMITES E POSSIBILIDADES – DESAFIOS CONDIZENTES. O entrevistado também acrescenta **que quando percebe alguma dificuldade do aluno, ele o ajuda, ou retardando a corda, ou a acelerando para que ele não erre, para que ele saia dali com a ideia de que ele é capaz de fazer e isso elevará sua alta estima, justificando que enquanto professor não se busca o erro do aluno, e sim o acerto.** “Eu não o ensino a errar, eu o ensino a acertar. Eu não sou contra o meu aluno, eu sou a favor do meu aluno. **Eu quero que ele tenha uma auto estima elevada**” Defende então esses procedimentos, dizendo que **desta forma ele potencializa a coragem do aluno, a iniciativa dele, a confiança dele, a cooperação nele e explica que com qualquer brincadeira é possível e fácil fazer isso.**

BUSCAR A EVOLUÇÃO DO ALUNO RESPEITANDO SEUS LIMITES E VALORIZANDO SUAS

POTENCIALIDADES – PROPICIANDO DESAFIOS CONDIZENTES E PRODUZINDO MODIFICAÇÕES NA ESTRUTURA DO JOGO – ESTRATÉGIA BRINCADEIRA

“Se eu pegar agora, aqui, um grupo de crianças, de adolescentes, uma corda, umas bolas, bastões, eu faço isso de monte. Você também faz, você trabalha nessa linha”.

Questionado sobre como contribuir na construção da moral autônoma dos alunos, o entrevistado 1 responde que existe uma escola tradicional, que tem suas virtudes mas tem alguns vícios terríveis, e que um deles é a imposição: **imposição de todas as regras, construindo uma moral heterônoma, uma moral que dependerá sempre de um governante.** Comenta sobre as eleições presidenciais quando jovens escreveram mensagens pedindo intervenção do exército porque não aceitavam o resultado das eleições – Pedindo para não serem livres, porque foram educados de acordo com uma moral heterônoma. **Para ele uma moral autônoma é uma moral de liberdade, uma moral em que as pessoas vão sofrer um pouco porque elas terão que construir as suas próprias atitudes, vão ter que construir seu modo de vida com responsabilidade, vão ter que se responsabilizar por aquilo que fazem.** Para explicar o conceito, usa como exemplo, um jogo no qual os participantes estão com dificuldades. **Uma pedagogia voltada para autonomia teria como proposta, por exemplo, dar um tempo para os alunos conversarem e traçarem um plano, acharem um jeito de jogar melhor, não o jeito do professor, e sim o jeito deles.** “A perderam, o problema é de vocês, se organizem e façam melhor, então conversem entre vocês”. O entrevistado comenta que levava muito os alunos da Unicamp para assistirem uma aula de um professor chamado Alberto, na cidade de Campinas. *E um dia, eles assistindo uma aula do Alberto, o Alberto estava fazendo uma brincadeira que é chamada pega-pega corrente. ESTRATÉGIA BRINCADEIRA. E os pegadores não estavam pegando ninguém. Tinha 3 ou 4 deles, então a corrente se repartia, era uma confusão danada. Daí o Alberto dizia: “olha, vou dar um tempo para vocês acharem um jeito de brincar melhor e pegarem os fugitivos”. Aí eles se reuniram lá num canto, começaram a conversar, conversar, conversar... demoraram... aí traçaram no chão os riscos, aí nos fomos até lá PROPICIAR MOMENTOS DE REFLEXÃO E DIÁLOGO – eu filmei isso naquele dia. UTILIZAR TECNOLOGIA PARA POTENCIALIZAR OUTROS PROCEDIMENTOS* João: “O que é isso daí?” - Crianças: “isso aqui é o nosso plano para pegar os fugitivos. João: “a é? E que plano é esse? Crianças: “a, a gente vai fazer assim, assim, assim”. João: E esse plano tem um nome? Crianças: “sim, chama plano alfa”. João: “e vocês vão conseguir? João: E vocês vão conseguir? Crianças: !sim, vamos conseguir!”. O entrevistado chama a atenção desse exemplo, pois destaca **como está repleto de momentos importantes de tomada de decisão, de tomada de consciência.** Relata então que os alunos voltaram e pegaram todo

mundo. Explica que **o professor jogou para o aluno a responsabilidade e explica que autonomia é responsabilidade, ou seja, liberdade é responsabilidade.** “E liberdade é coisa difícil! Por isso que a juventude aí fica chamando os militares para praticar uma intervenção armada e acabar com a democracia. **Porque para eles, que foram educados por uma moral heterônoma, a liberdade custa, a liberdade pesa, a liberdade é difícil. Eles querem alguém que mande neles, alguém que pense por eles, alguém que decida por eles. E isso é gravíssimo**”. Para o entrevistado com essa moral autônoma **ensina jogando bola.** MORAL AUTÔNOMA, RESPONSABILIDADE E LIBERDADE **mas comenta que não é assim que fomos formados e diz que os professores não querem fazer assim; pois preferem ir direto ao assunto impondo as regras.** **Por fim, ele defende que as regras não podem ser impostas, e sim propostas, discutidas e, em seguida, praticadas depois de acordos.** PARTICIPAÇÃO DOS EDUCANDOS NA CONSTRUÇÃO DAS REGRAS, DISCUSSÃO QUE LEVE OS EDUCANDOS ENTENDEREM O PRINCÍPIO QUE TEM POR TRÁS DAS REGRAS. Ao ser questionado sobre outros processos que perpassam a ação do educador, tais como o planejamento e a avaliação, o entrevistado respondeu que embora as pessoas talvez não tenham percebido, **as próprias rodas de conversa, no início e fim das aulas são para ele, avaliações que ele propõe.** Comenta que para ele **a avaliação não é atribuição de nota, mas sim apreciação das ações para que as pessoas possam fazê-las melhor.** Destaca que sua filosofia não é a da meritocracia, logo, **não pontua alunos para classificá-los como melhores ou piores, ele propõe uma avaliação que aprecie as condutas para que elas sejam de melhor qualidade.** Complementa que a **avaliação nesse sentido é um dos elementos que deve ser utilizado pelos professores para construção de uma vida mais cidadã.** FICA EVIDENTE A RELAÇÃO DO PROCEDIMENTO COM A INTENCIONALIDADE E OBJETIVOS DO PROCESSO EDUCATIVO **O entrevistado traz um novo elemento: a conduta do professor.** Para ele **a conduta deve ser extremamente rigorosa para que a aula de fato aconteça; muito amorosa, para que o professor sempre queira fazer bem a sua aula; e democrática, que respeite o modo de ser de cada pessoa.** COMPROMETIMENTO, AMOROSIDADE, DEMOCRÁTICA E RESPEITOSA. O entrevistado comenta que na prática das aulas que ministra na Caravana do Esporte ele procura seguir esses preceitos, comenta que embora nem sempre funcione tão bem, todos na Caravana procuram fazer com que funcione o melhor possível, **entendendo que acontecem imprevistos no processo** PLANEJAMENTO : *“Outro dia eu tava dando uma aula prática na Caravana do Esporte, lá no Maranhão, num bairro desses muito pobres, e tinha uma menina deficiente, que ela não só demonstrava uma deficiência mental, como ela tinha dificuldades com movimentos. Então ela ficava muito junto de uma outra garota. Tinha umas trinta meninas e meninos*

	<p>adolescentes. Mas ela olhava para aquela prática com uma alegria danada, ela não conseguia entrar. Eu tava batendo corda, aí eu fiz o seguinte, eu pedi para uma outra pessoa bater corda, fui lá, dei um sorriso para ela e ofereci a mão para ela. Ela segurou na minha mão, assim, com a maior alegria do mundo, e aí eu fui com ela para o desafio da corda, passar lá 30 ou 40 vezes, e quando chegava nossa vez, eu ia com tudo! Eu e ela. E ela passava! Ela passava e ria assim um monte. (ACOLHIMENTO E AMOROSIDADE) Então, mesmo assim, uma turma que a gente nunca viu, com uma garota deficiente, e tudo, ainda assim é possível fazer. Poderia não ter dado certo também, e foi muito bonito porque deu certo. Outras vezes não dá certo. É fazendo né, fazendo orientado por esse empenho teórico, ideológico que a gente tem resultados bons”.</p>
<p>Entrevistado 2</p>	<p>Para o entrevistado 2 conhecer sobre anatomia do corpo, fisiologia, biologia do movimento, conhecer sobre os princípios do treinamento desportivo, sejam eles aplicados em qualquer faixa de idade, conhecer sobre as respostas à adaptação, mediante qualquer esforço, ou qualquer tipo de experiência, isso tudo é muito importante, pois trás para o educador uma possibilidade de olhar para qualquer experiência dentro do esporte, da iniciação esportiva, mesmo no esporte de alto nível, de uma forma mais ampla e mais profunda. COMPETÊNCIA/CONHECIMENTO DAS QUESTÕES CIENTÍFICAS, TÉCNICAS, METODOLÓGICAS Entende que não só o respeito ao método seja fundamental, o método em si tomado como etapas, como procedimentos que são sequenciados, que respeitam os princípios biológicos do treino, ou princípios biológicos da iniciação, ao conhecimento do desenvolvimento corporal da criança e do jovem. Para ele tudo isso é fundamental. Contudo, acredita que o educador não deva tornar a experiência da iniciação ou da formação esportiva, pendendo só para um lado, ou só para o aspecto cognitivo, ou só para o aspecto do desenvolvimento biológico da criança ou do adolescente, e sim, que se junte todos elementos, ao mesmo tempo. “Então, o que eu penso sobre isso aí, eu digo que é fundamental os conhecimentos da biologia, a biologia do movimento, eu entendo que também seja fundamental o entendimento dos aspectos que envolvem a inteligência, eu entendo que seja fundamental o conhecimento sobre valores humanos presentes, dentro de uma perspectiva do sistema em funcionamento, sistema que eu digo as aulas, treinos, as pessoas que estão se relacionando, as pessoas que estão compondo pontos de tensão suficientemente bons para que esse sistema continue existindo”. CONSIDERAÇÃO AOS DIFERENTES REFERENCIAIS.</p> <p>Para o entrevistado, um sistema que têm pontos, ou o seu fio de tensão muito frouxo, distancia as pessoas e torna as relações muito vulneráveis e, um sistema que tem esses pontos muito tensionados por esse fio de relações, torna também as relações muito frágeis porque são muito tensas, então, de acordo com o entrevistado, muitas vezes, os processos</p>

que envolvem ameaças, medo, vergonha, as perspectivas de punição, eles acontecem, no entanto não respeitam as pessoas na sua integridade, eles não respeitam as pessoas dentro da perspectiva da valorização do eu, do self da pessoa AMBIENTE COERCITIVO, ou seja, a gente precisa valorizar a pessoa em si, e esse entendimento do aspecto psicológico é primordial. Não tornar, por exemplo, a execução do processo de iniciação e formação esportiva uma repetição lá das formações militares, como existiu nas décadas de 60 ou 70, da forma como se construía a educação física e, obviamente, isso já é um passado, no entanto é uma referência. Como exemplo, ele cita as relações que alguns atletas, por vezes querem estabelecer com seus técnicos, a de um educador que manda, pune e que ameaça constantemente, ou seja, para não sofrer ameaça, ou punição, eles executam as tarefas, “entretanto aquilo não é prazeroso, aquilo é de vida curta”. A dimensão psicológica é fundamental, no ponto de vista do entrevistado, para que procedimentos como esse não se repitam. A partir disso o educador pode enxergar um conjunto de outros fenômenos que até então ele desconhecia, se ele vier a conhecer essas outras possibilidades de expressão do ser humano, e que não seja essa prática castradora, e sim libertadora, não no sentido político, mas sim no sentido da pessoa se entender criativamente naquele ambiente AMBIENTE ACOLHEDOR, para que ela possa combinar elementos, inteligentemente, a fim de resolver os problemas do jogo. Esse conhecimento, para o entrevistado, ajuda a enxergar essa possibilidade da inteligência e de situação problema, contribui na direção de fazer as perguntas certas para explorar alguns domínios específicos, que envolvam o espaço, o movimento humano, as relações espaciais, as relações da pessoa consigo mesma, o lidar com os elementos lógicos de um contexto, as relações de causa e efeito, saber expressar-se verbalmente, saber representar através da sua fala uma linguagem mental que identifica seus pensamentos, que significa seus princípios e seus propósitos. O entrevistado comenta que quem pode dar conta de tudo isso seria uma teoria do quase tudo, que não existe, mas que existem muitos apontamentos, menciona a própria teoria das inteligências múltiplas, que no seu ponto de vista ajuda enxergar essa dimensão mais global da inteligência.

O entrevistado aponta que quanto mais o educador conhecer sobre movimento humano, mais conseguirá adequar e equilibrar os seus conhecimentos dentro de uma prática, por isso conhecer somente a tarefa é muito pouco para ministrar uma prática de iniciação ou de formação esportiva. PRINCÍPIO DA COMPETÊNCIA TÉCNICO-PEDAGÓGICA. Além do jogo que, na visão do entrevistado é legal, bacana, ele coloca que é necessário entender quais são as possibilidades pedagógicas que o jogo contém, não somente as possibilidades pedagógicas para ensinar, para educar para a vida, mas para que a pessoa se conheça dentro desse processo, qual a importância dela, quais as escolhas que ela pode fazer, como é que ela pode respeitar os outros, como é que ela pode se relacionar

com os outros e consigo mesmo, nessa dimensão de procedimentos.

Para o entrevistado esse conhecimento que ele sonha para a pedagogia do esporte, para a iniciação e formação é muito amplo, e abarca a ideia da psicologia aplicada, do sentido do jogo, da filosofia, dos elementos que pertencem não só aos elementos da psicologia cognitiva, mas a psicologia humanista, entendendo a pessoa inserida no processo, entendendo também a dimensão pedagógica, a partir dos elementos de como ensinar os movimentos, que também são significativos e importantes, e entendendo que a junção desses elementos pode fornecer a base, a estrutura que o pedagogo esportivo deseja para ministrar bons processos de iniciação e formação esportiva, não somente para uma ou duas aulas, mas para entender que todo processo contribui para a vida do sujeito, não somente para aquele recorte, para aquele momento.

Quando foi questionado sobre a relação entre o ensinar bem o jogo atrelado ao desenvolvimento dos valores que ele trouxe (solidariedade, convivência, respeito, amizade, a justiça, o prazer e alegria do jogo), e sobre quais procedimentos pedagógicos possibilitam, no seu ponto de vista dele essa interface entre o bom desenvolvimento do jogo e também o bom desenvolvimento desses valores, o entrevistado respondeu que trazer o conceito disso é importante, para quem está jogando, talvez até em aulas expositivas, e num segundo momento, trazer a esfera do jogar e identificar onde que esses elementos aparecem dentro do jogo. Acredita que o educador possa fazer algumas intervenções, “e eu uso aqui uma metáfora, é como se a gente fosse colocar numa panelinha de óleo esquentando, já quente, quase fervendo, e agente colocar milho de pipoca ali dentro, então, essas situações que surgem no jogo, que não surgem na ordem que a gente quer, é claro, pela própria condição de aleatoriedade e imprevisibilidade do jogo, as situações vão surgindo, e eu posso trazer os conceitos que foram desenvolvidos em uma aula, um treino, para dentro do jogo, ou seja, quando uma pipoca pula, uma pipoca está suficientemente quente, porque tensão saudável do jogo propiciou isso, eu faço uma pequena intervenção e falo “olha, aqui nós estamos vivenciando isso, o que podemos fazer com isso?”. Como é que a gente resolve essa situação e dá mais luz para ela para que possamos dar um significado de que estamos aprendendo com isso e não estamos sendo penalizados por isso”. Para exemplificar o entrevistado comenta que quando ocorre um erro no jogo, quando alguém erra, se o educador significar aquele erro com uma punição para o time, ou punição para quem errou, aquilo pode ser muito frustrante, mas aquilo pode ajudar o educando compreender que ele ainda está se desenvolvendo, que ele ainda pode aprender a jogar melhor com aquilo. Pontua que para isso existe o treino, para isso existe a prática, defende que ela é de formação, e não somente de exigência, e a prática pode estimular o educando ter um desempenho melhor, como em muitos momentos da vida ele terá esse tipo de situação. O entrevistado aponta que, por exemplo, existe uma

tensão sobre uma dúvida da regra, quando alguém não interpretou corretamente e achou que o mediador foi injusto de alguma forma, é possível enxergar, não obviamente como uma tendência a favorecer uma pessoa, porque chegou antes, ele é mais bonito, mais bacana, pode ser que as vezes a pessoa está se sentindo punida por aquela mediação, mas existe uma regra que está além daquela situação, e quem interpreta também é passível de erro. **A partir dessa situação é possível dialogar para colocar quais as intenções positivas permearam aquela atitude**, “*então as pessoas podem perceber que naquele instante, não existe alguém querendo prejudicar alguém, simplesmente as pessoas estavam querendo defender o seu próprio sistema, no entanto tem uma leitura organizada por uma norma chamada regra, que orienta as ações de convivência*”. **Nessa direção ele coloca que o educador pode tratar, por exemplo, do valor humano chamado convivência**, nesse momento, que permita essa leitura mediante essa norma externa, ou seja, **são essas intervenções que ele chama de pipocas pedagógicas e que, no seu ponto de vista podem ajudar a trazer elementos de formação dentro do jogo acontecendo, e num outro instante, o educador pode trazer para uma finalização de uma aula, de um trabalho, a conversa sobre o que foi aprendido pela vivência, até porque, para o entrevistado, nos pontos de tensão, que trazem, as vezes, uma vivência muito específica, de um aluno ou outro, de um atleta ou outro, aquilo pode ter uma leitura para quem está vivenciando de uma forma de significado e para quem esteve externo, dissociado daquilo, a situação pode ter uma outra leitura**, APROVEITAR OS MOMENTOS CERTOS PARA PROPICIAR A REFLEXÃO E O DIÁLOGO ou seja, **muitas expressões e modelos de mundo diferente existem dentro do jogo, o que a gente chama de intersubjetividade, então as pessoas podem aprender coisas diferentes, diante da mesma experiência de uma coletividade, ou seja, nós temos vários modelos de mundo lendo aquilo lá** APROPRIAÇÃO PARTICULAR DO FENÔMENO ESPORTIVO. Então o entrevistado coloca o seguinte questionamento: como é que o educador convive com tanto modelo de mundo diferente? Ele mesmo responde: **“vem novamente o respeito ao modelo de mundo do outro que não significa, necessariamente, a minha maneira de ver o que está acontecendo, mas se o outro vê aquilo daquela maneira, eu posso respeitá-lo, desde que ele também me respeite, e nós podemos assim conviver** RESPEITO MÚTUO. *Então seriam assim indicativos de como é que a gente pode lidar com esse tipo de situação, fechando uma aula, olhando para o que aprendemos hoje, diante dessa possibilidade de diferentes modelos de mundo, por exemplo*”. PROPICIAR MOMENTOS DE REFLEXÃO E DIÁLOGO

Quando questionado sobre como a criança consegue ter e manter o prazer de jogar na iniciação esportiva e sobre quais elementos precisam estar presentes no processo para permitir essa alegria no aprendizado, o entrevistado mencionou uma experiência vivenciada por ele e pelo grupo de estudos em pedagogia do esporte da Unicamp,

experiência essa ocorrida no Tênis Clube, em Campinas. Ele relatou que colocaram a possibilidade da **diversificação da experiência na iniciação esportiva** para os pedagogos esportivos do clube e relatou que gostaram da ideia, cujo fundamento era trazer, por meio de uma modalidade específica que eles praticavam, os elementos de ginástica artística. Comentou que o grupo de estudos foi, com muito entusiasmo, oferecer esta experiência para as crianças do clube, no entanto, relata que as crianças foram na primeira aula e não foram na segunda, e também não foram na terceira. Comentou que perceberam então, que antes de tudo **é importante respeitar a vontade da criança de jogar o jogo que ela escolheu.** *“Quando a gente estava oferecendo outra modalidade, a gente estava colocando a modalidade que nós escolhemos para ela. É aquela discrepância que eu falo do sonho do pedagogo e do sonho da criança. São sonhos diferentes”.* A partir desse exemplo, o entrevistado evidencia a primeira ideia, a **de respeitar o desejo dela em jogar o que ela deseja jogar** e **adequar quanto mais nós conseguirmos, todas essas possibilidades pedagógicas que nós enxergamos no jogo, na função de sermos os mediadores, os promotores do desenvolvimento da criança e do adolescente, no jogar muito próximos dentro do prazer que elas têm dentro do jogar.** Deixa claro à necessidade de atender a esse desejo, a essa necessidade de satisfação interna do educando, se ela escolheu o basquete, oferecer o basquete, se ela escolheu o voleibol, oferecer o voleibol, e comenta que isso acontecerá, obviamente, com as diferentes estratégias atendendo a essa vontade. Comentou que escuta alguns professores reclamarem que todas as crianças querem ou perguntam numa prática “mas não vai ter joguinho hoje professor?”, e os professores reclamam dessas perguntas que eles fazem. Na visão do entrevistado as crianças estão expressando seu desejo e assume que **para elas é importante sim que tenha o joguinho,** porque o treino para elas é coisa do adulto, o treino para elas é algo que está longe, é aquilo que o profissional faz, com exercícios que cansam, que os fazem transpirar e tomar água constantemente. Comenta que talvez a criança não queira isso ainda, **que ela queira a diversão, a presença do aspecto lúdico, a diversão, o prazer, o jogo LUDICIDADE.** Comenta também sobre o contexto do esporte profissional, onde alguns atletas reclamam muito das situações de pressão, que tira deles o prazer de jogar e, quando eles jogam livremente, eles se divertem mais, jogam melhor, e na verdade eles estão simplesmente recriando a ponte para algo que eles fizeram um dia quando eles começaram a jogar. **Defende então que não podemos tirar esse prazer das crianças; precisamos deixar que sejam livres que estejam presentes na sua totalidade na ação, deixá-las saber que aquela esfera que elas criaram para o jogo pertencem muito à elas, pois às vezes, quando o educador faz uma intervenção, que coloca uma regra nova, ele não atende essa possibilidade das crianças se divertirem mais, pois às vezes impede e sufoca as crianças, LUDICIDADE** então para o entrevistado é muito importante **essa acessibilidade de**

aproximar constantemente as estratégias pedagógicas que o adulto conhece, desse prazer que a criança busca no jogar, o jogo que ela escolheu. Acrescenta que o educador não deve achar que porque a criança não gostou do jogo ele não é um bom profissional, isso se dá simplesmente porque não está dentro da perspectiva de satisfação da criança. “Ué, vamos oferecer uma outra coisa então”, mas para o entrevistado, o mais importante é atender a essa perspectiva de satisfação dela. Para ele, quando o educador compreender isso, se afinar com isso, será o momento de fazer boas intervenções, de colocar elementos desafiadores que estimulem a sua inteligência, além de estimular a sua ousadia, criatividade, participação, e o seu envolvimento no jogo, através dessas intervenções que desafiem a mesma INOVAÇÃO. Na visão do entrevistado, as crianças, quando estão jogando, não gostam de coisas que se repetem muito e justifica essa ideia dizendo que se o educador coloca alguma atividade que não é o próprio jogo, no outro dia seguinte elas dizem: “nossa, mas isso de novo professor”, então entender o que é isso, o jogo formal e as suas diversidades, os seus momentos de prazer que contemplam o desejo da criança, e como podemos fazer, chegando até esse jogo formal, construir atividades que sejam interessantes, que elas mergulhem, que sejam desafiadoras, onde elas possam ser criativas e que elas vivam o que elas estão vivendo em seus momentos de vida. **JOGOS E SITUAÇÕES PROBLEMA**

Questionado sobre quais são essas outras atividades, que não o jogo formal, o entrevistado diz que gosta dos jogos pré-desportivos e das maneiras de como através de jogos, que significam sequencia de jogos em sua complexidade (JOGO), obviamente menor que um jogo formal PRIORIZAR JOGOS, mas que contenham os elementos do jogo formal (UNIDADE DO JOGO) PRIORIZAR ESTRATÉGIAS QUE CONTEMPLAM A UNIDADE DO JOGO, as crianças, por meio deles possam aprender os elementos do jogar o jogo formal. Ele identifica o jogo pré-desportivo como uma das principais estratégias para que a gente consiga construir essa ideia da iniciação e da formação esportiva, porque eles permitem o aprofundamento de algumas experiências do jogar, que muitas vezes o jogo formal, por sua complexidade, até porque contém um conjunto de regras que já são, de uma certa forma sedimentadas, já foram muito estudadas, e obviamente não atendem ao desejo de quem quer se iniciar, pois fica muito difícil para essas pessoas jogá-los. (PRODUZIR MODIFICAÇÕES PARA ADEQUAR A COMPLEXIDADE) Então, para o entrevistado, os jogos pré-desportivos, em seus elos menos complexos, talvez mais simples, possam oferecer um aprofundamento de algumas experiências de jogo, e por esse conjunto de características, ele identifica como uma das estratégias mais significativas para isso.

Para complementar sua resposta, o entrevistado comenta que no sonho dele de iniciação adequada, acredita que assistir jogos formais dos atletas que são profissionais é muito

importante também, até para entender outros aspectos constitutivos do jogo, como outras experiências interessantes que o jogo contém, que não seja somente o placar, se foi certo o chute ao gol, o arremesso à cesta, a batida, o ataque, o ponto com a bola no chão lá no voleibol, entender mais especificamente o que aquelas pessoas que estão praticando o jogo formal expressam quando estão jogando, a entrega delas ao jogo, a sensação de que elas estão naquele momento, no único lugar do mundo em que elas querem e desejam estar, que a ideia da presença, do poder do aqui agora. Para ele essa é uma experiência única sim, e ao mesmo tempo é sempre construída de forma diferente. Entender como o jogo se dá diferentemente a cada vez que o jogo é jogado, pode trazer uma ideia muito importante, a de que uma perspectiva de jogo, de vida nunca está pré-determinada, ela é sempre construída. Acrescenta que fazer uma mediação pedagógica em torno disso, seja uma grande vantagem, ou seja, não é simplesmente assistir ao jogo, como se fosse uma diversão em família, mas oferecer uma leitura diferenciada daquilo que está acontecendo, ele crê que seja muito importante. Ao entrar em contato com pessoas de uma forma vivida, entrar em contato real com pessoas que são atletas, que profissionalmente praticam aquilo, ajuda a desmistificar aquelas pessoas como seres que estão além da perspectiva humana e permite a reflexão de que o jogo pertence a todas as pessoas, e não somente à algumas pessoas especiais, ou seja, quem está aprendendo a jogar não precisa ser tão espetacular quanto aquele modelo já formado, mas entender que aquela pessoa também erra e que errou muito quando começou a jogar. **Essas questões poderão ajudar muito os educandos não só a enxergarem o jogo na dimensão da espetacularidade, mas o jogo numa dimensão de humanidade**, ou seja, para perceber que essas pessoas são também seres humanos. Na sua visão, isso diminuiria a distância de quem se sente pequeno porque começa, em relação a quem já é muito grande, porque já joga. ASSISTIR JOGOS DE PROFISSIONAIS E APROXIMAR AS CRIANÇAS DE ATLETAS/IDOLOS.

Outra possibilidade, defende o entrevistado, é sim, além do jogo pré-desportivo, identificar procedimentos pedagógicos que envolvam também o treino da técnica, através dos exercícios que são analíticos, exercícios que são construídos para a melhoria do gesto, para a melhoria da performance, porque, para ele, se aquelas pessoas conseguem executar melhor alguns fundamentos, algumas técnicas, elas conseguem jogar melhor. Justifica que isso é muito prazeroso, porque elas não se sentem bem quando elas erram, elas não se sentem bem quando, por conta delas, o sistema não funciona bem. **Reforça que o educador pode também ensinar através disso, e não só através disso, mas somado as outras estratégias que envolvem o jogo pré-desportivo** DIVERSIFICAR ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS, ensinar ao praticante que se ele aprender bem um algo que, de certa forma foi reduzido para facilitar a sua compreensão, o educador pode fazer com que esse algo se amplie, vibre de uma forma diferente, se expresse de uma forma mais ampla dentro

de um elemento maior e mais complexo que é o jogo. O entrevistado reforça, então, que ele entende que como estratégia pedagógica, além do jogo pré-desportivo, desenhado para que a pessoa sinta prazer ao jogar, pode também ser incrementado pelo treino da técnica, através dos métodos que envolvem, por exemplo, os exercícios analíticos.

Por fim, quando questionado sobre os diversos atores que contribuem nesse processo de educação das crianças participantes, e que não só o professor/técnico, o entrevistado diz que vai começar pelos que são mais significativos, porque permitiram que as pessoas viessem ao mundo: a família. Comenta que muitas vezes quem está jogando responde ao desejo da família de jogar e, nessa direção, o educador se depara com várias situações desse tipo. Na medida em que os pais entendem que os filhos, de uma certa forma tentam pagar o amor, fazer a recompensa do amor que os trouxe a vida, através de suas várias atividades, durante a sua vida, o esporte obviamente também está dentro disso, e o entrevistado diz que sente que obviamente isso se dá por desconhecimento, **os pais muitas vezes distorcem o processo de iniciação, ou de formação esportiva dos filhos, porque eles querem ver o campeão, eles não gostam de ver o filho perder, assim, os pais aumentam muitas vezes a frustração das crianças que não conseguiram uma vitória.** Há também os que buscam acalentar as crianças quando elas não tem o resultado que elas desejam, cobrá-los quando eles não estão adequadamente se entregando á prática esportiva, “ aí já caí dentro daquilo que a gente falou, a respeito da prática que vira ameaçadora, então a criança vai para a prática para não sofrer, para não ser punida com as tarefas”. **O entrevistado entende que os elementos mais próximos e mais significativos sejam os pais, para que eles se integrem no processo e respeitem o que está acontecendo com os filhos, até para poder também ressignificar alguns momentos, obviamente que são importantes e que represente muitas vezes experiências pelas quais as crianças não querem passar, de exclusão do grupo, de que não está sendo olhada com carinho que ela esperava pelo técnico, pelo professor, ou, do outro lado, demasiadamente começam ser exigidas em momentos inoportunos.** Além dos pais ele entende que são significativos os professores, técnicos e treinadores, pois dentro de uma esfera de transmissão do conhecimento, se, eles forem fomentados com elementos que permitam que essas práticas sejam realmente adequadas, poderosas, com muito conteúdo, conhecimento, com várias possibilidades de intervenção, ele acredita que o processo possa ter excelentes respostas.

Cita também os gestores do esporte, que estão para além dos técnicos, do treinador, do professor, que pode ser o diretor da escola, pode ser o diretor do clube, pode ser um dirigente de federação, **muitas vezes responsáveis pela organização dos campeonatos, competições, eventos e, dentro dessa esfera de organização, muitas vezes, o como o evento acontece se torna muito inadequado,** (PROPICIAR PARTICIPAÇÃO EM

	<p>COMPETIÇÕES ESPORTIVAS NÃO FORMAIS) então, por exemplo, eventos que ocorrem em períodos de provas escolares, eventos que ocorrem simultaneamente, e em relação a esse aspecto o entrevistado coloca que muitos jovens competem por várias categorias diferentes nessa fase de iniciação e formação esportiva e eles passam a ser exigidos como adultos, no fim, ao observar a quantidade de jogos obrigatórios nas ligas, nas federações, “o juvenzinho jogou, você fica assustado, pois ele começa a ter desempenho de adulto”, o que começa comprometer, por exemplo, o desempenho escolar. Sobre os diretores de escola, menciona que a maioria não dão o valor devido ao esporte nessa dimensão educacional, logo interpretam de uma forma inadequada, errônea, o esporte como somente existindo para aqueles que são muito bons (ESPORTE DIREITO DE TODOS) então o diretor fala “aqui o pessoal veio para estudar e não para praticar esporte” e tira o esporte da escola. Para o entrevistado, isso seria um elemento a ser pensado, em como a escola pode oferecer sim, a prática esportiva, numa dimensão educacional. Em relação aos dirigentes esportivos, obviamente são os que promovem os eventos esportivos e, queira ou não, há um grande problema com competições que tiram os jovens da escola. Isso, na visão do entrevistado, não funciona, se formos pensar no desenvolvimento da pessoa, no seu desenvolvimento integral dentro da esfera esportiva. O entrevistado considera então que esses personagens, esses atores, além obviamente das crianças que jogam, precisam estar dentro de uma esfera que é estudada e organizada mediante conhecimento científico sobre a formação esportiva, e que ela não seja uma adversária da formação pessoal, pelo contrário, que ela seja uma fomentadora do desenvolvimento pessoal. O entrevistado sintetiza suas ideias sobre isso dizendo que pensando na família, nos técnicos, os gestores do esporte, os diretores de escola, clubes, federações, ligas, confederações, também tem uma importância muito grande e ele percebe que infelizmente essas pessoas geralmente são voluntárias, não têm o conhecimento acadêmico, ou minimamente não têm uma formação que permita a leitura desse público, criança e adolescente, de uma forma diferenciada, “eles vão enxergar dentro do calendário o que cabe dentro de 365 dias no ano, e não absolutamente auxiliando na formação desses sujeitos que jogam”.</p>
<p>Entrevistado 3</p>	<p>A entrevistado responde que é difícil falar de forma tão assertiva, explica que trabalhou aproximadamente 2 anos no ensino formal no Japão, com atividade física e que lá é muito simples, pois as crianças são muito parecidas e tudo é muito homogêneo; foram 4 escolas diferentes e elas são muito parecidas, o que para a entrevistada é um elemento facilitador para o professor. Diz que no Brasil, numa mesma escola, mesma série, as salas são muito diferentes, tudo é tão diverso, os clubes também são tão diversos, que torna-se difícil falar o como.</p>

Para exemplificar, comenta sobre a aula de ginástica, diz que ela é vista de uma forma individual, pois o que se vê na tv é uma apresentação individual, só que a entrevistada disse que gosta de quebrar isso, **fazendo com que boa parte da aula, além de individualmente, seja realizada em duplas, trios, pequenos grupos e grandes grupos, do grande para pequenos grupos** DIVERSIFICAÇÃO. Para ela **essa interação é muito importante no esporte, para o aprendizado das questões de colaboração, do respeitar, pois aprendemos com a dificuldade do outro.** CONVIVENCIA. **Sinaliza que é inevitável o momento de trabalho individual, mas que no início do processo de formação esportiva não vê muito essa necessidade, reforça então o trabalho em duplas, trios, pequenos e grandes grupos.** Com isso, ela acredita que **reforça muito até a própria identidade do grupo, o ato de conhecer o outro,** além de **ser mais divertido, prazeroso, pois eles riem o tempo todo.**

LUDICIDADE **Acrescenta que esse ponto da interação também tem o lado emocional.**

Considera essa uma estratégia para começar a trabalhar com a ginástica e que em particular, com crianças pequenas, percebe ser esse um elemento que falta muito.

Sobre o prazer nas aulas, comenta que **a criança não precisa ficar ali repetindo o mesmo abdominal 50 vezes e que aquela ação pode ser trabalhada em um outro contexto, e cita como exemplo a brincadeira, estratégia que considera bastante importante.**

LUDICIDADE JOGO BRINCADEIRA

Outro ponto levantado pela entrevistada está relacionado **comunicação**. Ela comenta que tem muitos contatos com os técnicos que estão trabalhando com as equipes competitivas do Brasil, porque o comitê olímpico fez um trabalho de aprimoramento dos técnicos, reuniu 37 deles, e a entrevistada percebe mudanças. Um aspecto que ela percebe mudanças, em relação as gerações anteriores é a ideia da comunicação e da interação **RELAÇÕES HORIZONTAIS, RESPEITO MUTUO,** que **segundo ela “não é mais aquela ideia do ensino unidirecional, eu falo você faz. Então eu acho que isso está mudando muito, eu vejo os atletas, hoje eles se expressam mais, conversam, alguns técnicos principalmente das novas gerações, eles tem criado uma outra forma de relacionamento e isso eu acho que muda muito sim, principalmente em um esporte como o nosso, que você trabalha com crianças. Cada um sabe o seu lugar, mas isso não quer dizer que você não possa ter comunicação”.** **Relata que no começo o Brasil fazia muitos cursos com essa visão centralizada na figura do treinador, e que hoje há uma maior preocupação com o atleta, com suas emoções, com seu bem estar.** **Reforça que essa é uma mudança importante no ambiente da ginástica.**

Outro procedimento que a entrevistada observa é que **antes o educador não tinha muita preocupação de se aproximar dos pais e hoje ele percebe alunos de graduação que estudam sobre a participação dos pais no processo, assim como percebe a nova geração de técnicos levando esse aspecto em consideração.** Comente que alguns educadores ainda não sabem

	<p>como colocar isso em prática, mas muitos têm considerado a importância dos pais no esporte. Como criar essa abertura, mas também como criar limites são respostas importantes para contribuir com esse processo. A entrevistada defende que pelo fato do esporte ser muito dinâmico, no campo da formação profissional, os técnicos têm que ter um cuidado para não pararem no tempo.</p> <p>Ela retoma a ideia da diversão, justificando que a criança sabe o que está acontecendo no mundo e que uma nova forma de trabalhar o esporte vai fazê-la pensar, <i>“porque eu vou estar aqui sofrendo se o esporte pode ter uma outra trajetória vamos dizer assim”</i>. Segundo a entrevistada, a criança ou o jovem não está aceitando mais tudo, até a criança é bastante crítica. Para exemplificar essa ideia ela comenta que há 18 anos os alunos tinham uma mentalidade sobre o processo, e que hoje têm outra, então o educador também tem que saber se ajustar, mudar. <i>“As gerações estão mudando e ele tem que ir acompanhando isso. Eu vejo que hoje a criança tem uma visão muito diferente, ela sabe que pode ser diferente. Então eu acho que hoje talvez uma punição física não funcione mais não”</i>. Para a entrevistada, no lugar das punições físicas somente diálogo, recompensas e motivação intrínseca.</p> <p>Diz que até pode ter uma punição, como por exemplo dizer ao educando que naquele dia ele não vai treinar mais, entretanto, esse procedimento tem que ter uma lógica, para isso tem que fazer o praticante pensar mais, CRITICIDADE <i>“antes nós não éramos muito estimulados a pensar. Antes o técnico falava: olha você vai fazer esse elemento, eu não podia questionar, então hoje eu olho lá para trás e vejo que eu fui obrigada a treinar muitos elementos que eu não gostava. Hoje em dia eu vejo muitos treinadores falando: olha eu sugiro isso, mas o que você pensa?”</i> O entrevistado acredita que hoje as decisões têm que ser mais compartilhadas, porque, pare ela, hoje a criança, o jovem não aceita mais somente imposições, tudo pronto, também quer participar. PARTICIPAÇÃO EFETIVA NO PROCESSO.</p>
<p>Entrevistado 4</p>	<p>No início da entrevista, o entrevistado 4 fez um breve relato de sua experiência profissional com iniciação esportiva e julgamos a necessidade de recortar uma fala que integram o conjunto de procedimentos e estratégias trazidas por ele.</p> <p><i>“foi uma coisa muito interessante pois envolvemos os pais, então nós fazíamos primeiro uma avaliação física e motora das crianças algo que naquela época era totalmente inovadora e em função disso nós fazíamos todo um prontuário tudo anotado, ficha individual, avaliações periódicas e gradativamente fomos desenvolvendo até por pedidos dos pais que se envolveram de tal maneira que eles também pediram para criar uma turma de adultos e que eles também fossem avaliados, então no sábado era uma festa vinham os pais com os filhos todos de quimono e eram todos faixa branca e vinham fazer testes motores e os pais vinham fazer aula a noite, eu não me lembro ao certo os</i></p>

números mas acho quadruplicou em 6 meses essas coisas como se fala se espalha igual notícia ruim”.

O entrevistado considera que o básico é o educador saber fazer uma **análise diagnóstica das capacidades da criança** e essa análise vai ser ajudada se o educador tiver **conhecimento do processo de desenvolvimento motor, físico, afetivo, emocional** CONHECIMENTO TÉCNICO e depois pegar uma modalidade esportiva e fazer uma **análise dessa modalidade esportiva**. Para ele não existe uma fórmula mágica para isso, primeiro **o educador tem que ter uma capacidade diagnóstica com base nos conhecimentos que ele tem e em que estado a criança se encontra**. Faz menção, por exemplo, ao treino de toque no voleibol, dizendo que se a criança não souber realizar aquele tipo de movimento é inútil, pois segundo ele, a criança vai pensar que aquele toque é só com o braço, aí não adianta vim com aqueles métodos pedagógicos falando “olha o cotovelo é de tal jeito”. Para o entrevistado não faz sentido uma intervenção como essa, se a criança não domina aquele movimento, por isso **o professor precisa fazer um diagnóstico das duas coisas do educando e do que está para ensinar**. Segundo o entrevistado, nós educadores temos que fazer uma análise de todos os movimentos, de todas as modalidades que vamos ensinar, porque quando nos formamos saímos com o prato pronto da faculdade, da execução daquele movimento, mas não das competências exigidas para aquela execução, e o fundamento que se aprende na faculdade pode deixar de ser fundamento dependendo do estado da criança, pois o que é o fundamento do tênis para o Roger Federer hoje, o que é fundamental pra pessoa muda de acordo com a capacidade que a criança tem, pois aquele fundamento para a criança pouco desenvolvida, “aquele fundamento é um sonho e para a criança que já é desenvolvida aquele fundamento já deixou de ser fundamento faz tempo”. **Defende então que para fazer esse tipo de análise é preciso ter conhecimento sobre bioquímica, fisiologia, capacidade motora, social, antropológica, psicológica e até a história que aquela modalidade envolve.** CONHECIMENTOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS Provocado sobre a forma de se trazer a família para o processo, **o entrevistado destaca a importância de trabalhar com o ambiente, pois a família influencia muito a vinda da criança para o esporte.** “Por exemplo, a educação física hoje, precisamos esperar uma nova geração para que as coisas mudem, pois só quando as crianças de hoje crescerem e se tornarem pais poderão influenciar seus filhos a pensarem de forma diferente sobre a educação física, e aí o ambiente vai ser mais apropriado.

Questionado sobre o que era avaliado nos projetos dos quais participou, o entrevistado relata que era realizada uma **avaliação de entrada, para saberem como a criança estava, e depois uma outra para avaliarem a evolução da criança no processo.** **Sinaliza que o educador pode fazer uma avaliação física, uma avaliação da própria atividade, e que o importante da avaliação “é porque ela é um instrumento do aperfeiçoamento, a avaliação**

	<p><i>serve como um instrumento de diagnóstico, o importante que nós fazíamos é mostrar para os pais a evolução dos filhos através do tempo por meio justamente das avaliações”.</i></p> <p>Por fim, ao ser estimulado a falar em termos práticos sobre a diferença do alto rendimento, onde a pessoa se adapta as regras, e do esporte para criança, onde o esporte se adapta as crianças, o entrevistado responde que o primeiro ponto é que para praticar esporte em alto rendimento o indivíduo tem que se especializa, tem que escolher uma modalidade; já na iniciação a criança deve ter acesso a várias modalidades para poder escolher uma para praticar. DIVERSIFICAÇÃO DE MODALIDADES Outra diferença apontada por ele é que no alto rendimento o individuo é exposto a um processo de treinamento onde realizará uma atividade repetidamente e as especificações vem de fora pra dentro, ou seja, do técnico para o atleta; já na iniciação o conceito é a prática e não o treinamento, ou seja, a própria pessoa tem que se envolver com o problema, e não repetir várias vezes o que o técnico passou. Nisso a um envolvimento maior da criança no seu próprio processo e, quando o educador da essa possibilidade para o aluno, o educador não pode ficar cobrando precisão de movimento, pois é preciso que se respeite o próprio processo de aprendizagem. <i>“No alto rendimento o importante é o resultado e na iniciação não, aqui é a mudança nesses resultados ajustados a características individuais”.</i></p>
<p>Entrevistado</p> <p>5</p>	<p>O entrevistado considera que um dos caminhos pode ser a sua publicação sobre modelos de aprendizagem incidental, sobre sua proposta de iniciação esportiva universal, proposta essa que compreende trabalhar o jogo, resgatar os jogos populares, os jogos que se joga na rua, aproveitando deles seus elementos táticos de forma que se possa transferir esses elementos para situações de esportes PRIORIZAR JOGOS E SITUAÇÕES PROBLEMA DE NATUREZA ABERTA. Como exemplo cita o jogo de rouba bandeira e lança ao entrevistado os questionamentos de quais elementos técnicos e táticos tem no rouba bandeira que podem ser utilizados? Que estratégias são elaboradas para que se possa ganhar o jogo? E, além dos questionamentos, propõe fazer esse jogo de formas diversificadas, de forma que sejam realizados, por exemplo, em duplas, em trios, de forma então a promover a socialização, a integração com outros colegas e a formação de estratégias que conjugam para um determinado objetivo. Explica então que é isso que ele chama de aprender de forma incidental, ou seja, o jogar, e, através do jogo, descobrir formas de obter benefícios para aquilo que é sua atividade, sem que a pessoa esteja necessariamente consciente disso.</p> <p>O entrevistado acrescenta sua explicação dizendo que a proposta se apoia em três pilares: o pilar da aprendizagem tática, o pilar da aprendizagem motora, e o pilar que faz a relação da aprendizagem tática e a aprendizagem motora, que são os jogos de inteligência e criatividade.</p>

1- o pilar do desenvolvimento da capacidade de jogo, isso do ponto de vista tático, da aprendizagem tática.

2- o pilar do desenvolvimento da capacidade de aprender sobre o ponto de vista motor, o processo da aprendizagem das habilidades, das técnicas.

3- e o outro pilar é o pilar dos jogos que chama dos jogos de inteligência e de criatividade – são jogos em que se procura resgatar jogos da cultura popular e esses jogos da cultura popular são transferidos, então, para situações de jogo, de alguma forma modificando os jogos, mas mantendo a ideia original do jogo. *“Por exemplo o rouba bandeira, mais fácil fazer o rouba bandeira com bola, cada um com uma bola, fazer o rouba bandeira duplas, passando a bola, enfim, ir agregando elementos a estes jogos que façam com que resgata-se a ideia original do jogo, PRODUZIR MODIFICAÇÕES NA ESTRUTURA, mas a gente procura desenvolver com esses jogos, essa capacidade, digamos assim, de pensar, de perceber, a capacidade de tomar decisões, em situações de jogo, que não tem nada a ver com esporte, mas que pode ter muita transferência positiva para uma situação de jogo específica, porque com esses jogos você desenvolve aspectos de percepção, de tomada de decisão, de inteligência, de cognição, desenvolve processos cognitivos que depois serão necessários a situações de esporte”.*

O entrevistado reforça que como acredita na possibilidade da transferência, ele pode transferir os elementos de um jogo para situações mais concretas do esporte.

A respeito do desenvolvimento das capacidades táticas, comenta que os esportes de raquete são diferentes das modalidades esportivas coletivas, e que dentro das modalidades coletivas você tem as de invasão e as que são com rede, então ele explica que essa variabilidade de modalidades seguem lógicas relativamente diferentes. *Afirma que essas lógicas podem ser aprendidas via jogo, ou seja, para o aprendizado da lógica temos o jogo para desenvolver essas capacidades.* Segundo ele podemos fazer isso com pequenos jogos, os jogos reduzidos, jogos diminuídos, 2x2, 3x3.

A respeito da aprendizagem motora defende que é fundamental desenvolver a coordenação, pois a coordenação é a base da realização de qualquer tipo de movimento e explica que não há como realizar uma técnica sem uma boa coordenação. Nessa direção comenta que a ideia é desenvolver a coordenação e desenvolver habilidades de como organizar os ângulos, controlar forças, observar os deslocamentos, antecipar posições, antecipar o voo de uma bola, que posteriormente permitirá, por exemplo, antecipar um passe.

Defende então que as habilidades motoras e a parte tática, quando você aprende os jogos de inteligência e criatividade, embora esses jogos não tem nada a ver com esporte, eles vão solicitar aspectos motores e vão solicitar soluções mentais. Explica então que isso seria uma base para você depois desenvolver um treinamento técnico-tático nas modalidades

esportivas.

Ao ser estimulado a falar se o processo educativo compreende somente o ensino do esporte, o entrevistado disse que você não ensina somente o esporte, **você utiliza o esporte como meio para desenvolver a personalidade, apreensão de valores, e como exemplo disse que se ensina o respeito ao colega, a superação.**

Questionado então sobre quais procedimentos ele entende que podem contribuir nessa direção responde que **o jogo é um dos procedimentos mais interessantes, porque é no jogo onde as pessoas revelam sua personalidade, “então, é no jogo e a partir do jogo, você fazer a rodinha para conversar sobre as situações, etc. Você vai observando comportamentos, etc.”.**

Provocado sobre quais outros procedimentos podem contribuir para o ensinar mais que esporte, o entrevistado diz que o educador pode utilizar outros meios auxiliares, como por exemplo **trabalhar com introdução de vídeos, fazer análises de vídeos, fazer pesquisas na internet,** e explica que a forma de usar desse procedimento irá depender muito da idade, do material disponível, dos objetivos da instituição, ou seja, são todas possibilidades que o educador poderia vir utilizar, mas que irão depender muito da situação. *“Amanhã mesmo você está dando aula numa escola do interior de um estado, onde a escola não tem internet, ou está numa escola que tem acesso a internet, ao google, veja, é bem diferente a situação”.* **ACESSO AOS RECURSOS**

Perguntado se ele consegue ver alguma relação do planejamento e da avaliação, tanto do ponto de vista da melhoria na prática esportiva, como no campo do que estão chamando de ensinar mais do que esporte, o entrevistado responde **que não tem como o educador fazer nenhuma planificação sem avaliação.** **AVALIAÇÃO PRECEDE O PLANEJAMENTO** De acordo com ele **a avaliação é uma medida pedagógica extremamente importante que vai ajudar o educador a determinar objetivos e, uma vez se determina objetivos, a partir da avaliação o educador pode começar a pensar, conforme objetivos, o nível do que foi avaliado, ele pode começar a determinar meios e processos de desenvolvimento, pois uma coisa está diretamente ligada a outra.** Reforça então que não há processo de ensino e aprendizagem sem avaliação. **Para ele a avaliação é um dos elementos constitutivos do processo de ensino aprendizagem que permite ajustar o processo pedagógico.**

Por ser uma referência internacional sobre a utilização dos coringas no processo de iniciação esportiva, o entrevistado é estimulado a falar um pouco sobre essa estratégia pedagógica, então ele explica que, **quando se faz um jogo em igualdade numérica, o jogo fica muito preso a capacidade individual, tanto da capacidade de decisão, quanto da capacidade motora dos participantes e acrescenta que os jogos em igualdade numérica dificultam a obtenção de bons resultados, principalmente na iniciação esportiva, em que há**

grande dificuldade de domínio dos elementos do jogo. Nesse contexto o entrevistado diz que, a partir das experiências pessoais da época em que era criança, quando brincava na rua, uma das possibilidades que se tinha para superar um adversário – principalmente os que eram melhores, mais forte, ou que tinham mais domínio – era chutar a bola contra o meio fio ou contra a parede, pois o adversário tinha que girar e tinha que ainda procurar a marcação; e explica que se o adversário tentasse interceptar a bola na parede, era melhor ainda, pois havia mais opções de sair pela lateral contrária. Retoma então que a ideia da parede é mais ou menos a ideia do coringa: *“a de um jogador que te apoia, é um jogador que vai te ajudar a tomar decisões, é um jogador que vai te facilitar a operacionalização das suas decisões, por isso que a ideia que nós temos do coringa é a de um jogador de apoio”*. O entrevistado faz questão de deixar claro que embora seja um jogador de apoio, o coringa não faz o gol, de forma a não descaracterizar a situação da marcação individual e explica que um dos elementos importantes dos jogos desportivos de invasão é começar a trabalhar, metodologicamente, situações tanto de ataque, contra marcação individual, quanto de defesa marcação individual quadra toda. Assim, durante o processo de aprendizagem esportiva, a primeira forma que teria para superar a defesa de marcação individual seriam o uso do coringa, que é completamente diferente de se trabalhar com situações de ataque em superioridade numérica, porque na situação de superioridade numérica os dois podem fazer o gol, o que inviabilizaria fazer a marcação individual.

USO DO CORINGA COMO POSSIBILIDADE DE MODIFICAR A ESTRUTURA DO JOGO

Para exemplificar supõe a situação de 3x2, na qual dois vão marcar individual e sempre vai sobrar 1 – trata-se de outro princípio de jogo, uma forma diferente, tanto de atacar como de defender. Já o princípio da igualdade numérica, com apoio do coringa se assemelha mais de uma situação real de jogo, pois durante o jogo sempre pode vir a ter um colega que se desmarca para receber e dar apoio.

Solicitado a falar sobre o conjunto de possibilidades que podem contribuir no processo de iniciação esportiva, o entrevistado fala que atualmente existe ampla gama de comprovações empíricas, que nos mostram que o método de iniciação esportiva a partir da aprendizagem tática tem dado melhor resultado do ponto de vista motivacional, da compreensão da lógica do jogo, do que os processos analíticos, ou seja, os modelos que ensinavam primeira a técnica, depois o jogo. Tem dado melhor resultado do que os modelos globais, aonde você vai para uma sequência de jogo até chegar no jogo forma. Explica que hoje há os chamados métodos contemporâneos, nos quais o processo começa a partir da aprendizagem tática, e diz que são extremamente interessantes, elas tem diferentes correntes pedagógicas na sua compreensão. *“O método da Iniciação Esportiva Universal propõe dois aspectos, dois conteúdos completamente diferentes aos que propõe, por exemplo, o TGFU, o ensino pela compreensão; ou o ensino*

	<p><i>a partir das competências; o ensino via desenvolvimento das capacidades. Esse são os modelos que nós temos hoje, os modelos construtivistas”. Explica então que o método da Iniciação Esportiva Universal propõe a ideia dos jogos e brincadeiras de rua sendo utilizados como uma forma de mediação entre aprendizagem tática e aprendizagem motora, e o desenvolvimento da coordenação como eixo principal, trabalhando os analisadores, trabalhando as situação de pressão nas quais uma ação motora é realizada. Segundo ele esses são aspectos diferenciadores da proposta do IEU, em relação a essas alternativas metodológicas citadas e que tem hoje na literatura. O entrevistado complementa dizendo que hoje, essa forma de ensino aprendido seria bem mais interessantes do que voltar aos métodos tradicionais, como analítico, global, e também mais interessante do que trabalhar com o método crítico, que, de acordo com ele é uma metodologia que, por enquanto, não tem esclarecido o como fazer o processo metodológico do ensino e que a única proposta dessa linha é mais apoiada na fenomenologia, que é a proposta de Kunz, “mas ela não se integra, digamos assim, de uma forma muito convincente para o ensino dos jogos coletivos. Você tem aí a proposta do Freire, do Scaglia, do futebol de rua, são também alternativas, só que quando você está numa instituição, o que deveria ter é uma forma de sistematizar essas formas de ensino da rua, que mais ou menos o que o IEU propõe, diferente da proposta do Scaglia e do Freire, propõe mais ou menos a mesma ideia, mas sistematizamos de forma diferente”.</i></p>
--	--

Questão 6) Quais elementos você considera importante em uma estrutura teórica orientadora do professor/treinador de esporte que sustente a prática na iniciação esportiva.

<p>Entrevistado 1</p>	<p>O entrevistado inicia sua resposta chamando a atenção de que por trás de uma pedagogia tradicional de formação esportiva, não se pode esquecer que existe um professor, e às vezes esse professor que aprendeu somente procedimentos tradicionais, mecânicos, é uma pessoa extremamente cuidadosa, atenciosa, amorosa, com um profundo respeito pelos seus alunos. “Então, em vários aspectos ele não é nada tradicional, e se isso for tradicional, a gente vai manter essa tradição”.</p> <p>Reforça então que se for tradicional ser amoroso, respeitoso e cuidadoso, sejamos tradicionais. Segundo ele não se trata de trocar um tradicional por um inovador, até porque, para ele, esses nomes não são muito bons.</p> <p>O entrevistado menciona que no Instituto Esporte Educação procuraram criar alguns elementos que caracterizem o esporte educacional. Os elementos citados foram:</p> <p>1- o esporte para ser educacional ele tem que ser construído coletivamente, como o futebol de rua, o futebol callejero, ele tem que ser construído coletivamente. Se os alunos</p>
---	--

	<p>não forem protagonistas não é esporte educacional.</p> <p>2- O esporte tem que ser inclusivo. Se ele excluir alguém, ele já não é educacional. É preciso deixar claro para o grupo que todos podem ser incluídos.</p> <p>3- O esporte para ser educacional tem que ter espaço para a autonomia dos alunos. Se os alunos não puderem tomar decisões, não podem ser responsáveis, então ele não é educacional.</p> <p>4- O esporte ele tem que ser integral, ele não é só para ensinar o gesto esportivo. Ele tem que ensinar coisas para a vida.</p> <p>O entrevistado finaliza a questão colocando que o conflito mais forte que ele vê refere-se ao confronto entre o esporte da ganância, o esporte do capital internacional, que quer transformar as pessoas apenas em fontes de lucro; e o esporte que quer que as pessoas sejam protagonistas, como praticantes ou como plateia, que não se deixe apenas ser peças de produção de lucro para algum capital financeiro. Para ele esse confronto é muito maior do que o confronto chamado esporte educacional inovador e o esporte educacional tradicional. (INTENCIONALIDADE).</p>
<p>Entrevistado 2</p>	<p>Para o entrevistado 2 os conhecimentos mais diretos, que devem atender a essa perspectiva seriam sobre o corpo da criança e do jovem, seus aspectos biológicos, fisiológicos, anatômicos, entender as transformações que estão ocorrendo no momento de vida destas pessoas. Num segundo momento, conhecimentos dentro da psicologia, que envolvam a inteligência, a adequação ao crescimento e desenvolvimento, fundamentais para o educador entender como é que se organiza uma situação problema, o que ele faz dentro dela quando ela acontece, como é que deve ver o educando que está na minha frente. COMPETÊNCIAS TÉCNICO-CIENTÍFICAS Daí vêm os princípios filosóficos, a concepção de mundo do educador <i>“como eu, como pedagogo esportivo concebo o mundo? Essas crianças vieram para servir alguém? Para servir a sociedade ou eu estou aqui para servi-los mediante o seu desejo de jogar? Então, essas pessoas servem a alguém ou eu estou servindo à elas?”</i> Cita também o conhecimento dentro da esfera da educação, da pedagogia, ou seja, qual a potência pedagógica que o jogo contém; dentro do treinamento, os princípios do treinamento esportiva que envolvem desde os princípios que organizam a prática sistematizada, não só para ideia de treinamento, mas para a ideia de entender o fenômeno de adaptação que ocorre com as pessoas quando elas estão dentro de uma prática que envolve o movimento corporal. Ainda dentro da esfera da pedagogia, da educação, entender também como se operam e se processam diferentes escolas pedagógicas, até mesmo para o educador escolher, dentro de um projeto educacional, como ele organiza o processo, “e não uma aula, não é em si saber a tarefa como acontece,</p>

	<p>mas qual tipo de experiência que se espera depois que essas pessoas passam aqui dois, quatro anos comigo, que elas vão agregar seus elementos, seus valores, para poder se posicionar mediante uma experiência de vida”, então ele propõe o seguinte questionamento: “estou organizando experiência nas pessoas que vão ajudá-las a entender o mundo como? Para finalizar suas reflexões, o entrevistado acredita que educação e filosofia, nessa perspectiva, caminham juntas e crê que todos os conhecimentos mencionados nessa resposta sejam fundamentais. COMPETÊNCIAS TÉCNICO-CIENTÍFICAS (BIOLÓGICAS-PSICOLÓGICAS-PEDAGÓGICAS-FILOSÓFICAS-SOCIAIS).</p>
<p>Entrevistado 3</p>	<p>Para a entrevistada, quando a criança procura um esporte, ela quer aprender o esporte, então considera importante que o educador tenha domínio daquele esporte CONHECIMENTOS SOBRE A MODALIDADE e, em relação aos elementos, reforça a diversão, comunicação e agregar conhecimentos como pontos importantes LUDICIDADE, RELAÇÕES HORIZONTAIS, AMBIENTE ACOLHEDOR, COMUNICAÇÃO, ENSINAR MAIS QUE ESPORTE. Aponta também que querendo ou não o educador tem que ter muito claro ali o que é o papel dele. “<i>Eu penso assim, tem que colocar lá o que é a essência do esporte e isso tem que estar muito claro para ele.</i> INTENCIONALIDADE <i>Tem que estar muito claro assim, eu vou trabalhar com a equipe categoria pré-infantil então para mim tem que estar muito claro o que é isso, que é essa iniciação esportiva</i> CONTEXTO, onde que eu quero chegar, OBJETIVOS qual é o tempo que eu tenho de trabalho com essas crianças CONTEXTO. <i>E aí os outros elementos vão fazendo parte desse cotidiano. Então, ela acha que ela tem que montar esse esqueleto dele, mas nem sempre funciona, não funciona 100%.</i> PLANEJAMENTO FLEXÍVEL. <i>Ela diz: mas você tem uma linha ali que está norteando o seu trabalho</i> PRINCÍPIOS. Trago os elementos mas tendo muito claro o que é o meu papel ali INTENCIONALIDADE/OBJETIVOS. <i>É como eu falei pra você, aqui a diversidade é muito grande, escola, clube, o que for, então é difícil</i> COMPLEXIDADE. <i>Mas assim, trazer todos esses elementos aí. teremos as estratégias alvo, ESTRATÉGIAS, vamos dizer assim, chave, mas pode não funcionar.</i> Ela acha que essa sensibilidade é importante, o educador deve saber de A a Z o método de ensino, vamos dizer assim, mas é preciso saber quais estratégias se adequam aquele grupo CONTEXTO E ADEQUAR AO EDUCANDO. Então a entrevistada considera difícil fazer um programa, “eu acho que o problema são as diretrizes”.</p>
<p>Entrevistado 4</p>	<p>O entrevistado responde que foi falado em outros momentos da entrevista.</p>
<p>Entrevistado</p>	<p>O entrevistado responde que os 5 elementos que já havia colocado antes e reitera a</p>

5	<p>proposta da Iniciação Esportiva Universal. Reforça que para se aprender esportes a questão tática deve acompanhar o processo motor e que o processo motor deve acompanhar o processo tático, ARTICULAÇÃO TÁTICO-TÉCNICA então é importante saber o que fazer, entender a lógica do jogo, mas além de entender a lógica do jogo, a criança tem que aprender a fazer. Comenta que tem escrito num artigo que <i>“o importante é a pessoa entender a lógica do jogo, mas também tem que saber escrever o jogo, e para escrever o jogo tem que ter vocabulário, e, a parte da escrita e do vocabulário é a questão da aprendizagem motora, a questão do desenvolvimento da coordenação e das habilidades, até chegar a técnica”</i>.</p> <p>Questionado sobre qual a possibilidade metodológica ele defende para o desenvolvimento da coordenação e das habilidades mencionadas, o entrevistado responde que o processo da aprendizagem motora se mantém constante, inclusive quando se vai fazer o treinamento da técnica e explica que qualquer ação coordenada depende da coordenação entre a recepção de informação, a elaboração de informação e a saída, o output que o indivíduo dará a essa informação, que é a parte motora. <i>“Então o que acontece, eu quero fazer uma roda, ou fazer um passe em suspensão, eu preciso receber informação do ambiente, por exemplo, eu preciso saber a distância do defensor, possibilidades desse defensor interceptar o passe, eu preciso saber a velocidade que meu colega está correndo, por exemplo, para receber um passe, se está olhando ou se não está olhando, eu recebo informação do ambiente via sistema visual, sistema auditivo, tático, equilíbrio, sinestésico, vestibular, eu recebo informações, e essas informações confluem de forma simultânea, e, ao mesmo tempo em que recebo estas informações, estou elaborando a minha proposta de realização do movimento, e nessa proposta de realização do movimento eu começo a sentir a pressão, a realização do movimento ele vai surgir com base numa determinada pressão”</i>. Explica que em alguns momentos a pressão pode ser de tempo, por exemplo, se não passar no momento certo fecham o espaço. Fala também de esportes como atletismo, que você precisa administrar a sua velocidade. Comenta que há modalidades que tem mais pressão de precisão, por exemplo, <i>“o que é mais difícil do ponto de vista de precisão, acertar uma cesta no basquete ou fazer o gol no handebol?”</i>. Acrescenta que há diferentes situações de precisão, e como exemplo diz que em uma delas há um objeto que está fixo, na outra o jogador que superar um goleiro. Nessas situações existem elementos cognitivos que fazem parte também do processo motor. Comenta também sobre a pressão de organização, uma vez que o indivíduo faz várias coisas ao mesmo tempo. Existe pressão de complexidade, <i>“pois muitas vezes temos que fazer uma coisa atrás da outra”</i>. Tem a pressão de variabilidade, <i>“não posso fazer a mesma ação da mesma forma”</i>. E existem as pressões de carga (carga física e carga psicológica), <i>“quanto vale eu errar? O que representa eu errar? O que representa eu acertar?”</i> De acordo com o entrevistado essas são</p>
---	---

pressões psicológicas, mas tem pressão de carga física também, “estou cansado, não estou cansado. O entrevistado explica, então, que **qualquer movimento que o jogador vá realizar ele precisa coordenar, para se sair bem, esses 6 elementos de pressão conforme os analisadores.** Nessa perspectiva defende que o educador deva variar a mesma atividade 6 vezes, pois a mesma atividade tem que passar por 6 momentos de pressão, de forma tal que todos os elementos coordenativos necessários a realização de ação estejam presentes nela. “*Muitas vezes nós fazemos exercícios de drible focados só na pressão de tempo, ou na pressão de precisão, e não pensamos nas outras pressões que também estão presentes para realizar o drible. Então o mesmo exercício deveria variar 6 vezes*”. O entrevistado acrescenta que além de variar seis vezes o exercício deve-se alterar a forma de recepção da informação, por exemplo, colocar uma pressão no equilíbrio, ou colocar uma diferença no campo visual que faça com que o jogador não consiga ver a bola toda, trabalhe com os olhos fechados, trabalhe com uma viseira. Diz também que esses elementos devem ser posteriormente incorporados no treinamento da técnica, porque, de acordo com ele, a técnica não vai ser nada mais, nada menos do que a coordenação de pequenas unidades de motoneunônios, que irão permitir a realização do movimento, contudo direcionado de uma forma específica.

PRINCÍPIO DA DIVERSIFICAÇÃO COM O PROCEDIMENTO DE PRODUZIR MODIFICAÇÕES NA ESTRUTURA DO JOGO E DAS SITUAÇÕES PROBLEMA

Questionado se existem outros indivíduos além do educador, que podem contribuir ou comprometer o processo da iniciação esportiva, o entrevistado responde que claro que sim, e que o primeiro deles é o pai. **Comenta que o pai geralmente tem um conceito de iniciação esportiva apoiado na sua experiência, na sua vivência ou na sua forma de ver o mundo, nessa direção, a maioria acha que o filho dele pode ser campeão.** Fala que tem o **dono da escolinha** que, por exemplo, não compra material e não investe em instalações. E tem o **diretor da escola**, que vem, por exemplo, falar para o professor que não pode fazer barulho, porque atrapalhar a aula de matemática, que está na sala ao lado. Menciona então que são inúmeros exemplos.

Questionado sobre o que pode ser feito para influenciar esses atores, de forma que contribuam mais com o processo, o entrevistado responde que, na dúvida, **quando se inicia o processo, é importante convidar os pais, mostrar a planificação, mostrar a forma como vai ser traçados os objetivos e a forma como serão alcançados, e convencer os pais de que esse processo tem fundamentação pedagógica, tem fundamentação científica e que esse processo tem uma fundamentação social extremamente importante, no sentido de que se trabalha na formação de pessoas, na formação de indivíduos, e não simplesmente na ideia na formação de um craque, ou de descoberta de um talento.** Explica que esse **isso é concomitante, que isso pode vir a acontecer, mas não é o objetivo principal, segundo ele, a**

	<p>menos que a instituição tenha isso como objetivo. COMUNIDADE EDUCATIVA ALINHAR EXPECTATIVAS, EXPLICITAR INTENCIONALIDADES, OBJETIVOS</p> <p>Para o entrevistado, se isso acontecer temos que procurar outro processo. Diz então que em relação aos outros atores, que não os pais, o caminho é o mesmo, ou seja, com a direção da escola é a mesma coisa, com o dono da escolinha é a mesma coisa – o educador tem que mostrar o conhecimento, tem que mostrar a necessidade, a importância de se ter materiais adequados, tais como bolas, cordas, e demonstrar o que isso representa para uma aula, e o quanto esses elementos, numa aula, influenciam na qualidade e no desenvolvimento do trabalho, conseqüentemente isso irá se refletir na qualidade do serviço que essa escola oferece, ou seja, segundo o entrevistado, “um trabalho de conscientização”. COMUNIDADE EDUCATIVA</p>
--	---

Questão 7) Tem alguma questão que não tenha feito e que você julga importante, ou seja, tem algum ponto importante sobre a iniciação esportiva que você gostaria de falar além dos perguntados?

Entrevistado 1	O entrevistado responde que no momento não saberia dizer, mas que se lembrar de algo pode acrescentar posteriormente em uma nova conversa.
Entrevistado 2	<p>O entrevistado responde que as perguntas foram muito instigantes, que ele ainda está pensando nas respostas que deu, pois de certa forma o fizeram pensar também. Disse que tentou ser o mais congruente com ele, com as coisas que está fazendo, sobre as práticas que ele está orientando; e sobre se realmente faz o que respondeu na entrevista.</p> <p>Ele entende que o entrevistador atingiu um campo bem amplo e ao mesmo tempo bem cirúrgico, quando, por exemplo, pergunta de estratégias, de procedimentos, pontualmente, ele achou isso fantástico e de uma perspectiva do conhecimento, ou seja, mencionou que abriu bem o campo e fechou quando foi preciso.</p> <p>No momento disse que não lhe ocorre nenhuma pergunta ou fala sobre isso. Ele procurou se colocar bastante, até dentro de perguntas realizadas, portanto considera que tenha bastante coisa e, nesse instante, considera suficiente.</p> <p>Por fim se coloca a disposição para outras perguntas e deseja sucesso porque considera que o trabalho tem um significado muito importante.</p>
Entrevistado 3	A entrevistada responde que está empenhada em desenvolver competências que considera importante, mas que dependendo do contexto do educando pode exigir outras. Fala sobre a questão ética; coloca que existe uma ética pessoal, que vai muito da formação e tem uma ética genérica importante até pelas responsabilidades legais que isso acarreta. Para ela a

	<p>questão ética também embute muitas responsabilidades, valores e é um desafio permanente dos educadores.</p> <p>Questionada se o ambiente da aula pode contribuir para a educação em valores, a entrevistada responde que sim, e diz que a não obrigatoriedade favoreceria a participação. Comenta ainda, que na educação física escolar, na qual vê enorme potencial, que se os pais exigissem não só a disciplina, mas a qualidade, não precisaria de tanto clube esportivo no país.</p>
<p>Entrevistado 4</p>	<p>Para o entrevistado, a iniciação tem que ser feita no momento adequado, mas a pergunta que ele faz é: <i>temos conhecimento para discernir o momento adequado?</i> O entrevistado considera que um conhecimento importantíssimo é conhecer a criança em seus diferentes aspectos, ou seja, aspectos: físico, motor, emocionais, sociais , morais. Sem isso, para ele, vai ser muito difícil. Por fim, defende que é importante também saber como as pessoas aprendem, e que o grande papel do professor não é mostrar onde está o erro, e sim ajudar o aluno a descobrir onde está o erro.</p>
<p>Entrevistado 5</p>	<p>O entrevistado comenta que temos muita gente estudando iniciação esportiva no Brasil e espero que o entrevistador/pesquisador tenha sucesso, porque segundo ele esse trabalho tem um significado muito importante.</p>

APÊNDICE III - GRUPOS DE PESQUISA CNPQ - Consulta em 19/09/2014

**Termo de busca -- busca exata: Pedagogia do Esporte (nome do grupo e nome da linha de pesquisa).
Contemplamos tanto os grupos Certificados como os Não atualizados.**

CEPE - Centro de Pesquisa em Esporte

Endereço para acessar este espelho:
dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3524751223481485

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação: 2011

Data da Situação: 12/03/2014 15:07

Líder(es) do grupo:

**Valdomiro de Oliveira – Doutor com publicação na área
Gislaine Cristina Vagetti – doutora**

Área predominante:

Ciências da Saúde; Educação Física

Instituição do grupo:

Universidade Federal do Paraná - UFPR

Unidade:

Departamento de Educação Física

Localidade:

Curitiba

Contato do grupo

Telefone:

(41) 3360-4328

Contato do grupo:

voliveira@ufpr.br

Website:

www.pedagogiadoesporte.com.br

Repercussões

A finalidade do Centro de pesquisa em Esporte, é estudar os fenômenos que influenciam a Aprendizagem e Treinamento dos esportes bem como os aspectos educacionais, formativos e da qualidade de vida dos praticantes. Possibilitar a partir daí a produção de conhecimento e a formação acadêmica e profissional na área. Objetiva-se também, a interdisciplinaridade entre pesquisadores e profissionais de diversas instituições de ensino nacionais e internacionais que tem como foco a investigação científica que permeiam o Esporte em diferentes cenários de atuação profissional.

Grupo de Estudo e Pesquisa em Pedagogia do Esporte - GEPEPE

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3170497131089483

Situação do grupo: Certificado - Não-atualizado há mais de 12 meses

Ano de formação: 2010

Data da Situação: 13/06/2014 23:59

Data do último envio: 25/04/2014 15:26

Líder(es) do grupo:

Wilton Carlos de Santana – Doutor com publicação na área

Área predominante:
Ciências da Saúde; Educação Física
Instituição do grupo:
Universidade Estadual de Londrina - UEL
Unidade:
Departamento de Desportos Individuais e Coletivos

Grupo de Estudos de Sociologia e Pedagogia do Esporte

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4301026951911114

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação: 2008

Data da Situação: 01/04/2014 13:52

Data do último envio: 25/04/2014 15:51

Líder(es) do grupo:

Kátia Lúcia Moreira Lemos – doutorado com publicação na área

Ana Cláudia Porfírio Couto – doutorado com publicação na área

Área predominante:
Ciências da Saúde; Educação Física
Instituição do grupo:
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Unidade:
Departamento de Esportes
Localidade:
Belo Horizonte
Telefone:
(31) 34097443
Contato do grupo:
des@effto.ufmg.br, katialemos@hotmail.com

Repercussões dos trabalhos do grupo

O grupo se dedica a estudar os fenômenos atuais do Esporte, Saúde e Lazer na escola e fora da escola, à luz da Ciência do Esporte com seus ramos específicos na Sociologia do Esporte e na Pedagogia do Esporte, influenciados pela educação olímpica. Centra-se em analisar e discutir temas de abrangência e emergência social que tenham como foco a formação humana, em todos os seus vieses, quer seja na saúde, no esporte em suas várias manifestações e no lazer, sempre pautados pela axiologia educacional. Grupo de repercussão Nacional e Internacional. Buscar parcerias com instituições da Educação Básica e de outros setores para elaborar propostas curriculares e de gestão inovadoras e abrangentes.

Grupo de Estudos e Pesquisa em Aspectos Socioculturais e Pedagógicos do Esporte (GEPESPE-RP)

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0362571572759155

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação: 2012

Data da Situação: 08/04/2014 22:33

Data do último envio: 13/05/2014 11:41

Líder(es) do grupo:
Renato Francisco Rodrigues Marques – **doutorado com publicação na área**

MyrianNunomura
Área predominante:
Ciências Humanas; Educação
Instituição do grupo:
Universidade de São Paulo - USP
Unidade:
Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto
Ribeirão Preto
Telefone:
(16) 36020347
renatomarques@usp.br
Website:
www.eferp.usp.br

Grupo de estudos e pesquisa em docência e formação profissional em Educação física

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7268965145898282

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação: 2005

Data da Situação: 22/07/2013 10:20

Data do último envio: 27/05/2014 12:12

Líder(es) do grupo:
Eduardo Luiz Montenegro – doutorado com publicação na área

Patricia Cavalcanti Ayres Montenegro – doutorado com publicação na área

Área predominante:
Ciências Humanas; Educação
Instituição do grupo:
Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Maceió – AL
Telefone:
(82) 3214187 lopesmonte212@gmail.com

Repercussões dos trabalhos do grupo

OBJETIVO Este grupo tem como objetivo a reflexão, intervenção e produção acadêmica no campo dos saberes e práticas docentes e da formação profissional do professor de Educação Física. **JUSTIFICATIVA:** Desde a publicação da LDB, em 1996, temos acompanhado o crescimento e as discussões sobre a melhoria da qualidade do ensino, o que exige mais investimentos nos docentes a partir de um melhor desempenho em todas as instâncias que envolvem esta formação, adequado às exigências da LDB. No entanto, as regiões norte e nordeste do país apesar dos esforços desprendidos ainda apresentam dificuldades de acesso a uma boa qualificação e atualização profissionais, à novas tecnologias e metodologias de ensino e ao desenvolvimento de práticas pedagógicas mais eficientes. **AÇÕES:** #61607; Pesquisar, conhecer, compreender, analisar e avaliar a realidade social para nela intervir acadêmica e profissionalmente, por meio das manifestações e expressões do movimento humano, com foco nas diferentes formas e modalidades do exercício físico, da ginástica, do jogo, do esporte, da luta/arte marcial, da dança, visando a formação, a ampliação e o enriquecimento cultural da sociedade, para aumentar as possibilidades de adoção de um estilo de vida fisicamente ativo e saudável. Diagnosticar os interesses, as expectativas e as necessidades das pessoas (crianças, jovens, adultos, idosos, pessoas portadoras de deficiências, de grupos e comunidades especiais) de modo a planejar, prescrever, ensinar, orientar, assessorar, supervisionar, controlar e

avaliar projetos e programas de atividades físicas, recreativas, esportivas e de lazer nas perspectivas da prevenção, da promoção da saúde, da formação cultural e da educação, do rendimento físico-esportivo, do lazer e de outros campos que oportunizem ou venham a oportunizar a prática de atividades físicas, recreativas e esportivas.

Grupo de Estudos e Pesquisas de Handebol – GEHAND

Situação do grupo: Certificado
Ano de formação: 2006
Data da Situação: 11/02/2014 20:44
Data do último envio: 25/04/2014 16:05

Líder(es) do grupo:
Helois Helena Baldy dos Reis

Rafael Pombo Menezes – **doutorado com publicação na área**

Área predominante:
Ciências da Saúde; Educação Física
Instituição do grupo:
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Unidade:
Departamento de Ciências do Esporte
Campinas
Telefone:
(19) 35216622
Contato do grupo:
gehand@yahoogrupos.com.br
Website:
www.unicamp.br/fef

Repercussões

Repercussões dos trabalhos do grupo

O Grupo de Estudos e Pesquisas de Handebol (GEHAND) tem como objetivos: a) realizar estudos e debates sobre handebol; b) realizar pesquisas individuais e coletivas; c) desenvolver metodologias de ensino do handebol em todos os níveis; d) desenvolver metodologias para análises quantitativas e qualitativas de variáveis técnico-táticas durante as partidas? e) Análise de jogo.

Grupo de Estudos e Pesquisas em Atividades Aquáticas

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8253574502819942
Situação do grupo: Certificado
Ano de formação: 2009
Data da Situação: 03/07/2013 13:24
Data do último envio: 16/06/2014 15:50

Líder(es) do grupo:
Aline Dessupoio Chaves – não é doutora
Área predominante:
Ciências da Saúde; Educação Física
Instituição do grupo:
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM
Uberaba-- MG
Telefone:
(34) 33185931
Contato do grupo:
gepeata@hotmail.com

Repercussões dos trabalhos do grupo

O grupo é formado por professores e acadêmicos do curso de Educação Física e tem como objetivo desenvolver estudos e pesquisas acerca das atividades aquáticas.

Grupo de Estudos e Pesquisas em Pedagogia do Esporte e Movimento

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0370477169484884

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação: 2010

Data da Situação: 06/04/2014 21:58

Data do último envio: 07/05/2014 19:59

Líder(es) do grupo:

Rafael Castro Kocian – não é doutor

Mateus Camargo Pereira – não é doutor

Área predominante:

Ciências da Saúde; Educação Física

Instituição do grupo:

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - IFSULDEMINAS

Unidade:

Campus Muzambinho

Localidade:

Muzambinho

Telefone:

(35) 35715051

Contato do grupo:

rafaelkocian@gmail.com

Website:

www.muz.ifsuldeminas.edu.br

Repercussões dos trabalhos do grupo

O GEPPEM, Grupo de Estudos e Pesquisas em Pedagogia do Esporte e do Movimento, nasce da necessidade de desenvolver estudos e pesquisas na área do movimento humano com o enfoque das ciências humanas, especialmente os aspectos pedagógicos, psicológicos, filosóficos e sociológicos, afim de proporcionar uma leitura crítica e uma melhora qualitativa para a formação do profissional do movimento.

GRUPO DE ESTUDOS EM ESPORTE (GEE)

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9741903459093780

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação: 2014

Data da Situação: 26/06/2014 10:41

Data do último envio: 04/09/2014 06:49

Líder(es) do grupo:

José Cicero Moraes – doutorado não tem publicação na área

Rogério da Cunha Voser – doutorado com publicação na área

Área predominante:

Ciências da Saúde; Educação Física

Instituição do grupo:

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Unidade:

Escola Superior de Educação Física

Localidade:

Porto Alegre – RS

Telefone:

(51) 3308-5887

cicero@esef.ufrgs.br

Website:

<http://www.ufrgs.br/ppgcmh/site/pesquisa/grupos>

Grupo de Estudos em Pedagogia do Esporte

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9174282857102862

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação:2006
Data da Situação:11/12/2013 19:33
Data do último envio:23/06/2014 09:28
Líder(es) do grupo:
Roberto Rodrigues Paes

Larissa Rafaela Galatti – **doutorado com publicação na área**

Área predominante:
Ciências da Saúde; Educação Física
Instituição do grupo:
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Unidade:
Departamento de Ciências do Esporte
Contato do grupo:
robertopaes@fef.unicamp.br
Website:
<http://www.fef.unicamp.br/fef/posgraduacao/gruposdepesquisa/gepesp/apresentacao>
Repercussões

Repercussões dos trabalhos do grupo

O grupo de Estudos em Pedagogia do Esporte ocupa-se em estudar o fenômeno esportivo, observando-o em seus múltiplos cenários, diversos personagens, significados e finalidades, com foco na organização, sistematização, aplicação e avaliação na dinâmica do ensino, aprendizagem, vivência e treinamento, com ênfase nas modalidades coletivas.

Grupo de pesquisa em educação física, esporte escolar e envelhecimento

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9362647165104039
Situação do grupo:Certificado
Ano de formação:2008
Data da Situação:15/10/2013 14:40
Data do último envio:25/04/2014 15:43
Líder(es) do grupo:

Carmen Lucia da Silva Marques – doutorado com publicação na área

Área predominante:
Ciências da Saúde; Educação Física
Instituição do grupo:
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Unidade:
Departamento de Desportos Individuais
Santa Maria – RS
Telefone:
(55) 32208000
carminhahidro@yahoo.com.br
Website:

Repercussões dos trabalhos do grupo

O grupo de pesquisa em educação física, esporte escolar e envelhecimento tem o intuito de legitimar as ações da educação física, segundo a perspectiva de "prática pedagógica e social", tanto no ambiente formal(escolar) quanto nos espaços não escolares, especificamente no processos que caracterizam práticas pedagógicas da educação física com idosos. Nos projetos referentes ao estudo do envelhecimento e sua relação com a educação física, são traçados os caminhos da formação, onde a educação física, em um determinado momento, passa a ser legitimada também por suas ações voltadas ao envelhecimento humano em uma perspectiva educacional e com foco nas ciências sociais e humanas, tendo como base o projeto maior:EDUCAÇÃO FÍSICA E AS DIVERSIDADES- A LEGITIMIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO TRABALHO COM IDOSOS. Os projetos referentes ao esporte escolar, buscam refletir e construir conhecimento acerca das ações da educação física escolar, especificamente relativas ao esporte na(da)escola, buscando fundamentar tais ações a partir dos princípios didático-pedagógicos que regem a formação de professores no curso de Licenciatura, tendo como projeto maior:DESAFIOS DO ESPORTE ESCOLAR- REFLEXÕES E PROPOSTAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS PARA OS CONTEUDOS EM AULAS DE

EDUCAÇÃO FÍSICA. Ambos vislumbram repercussões na formação de professores e relacionam-se por buscar legitimações da educação física no campo das diversidades, na tentativa de colaborar para seu fortalecimento enquanto área da Educação, com grande inserção sócio-cultural nos contextos estudados.

Grupo de Pesquisa em Estudos e Desenvolvimento do Desporto

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3534694230858819

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação: 2003

Data da Situação: 16/10/2013 19:32

Data do último envio: 20/08/2014 14:30

Líder(es) do grupo:

Michél Angilo Saad – doutorado com publicação na área

Ricelli Endrigo Ruppel da Rocha – não possui publicação na área

Área predominante:

Ciências da Saúde; Educação Física

Instituição do grupo:

Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC

Localidade:

Xanxerê – SC

Telefone:

(49) 34417039

Contato do grupo:

michel.saad@unoesc.edu.br

Website:

<http://www.unoesc.edu.br>

Repercussões dos trabalhos do grupo

O "Grupo de Pesquisas em Estudos e Desenvolvimento do Desporto - GPEDD" tem o propósito de incentivar e estimular a pesquisa junto aos acadêmicos de forma a prepara-los para ingressar na pós-graduação, prestar assessorias a grupos e instituições públicas e privadas como escolas, universidades, secretarias de educação, secretarias de saúde, empresas e outras instâncias de educação formal ou não-formal com o propósito de contribuir com o desenvolvimento regional. Além de, promover o intercâmbio com outras instituições de fomento e divulgar a produção científica em forma de artigos e livros, bem como na promoção de cursos, palestras, seminários entre outros eventos de caráter científico. Diante disso, o GPEDD têm atuado em estudos relacionados com a orientação e prescrição de atividades de ensino possibilitando o aperfeiçoamento de conhecimentos, através de pesquisas literárias e de campo, com subsídios para criação de projetos de ensino, pesquisa e extensão.

Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Saúde – GIPS

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5018553818226635

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação: 1999

Data da Situação: 06/05/2013 15:03

Data do último envio: 05/07/2014 18:45

Líder(es) do grupo:

Clóvis Arlindo de Sousa – não possui publicação na área

Carlos Roberto de Oliveira Nunes – não possui publicação na área

Área predominante:

Ciências da Saúde; Educação Física

Instituição do grupo:

Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB

Blumenau – SC

Telefone:

(47) 3321-0265

Contato do grupo:

casousa@furb.br

Website:

<http://www.furb.br>

Repercussões

Repercussões dos trabalhos do grupo

O Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Saúde (GIPS) foi criado em 1999. Atualmente, o grupo vem desenvolvendo atividades de Extensão Universitária e Pesquisa em Saúde Coletiva, Atividade Física e Saúde, Psicologia do Esporte e do Exercício, Pedagogia do Esporte, Antropometria, Performance Humana e Motricidade Humana. As atividades de Extensão Universitária têm alcançado impacto regional, estadual e nacional; e desde o início de 2008, o grupo participa do Pró-saúde e Pet-saúde, desenvolvidos pela universidade e fomentados pelo Governo Federal.

Laboratório de Estudos Aplicados em Pedagogia do Esporte – LEAPE

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2533356929069923

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação: 2014

Data da Situação: 21/07/2014 16:44

Data do último envio: 21/08/2014 14:18

Líder(es) do grupo:

Riller Silva Reverdito – não possui doutorado

Área predominante:

Ciências da Saúde; Educação Física

Instituição do grupo:

Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Localidade:

Cáceres – MT

Telefone:

(65) 3211-2844

Contato do grupo:

rsreverdito@gmail.com

Repercussões dos trabalhos do grupo

-Suprir a demanda acadêmico-científica dos diferentes segmentos que encontram no fenômeno esportivo um espaço de formação e desenvolvimento humano para o estado de Mato Grosso, considerando que a UNEMAT caracteriza-se como a maior e mais abrangente Universidade do Estado [com o maior número de campi];-Espera-se formar interlocutores crítico-reflexivos para o estudo e intervenção em diferentes seguimentos de manifestação do fenômeno esportivo, por conseguinte, com qualificação para assumirem papel fundamental no processo de desenvolvimento e produção do conhecimento no Estado;-Potencialmente um espaço de estudos aplicado para os acadêmicos do curso de Educação Física da UNEMAT e demais segmentos (técnicos esportivos, professores de Educação Física, agentes sociais, entre outros) que apropriam do esporte em suas diferentes manifestações.-Inserção da UNEMAT como polo de referência no estudo e intervenção do fenômeno esportivo sobre os pilares da Pedagogia do Esporte.

Laboratório de Estudos Aplicados em Pedagogia do Esporte e Educação Física Escolar

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7302984793634854

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação: 2008

Data da Situação: 24/02/2014 01:05

Data do último envio: 16/06/2014 11:36

Líder(es) do grupo:

Riller Silva Reverdito – não é doutor

Tércio Alves do Nascimento – não é doutor

Área predominante:

Ciências da Saúde; Educação Física

Instituição do grupo:

Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP

Hortolândia

Contato do grupo:

rsreverdito@gmail.com

Website:

<http://unaspt.ucb.org.br/>

Repercussões

Repercussões dos trabalhos do grupo

O Laboratório de Estudos Aplicados em Pedagogia do Esporte e Educação Física Escolar tem como objetivo fomentar a prática científico-acadêmica, com vista à formação do aluno-pesquisador, produção e divulgação do conhecimento, tendo como eixo central de estudo e intervenção o movimento humano, na dimensão da prática educativa concreta realizada no Esporte e Educação Física Escolar, com foco na dinâmica da organização, sistematização, aplicação e avaliação do processo de ensino, aprendizagem e vivência.

Laboratório de Pesquisas Pedagógicas em Educação Física - LAPPEF

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2487832446396503

Situação do grupo: Certificado - Não-atualizado há mais de 12 meses

Ano de formação: 2011

Data da Situação: 12/05/2014 13:24

Data do último envio:

Líder(es) do grupo:

Virginia Mara Próspero da Cunha – é doutora, com publicação na área

Área predominante:

Ciências da Saúde; Educação Física

Instituição do grupo:

Universidade de Taubaté - UNITAU

Localidade:

Taubaté

Telefone:

(12) 36254275

Contato do grupo:

vimaracunha@terra.com.br

Repercussões dos trabalhos do grupo

A Educação Física se constitui como uma área de ensino que tem entre suas finalidades a formação do ser humano, e, portanto, faz-se necessário compreendê-la dentro da área das ciências humanas e não somente nas ciências da saúde. Desta forma, entender a pedagogia dentro do processo de ensino, vivência e aprendizagem nas aulas de Educação Física torna-se essencial para contribuir com esta formação plena. Ghiraldelli Jr. (1991) relaciona a pedagogia aos problemas metodológicos relativos ao como ensinar, ao que ensinar, o quando ensinar e para quem ensinar. É importante, portanto, que diversos questionamentos surjam em relação aos objetivos, valores, condições, sentidos, possibilidades e normas sobre a formação através dos conteúdos da Educação Física. Caminhando neste sentido, pensar em uma pedagogia da Educação Física que transcenda as barreiras de ensino que existem na área torna-se essencial para compreender este universo com uma função educativa visando o desenvolvimento integral do ser humano. Diante deste quadro, este Laboratório de Pesquisa buscará investigar os procedimentos pedagógicos de professores e treinadores na área da Educação Física, na educação formal e não formal, incluindo a escola, projetos sociais, ONGS e clubes esportivos.

Laboratório de Treinamento, Avaliação e Pedagogia do Esporte (LABTAPE)

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7691295688811139

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação: 2012

Data da Situação: 10/12/2013 14:59

Data do último envio: 25/04/2014 16:23

Líder(es) do grupo:

Guilherme Tucher – não é doutor

Jairo Antônio da Paixão – doutorado com publicação na área

Área predominante:

Ciências da Saúde; Educação Física

Instituição do grupo:
Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
Unidade:
Centro Desportivo
Localidade:
Ouro Preto – MG
Telefone:
(031) 35591517
Contato do grupo:
guitucher@yahoo.com.br
jairo@cedufop.fop.br

Laboratório de Treinamento, Avaliação e Pedagogia do Esporte (LABTAPE)

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6299085585304907
Situação do grupo: Certificado - Não-atualizado há mais de 12 meses
Ano de formação: 2012
Data da Situação: 12/05/2014 13:14
Líder(es) do grupo:
Guilherme Tucher – não é doutor
Área predominante:
Ciências da Saúde; Educação Física
Instituição do grupo:
Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
Unidade:
Centro Desportivo
Localidade:
Itaperuna – RJ
Telefone:
(22) 38229729
Contato do grupo:
tucher@guilhermetucher.com.br
Website:
www.guilhermetucher.com.br

NÚCLEO DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS: EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTES E LUTAS (NEPEFEL/UFTM)

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4368713321037905
Situação do grupo: Certificado
Ano de formação: 2009
Data da Situação: 23/10/2013 09:27
Data do último envio: 25/04/2014 15:59
Líder(es) do grupo:
Luiz Antonio Silva Campos – doutorado com publicação na área
Área predominante:
Ciências Humanas; Educação
Instituição do grupo:
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM
Localidade:
Uberaba
Telefone:
(34) 33185931
Contato do grupo:
luizmono@netsite.com.br
Website:
www.uftm.edu.br
Repercussões

Repercussões dos trabalhos do grupo

O núcleo de estudos NEPEFEL/UFTM tem por objetivos: analisar o processo evolutivo e história da educação física; desenvolver estudos na pedagogia do esporte, analisar o contexto da educação física escolar, refletir sobre as dimensões sociais do esporte, das lutas na Educação Física e a inclusão, produzir conhecimentos para didática da educação física no contexto da atuação e intervenção profissional e educacional e, buscar a compreensão dos aspectos teóricos e práticos das lutas marciais. A finalidade dos estudos é a produção de conhecimentos nesses recortes epistemológicos da área de educação física por meio da elaboração de relatórios científicos de estudos, artigos científicos para publicação em periódicos da área e a edição de livro didático para o ensino na formação profissional da educação física. Além dessas finalidades o núcleo terá por prerrogativa se constituir como um dos elementos de sustentação científico-acadêmico na fundamentação da pesquisa, ensino e extensão do curso de Educação Física da UFTM.

Núcleo de Pedagogia do Esporte e da Educação Física

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5246392880210132

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação: 2009

Data da Situação: 11/04/2014 08:05

Data do último envio: 10/07/2014 10:44

Líder(es) do grupo:

Valmor Ramos – doutorado com publicação na área

Área predominante:

Ciências da Saúde; Educação Física

Instituição do grupo:

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Unidade:

Centro de Educação Física e Desportos

Localidade:

Florianópolis – SC

Telefone:

(48) 33218600

Contato do grupo:

valmor.ramos@udesc.br

Website:

www.cefid.udesc.br

Repercussões dos trabalhos do grupo

O núcleo de Pedagogia do Esporte e de Educação Física tem como tema central o estudo dos processos de formação profissional dos professores e treinadores esportivos, com enfoque nos conhecimentos didáticos-pedagógicos para o ensino da Educação Física e Esportes. O objetivo é desenvolver programas de intervenção e investigações empíricas que contribuam para o desenvolvimento dos conhecimentos profissional e modelos conceituais de ensino dos esportes com repercussões na estruturação e implementação de processos formais (Diretrizes curriculares) e informais de formação de professores e treinadores.

Núcleo de Pesquisa em Pedagogia do Esporte – NUPPE

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4947033568662496

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação: 2005

Data da Situação: 30/07/2013 11:17

Data do último envio: 17/05/2014 23:43

Líder(es) do grupo:

Juarez Vieira do Nascimento – doutorado com publicação na área

Júlio César Schmitt Rocha – não tem publicação na área

Área predominante:

Ciências da Saúde; Educação Física

Instituição do grupo:

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Unidade:
Programa de Pós-Graduação em Educação Física
Localidade:
Florianópolis
Telefone:
(04) 37218526
Contato do grupo:
nupe@cds.ufsc.br

Repercussões dos trabalhos do grupo

A missão do NUPPE é desenvolver pesquisas, disseminar informações científicas, elaborar instrumentos de avaliação, promover cursos e estágios para estudantes e profissionais de Educação Física, fortalecendo a intervenção pedagógica no processo de ensino-aprendizagem-treinamento esportivo, bem como dos jogos e brinquedos e suas possibilidades pedagógicas no desenvolvimento infantil. Além de contribuir nas iniciativas do Ministério do Esporte e Ministério da Educação, o NUPPE tem realizado atividades de pesquisa e de formação continuada para atender demandas de órgãos públicos e empresas privadas.

Núcleo de Pesquisa em Psicologia e Pedagogia do Esporte

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9805807156935275
Situação do grupo: Certificado
Ano de formação: 2006
Data da Situação: 13/09/2013 08:29
Data do último envio: 18/06/2014 15:51
Líder(es) do grupo:
Carlos Adelar Abaide Balbinotti – doutorado com publicação na área

Marcos Alencar Abaide Balbinotti

Área predominante:
Ciências da Saúde; Educação Física
Instituição do grupo:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
Localidade:
Porto Alegre – RS
Telefone:
(51) 33085829
Contato do grupo:
cbalbinotti@terra.com.br

Pedagogia do esporte

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3818295647226940
Situação do grupo: Certificado
Ano de formação: 2010
Data da Situação: 10/02/2014 14:42
Data do último envio: 25/04/2014 15:29
Líder(es) do grupo:
José Carlos Mendes não é doutor

Mauro Myskiw – doutorado com publicação na área

Área predominante:
Ciências da Saúde; Educação Física
Instituição do grupo:
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE
Unidade:
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Localidade:
Marechal Cândido Rondon – PR
Telefone:

(45) 32847878

Contato do grupo:

spock12hand@hotmail.com

Pedagogia do Esporte

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0567670945820850

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação: 2009

Data da Situação: 19/08/2013 10:33

Data do último envio: 10/07/2014 16:18

Líder(es) do grupo:

Renato Sampaio Sadi – doutorado com publicação na área

Área predominante:

Ciências Humanas; Educação

Instituição do grupo:

Universidade Federal de São João Del-Rei - UFSJ

Localidade:

São João Del Rei – MG

Telefone:

(32) 33792397

Contato do grupo:

pedagogiadoesporte@gmail.com

Website:

<http://www.renatosampaio63.com.br>

Repercussões

Repercussões dos trabalhos do grupo

Fomentar discussões sobre o esporte de caráter educacional, incluindo o esporte escolar, a educação física realizada na educação básica e o esporte de iniciação; Mapear as possibilidades de ensino de esporte em Minas Gerais e Goiás; Produzir teoria e aplicações sobre a temática do esporte e da política de esporte e lazer; Avaliar programas e projetos; Participar dos preparativos de formação esportiva que envolvam estudantes e professores de educação física; Organizar eventos.

Projeto Esporte Brasil

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5979788723767580

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação: 1994

Data da Situação: 13/03/2014 18:03

Data do último envio: 31/07/2014 17:17

Líder(es) do grupo:

Adroaldo Cezar Araujo Gaya – doutorado com publicação na área

Anelise Reis Gaya – ????

Área predominante:

Ciências da Saúde; Educação Física

Instituição do grupo:

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Unidade: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Localidade: Porto Alegre – RS

Telefone:

(51) 33165857

Contato do grupo:

acgaya@esef.ufrgs.br

Website: <http://www.proesp.ufrgs.br>

Repercussões dos trabalhos do grupo

O Projeto esporte Brasil é um programa que se desenvolve no âmbito da educação física escolar e esporte

educacional com o objetivo de auxiliar os professores de educação física na avaliação dos indicadores de crescimento corporal, do estado nutricional, da aptidão física relacionada à saúde e ao desempenho esportivo em crianças e jovens entre 7 e 17 anos. Propõem realizar intervenções na área da promoção da saúde através da proposição de um sistema de medidas e testes que possibilitam a avaliação dos indicadores de saúde associados ao gênero, a idade cronológica, ao crescimento corporal, ao estado nutricional e a aptidão física; Realizar intervenções na área do esporte através da proposição de um programa de identificação de crianças e jovens com altas habilidades motoras capaz de viabilizar uma interface entre a educação física, o esporte educacional e o esporte de rendimento; Constituir um banco de dados capaz de orientar estudos no sentido de sugerir diagnósticos e de propor normas e critérios de avaliação da população escolar brasileira no âmbito do crescimento corporal, do estatuto nutricional e da aptidão física relacionada à saúde e ao desempenho motor; Subsidiar o Observatório permanente sobre o Desenvolvimento corporal, motor e da aptidão física de crianças e jovens brasileiros. Acrescentou-se a linha de pesquisa Exercício Físico para Grupos Especiais com investigações em crianças com Síndrome de Down e Deficiência Mental e jovens HIV+/AIDS (2003) e estudos com indivíduos cegos e de baixa visão (2009). Nos últimos 5 anos, foram defendidas 8 dissertações de mestrado e 5 de doutorado diretamente relacionadas ao projeto.

Teoria e Metodologia do Treinamento Desportivo

Endereço para acessar este espelho: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3267124524487353

Situação do grupo: Certificado

Ano de formação: 2010

Data da Situação: 11/09/2013 18:10

Líder(es) do grupo:

Joao Paulo Borin – não tem publicação na área

Área predominante:

Ciências da Saúde; Educação Física

Instituição do grupo:

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Unidade:

Departamento de Ciências do Esporte

Telefone:

(19) 35212020

Contato do grupo:

borinjp@fef.unicamp.br

Website:

<http://www.fef.unicamp.br/fef/posgraduacao/gruposdepesquisa/geptmtd/apresentacao>

Repercussões

Repercussões dos trabalhos do grupo

O Grupo de Pesquisa "Teoria e Metodologia do Treinamento Desportivo", iniciou suas atividades em 2010 e associado ao Curso de Educação Física da FEF/UNICAMP, procura estudar, discutir e produzir conhecimento sobre questões relacionadas com o Treinamento Desportivo, particularmente quanto às questões de metodologia do treinamento, avaliação e monitoramento do treinamento bem como aspectos da pedagogia do esporte. O Grupo é formado por docentes da FEF, alunos de iniciação científica e profissionais da área, e desenvolve projetos com temática voltada ao esporte individual e coletivo, abordando: métodos de treinamento, avaliação e registro da carga de treinamento desportivo. Os pesquisadores do Grupo têm participado de eventos (nacionais e internacionais), bancas examinadoras e projetos de pesquisa em parceria com outros institutos e faculdades.

NÃO TEM PEDAGOGIA DO ESPORTE (NEM NO NOME, NEM LINHA DE PESQUISA)

APÊNDICE IV

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pedagogia do Esporte: apresentação, discussão e defesa de uma estrutura pedagógica facilitadora no processo de iniciação esportiva.

RESPONSÁVEL PELO PROJETO: Henrique Barcelos Ferreira.

Número do CAAE: 35761714.3.0000.5404

Você está sendo convidado a participar como voluntário de um estudo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos e deveres como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houverem perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Se você não quiser participar ou retirar sua autorização, a qualquer momento, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo.

Justificativa e objetivos:

Há uma carência de propostas pedagógicas no campo da iniciação esportiva que integrem o aprendizado dos conteúdos de ensino com aspectos socioeducativos da prática pedagógica. A proposta que será apresentada poderá contribuir nos processos de planejamento, reflexão, avaliação e intervenção de educadores e gestores esportivos e poderá promover modificações na cultura de trabalho de organizações esportivas e de instituições que tem o esporte enquanto facilitador no processo de educação de crianças e adolescentes.

O objetivo geral desse estudo é discutir processos educativos por meio do esporte e descrever uma estrutura pedagógica que amplie o potencial educativo presente no processo de iniciação esportiva.

Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidado a participar de uma entrevista, presencialmente ou via skype, na data, condições e locais de sua preferência. Essa entrevista está prevista para durar aproximadamente 1 hora e ela visa coletar informações relacionadas ao tema da pesquisa.

Desconfortos e riscos:

A pesquisa não apresenta riscos e nem situações de desconforto previsíveis para você. No entanto, caso aconteçam prejuízos ou danos decorrentes da sua participação na pesquisa, estes serão reparados pelo pesquisador.

Benefícios:

Após conclusão da pesquisa você receberá uma cópia do trabalho apresentado. Os conteúdos produzidos estarão a sua disposição para uso e discussão com o pesquisador.

Este estudo trata do conhecimento científico da educação para o pelo esporte e abordará inúmeras questões que servirão de subsídios para atuação prática de profissionais de educação física, como para pesquisas científicas sobre metodologias, funções e valores do esporte na sociedade. Por ser um estudo voltado para uma perspectiva de atribuir ao processo de iniciação esportiva um caráter eminentemente educativo, logo comprometido em buscar estratégias de ensino do esporte preocupadas com a relação entre esporte, educação e transformação social, este estudo poderá contribuir, conseqüentemente, com a sociedade.

Acompanhamento e assistência:

O pesquisador se responsabiliza por acompanhar o desenvolvimento da pesquisa e estará disponível para esclarecimentos sobre a mesma antes, durante e depois dos procedimentos aplicados. Os dados do pesquisador estão no fim desse documento.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Ressarcimento:

Não há previsão de ressarcimento, pois a participação na pesquisa não causará despesas aos participantes. Caso ocorra alguma despesa não prevista para a realização da entrevista, essa despesa será ressarcida pelo pesquisador.

Armazenamento de material:

- 1) O conteúdos das entrevistas serão armazenados em pen drive único, sob responsabilidade do pesquisador, por 50 anos.
- 2) Declaro que toda nova pesquisa a ser realizada com o material armazenado será submetida para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e, quando for o caso, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP);

() concordo em participar do presente estudo, porém NÃO AUTORIZO o armazenamento dos dados da entrevistas, devendo o mesmo ser descartado ao final desta pesquisa.

() concordo em participar do presente estudo e AUTORIZO o armazenamento dos dados da entrevista, sendo necessário meu consentimento a cada nova pesquisa, que deverá ser aprovada pelo CEP institucional e, se for o caso, pela CONEP.

() concordo em participar do presente estudo e AUTORIZO o armazenamento dos dados da entrevista, dispensando meu consentimento a cada nova pesquisa, que deverá ser aprovada pelo CEP institucional e, se for o caso, pela CONEP.

O descarte do material armazenado será autorizado nas seguintes situações: (detalhar).

Em caso de falecimento ou condição incapacitante, os direitos sobre o material armazenado deverão ser dados a: _____.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com:

Prof. Henrique Barcelos Ferreira

Endereço para correspondência:

Departamento de Ciências do Esporte

Faculdade de Educação Física Caixa Postal 6134

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Rua Érico Veríssimo, 701 - Cidade Universitária

13083-851 - Campinas, SP, Brasil **Telefones** | 19 3521-6672, (11) 97727-0222

Email: henriquebferreira@hotmail.com

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação no estudo, referentes aos aspectos éticos da pesquisa, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936; fax (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter sido esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do(a) participante: _____

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do responsável)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma cópia deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do pesquisador)